
VICIOUS
MINDS
J. J. MCAVOY

# J.J. MCAVOY

#4 Vicious Minds, Part I

Série Children of Vice

**Tradução Mecânica:** Magali

**Revisão:** Malu

**Leitura:** Mika Hanazuki

**Data:** 04/2019

Vicious Minds, Part I Copyright © 2019 J.J. McAvoy

# SINOPSE

A primeira parte da épica conclusão em duas partes das séries Ruthless People e Children of Vice…

No final… nós todos perdemos.

Quão bem você acha que conhece os Callahans?

Sim, eu estou perguntando a você. Porque eu sei que você esteve assistindo. O caos, a violência, o amor e a loucura - quem conseguiria desviar o olhar? Não eu, com certeza.

Minha avó sempre me disse... para onde você olha é para onde você vai.

Então, pergunto novamente, o quão bem você acha que conhece os Callahans? Você realmente acha que entende Melody, Liam ou até mesmo Ethan?

Eu tenho que saber - sua mente será capaz de lidar com isso?

Nós não nos conhecemos ainda, mas pronto ou não, aqui vou eu. A verdadeira rainha de Chicago.

Por enquanto, você pode me chamar de Calliope.

# A SÉRIE

## Série Children of Vice

## J.J. McAvoy



# Dias

# De

# Hoje

# Prólogo

“Sangue faz de você parente. Lealdade faz de você família.”

*Chris Diaz*

## ETHAN

**Chicago, Illinois**

***Segunda-feira, 3 de novembro***

— Papà! — ela gritou, vestida com um casaco vermelho e uma boina vermelha em sua cabeça. Seus cachos saltaram enquanto ela descia correndo as escadas. Minhas tias, meus tios, até Wyatt saíram do caminho dela quando ela veio na minha direção como uma bala. Em um piscar de olhos, eu a perdi de vista e no mesmo segundo meus joelhos dobraram. Eu tive que dar um passo para trás para me impedir de cair. Foi só então que eu dei uma boa olhada para ela. Eu olhei para baixo, ela olhou de volta para mim. Um de seus olhos era do tom exato de verde como o meu, o outro marrom, e fez meu coração doer... e acelerar. Tantas emoções correram por mim de uma vez que não pude realmente processar a magnitude do que estava acontecendo.

— Ethan, conheça sua filha, Giovanna Siena Orsini-Callahan, — disse Fiorello quando se levantou da mesa para caminhar até mim. — Porém, a mãe dela e eu a chamamos apenas de Gigi.

A pequena se agarrou nas minhas pernas, sorrindo alegremente enquanto falava em italiano; — *Mamma alla fine disse che potevo venire ma il nonno disse che doveva cavalcare l'edera perché era velenosa,* (Mamãe finalmente disse que eu poderia vir, mas o vovô disse que tinha que arrancar a hera porque ela era venenosa).

Todos, incluindo eu, olhamos para Fiorello enquanto ele sorria como um velho gato gordo em uma fazenda de gado leiteiro.

— Você me jogou debaixo do ônibus, Gigi. — Fiorello riu quando se

inclinou para falar com ela.

Ainda segurando a perna da minha calça, ela se virou para ele com uma expressão confusa, esfregando os olhos. — Isso não vai te matar? Estar debaixo de um ônibus?

— Definitivamente a filha dele, — tio Neal sussurrou para o tio Declan. Eu sentia os olhos de todos eles em nós. Meus tios, tias, irmãos, primos e minha avó, que parecia dividida três vezes entre lágrimas, dor e alegria.

Foi só quando Gigi bocejou que meu cérebro começou a funcionar de novo. Inclinando-me para a altura dela, eu dei um tapinha em suas bochechas e ela focou seu olhar em mim. Ela sorriu para mim.

— Você está com fome? — perguntei a ela.

Ela balançou a cabeça negativamente, o cabelo encaracolado saltando de um lado para o outro. — Eu comi almôndegas grandes e palitos de queijo!

— Seu favorito? — eu perguntei, pegando-a em meus braços.

Ela assentiu e enrolou os braços ao redor do meu pescoço. — Mamãe diz que sou a chefe da carne.

— O que você diz de volta? — eu perguntei enquanto me movia em direção às escadas.

— Eu sou porque ela é uma também. — Ela bocejou, descansando a cabeça em mim. Ficou claro do quanto ela estava esfregando os olhos que ela esteve lutando contra o sono. e eu não poderia ter conversas muito necessárias com alguém até que ela estivesse fora do caminho.

— E o que ela diz? — O aperto de Gigi em mim se tornou mais forte. Ela era tão pequena, eu a segurava com facilidade.

— Mamãe diz que eu estou certa e então nós comemos almôndegas juntas. — Sua voz e respiração estavam ficando mais suaves quando entramos no elevador.

— Almôndegas e sem macarrão?

— Às vezes, — ela sussurrou e de repente, ela estava apagada.

As poucas empregadas que estavam no corredor quando o elevador parou no andar certo, olharam para nós dois em estado de choque, mas não disseram

nada. O que elas poderiam dizer? Seus olhares foram breves quando eu passei por elas sem um olhar. Entrando no meu quarto, deitei-a no centro da minha cama, tirando seu casaco, sapatos e a boina, e os coloquei na mesa de cabeceira.

Eu não pude deixar de perceber que durante o tempo que eu viver, 3 de novembro estará queimado em minha mente como o dia em que eu percebi que tinha muito a aprender antes que eu pudesse sequer esperar ser o homem que eu pensava que era. O dia 03 de novembro foi o dia que eu matei o governador, o prefeito, a comissária de polícia, e o chefe dos bombeiros, o dia que meu irmão foi liberado do hospital, o dia que nós dois percebemos que meus pais... *ambos* meus pais ainda estavam vivos... e o dia que me tornei um pai aos olhos do mundo.

Um dia.

Foi o suficiente para a vida virar de cabeça para baixo.

— Você pode me contar uma história? — Gigi sussurrou suavemente em italiano, esfregando os olhos enquanto se sentava de debaixo dos cobertores que tinha acabado de colocar nela.

*Pessoas - pais realmente faziam isso? Hora da história?*

— Eu não conheço uma história. Durma. Você não está cansada? — Eu respondi para ela em italiano, e o olhar de decepção e mágoa em seu rosto me fez parar.

— Papà, você está bravo comigo?

*Essa pequena… pessoa… criança… é minha criança… minha filha. Bem-vinda em casa, querida.*

— Não, eu não estou bravo com você, — disse, colocando minha mão em sua bochecha.

Eu sou Ethan Antonio Giovanni Callahan, primeiro filho do ex-chefe da máfia irlandesa, Liam Alec Callahan, e da ex-chefe da máfia italiana, Melody Nicci Giovanni Callahan. Eu sou o *Ceann na Conairte*, o líder do grupo, da máfia irlandesa. Eu sou o Don da máfia italiana. Eu sou um dos mais ricos, mais poderosos e mais perigosos homens neste maldito planeta. Eu tenho o número do celular pessoal do presidente. Ele recebia ordens de mim. Ninguém ou qualquer coisa estava além do meu conhecimento ou alcance. Então, como eu teria uma

filha de quatro anos e não saberia sobre isso?

— Você não conhece uma história, Papà? — Ela inclinou a cabeça para o lado para olhar para mim, obviamente arranjando uma segunda oportunidade.

— Sim, — eu respondi. — Eu não conheço nenhuma história.

— Eu conheço! — Ela deu um grande sorriso, sentando-se e empurrando o cobertor para baixo. — Era uma vez….

— Você não está cansada? — tentei lembrá-la. Eu sabia que ela estava cansada porque há apenas um segundo atrás ela estava dormindo em meus braços.

— Uma história, por favor! — Ela juntou as mãos e fechou os olhos como se estivesse rezando de todo o coração.

A ironia... histórias para dormir foram feitas para ajudar crianças irem dormir e ainda assim ela estava determinada a me contar uma.

— OK. Conte-me a história. — Eu sorri, aconchegando-a um pouco mais e dando-lhe minha total atenção.

— Era uma vez, — ela começou de novo, falando gentilmente, eu suponho copiando quem quer que tenha contado a ela a história em primeiro lugar. — Havia quatro reinos, a Sicília, Nápoles, Calábria e Puglia, e eles lutavam o tempo todo. Eles lutavam por comida, terra e água. Tudo que pudesse ser usado por pessoas, eles lutavam. No início, cada reino só queria se proteger de todas as pessoas más no mundo tentando roubar suas coisas. Os reis dos quatro reinos tentaram protegê-los sozinhos, eles fizeram pequenos exércitos, mas esses homens precisavam cuidar de suas famílias também antes que pudessem cuidar dos outros, então os quatro reis disseram aos seus povos que se eles desejassem usar seus exércitos, eles iriam protegê-los das pessoas más que estavam atacando-os. Todas as pessoas amavam seus reis e queriam estar em segurança, por isso eles deram seu dinheiro.

*Esta é uma história para dormir de criança?* Eu pensei, com a sobrancelha levantada enquanto eu a observava me contar a estória com seriedade.

— Eles chamaram os homens do rei de Máfia. Era uma palavra que significava “agir como um protetor contra a arrogância dos poderosos.” O povo da Sicília proclamaria orgulhosamente “I Mafiusi della Vicaria!” Que significa...

— Heróis do Reformatório, — eu sussurrei em puro espanto, sem acreditar no que eu estava ouvindo.

Ela sorriu largamente, sentando-se mais reta, se isso fosse possível. — Sim, papá! Você conhece a história? Sua mamãe contou para você também?

Eu sabia porque não era apenas uma história, isso era história real. A partir de sua pergunta, entendi que sua mãe lhe contou isso... sua mãe fizera da história para dormir a história das máfias italianas?

Que tipo de mulher faria isso? *Uma louca o suficiente para ter meu filho.*

— Minha mãe contou para mim. — Mas não como uma história para dormir, foi uma lição real. Foi há muito tempo que quase tinha me esquecido. E ainda assim, ouvindo-a contar isso, eu consegui me lembrar tão claro como o dia, minha mãe fazendo o que eu estava fazendo agora.

— I Mafiusi della Vicaria! — Ela jogou o punho para fora e, em seguida, deu uma risadinha para si mesma um pouco mais. — A máfia pegou os bandidos e protegeu seu povo. Todo mundo ficou feliz. Os quatro reinos pararam de lutar... por causa disso, as pessoas dos quatro reinos pensaram que eles podiam parar de pagar. Mas os reis não permitiram. As pessoas se voltaram contra seus reis porque elas ficaram zangadas. Então os reis pararam de proteger todas as pessoas que não pagavam, então as guerras começaram de novo. Irmãos lutaram com irmãos, irmãs feriram irmãs, e os quatro reinos tentaram dominar uns aos outros de novo. Foi pior do que qualquer época e estar na máfia era ruim agora. Agora todos os odiavam. Até mesmo os reis foram enviados para dormir, e assim os novos reis tiveram que vir, mas as pessoas não podiam dizer quem era o verdadeiro rei porque os reis falsos começaram a aparecer! Por toda a terra, houve caos e as pessoas não sabiam o que fazer. Isso não é triste, papà?

— Muito, — eu respondi, divertido e surpreso com o fato de que a história da máfia italiana era agora uma história infantil... uma que ela parecia realmente gostar de contar. Seus olhos estavam arregalados e seu sorriso parecia permanentemente preso em seu pequeno rosto oval.

— Eu também acho. — Ela se inclinou como se fosse me contar um segredo. — Tudo bem porque um dia, o chefe da família Giovanni, Giovanni-Giovanni, ficou farto. Ele queria que toda a luta parasse. Ele não fazia parte de nenhum dos quatro reinos, ele era de Bosa, mas cresceu em Basilicata, e lá ele estava cercado por todos os quatro reinos. Então, ele e todas as pessoas de lá se

machucariam de todos os lados. Giovanni-Giovanni se juntou à Calábria, e depois de 15 anos trabalhando para rei mau após rei mau, ele assumiu a Calábria. Ele se tornou um rei!

*Um Don. Mas rei estava perto.* Ela continuou como se ela não fosse a única que precisava dormir... mas estranhamente eu a queria acordada. Eu queria saber o quanto dessa história ela sabia.

Ela respirou fundo e esfregou o nariz, deitando-se nos travesseiros.

— Levou mais seis anos para ele assumir o reino de Puglia e outros três para assumir Nápoles. Giovanni, o Giovanni... ele era o rei de três dos quatro reinos e sonhava unir todos eles em um só. Mas ele ficou doente e antes de ir dormir ele deixou esta missão para seu filho, Ignazio Giovanni, mas seu filho não conseguiu fazer o sonho de seu pai se tornar realidade, e ele ficou doente e foi dormir também, e deixou para seu filho, Francesco Giovanni, mas ele foi dormir depois de uma longa guerra, deixando o único Giovanni que restou... Orlando, irmão mais novo de Francesco. Ninguém acreditava que Orlando pudesse fazer isso, e todos ficaram com medo porque os três reinos tentaram romper com ele. Orlando estava assustado e sozinho, ele foi para a igreja onde toda a sua família estava dormindo, ficou de joelhos e pediu por força. Ele jogou as mãos para o ar e disse:

— Oh Deus, faça minhas mãos fortes como ferro, para que eu possa unir toda a Itália, — ela deu um bocejou tão grande que eu podia ver pela sua garganta. Seus olhos ficaram pesados e ela lutava com todas as suas forças para mantê-los abertos. Sentando-me, levantei o cobertor de volta sobre ela.

— Isso é o suficiente por agora...

— Isso é tudo que eu sei. — Ela bocejou novamente, rolando para o lado, esfregando os olhos. — Mamãe não terminou de me contar a história ainda. Ela me conta uma nova parte toda vez que ela volta. Mas eu quero saber agora. Você conhece a história, certo, papai? Orlando se torna rei de todos eles?

Eu sorri;  não pude evitar. Eu não sabia o que era isso que estava sentindo, mas estendendo a mão, acariciei o lado do rosto dela. Sorri e disse:

— Isso é um spoiler, Giovanna.

— Um spoiler? — ela murmurou, seus olhos já fechados. — O que é isso?

Não havia sentido em responder porque ela já estava dormindo. Observá-la dormindo era como mágica. Nada excitante, ou surpreendente, ou mesmo fora do comum estava acontecendo e ainda assim era como mágica. Eu estava curioso. Como ela conseguia adormecer tão facilmente? Tão completamente? Ela não tinha ideia de onde estava, exceto pelo fato de que ela não estava onde ela cresceu... e ainda assim, ela dormiu.

Virando, eu ouvi a porta abrir quando minha avó entrou, segurando um pequeno objeto.

— Ela está dormindo? — ela sussurrou baixinho, fechando a porta atrás dela. Assentindo, eu me levantei da beira da cama de Giovanna.

— O que é isso? — eu perguntei baixinho, apontando para o objeto em suas mãos.

— É um umidificador, — ela sorriu, levantando-o para mim. — Quando você era jovem, ficava com nariz entupido no inverno. Eu imaginei que já que ela também estava vindo da Itália, ela precisaria de algum tempo para se ajustar ao ar mais seco daqui. Eu aumentei a temperatura do seu quarto também.

— Eu não pensei sobre isso, — admiti e tirei o dispositivo dela.

— Eu ficaria chocada se você pensasse, — ela deu um tapinha no meu braço e caminhou em volta de mim, em direção a Giovanna que estava respirando profundamente.

— Quão perto ou longe eu coloco isso? — eu perguntei, não exatamente certo de quais eram as instruções.

Ela sorriu e apontou para a mesa de cabeceira no lado oposto da cama que Giovanna estava dormindo. Assentindo de novo, caminhei até onde ela disse. Eu não disse nada, mas liguei a máquina e observei quando ela levantou os braços da Giovanna que estavam fora das cobertas e a cobriu mais apertado.

— É mágico, não é? Ver você mesmo em outro ser vivo? Saber que eles confiam e amam você incondicionalmente, mesmo que você não tenha feito nada para merecer isso. — Ela sorriu, acariciando a bochecha de Giovanna com os dedos, que pareciam muito mais velhos ao lado da pele lisa da minha filha.

Era isso.

Meu tio Declan fez o teste no momento em que ela veio para cá. Quando

ela me abraçou pela primeira vez, ele já havia confirmado tudo. Todos, especialmente minha avó e tios, se importavam com a reputação dessa família. Não havia como eles teriam deixado ambos ficarem na casa se eles não tivessem mil por cento de certeza.

Então, eles tinham certeza.

E eu também

— Ethan?

— Sim?

— Respire. — Minha avó sorriu e o olhar que ela me deu foi como se ela pudesse ler meus pensamentos desintegrados. Eu escutei. Respirei fundo. — Bom. Agora que ela está dormindo você pode ir falar com aquele... Fiorello. Eu prefiro não o ver mais do que eu devo. Eu ficarei com ela durante a noite para que ela não fique sozinha.

Ela olhou para longe de mim, com a cabeça baixa. Sua raiva, sua dor, era clara e profunda.

— Obrigado, — eu disse, caminhando para a porta.

— Ethan... você já tem todos os ingredientes de um bom pai.

Como diabos ela sabia disso? Porque eu, com certeza, não me sentia como um bom pai. Por outro lado, como isso deveria parecer?

Eu dei uma olhada de volta para elas na minha cama. Eu só conseguia pensar na ironia. Ela odiava Fiorello com uma paixão que eu nunca a tinha visto odiar alguém. No entanto, ela olhou para Giovanna como se ela fosse sua própria filha.

*E se for um ardil e ela planeja machucar Giovanna para se vingar de Fiorello?* O pensamento veio a minha mente tão rapidamente que me chocou. Eu estava duvidando da minha avó agora? A lista de pessoas em quem eu confiava era pequena e minha avó sempre esteve nela. Mesmo agora, sabendo que ela provavelmente sabia que meus pais estavam vivos, eu ainda confiava nela. *Então, de onde essa porra de pensamento veio?*

Evelyn estava com dor e eu entendia o porquê, eu podia entender sua raiva com Fiorello. Normalmente, quem causasse dor em minha família morreria, sem

perguntas. Mas isso era diferente. Fiorello era leal ao meu avô, ele fez o que fez porque meu avô disse a ele para fazer, e eu não poderia culpá-lo por isso. E mesmo se eu quisesse, eu não podia porque ele... ele era agora família. Sua bisneta era minha filha.

Para minha avó, isso deve ter sido como uma segunda reviravolta do destino. O filho dela se casou com a filha do homem que ordenou sua morte, assim como a morte deste filho. Então seu neto tem uma criança com a neta do homem que fisicamente obedeceu à ordem.

*Nas palavras do meu irmão... esta família é fodida.*

Quando a porta se fechou atrás de mim, notei Wyatt no corredor, em pé de muletas, porque ele era o médico mais idiota e teimoso do mundo. Ele acabou de ser liberado do hospital esta manhã; seu cabelo castanho escuro era uma bagunça suja encaracolada em sua cabeça. Ele tinha bolsas se formando sob seus olhos verdes acastanhados, e sua maldita camisa e calça estavam amarrotadas. Todos os sinais de que ele precisava descansar, mas ele aceitaria... não.

— Você tem uma filha! — ele retrucou para mim.

— Obrigado por reafirmar o óbvio... de novo, — eu murmurei, andando pelo corredor.

— Você sabia que tinha uma filha e simplesmente não nos contou? Diga-me a verdade, porque isso não faz nenhum fodido sentido. De jeito nenhum você, de todas as pessoas, poderia ter um filho e não saber. Você a escondeu para protegê-la? — ele questionou, acompanhando o meu ritmo, e se ele não parecesse já tão deplorável, eu chutaria seu traseiro.

— Não, não sabia. — Queria perguntar a ele se eu parecia como nossos pais, que se escondiam nas sombras para nos “proteger”, mas conhecendo-o, ele comentaria que eu realmente parecia com o nosso pai.

— Uau, — ele sussurrou como uma criança. Ele se daria bem com Giovanna, eu já podia ver. — A mãe dela... quem é ela?

Suspirando, eu peguei o elevador e ele seguiu. — Boa pergunta.

— Como você não sabe? Você é diferente de mim...

— Graças a Deus, — eu murmurei.

— Quero dizer, — continuou ele, falando muito mais alto, apesar do fato de que estávamos bem ao lado um do outro. — Que você simplesmente não dorme por aí com as mulheres. Você é cuidadoso. Você sempre precisou saber tudo sobre elas antes que elas sequer conseguissem chegar na sua frente e deixá-las sozinhas em sua cama. Por anos você tem me dado sermão para ficar meio acordado, certificando-se de que eu não caísse em armadilha ou fosse pego por uma mulher. Você era pior que o papai! Quem é a família dela? O que ela faz? O que ela estudou? Você deixou claro que ela não é nada além de um brinquedo? Você matou uma das minhas namoradas por falar demais sobre nossa família! E você não sabe quem diabos é a mãe da sua filha!

*Respire, Ethan. Ele está certo. Ele não tem tato. Mas ele está certo.*

Quando as portas se abriram, saí e parei, esperando por ele sair ao meu lado. Quando ele saiu, eu o encarei.

— Wyatt, nas últimas semanas você deve ter percebido, mas eu vou dizer para nós não precisarmos ter essa conversa toda vez que algo acontecer… Eu. Não. Sou. Deus. Eu não sei tudo. Eu não consigo parar tudo e eu, sim, eu, até cometo erros. 99,9% das vezes, você está certo, eu sou vigilante sobre as mulheres ao meu redor e eu frequentemente dou sermão para você, como você chama, porque eu sou seu irmão mais velho. Eu cuido de você. Tento me certificar de que você não caia, e no processo às vezes eu caia junto, e isso me faz parecer hipócrita, entendo isso. Mas isso não significa que o que eu fiz para, e por você, estava errado. Se eu pudesse voltar, daria a você todos os mesmos sermões e, desta vez, muito mais severamente. Eu nunca iria querer que você acordasse um dia e percebesse que você tem um filho que você deixou na mão. Mas se você quiser fazer piadas, rir, ou me chamar de hipócrita, te dou um tempo para fazer isso.

Ele estalou a mandíbula para o lado e pareceu irritado. Balançando a cabeça, ele disse:

— Eu odeio quando você toma o caminho certo, sabia disso?

Se ao menos ele soubesse que eu nunca realmente tomei o caminho certo nem um pouco.

— Agora que isso está resolvido, vá descansar...

— Não comece a agir como meu pai agora, — ele disse. — Eu não estou

descansando merda nenhuma, sinto que se eu piscar, vou perder outra grande revelação.

*Sim, meu punho na sua cara.*

— Tudo bem, faça o que você quiser. — acenei para ele, caminhando até a sala de jantar onde um Greyson machucado e espancado, e...

— Você. Eu não contratei você. — Apontei para o rapaz loiro, esguio, em pé do lado oposto de Greyson, cuja forma grande pairava na frente da porta.

— Ah, certo, — Wyatt falou atrás de mim. — Ethan, este é...

— Mannix Ward... mais conhecido como Monk. — Eu disse o nome dele e até ele pareceu surpreso. Olhando para o meu irmão, eu disse:

— Não pedi por apresentação. Eu conheço meu pessoal. Disse que eu não o contratei, então por que ele está parado como um guarda na minha casa? Bem? — eu perguntei, olhando para o homem magro.

Ele abriu a boca para falar, mas Wyatt falou em seu lugar.

— Eu o contratei, — afirmou ele, olhando para Greyson. — Como você pode ver do rosto de Greyson, nós tivemos um pequeno desentendimento. Há algum problema?

Havia um problema? Sim. Eu. Eu tinha esquecido que o tinha deixado sozinho enquanto eu... passava o tempo “descansando”. E como ele esteve fora por alguns anos, ele não conhecia o meu sistema para promover guardas. Monk era novo. Ele não tinha feito nenhum trabalho nas ruas. Ele não tinha provado sua lealdade ainda. *Tudo bem. Eu posso trabalhar com isso.*

Greyson se endireitou sob o meu escrutínio.

— Certifique-se de que ele conheça as regras, ou senão, nós teremos um desentendimento e, se isso acontecer, tenha certeza que você nunca mais voltará ao trabalho, — eu disse a ele.

— Sim, senhor. — Ele assentiu, movendo-se para abrir a porta.

— Todo mundo fora, — eu disse assim que estava dentro da sala de jantar, onde meus dois tios estavam sentados em frente a Fiorello, que parecia estar realmente gostando de sua xícara de café. — Sr. Orsini e eu estaremos falando em particular.

Assim que eles saíram, ele olhou para mim e sorriu. — Então, você é o bastardo que engravidou minha neta.

— Eu sei quem é meu pai, obrigado, — eu disse enquanto caminhava para o meu lugar na cabeceira da mesa. — Assim como eu sei que você não é o único que matou Ivy.

Porque eu matei Ivy.

# Passado

# Capítulo Um

Agora, este não é o fim.

Não é nem o começo do fim.

Mas é, talvez, o fim do começo.

*Winston Churchill*

## CALLIOPE

**7 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***28 de julho***

Tudo brilhava.

Era como nos filmes.

— Seu casaco, senhorita? — o mordomo me perguntou com um sorriso. Eu o tirei, dando a ele. — Obrigado, senhorita.

Outro mordomo, que era alto e ficou parado orgulhosamente, mas não sorriu, olhou para todos nós. — Eu sou o Sr. O'Phelan, por favor, sigam-me.

Eu andei à esquerda das minhas irmãs, elas estavam discutindo sobre algo estúpido novamente. Eu queria dizer para elas calarem a boca, mas papai me disse para não fazer cena ou caso contrário, eu nunca mais teria permissão para vir a uma festa novamente. O corredor em que nós caminhávamos era feito de mármore, o piso era tão brilhante que eu podia ver meu rosto nele. Mas eu realmente gostei de toda a arte nas paredes. Era como um museu.

Eu queria ficar e olhar mais porque era tão bonito, mas nós chegamos ao quintal e era muito grande. A grama verde prosseguia tão longe que eu não conseguia nem ver uma cerca. Eles até tinham luzes e balões nas árvores por todo o caminho no quintal. Havia tantas crianças, algumas delas tentando subir a parede de escalada, e outras brincavam no parque aquático.

— Calliope. Calliope?

— Hã? — Eu olhei para a minha mãe e ela apontou para o meu lado. — Vá colocar seus presentes lá.

Eu olhei, mas não consegui ver a mesa. Havia tantos presentes, parecia que eles comeram a mesa e estava se tornando uma montanha. Eu olhei para as duas pequenas caixas na minha mão. Eu andei até lá e um homem vestido de preto apareceu na minha frente.

— Presentes? — ele perguntou, olhando para minhas mãos.

Eu balancei a cabeça e levantei-as para ele. Ele as tirou das minhas mãos e eu me virei para ir embora, mas antes que eu fosse, outro homem agitou uma varinha sobre os pacotes. Um deles riu dissimuladamente e depois se abaixou, e eu vi uma arma em seu quadril quando ele simplesmente as jogou na grama. Quando ele olhou de volta para mim, eu desviei o olhar rapidamente, correndo de volta para a minha mãe.

Tudo era tão… rico, até as pessoas. Todas as mães estavam cobertas de joias e os pais vestiam suas melhores roupas. Eu olhei para eles e depois para os meus pais. Eles pareciam bons também, eles vestiam suas melhores roupas também... mas não era o mesmo. Eles não pareciam iguais. Por quê? E por que ninguém estava vindo falar com eles? Eu pensei que as pessoas nos conheciam. Certo? Eu observei meus pais e eles falavam apenas um com o outro. Eles sorriam e riam juntos; vê-los me fez sorrir.

*Eles não têm isso.* Eu sorri, olhando para os outros pais. Nenhum deles parecia tão feliz quanto os meus pais. *Que triste.* Eles brilhavam, mas não tinham amor, então estava tudo bem.

— Mamãe, — eu puxei seu vestido suavemente.

— O quê...?

Ela parou porque as portas do quintal se abriram novamente e todos pararam de falar. Eles saíram, todos vestidos de branco, na verdade, eu não conhecia Donatella, mas todo mundo falava dela na minha escola. Ela saiu feliz, segurando a mão do pai, com uma coroa de margaridas na cabeça. Seu pai a beijou na bochecha, fazendo-a rir e a soltando. Seu pai era bonito e tinha os mesmos olhos verdes que ela. Dona correu até uma garota de pele morena com cabelos bem cacheados. Elas foram para a grande mesa de doces e chá.

— Fique aqui, Calliope, — minha mãe me disse.

Eu acenei a cabeça, mas não conseguia desviar o olhar da mulher com o cabelo castanho escuro ondulado e olhos castanhos. No momento em que ela saiu, todos correram para dizer olá para ela. Ela usava calça comprida branca combinada com uma camisa branca solta e ela tinha diamantes ao redor de seu pescoço e mãos. Ao lado dela estava Ethan. Eu não podia realmente vê-lo. Muitas pessoas estavam por perto, ele estava dizendo oi para todos com ela. Ela colocou a mão no cabelo dele, acariciando-o suavemente.

Inclinei a cabeça para o lado para ver, mas havia tantas pessoas idiotas altas.

*Mexam-se!*

— Ethan, — eu olhei e vi que era seu pai chamando-o. Ele saiu de sua mãe para onde seu pai estava conversando com alguns homens. Seu pai colocou a mão em seu ombro quando ele se aproximou. Eu finalmente pude vê-lo. Ele parecia com seu pai. Ele tinha olhos verdes e cabelo castanho desarrumado, o rosto suave e gentil. Algumas outras garotas estavam dando risadinhas e olhando para ele da mesa do bolo de Donatella.

— Eles já começaram a prepará-lo, parece, — meu pai sussurrou para minha mãe, balançando a cabeça enquanto ele segurava seu copo.

— Isso não deveria ser uma festa para os gêmeos deles? — minha mãe perguntou com o mesmo franzir em seus lábios.

— O que eu lhe disse? Prazer e negócio dos Callahans são sempre uma única coisa. Esta é uma festa de aniversário para os seus gêmeos, mas isso é também outra apresentação para o seu primogênito, eles querem que as pessoas vejam a diferença.

— A diferença? — minha mãe perguntou, e eu também queria saber.

Ele assentiu. — Olhe em volta. Todas as outras crianças, mesmo as deles, estão desfrutando desse país das maravilhas que eles criaram, mas o seu primogênito não faz parte dele. Ele está ao lado de seus pais... eles estão dizendo que ele não é uma criança. Ele é o próximo líder, tudo isso será dele a seguir.

— Não importa o que eles façam, ele ainda será uma criança, — minha mãe murmurou em resposta. — Eu não posso nem imaginar o quão assustado ele

deve estar. O quanto eles já o fizeram passar. Ele deveria estar brincando e em vez disso, ele está cercado por velhos gananciosos e egoístas. Por que nestes tempos modernos eles ainda estão se mantendo nesse tipo de vida. Quanto dinheiro uma família poderia precisar? Eles não estão satisfeitos?

— A melhor pergunta é, eles podem ser satisfeitos? — meu pai zombou. Ele tomou um gole e balançou a cabeça. — E a resposta é não. Eles são viciados nisso... o poder, observando todos esses idiotas inclinarem a cabeça para eles repetidas vezes como se eles fossem da realeza.

*Realeza*. Era isso. Os pais dele eram Rei e Rainha. É por isso que tudo brilhava e todos queriam estar ao lado deles. Isso significava que Donatella era uma princesa... e os filhos deles, Wyatt e Ethan, eram príncipes.

*O que eu sou?*

Eu olhei para trás então, e quando eu olhei, Ethan estava olhando para mim. Seus olhos verdes olhavam quase diretamente através de mim e antes que eu pudesse desviar o olhar, ele desviou. Observando as outras pessoas em torno de seu quintal, ele parecia meio entediado.

— É hora de beijar o anel. Meus irmãos estariam se revirando no túmulo deles, — meu pai murmurou e terminou seu copo.

Minha mãe esfregou os braços dele. — Contanto que você não esteja no túmulo também, tudo bem, deixe-os se revirarem.

Ele sorriu para ela e assentiu. — Vamos.

Minha mãe olhou para mim e estendeu a mão. Pegando-a, eu caminhei com eles pela grama e meu coração bateu mais e mais rápido até que finalmente estávamos lá.

— Sr. e Sra. Affini, — a mãe de Ethan sorriu para nós, enquanto o pai de Ethan apertava a mão do meu pai antes dela, e depois a da minha mãe. — Muito obrigado por terem vindo.

— Muito obrigado pelo convite. Nossas garotas estão realmente gostando do paraíso de açúcar que estão recebendo, — minha mãe respondeu, acenando para minhas irmãs, que estavam comendo com as outras garotas.

— Nem todas elas, parece, — o pai dele olhou para mim com um sorriso no rosto. — Olá, pequena senhora.

Eu dei um passo atrás da minha mãe e ele riu de mim.

— Desculpe, ela é um pouco tímida, — meu pai disse, colocando a mão no meu ombro.

Eu olhei para Ethan e quando olhei, o olhar em seus olhos estava diferente. Ele não estava apenas olhando em volta como antes. Em vez disso, ele parecia... com raiva de mim? Não... ele olhou para mim como se eu fosse nojenta.

*O que eu fiz?*

— Este é o nosso filho mais velho, Ethan, — sua mãe o apresentou e ele se concentrou no meu sorriso. Sorrindo educadamente, ele estendeu a mão.

— Olá, obrigado por vir.

— Bem, se você já não é um jovem bonito, — minha mãe elogiou, pegando sua mão.

— Sim, ele puxou isso de mim, — seu pai riu e sua mãe revirou os olhos.

— Desculpe, ele receberia crédito por qualquer coisa, — ela respondeu.

Seu pai apenas piscou para eles. Eu assisti todos eles conversarem sem mim. E eu vi. Eles, os pais dele, pareciam como meus pais... felizes. Eu não entendi. Meus pais me diziam para nunca ficar com ciúmes das pessoas porque elas tinham coisas que nós não tínhamos, porque elas não eram verdadeiramente felizes. Mas eles eram. Eles tinham tudo e eram felizes.

— Por favor, aproveitem a festa, nos dê licença. — Seus pais caminharam de braços dados para o outro filho, que estava em pé vitorioso no topo da parede de escalada. Ele até fez uma dança estranha, fazendo Ethan balançar a cabeça e sorrir.

— Seu sorriso é bonito. — Não era minha intenção dizer isso em voz alta e eu nem disse muito alto, mas ele me ouviu, e seus olhos estavam em mim novamente.

Ele passou por nós e talvez se eu não estivesse tão focada nele, eu não o teria ouvido. Mas eu ouvi. Quando ele esbarrou ao passar por mim, ele disse:

— Eu não quero um elogio de você, rata feia.

Eu olhei de olhos arregalados quando ele saiu, meu punho cerrado. Eu realmente queria bater nele. Bobalhão estúpido!

— Mãe, podemos ir? — Ela beliscou meu braço com força. Eu mantive minha cabeça baixa e fiquei quieta novamente.

— Podemos? — papai perguntou com um suspiro.

— Só mais alguns minutos. Não podemos ir embora logo depois de cumprimentá-los

Eu fiz uma careta, olhando em volta. — Posso ir ao banheiro?

Com medo que ela me beliscasse de novo, eu fugi de seu alcance e corri para longe.

— Espere...

— Volte rapidamente e não fique vagando por aí, Calliope, — meu pai disse dando um olhar para minha mãe. Ela não disse nada para mim, apenas me enviou um olhar sério.

Ela ficaria brava mais tarde. Eu me virei e continuei andando, passando pela parede de escalada quando ouvi algumas das senhoras conversando entre elas.

— Quem são os Affinis?

— Uns ninguéns que começaram um pequeno atelier. Mas ouvi dizer que está indo bem.

— Você conhece os Callahans; eles querem até mesmo o menor peixe em sua lagoa.

— Meus Deus, olhe o vestido dela. Você tem certeza que eles trabalham com moda?

Elas riram e eu não sabia o que fazer. Elas continuaram rindo da minha mãe. Minha mãe não era a melhor mãe do mundo, mas ela ainda era minha mãe. Olhei em volta, mas não consegui encontrar nada... exceto uma empregada preparando tinta para a mesa de arte da Dona.

— Você precisa de ajuda? — eu perguntei a ela, já levantando a bandeja.

— Não, está tudo bem, eu dou conta.

Eu fiz beicinho, segurando a bandeja. — Por favor. Todo mundo conhece Dona, e eu quero dizer feliz aniversário, mas eu não acho que posso

simplesmente caminhar até lá... muitas pessoas estão por perto.

Eu observei enquanto o olhar dela se arrastava da mesa e depois para mim, um pequeno sorriso em seu rosto. — OK, mas tenha cuidado.

— Obrigada! — Eu esperei que ela pegasse o resto de suas coisas, mas ela estava indo tão devagar. Finalmente, ela começou a andar em direção à mesa e eu segui, lentamente vagando mais e mais longe dela e, mais perto e mais perto das mulheres.

*Um.*

*Dois.*

— Nem tente isso. — Ouvi uma voz suave sobre mim. Eu olhei para cima para ver a mãe de Ethan. Olhando para mim com olhos castanhos penetrantes, ela se abaixou e tentou pegar a bandeja das minhas mãos, mas eu não queria soltá-la. Ela sussurrou para que só eu pudesse ouvi-la, — Eu não sei exatamente o que elas disseram para te deixar com raiva. Mas, eu posso adivinhar que era sobre sua mãe, é o que mulheres como elas fazem. Eu te aplaudo por tentar defendê-la. Mas esta é a festa dos meus filhos. Não vou deixar você fazer uma cena no dia deles porque *você* está chateada.

— Elas riram dela, — eu sussurrei de volta com raiva. — Elas riram da minha mãe.

— E daí? Eu não me importo com sua mãe.

— Elas nos chamaram de ninguém. É uma festa grande e só um pouquinho de tinta. Não é como se alguém se importasse. Alguns minutos e todos voltarão a se divertir.

O canto dos lábios dela subiram. — Olhe para você, a pensadora rápida. Você está certa. É uma festa grande e é apenas um pouco de tinta. Mas você vê, não é o que eu quero. Não quero nada fora do comum para os meus filhos hoje. Nada. E porque é minha casa, minha festa, minha maldita tinta, o que eu digo, é lei.

Eu pisquei de volta minhas lágrimas. Ela me deixou tão brava.

— Não, não tente nem chorar porque isso também é uma distração dos meus filhos. Então, segure essas lágrimas em seus olhos até chegar em casa, e então você é livre para fazer tudo o que quiser. — Eu pisquei e soltei a bandeja e

ela devolveu para a empregada, mas não antes de dar-lhe um olhar assustador.

— Todos ao seu redor estão fingindo, — eu sussurrei, e seu foco voltou para mim rapidamente. — Eles realmente não gostam de você.

Ela riu. — Eu sei, pequenina. É isso que os adultos fazem, fingem, mentem e trapaceiam. Você sabe por quê?

Eu balancei a cabeça. Por que eles faziam isso? Por que minha mãe estava fingindo ser tão legal?

— Porque eles estão com medo uns dos outros. — Ela sorriu. — Você sabe que eles estão ficando com medo de você agora?

*Com medo de mim?* Eu olhei ao redor e todos os adultos estavam olhando para nós. — Por quê?

— Porque você está falando comigo. Eu sou a pessoa mais assustadora e mais importante aqui. Eles querem saber sobre o que estamos falando. O que te faz tão importante que eu gastaria meu tempo para falar com você. Eles não têm que gostar de mim. Mas sempre que eles me veem, eles têm que fingir que gostam, enquanto isso, eu sou livre para fazer o que quiser.

— Você é como uma rainha, — eu sussurrei.

Ela riu e assentiu. — Claro, eu vejo assim.

— Então, eu me tornarei uma rainha também.

— Há apenas uma rainha neste reino, pequena, e o sobrenome dela sempre será Callahan.

— Eu vou ser isso, então.

Sua sobrancelha se levantou e ela ficou em pé. — Eu duvido. Meu filho não pode se casar com alguém tão fraca que choraria porque alguém zombou de sua mãe.

— Eu não estou chorando, no entanto, — eu disse, desejando que eu fosse mais alta para que eu pudesse ficar no mesmo nível que ela.

Ela me olhou e balançou a cabeça novamente. — Você é fraca, como seu pai. É uma pena, porque vocês Orsinis costumavam ser ótimos.

*Orsinis*?

— Calliope! — mamãe apareceu ao meu lado. Eu não sei porque ela demorou tanto tempo. Ela colocou os braços em volta de mim e olhou para a mãe de Ethan. — Está tudo bem?

— Claro! Eu estava apenas perguntando a Calliope aqui se eu esqueci alguma coisa. Ela não parece estar se divertindo nem um pouco, e eu realmente queria que todas as crianças tivessem algo que pudessem aproveitar aqui. Ela estava me dando conselhos para o próximo ano, — ela disse simplesmente. Minha mãe procurou meu rosto.

— Mesmo? Calliope, há muito o que fazer.

Eu balancei a cabeça, pensando em algo rapidamente. — Paintball.

— Vê só? Eu sugeri isso, mas meu marido disse que vocês se machucariam ou acabariam atirando em seus pais. — Ela se virou para o marido, que olhou de volta confuso. — No próximo ano vamos ter paintball.

— Sim! — O outro filho deles, Wyatt, jogou o punho no ar e seu pai bateu sua cabeça. — Ai, papai!

— Você acredita nessas crianças? Eu nem terminei de pagar por essa maldita festa ainda e eles estão ficando animados para o próximo ano, — ele resmungou quando ela caminhou de volta para ele. Alguns dos homens ao redor dele riram. — Pirralhos ingratos.

Assim que a mãe de Ethan me deixou, a multidão concentrou sua atenção em outro lugar... exceto por Ethan, que chamou minha atenção novamente, mas eu desviei o olhar rapidamente. Quando olhei para trás, ele estava conversando com seu irmão.

— Isso foi tudo o que ela perguntou, Calliope? — minha mãe me perguntou. Sua voz era suave, mas ela parecia... zangada? Não. Ela estava assustada. Eu podia ver nos olhos dela. Ela estava apavorada. Eu nunca tinha visto isso antes. Ela segurou meus braços com muita força e doeu. Meu pai se juntou a nós com minhas irmãs a tiracolo e elas estavam franzindo a testa, chateadas por eu estar nos fazendo ir embora.

— Sim. Foi tudo o que ela perguntou, — eu menti.

Ela assentiu, e todos nós começamos a ir embora, mas eu olhei de volta para eles, a família de branco. A mãe de Ethan passou os braços ao redor dele e

mexeu em seu cabelo. Ele tentou fugir, mas ela o segurou com mais força, dando-lhe um grande beijo. Quando ele se separou, ele limpou o rosto antes de ir para o seu irmão. Foi então que sua mãe olhou para mim com um grande sorriso no rosto. Melody acenou com as mãos para mim e isso me deixou fria. Parecia que ela estava me provocando. A última coisa que vi antes de portas fechadas foi o marido dela envolver os braços em volta de sua cintura.

De repente, o conto de fadas tinha acabado.

# ETHAN

**9 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***28 de julho***

Não fazia sentido.

Minha mãe deu uma desculpa por falar com a garota que estava se escondendo atrás de seus pais o tempo todo, e não fazia sentido. Ela tinha olhos cinzas e cabelo castanho escuro. Junto com essas pequenas pintas pretas em seu rosto, uma sob um dos olhos e uma perto da boca. Havia até uma no pescoço dela. Ela me lembrou de um rato pelo jeito que ela se movia pelos pés das pessoas. Ela realmente não fez nada, então por que minha mãe estava falando com ela? E mentindo?

Dona pedira por pintura e uma mesa cheia de bolos e doces. Wyatt disse que queria ter uma parede de escalada ou uma festa na piscina porque um dos amigos já tinha tido uma festa com paintball. É por isso que não tivemos paintball para o aniversário deles. Foi assim que eu soube que era uma mentira. Além disso, minha mãe não se importaria em perguntar por que apenas uma criança não estava se divertindo; definitivamente não perguntaria, a não ser que uma dessas crianças fosse uma de nós.

Eu só não entendi o porquê. *Essa garota era importante? Ela não parecia. Então, o que minha mãe tinha para dizer a uma rata? Por que a rata parecia*

*que estava prestes a chorar?* Eu não conseguia parar de pensar nisso.

Enquanto observava a família dela entrar em casa, Wyatt e Dona já estavam cortando o bolo. Então eu atravessei o gramado e caminhei de volta para dentro da casa.

— Allen, — eu acenei a cabeça para um dos guardas enquanto ele trazia os presentes para dentro.

— O que posso fazer por você, homenzinho? — ele sorriu, colocando as coisas para baixo.

Eu fiz uma careta. Eu realmente odiava esse nome. — Meu nome é Ethan. E você pode ir até lá e dizer ao Sr. e à Sra. Affini que meus pais querem que eles esperem por suas sacolas surpresa antes de eles partirem?

— O quê? — Ele olhou por cima da minha cabeça para eles enquanto eles estavam pegando suas coisas de volta do mordomo.

— Seus pais disseram isso?

— Sim, vá dizer a eles e dê a eles as coisas... *por favor*. — Eu não queria que meu pai me desse outro sermão por ser rude.

— Ok. — Ele deu uma olhada de volta lá fora para o pátio, acenando para dizer aos outros guardas para fazer uma pausa. Eu esperei enquanto ele caminhava até eles.

No momento em que ele contou a eles, as meninas mais altas, as irmãs da rata, começaram a implorar. Toda a família tinha cabelo castanho, no entanto, o do pai dela era castanho mais claro do que o da mãe. Suas irmãs tinham aquele cabelo castanho claro, e a rata e sua mãe tinham castanho escuro. Todos eles pareciam tão entediantes e simples em suas roupas, como se fossem pessoas em segundo plano nos filmes. Apenas lá, às vezes fala-se deles ou sobre eles, mas assim que eles fossem embora, você esquecia que eles sequer estiveram lá.

O Sr. Affini assentiu e todas elas esperaram. Enquanto elas esperavam, a rata começou a fazer o que ela fez lá fora, apenas olhando em volta. Seus olhos eram diferentes de todos os outros em sua família. Eles eram cinzas em vez de castanhos. Finalmente, ela olhou para mim e eu acenei para ela vir.

Ela me deu um olhar confuso, suas sobrancelhas se unindo. Quando ela olhou por cima do ombro, me perguntei por que no mundo eu queria perguntar a

ela qualquer coisa. Eu deveria apenas esperar e perguntar à minha mãe, mas isso levaria muito tempo, e ela poderia não responder.

Ela apontou para si mesma.

— *Sim,* — eu murmurei, acenando a cabeça para ela. Ela foi perguntar para sua mãe e eu apenas me virei para ir embora. Não importa, ela era inútil.

— Mamãe, eu ainda preciso usar o banheiro, — eu a ouvi reclamar e parei no meu caminho.

— Segure.

— Eu não posso...

— O banheiro é no final do corredor à sua esquerda, — falei, andando para a frente.

— Obrigada, Ethan. — Sua mãe sorriu para mim, em seguida, deu um tapinhas nas costas dela. — Apresse-se, Calliope.

Ela franziu a testa e olhou em volta. — Existem dois corredores? Este lugar é tão grande; como você não se perde?

— Calliope!...

— Eu vou te mostrar, — eu disse.

— Avena, vá com sua irmã, — seu pai disse a uma de suas irmãs, que apenas franziu a testa, cruzando os braços.

— Eu não preciso ir...

Ele deu a ela um olhar e ela ficou quieta.

— Eu também vou, — disse a outra irmã.

*Ótimo. Isso foi idiota. Por que eu fiz isso?*

— Ethan, estas são nossas outras duas filhas: Avena, um ano mais velha que você, depois tem Bellarose, ela tem a mesma idade que você, — sua mãe disse.

— Olá, sou o Ethan. Vocês podem me seguir, — eu ofereci, virando e andando em direção ao corredor. Eu andei rapidamente para que eu pudesse me afastar de todas elas. Quando fiz a curva à esquerda, apontei para a porta. — Aí

está.

— Apresse-se, Calli, — Avena bufou. Ela tinha marcas de nascença, como pequenos pontinhos no rosto. Havia uma sobre seu lábio e sob o lábio, e outra bem debaixo do olho direito.

— Avena, olha, eles têm estrelinhas, — ofegou Calliope, apontando para a janela.

— Seus pais são tão legais, Ethan. — Sua outra irmã, Bellarose, que tinha o cabelo cortado curto logo abaixo do queixo, ofegou antes de correr para a janela. — Avena, olha, eles estão distribuindo as sacolas. Por que nós temos que ir?

— Papai disse que ele tinha que ir a algum lugar hoje à noite, — a mais velha explicou antes de bater na cabeça de Calliope. — Apresse-se e vá.

— Eu estou indo! — ela gritou e recuou. Ela olhou para suas irmãs enquanto elas praticamente pressionavam seus rostos contra as janelas antes de me encarar com olhos arregalados, acenando para eu segui-la para o banheiro.

Eu segui.

Ela fechou a porta e trancou-a rapidamente, voltando-se para mim, mas novamente seus olhos se lançaram ao redor.

— Uau, este é o seu banheiro?

— Sim, e eu não acho que deveria estar aqui com você...

— Porém, este é o único lugar onde podemos conversar. Você me chamou, — ela interrompeu antes de colocar a orelha na porta. — Não se preocupe com Avena e Rosie, elas me esquecem rápido, eu vou apenas dizer a elas que você foi embora enquanto elas estavam assistindo.

— Você não precisa usar o banheiro? Você disse à sua mãe que você ainda... espere, é por isso que você estava longe de seus pais antes?

Ela ficou quieta por um rápido segundo, olhando para mim antes de sacudir a cabeça. — Não. Sim. Mas eu menti.

— O quê?

— Não, eu não precisava usar o banheiro. Sim, eu disse à minha mãe que precisava ir, mas eu menti. Eu realmente só queria ver sua casa.

*Ah, ela estava respondendo minhas perguntas de antes.*

— Foi por isso que você me chamou? — Ela franziu a testa e depois cruzou os braços. — Eu pensei que você queria pedir desculpas por me chamar de rata.

Ela ouviu isso?

— Por que eu pediria desculpas? Você estava agindo como um rato, se escondendo atrás de seus pais.

— Eu não estava me escondendo.

— O que você estava fazendo?

Ela abriu a boca para falar antes de fechá-la com força, olhando feio para mim. — Eu não tenho que responder a você.

— Se você não quisesse responder, você não deveria me dizer para entrar no banheiro com você. — Antes que ela pudesse falar de novo, eu perguntei:

— O que minha mãe disse para você? E não minta; eu sei que realmente não era sobre paintball. Por que ela estava conversando com você por tanto tempo?

— Eu só responderei se você me disser por que você quer saber.

— O quê? — Eu fiz uma careta. — Eu quero saber porque eu quero saber.

— Essa é a única razão? — ela questionou, aproximando-se de mim e me olhando de cima embaixo, seu rosto fez uma careta como se ela tivesse comido algo estranho.

Eu deixei meus olhos bem abertos e a encarei. — Sim. Essa é a única razão.

Ela riu e se afastou. — Você realmente deve amar sua mãe.

— O quê? — E eu estava meio louco que continuava dizendo isso. Isso me fazia parecer idiota. — Por que você diria isso?

— Bem, você ficou ao lado da sua mãe antes do seu pai. Você só foi ao seu pai quando ela acariciou sua cabeça... isso é um sinal, certo? Ela acaricia sua cabeça e isso significa que você pode escapar dos adultos ou com quem quer que esteja conversando, certo? — Ela era muito curiosa e eu não sabia o que dizer…

*como ela sabia disso?* Minha mãe e eu inventamos este sinal para as festas. — Agora você veio descobrir sobre o que eu e sua mãe estávamos conversando. É por isso que eu acho que você realmente ama sua mãe, porque você não gostou que ela estivesse conversando comigo.

— Eu nunca disse isso...

— Você não parecia feliz quando ela estava conversando comigo. — Indo para um pequeno sofá no canto, ela tirou os sapatos e sentou-se de pernas cruzadas.

— Às vezes as pessoas pensam que eu não pareço feliz, é apenas o meu rosto, — eu respondi.

— Isso é uma mentira. — Ela franziu a testa. — Eu minto muito, então eu posso dizer.

— Você se chamou de mentirosa? Você sabe que isso é uma coisa ruim, certo?

Ela balançou a cabeça. — Não, os adultos mentem o tempo todo. Mentir é apenas contar uma história. Se a história é ruim, ninguém acredita nela. Se ela é boa, então as pessoas acreditam. Eu acho que seus pais são bons mentirosos também.

*Ela estava certa.*

— Você está fingindo ser uma rata? — Eu perguntei a ela. Ela se inclinou e pegou o sapato para atirar em mim. — Não faça isso!

— Pare de me chamar de rata!

— Eu não te chamei dessa vez! — Eu retruquei, e ela parou.

— Ah... bem, pare de usar a palavra rata, — ela murmurou, deixando cair o sapato de volta no chão.

— Eu não tenho que ouvir você, — eu disse a ela. — Então é isso que você estava fazendo? Você estava fingindo ser quieta, então você poderia observar todos os outros?

— Talvez... mas não é isso o que você estava fazendo?

*Ela estava certa... de novo.* Isso foi estranho. Eu nunca conheci garotas que estavam certas duas vezes. Ela era esperta.

— Eu sou, na maior parte das vezes, quieto, — disse a ela.

— Hmmm... eu pensei que todo mundo aqui seria mais divertido para conversar. — Ela suspirou e estendeu a mão, pegando uma das revistas para folhear. — É fácil ser quieta. Ninguém te pergunta nada e eles esquecem que você está lá. E assim que eles esquecem, você pode ouvir o que as pessoas realmente pensam.

— E deste jeito você pode ouvir a verdade, — eu disse, me movendo e me sentando ao lado dela no sofá. — As pessoas não podem esquecer que eu estou lá, embora...

— Porque você deveria assumir o negócio da sua família. — Ela olhou para mim com olhos questionadores.

Eu olhei de volta e ela apenas esperou. — Você não fala como uma criança.

— Nem você. — Ela encolheu os ombros e olhou de volta para as figuras.

— Você não vai perguntar por que eu não falo como uma criança?

— Eu já sei. É porque você não é para ser uma criança, é para você seguir seus pais, — ela disse, virando a página e não olhando para mim.

— Você sabe que ainda não me contou o que você e minha mãe estavam falando, certo? — eu a lembrei.

— Eu sei disso também. — Ela virou a página. Agora eu sabia por que Wyatt ficava com raiva de mim... Eu fazia isso com ele o tempo todo, não é?

— Calli, o que você está fazendo? Apresse-se! — uma de suas irmãs disse do outro lado da porta. Ela mostrou a língua para a porta antes de sair do sofá.

— Espere! — ela gritou, colocando os sapatos de volta.

Ela foi até o banheiro e afastou o cabelo atrás das orelhas. Logo atrás delas ela tinha duas pequenas pintas pretas... mais marcas de nascença? Ela pegou o papel e desenrolou o máximo que pôde, empurrou-o no vaso sanitário.

— O que você está fazendo?

— Inundando-o.

Isso fazia sentido... não! — Por que você está inundando o banheiro da

minha casa?

— Para que minhas irmãs não entrem e você precisar se esconder. Nós vamos escapar para não termos problemas. — Ela estava jogando mais e mais papel higiênico dentro do vaso sanitário. Ela até pegou algumas toalhas de papel e as jogou dentro. — Obrigada por me deixar com todo o trabalho.

— Por que eu deveria ajudá-la a bagunçar minha casa?

Ela estendeu uma toalha de papel para mim. — Você e eu estamos no banheiro juntos. Minhas irmãs vão dizer ao meu pai e meu pai vai ficar muito bravo, e então vai fazer uma grande confusão, e sua mãe me disse que ela não queria que nada atrapalhasse sua preciosa *princesa Dona* e seu *príncipe Wyatt.*

Eu quis rir quando ela disse o nome de Dona e Wyatt. Mas eu saí do sofá, pegando a toalha de papel e colocando-a lá dentro com a dela. Quando tudo estava terminado, puxei para baixo a descarga e observei quando o vaso sanitário tentou levar todo aquele papel para baixo, mas ficou entupido.

— Finalmente, Calli, vamos! Você fez cocô? — Sua irmã gritou da porta. Eu olhei para ela, esperando que ela ficasse envergonhada, mas ela apenas se concentrava no vaso sanitário.

— Ok, faça de novo. — Ela estendeu a mão e segurou minha mão, dando descarga mais uma vez. Isso fez a água subir até a borda.

— Afaste-se, — eu disse, puxando-a para trás de mim antes de eu puxar a descarga mais uma vez.

Nós dois pulamos para trás quando a água começou a transbordar.

— Calli?

— Estou indo! — Ela gritou para elas e olhou para mim apontando para trás da porta. — Vá se esconder.

É a minha casa. Eu não tenho que me esconder... é o que queria dizer a ela, mas novamente ela estava certa, para o plano funcionar eles não podiam me ver. Então, eu fui e ela também. Ela ficou bem na minha frente, minhas costas para a parede, e bateu no rosto algumas vezes. Ela olhou para mim, seus olhos quase saindo de sua cabeça e seu cenho franzido no rosto, antes de perguntar:

— Eu pareço assustada?

A encenação que ela ia fazer quando abrisse a porta.

— Não... morda mais seus lábios e pendure a cabeça. — Ela obedeceu e eu assenti. — Ok, agora abra.

Ela pegou a maçaneta, mas antes de destrancá-la, ela me encarou mais uma vez e disse:

— Eu disse à sua mãe que ia me casar com você, mas ela me chamou de fraca, e ela disse isso de verdade, então eu vou ficar mais forte. Da próxima vez que nos encontrarmos, você vai me chamar de elefante.

Eu coloquei minha mão sobre a minha boca, tentando não rir. *Casar? Elefante? O quê?*

Eu não podia perguntar porque ela já tinha a porta aberta. Ela a abriu apenas o suficiente para mostrar o banheiro e apenas estreito o suficiente para me esconder.

— Calli, o que você fez?

— Eu não queria! — ela fungou e eu revirei os olhos. Eu não disse a ela que ela precisava adicionar lágrimas.

— Precisamos contar a alguém... -— sua irmã mais velha Avena… eu acho… disse.

— Por favor, Avena, não faça isso!

*Sim.* Era sua irmã mais velha. A voz dela era mais profunda.

— Calli...

— Gente, não é grande coisa, — respondeu sua irmã do meio, Bellarose. — Eles são ricos. Alguém virá e consertará isto. Vamos apenas ir.

— Rosie...

— Ela está certa, Avena. Este lugar é enorme. Eles têm outros banheiros e eles têm empregadas domésticas. Vamos apenas embora! — Ela saiu rápido do banheiro e fechou a porta atrás dela. Eu virei minha orelha para a porta esperando ouvir e só levou um segundo antes de ouvi-la gritar:

— Eu não posso acreditar que já estamos indo embora!

Eu abri a porta um pouquinho.

— Calli, pare de gritar!

— Desculpe, — ela resmungou. Eu saí do banheiro e a encontrei de pé na virada do corredor, suas irmãs já mais à frente no final do corredor. Ela piscou e me deu um pequeno sorriso, seu jeito de dizer adeus, eu acho, antes de correr pelo corredor.

Eu andei até a janela para olhar o quintal. Foi fácil encontrar meus pais. Eu só tinha que encontrar um deles, e o outro estava por perto.

*Sim.* Eu pensei quando vi meu pai colocar os braços em volta da cintura da minha mãe. Ela fingiu se afastar, mas ele a segurou com mais força e como sempre, ela o deixou abraçá-la.

— Calliope Affini, — eu sussurrei para mim mesmo. Mas em minha mente eu disse o nome dela como *Calliope Callahan,* só para ver como soava.

Não soava estranho.

# Capítulo Dois

“Eu encontrarei o meu caminho para você na próxima vida

E cada vida depois desta.”

*Mia Hollow*

## ETHAN

**23 ANOS**

**Bogotá, Colômbia**

***Sábado, 23 de junho***

— O Nacional queimou três dos nossos campos na noite passada e apreendeu duas toneladas, — Tobias murmurou, colocando os jornais na minha frente.

— E o presidente Rojas ainda não tirou uma foto da vitória? Estou chocado. — dei um gole no meu café.

— Tenho certeza que haverá uma conferência de imprensa e apertos de mãos nesta manhã e as fotos no jornal antes do almoço terminar. — Ele olhou ao redor do restaurante, afastando-se da minha mesa para inspecionar a rua do lado de fora. — Você tem uma propriedade de sete acres, equipada com dois cozinheiros diferentes que cozinhariam de bom grado para você, qualquer tipo de ovo que você quiser, mas você insiste nesse buraco de parede qualquer.

— Eu prefiro não me iludir pensando que estou seguro. — Eu não comprei a maldita propriedade para me esconder dentro dela. Um homem que lidera de trás de uma fortaleza não vive muito e não tem o respeito de ninguém. Eu precisava que eles me vissem. Mesmo que fossem apenas rumores...

— Desculpe, *mami*, proibido, não *vayas*, volte lá para baixo, *abajo*. — Os guardas no topo da escada apontam para baixo, para quem quer que estivesse lá.

Assim que me movi para pegar o jornal, ouvi a voz dela.

— Primeiro de tudo, eu não sou sua *mami*. Em segundo lugar, sua pronúncia é terrível. *Não vayas. Abajo*. — Ela pronunciou lentamente para ele como se ele fosse um idiota, fazendo mais alguns dos outros guardas sorrirem.

— Tanto faz. Leve sua bunda de volta para baixo. Este lugar está reservado por enquanto. — Ele zombou dela e eu notei que os olhos dele brilharam um pouco, apesar de seu esforço para estar aborrecido.

Ela suspirou pesadamente. — Tenho certeza que você não é o cérebro da operação aqui em cima, não é *careverga?*

Ele avançou. — Do que você acabou de me chamar...

— Há um problema aqui? — explodiu Tobias, e os guardas anteriormente desatentos se enrijeceram e sacaram suas armas quando a mulher misteriosa se aproximou.

Observando a cena ao redor dela, ela puxou o crachá preso à sua blusa amarela com decote V, exibindo sua identificação. — Eu sou a cozinheira, a menos que todos vocês vieram aqui para não comer. Nesse caso, vou me certificar de que María Paula cobre de vocês por minuto.

Tobias olhou para mim e eu acenei a cabeça com o meu consentimento. Ele saiu do caminho, permitindo-me vê-la claramente, e não era preciso ser um gênio para ver por que todos eles olhavam para ela como se fossem animais. Os olhos deles percorriam as curvas de seu corpo, e ela não desencorajava isso com o short jeans rasgado que ela usava que expunha suas pernas tonificadas e abraçavam a curva de sua bunda. Seu top também mostrava sua barriga lisa. Seu cabelo castanho escuro estava amarrado em um coque bagunçado.

— Chefão, você pode se apressar e chegar ao meu rosto para que eu possa pegar o seu pedido? — ela solicitou, caneta e bloco de notas na mão. Além disso, eu olhei para o rosto dela para encontrar olhos cinzas me encarando de volta com irritação, apesar do fato de que ela tinha o mais falso sorriso direcionado para mim.

— Onde está María Paula?

— Desculpe, senhor. Isso não está no menu. Gostaria que eu recomendasse alguma coisa, ou o senhor precisa de mais tempo? — ela perguntou educadamente, embora nada em seu comportamento parecesse transmitir a

mesma mensagem.

— Eu não gosto de repetir minhas perguntas.

— Quem gosta? — ela perguntou inexpressivamente. — Garanto a você, uma garçonete que passou a noite inteira limpando esse maldito lugar acreditando que ela teria o fim de semana livre, só para ser chamada de volta ao nascer do sol para fazer o café da manhã para um chefão, um do cartel, um mafioso, um rico, egoísta americano, ou seja lá quem você for, também não gosta de repetir suas perguntas. Ela também não gosta de ser perguntada sobre questões não relacionadas a fazer o café da manhã, porque isso poderia acabar com sua vida, e, ah sim, ela não gosta dos homens-porcos atrás dela olhando para sua bunda. Mas o que ela pode fazer, exceto alegremente pegar o seu pedido?

Mais uma vez, ela ofereceu seu sorriso falso.

— Ela poderia usar short mais longo e mais solto, se ela não gosta da atenção, — eu respondi, completamente divertido com quão irritada ela estava.

— Ela poderia. — Ela acenou para mim como se eu estivesse sendo um idiota. — No entanto, ela não quer abandonar seu amor de usar tudo o que diabos ela quer usar por causa de porcos. Além disso, são as bolas deles que estão com dor, não as minhas. Então, terceira vez, seu pedido, por favor?

— Neste momento eu não acho que confio em você para ferver água para mim, — eu disse e ela inalou lentamente, obviamente, tentando se acalmar. Quando ela exalou, ela puxou a cadeira em frente a mim e sentou-se. — Com licença?

— A loja não abre pelas próximas duas horas, então eu vou descansar aqui até você conseguir a confiança em seu pedido ou você ir embora, — ela desafiou. — Ah, certo, você deve ter negócios importantes sobre o que conversar com seus capangas. Não se preocupe comigo, não vou ouvir nada. Chute meu pé se você precisar de mim.

Ela procurou dentro de seu avental em volta de sua cintura, tirando seu smartphone. Ela colocou os fones de ouvido, e o que diabos ela estava ouvindo era tão alto que os fones de ouvido eram quase inúteis.

Ela sentou-se lá me ignorando completamente e sorrindo, um sorriso verdadeiro seja lá para o que diabos ela estava assistindo. Eu olhei para os

homens e quando olhei, todos eles olharam para longe.

*Bem, isso era novo.*

Levantando o jornal, eu li silenciosamente.

Não tenho certeza de quanto tempo passou.

Mas antes que eu percebesse, eu havia terminado o jornal e Tobias estava ao meu lado. — Chefe, está na hora.

Levantei-me da cadeira e percebi que ela estava dormindo, usando o braço como travesseiro.

Colocando algumas notas na mesa, levantei meu queixo, silenciosamente ordenando que eles saíssem.

### *Domingo, 24 de junho*

Ela subiu marchando a escada, desta vez vestida com uma saia de renda branca e blusa sem alças floral. Meus homens deram-lhe um amplo espaço quando ela chegou à minha mesa. — É o dia do descanso! O dia do Senhor! Nós estamos fechados.

— Você realmente não teme por sua vida, não é?

— Todos nós morremos um dia, não é? — ela desviou, mexendo dentro de sua bolsa e tirando o dinheiro que deixei na mesa para ela. — E isto? Não faça isso! É assim que homens como você confundem as mulheres.

— Desculpe?

Suspirando, ela se sentou na minha frente. — Homem rico, poderoso e perigoso entra em um pequeno restaurante. Garçonete bonita...

— É você? — eu questionei.

— Você vê alguma outra garçonete? — Ela apertou os lábios, acenando com as mãos, gesticulando em torno do restaurante. — Não, você não vê. Por quê? Porque a maioria delas se envolveu com homens como você.

— Homens como eu? Homens ricos, poderosos e perigosos?

Ela assentiu e continuou. — Você vai a restaurantes exibindo seu dinheiro e carros caros. Você dá em cima da garçonete mais sexy. Vocês todos realmente amam uma mulher que tem que atender vocês. Eu acho que pode ser toda a coisa de servir “cada um do seu maldito desejo' que deixa o seu homem para cima. Você vem sempre, deixa gorjetas grandes, diz coisas legais, a bela garçonete acha que ela encontrou seu cavaleiro de armadura brilhante, a próxima coisa que você sabe é que ela está ou, drogada e prostituída, ou simplesmente jogada fora... morta, às vezes apenas deitada na esquina da rua.

Interessante. — Você também se acha demais...

— *Total-absoluta-mente*, — ela cantou com orgulho. — Se eu não me achar demais, por que diabos alguém mais acharia? Você não se acha demais?

Minha sobrancelha subiu a essa pergunta. — Nós parecemos estarmos no mesmo nível?

Ela olhou ao redor da lanchonete e depois para fora da janela e disse:

— Nós estamos no mesmo nível, no mesmo prédio, na mesma mesa, ao mesmo tempo. O que faz você pensar que eu não estou no seu nível? Eu sou bonita...

— Você se chamou de bonita três vezes agora...

— Provérbios 8: 7. *Porque a minha boca falará a verdade; e a maldade é uma abominação aos meus lábios*, — ela disparou de volta rapidamente. — Eu sou bonita. Eu sou inteligente, trabalhadora e apaixonada em tudo que faço. Você é? O que me faz diferente de você? Dinheiro? Como você sabe que eu já não tenho tudo o que eu preciso? É o seu esquadrão estúpido? Eu posso dizer com quase toda certeza que eu atiro muito melhor do que eles… e eu faço isso de salto.

Ela colocou o dinheiro de volta na mesa, deslizando-o para mim.

— Eu não preciso de um cavaleiro de armadura brilhante. Não quero um cavaleiro de armadura brilhante. Eu me salvo. Sempre tenho me salvado, sempre me salvarei.

— Perfeitamente aceitável, — respondi, levantando o dinheiro da mesa. — Eu nunca teria sequer deixado o dinheiro se você não tivesse dito, e eu abro aspas: “Vou me certificar de que María Paula cobre de vocês por minuto”. Eu

estava pagando pela sua exigência, não porque eu tenho algum interesse em você, existem milhares iguais a você por essas bandas. Estou pronto para fazer meu pedido agora, — eu falei com sarcasmo, entregando a ela o menu.

Ela olhou feio para mim, levantando do seu lugar. — Brilhante. Faça o pedido para mim amanhã. Quando. Nós. Estivermos. Abertos. Se você estiver com muita fome... já que existem milhares iguais a mim por essas bandas, tenho certeza que alguém mais amaria sua companhia. Quem, eu não tenho certeza, mas todo mundo tem alguém. Que a paz esteja com você.

Ela fez sinal da cruz sobre mim antes de virar os calcanhares e marchar de volta pela escada.

Eu olhei para Tobias, que estava contendo um sorriso. — Alguma coisa é engraçada?

— De jeito nenhum.

— Acho que não.

Por que diabos ela me incomoda e me diverte tanto?

### *Segunda-feira, 25 de junho*

Quando cheguei ao restaurante, todo o lugar cheirava a doce. Subindo a escada, eu a vi atrás do balcão, uma bandana sobre o cabelo e luvas limpas nas mãos rolando massa. Ela não olhou para nós quando chegamos, e não parecia ser por rancor, mas porque ela estava concentrada. Saindo da massa, ela espanou as mãos no avental, pegou as luvas de cozinha para suas mãos e tirou a carne do forno. Colocando a carne para o lado, ela puxou dois cutelos, girando-os em suas mãos. Em um movimento rápido, ela separou a carne do osso. Um sorriso verdadeiro apareceu em seus lábios enquanto ela cortava a carne em pedaços pequenos.

Sentando no meu lugar na cadeira de canto, eu fingi não notar ou me importar, completamente inalterado, mas eu estava aborrecido que outra coisa tinha ocupado sua atenção e ainda assim, estranhamente divertido que ela tinha tanta diversão cortando carne. Foi então que a voz dela voltou à mente.

*“Eu sou apaixonada em tudo que eu faço. Você é?”*

Fácil para ela dizer. Ela não tinha vida complicada. Ela acordava todos os dias, cozinhava e limpava, e voltava feliz para casa.

Tobias e eu conversamos em voz baixa, e eu estava prestes a começar a escrever novos planos quando um prato de empanadas e uma tigela de algo que eu não reconhecia foi colocado na minha frente. Eu olhei para ela e ela deu de ombros, dizendo:

— Você não pediu isso, então é por conta da casa. Nós não queremos roubar os seus milhões. São empanadas e uma tigela de arroz atollado[1].

Eu olhei para a tigela de novo, sem ter realmente certeza do que ela estava entregando.

— Sério? — ela questionou. Tirando a colher da bandeja, ela pegou uma colher cheia do arroz atollado e comeu. — Não está envenenado.

— Eu não achei que estava. — No entanto, por ela pensar assim, me fez querer saber. — Exatamente quantos homens como eu você conhece?

— Esta é uma questão muito pessoal. Nós somos chegados o suficiente para ter essa conversa? — Ela retrucou, e eu não tinha certeza de qual cara eu fiz, mas ela riu, tomando o assento em frente a mim novamente. — Homens como você? Eu não acho que há muitos homens como você. Se você está falando sobre o que acho que você está falando eu diria... eu tive alguns encontros infelizes. É uma das desvantagens de ser tão absolutamente maravilhosa.

Isso não me dizia nada, e eu tenho certeza que era esse o ponto. — E mesmo assim, você ainda anda pela cidade e vai por todo lado sozinha, Cordelia. Você parece gostar de flertar com o perigo.

Seus lábios se ergueram, — Você tem andado me espionando? Não, duvido que tenha sido você pessoalmente; está abaixo de um homem como você. Bem, o que o seu espião descobriu?

Com os cotovelos sobre a mesa, ela descansou a cabeça nas palmas das mãos.

— A maioria das pessoas ficaria aborrecida se descobrisse que estavam sendo espionadas, — eu disse, pegando a colher da mão dela e provando uma

colherada da comida, em parte esperando que estivesse horrível, para que eu pudesse tirar sarro dela... não estava. O fato de que eu queria era irritante... significava que eu era infantil.

— Bom, não é? O que posso dizer, eu sou mágica. — Ela piscou para mim, e se um prêmio pudesse ser dado por vaidade, ela ganharia disparado.

— Cordelia Muñoz. Você mora em um apartamento de um quarto decadente na zona norte da cidade, passa a maior parte do seu tempo fazendo voluntariado na escola primária Saint Catherine of Siena, no lado leste. Você vai à missa duas vezes por semana, às quartas e aos domingos, e fica depois para ajudar a fazer sanduíches para os desabrigados, assim como a limpeza. Quando você não está sendo uma santa, você gosta de ir ao cinema ou tirar fotos na praça da cidade.

— Isso soa chato para você? — Ela sorriu como se soubesse algo que eu não sabia.

— Exponencialmente sim, — respondi, quebrando a empanada ao meio e dando uma mordida. Estava ainda mais cheirosa que a tigela de arroz.

— Mas? — Ela pegou a outra metade da minha mão e comeu. Eu olhei para ela com ceticismo. Ela apenas assentiu. — Você soou como se quisesse dizer isso, mas ficou impressionado com a fatia do céu que eu coloquei entre seus lábios e esqueceu. Então estou levando a conversa adiante. A vida de Cordelia Muñoz é exponencialmente chata para você, *mas*...

Lá estava... aquela pontada de aborrecimento e diversão novamente. Eu empurrei isso para o lado. — Eu me pergunto por que alguém que vive como um anjo gosta de se sentar com um homem que é o oposto disso.

— Primeiro de tudo, eu disse que estava gostando disso? Não coloque palavras na minha boca. Em segundo lugar, — ela se inclinou e sussurrou, — talvez eu seja um anjo caído tentando encontrar o meu caminho para a luz e você continua me distraindo.

Ela riu de sua própria piadinha e deu outra mordida, lambendo os lábios.

— Eu também descobri que alguns membros do cartel têm tentado reivindicá-la...

— Estuprar-me, — ela esclareceu, lambendo o polegar. — Nós somos

garotos e garotas grandes. Não vamos adoçar nossas palavras.

— Eu não estava tentando fazer isso. — Eu só não sabia que era tão grave. — Meus *espiões* aparentemente não compartilharam essa diferença.

— Você tem espiões de merda; eles não sabem que o diabo está nos detalhes? — ela perguntou, pegando minha colher novamente.

— Isso é para mim ou para você? — eu questionei.

Ela deu uma risadinha e parecia uma criança pega com a mão em um pote de biscoitos. — Eu só estou tendo certeza que você não tenha nenhuma dúvida em sua mente que esta comida é segura para comer.

— Obrigado, por sua preocupação, — eu respondi, puxando a colher de volta. — Mas acho que posso administrar.

— Ótimo. Aproveite. — Ela franziu a testa e recostou-se. — De qualquer forma, eu não estou dizendo que você possa ou deva, mas não há razão para você se envolver com esses animais.

— É mesmo possível para mim fazer isso então? Se eu quisesse? Por alguma estranha razão, todos os homens parecem estar desaparecidos ou acabaram no hospital com alguma condição trágica, — eu terminei, dando outra mordida.

— Até os anjos caídos têm anjos da guarda, — disse ela em um tom de voz baixo e profundo que soou sinistro e sexy. Ela cruzou os braços e o olhar em seus olhos ficou mais sombrio. — Parece que a vida de Cordelia Muñoz está ficando mais interessante para você agora. Ela é uma serial killer? Anjo de dia, alimentando os sem-teto e ajudando os necessitados. E depois um demônio de noite, assassinando gângsteres e bandidos. Ela os atrai com suas roupas apertadas, depois os alimenta, quem sabe, talvez até durma com eles e WHAM! Eles não sabem o que os atingiu. Tome cuidado chefão, você pode ser a próxima vítima dela.

O canto do lábio dela se contraiu para cima quando ela olhou para mim. E eu não pude evitar; eu ri, balançando a cabeça para ela.

— O que, você não acha que eu sou capaz disso? — ela disse, divertindo-se consigo mesma.

— Não, eu acho. Por alguma estranha razão, eu acredito que você é muito

capaz disso. — eu peguei o copo de água. — Eu só não acho que você seria estúpida o suficiente para deixar todos eles rastrearem você. O que me faz pensar também que Cordelia Muñoz pode ser falsa.

— Falsa? Isso é ofensivo. Alguma vez você já pensou que talvez ninguém tenha colocado todos os elos juntos, como você, então talvez você seja mais esperto do que o homem comum e eu não me dei conta disso? Opa!

— Possível. Mas ainda não acredito que essas são você. Talvez uma delas. Duas no máximo. Mas não todas elas.

— Sou eu quem está flertando com o perigo, ou você? — ela perguntou, descansando a bochecha na palma da mão novamente.

— Nós dois estamos. No entanto, — e essa parte ela precisava entender, — você é a única com o maior risco.

— Você realmente quer lutar comigo, não é?

— Eu quero fazer um monte de coisas com você, — eu admiti.

Mais uma vez, ela se inclinou mais perto, lambendo os lábios rosados antes de dizer:

— Você não é o único. Então, por que eu deveria fazer de você uma prioridade?

— Porque você já fez. Ou você acorda duas horas antes de abrir todos os dias para qualquer um? — eu perguntei, afastando uma mecha de cabelo do rosto dela.

Ela abaixou a cabeça e riu suavemente para si mesma. — Você está certo. Eu estou atraída por você... perigo e tudo. Mas sou uma pessoa muito ciumenta, calculista, possessiva e rancorosa.

— E daí?

— E daí que eu preciso de um dia. — Ela sentou de volta na cadeira. — Onde sua atenção esteja em mim e só em mim. Para que eu possa saciar meu desejo de te foder, e não me sentir como a pobre garota que você abandonou depois.

— Apenas um dia? — eu esclareci.

— Um dia inteiro. — Ela esfregou o pé contra a minha coxa, os dedos do

pé roçando meu pau. — Nada mais, nada menos.

— Então, minha propriedade é...

— Não. — Ela me interrompeu. — Você quer me foder de alto a baixo em sua propriedade particular e me escoltar para fora depois? Não, obrigada. Encontre um hotel que esteja à altura dos seus padrões e reserve o dia. Dessa forma, quem acordar primeiro pode ir embora. A menos que você esteja com medo que você não vá estar seguro e eu estou levando você para uma armadilha.

Levantando-se da cadeira, seus olhos cinzas corajosamente percorreram meu corpo. Eu queria saber o que a fazia pensar e agir assim.

— Um carro vai buscá-la à meia-noite amanhã. Espero que o bom Deus me perdoe por roubá-la da missa de quarta-feira.

— É por isso que ele é o bom Deus. Ele perdoa tudo, — ela replicou, levantando-se e se aproximando, seus lábios diretamente sobre os meus e nenhum de nós desviando o olhar. Ela sorriu e em vez de beijar meus lábios, ela mordeu minha orelha e sussurrou:

— Certifique-se de conseguir um quarto com uma boa vista... eu sempre quis ser fodida contra o vidro.

Afastando-se, ela me deu uma piscadela antes de caminhar de volta para a cozinha, deixando-me ali duro como uma pedra.

### *Quarta-feira, 27 de junho*

Ela entrou na suíte com um vestido branco tomara que caia, que abraçava cada centímetro e cada curva de seu corpo. Seu cabelo estava em ondas suaves e eu notei que a única joia que ela tinha era um pequeno crucifixo descansando sobre seus seios. Ela não se incomodou em usar muita maquiagem, e eu podia ver claramente as pequenas marcas de nascença espalhadas pelo seu peito. Como alguém poderia parecer tão divina e pecadora ao mesmo tempo era uma maravilha do mundo.

— Olá, chefe, — ela sussurrou, aparentemente deixando cair o “chefão” agora. Parece que estamos chegando perto. Mas eu precisava estar mais perto.

Estendendo a mão e segurando o lado do rosto dela, acariciei meu polegar sobre seus lábios e ela fechou seus lindos olhos. — Diga-me agora o que você não vai fazer... porque quando eu começar, não sei se serei capaz de parar.

Ela beijou meu polegar, erguendo o olhar para o meu, seus olhos cheios de luxúria. — Foda-me como se eu fosse sua própria puta pessoal... mas não se atreva a me tratar como uma quando terminarmos. Se você deixar dinheiro, eu vou te encontrar e te machucar. Fui clara?

— Cristalina.

— Brilhante. Você pode começar. — Ela deu um passo para trás, saindo de seus saltos e jogando sua bolsa para o lado. Lentamente, ela puxou para baixo o zíper de seu vestido, o tecido balançando e deslizando por suas curvas enquanto caía e se juntava aos seus pés. Ela estava nua diante de mim e era deslumbrante. A pele toda lisa e curvas generosas, seus seios cheios dotados com mamilos rosa ficando duros pelo meu toque.

— Ah... — ela gemeu quando meus polegares roçaram sobre eles. Se um simples toque podia afetá-la assim, eu precisava ver o que mais eu podia fazer. — Oh. — Ela mordeu o lábio quando eu belisquei a pele sensível. Eu puxei um mamilo retesado, observando seu peito saltar quando eu soltei.

Beijando o lado do rosto dela, eu fiz meu caminho pelo seu pescoço e estendi a mão para alcançar entre suas coxas, encontrando-a escorregadia e quente para mim. Eu abri os lábios da sua boceta e deslizei meu dedo médio dentro dela. Sua boca se abriu, todo o seu corpo ficando flácido em meus braços. — Você vai ter que ficar forte porque há muito pelo o que eu preciso punir você.

— Punir? — ela ofegou, apertando suas coxas em volta da minha mão, esmagada no meu dedo.

— Todas aquelas vezes que você levantou sua voz para mim. Que você discutiu comigo... mesmo na frente dos meus homens. Beijei seus lábios cheios, afastando-me quando ela começou a amolecer. Ela olhou feio para mim. — Guarde esse olhar também... eu nem sequer comecei a torturar você ainda.

Puxando meu dedo do calor dela, eu o segurei em sua boca. — Prove a si mesma.

Ela separou seus lábios, deslizando meu dedo em sua boca e chupando,

lambendo para cima e para baixo, até eu afastar, minha respiração acelerando. Ela notou e sorriu diabolicamente.

— Se eu vou ser torturada, você vai ser torturado comigo... — Eu não aguentava mais. Colocando minhas mãos em cada lado de seu pescoço, eu inclinei deu queixo e esmaguei meus lábios nos dela, minha língua comandando quando entrou em sua boca.

Ela era boa demais para ser verdade, mas eu não podia questionar... Eu não queria questionar. Eu só precisava estar com ela.

# CALLIOPE

**21 ANOS**

**Bogotá, Colômbia**

***Quinta-feira, 28 de junho***

— *Trágicas noticias esta mañana cuando las personas despiertan a la noticia de la muerte del presidente Rojas...* — (Notícias trágicas esta manhã enquanto as pessoas acordam para a notícia da morte do Presidente Rojas). Batendo a mão no alarme, tentei voltar a dormir. Meu corpo todo doía e eu não tinha forças para me levantar da cama. No entanto, assim que as palavras no rádio se repetiram em minha mente, eu saltei para cima, plantando meus pés no chão. Eu já sabia pelo peso da cama, mas eu dei uma olhada por cima do meu ombro mesmo assim, para os lençóis amarrotados atrás de mim... ele tinha ido embora.

Eu me levantei da cama, me espreguiçando, quando a porta se abriu e a jovem criada olhou para mim com os olhos arregalados, seus olhos viajaram pelo meu corpo nu, seu rosto ficando vermelho, mas ela desviou rapidamente do meu corpo, dizendo:

— *Lo siento señorita…*

— Tudo bem. Você pode limpar enquanto eu tomo um banho, — eu respondi em espanhol. Pegando meu telefone, eu entrei no banheiro, rolando a

tela sem pensar antes em olhar para o meu reflexo. — Maria mãe de... ele é um maldito vampiro?

Do meu pescoço até as minhas coxas eu estava coberta de mordidas e marcas de amor vermelho escuro. Virando-me, eu fiz o meu melhor para não rir da minha bunda... por que ele me marcou tanto se ele não ia ficar? *Por outro lado, por que ele ficaria?*

Tomei um banho rápido, enxaguando meu cabelo antes de sair enrolada em uma toalha fofa. Quando voltei para o quarto, a empregada tinha ido, mas minhas roupas foram da sala para a cama. Colocado ao lado do meu vestido havia um pequeno cartão onde se lia em espanhol: *Mulheres, se vocês precisarem de ajuda, liguem e nós viremos... ele não é o seu dono.*

Eu lutei contra uma risada enquanto me vestia, esperando que meu casaco cobrisse as marcas no meu peito. Antes de sair do quarto, eu dei uma olhada para trás, sorrindo para mim mesma. Isso foi divertido.

No banheiro, a empregada olhou para cima enquanto eu saía do quarto. Eu levantei o cartão perguntando se ela o tinha deixado, sabendo que ela poderia ser a única. Ela assentiu freneticamente, acenando as mãos para eu sair da suíte o mais rápido que eu pudesse. Parte de mim queria dizer a ela que eu não era uma vítima. Eu tinha acabado de ser fodida tão bem e tão forte que parecia prazer demais em apenas uma pessoa. Mas eu não queria abafar sua missão, então apenas sorri e acenei para ela antes de ir embora.

# Capítulo Três

“Embora eu ande pelo vale da morte, não temerei mal algum, pois sou o filho da puta mais maligno no vale.”

*Alex Garland*

## ETHAN

**23 ANOS**

**Bogotá, Colômbia**

***Sexta-feira, 29 de junho***

Sentei-me à mesa de jantar, observando a tela quando eles a agarraram na esquina em plena luz do dia. Quando ela saiu de sua casa, eles agarraram seus braços, levantaram suas pernas e a jogaram dentro da van. Mudando para a transmissão dentro da van, eu olhei por cima do meu ombro para ver Tobias assistindo a transmissão com uma carranca em seus lábios antes que ele desviasse seu olhar para mim.

— Ela fez alguma coisa? — ele me perguntou.

— Ela fez. — Fiz sinal para ele entregar a informação que ele tinha para mim.

— Então você sabia que ela estava tentando brincar com você desde o começo? — continuou ele, colocando fotos, bem como pacotes de cocaína na mesa na minha frente. — Mas você dormiu com ela mesmo assim.

Eu não respondi a ele, em vez disso, folheei as fotos rapidamente e joguei-as para o lado. Pegando minha faca, eu abri cada um dos quatro pacotes na minha frente, derramando um pouco de cada um deles. Lentamente eu os cortei em fileiras antes de levantar minhas lentes, olhando para cada uma cuidadosamente.

— De onde vieram esses dois? — eu perguntei, batendo com os dedos nos

dois pacotes mais brancos na minha frente.

— É do Cartel Rocha, o emblema deles é o gorila de boca aberta, o atual líder deles é Miguel Munha. — Ele me entregou uma foto de um homem baixo, mas musculoso, pele bronzeada e cabelo encaracolado. — Algo está errado?

— *Nem sequer tente isso puta!*

Olhei para o tablet e vi um dos homens bater na lateral do rosto dela com a coronha de seu rifle. Sua cabeça chicoteou para o lado, e ela parou por um momento antes de se sentar novamente, lambendo o sangue de seus lábios.

— O que aconteceu? — perguntou o motorista.

— Ela estava tentando cortar as amarras das mãos, — o outro respondeu, alcançando atrás dela e puxando uma pequena lâmina de barbear. — De onde ela tirou isso, porra?

— Você tenta mais alguma coisa e nós vamos te matar aqui! Você está me ouvindo? — o motorista rugiu.

Ela não respondeu.

— Você tem mais alguma coisa em você? Ou eu deveria procurar em você? — o outro perguntou.

Parada, ela não falou.

— Eles estão trazendo-a para cá? — Tobias questionou, inclinando-se para ver que eles estavam, na verdade, no caminho para o nosso esconderijo.

— Procure nela, — disse o motorista.

Eu olhei de volta para a cocaína e depois para a foto de Rocha antes de jogar a faca para baixo e me levantar da cadeira, levando meu telefone comigo.

— Todo mundo já voltou para Chicago, certo? — Eu me movi em direção à cozinha.

— Sim, o jato deve estar saindo na próxima hora, — Tobias ainda estava olhando para a tela. — Ela está muito calma. Para qual cartel ela trabalha?

— Você notou que você esteve me fazendo mais perguntas do que eu tenho perguntado a você? — Eu observei, digitando um texto antes de me servir um copo de água.

Ele finalmente arrancou os olhos da tela e olhou em minha direção. — Eu notei isso quando eu tinha uns treze anos.

— E quando você vai notar que eu não sou o fodido Google e parar de me questionar? — Eu terminei minha água antes de caminhar de volta para ele. Sua sobrancelha se levantou e eu deixei cair o copo da minha mão, deixando-o estilhaçar no chão ao meu lado. — Limpe.

Ele ficou parado por um segundo antes de se abaixar para pegar os cacos de vidro.

— Nós não somos mais crianças, Tobias. Nós não somos iguais. Você e eu não somos amigos, não somos colegas de trabalho. Você trabalha para mim, você me serve, você está aos meus pés e você está lá feliz. Você não está feliz, Tobias?

Ele inalou e olhou para cima em mim. — Até a lua, chefe.

— Você deve estar. Há uma longa lista de pessoas que querem estar aos meus pés e não sob eles. Se você esquece o seu lugar, se você esquece quem faz as perguntas, você vai acabar como esse copo, em um momento, necessário, confiável, e no próximo minuto estilhaçado, inútil, lixo. Isso acontecerá tão rápido que você nem terá a chance de implorar por perdão. Este é seu primeiro e último aviso. Eu fui claro?

— Sim, chefe.

— Bom. — eu voltei para a mesa. — Eu acabei de enviar uma mensagem ao piloto; o jato está esperando por você. Pegue o Benz e vá para lá. Você estará voltando para Chicago com todos os outros. Eu te avisarei o que eu preciso que você faça quando você pousar.

— Você precisa de mais alguma coisa...

— Você está prestes a me fazer outra pergunta? — Eu desafiei, esfregando a cocaína entre meus dedos.

— Não senhor.

— Eu te dei suas instruções, por que você ainda está aqui?

— Saindo agora, senhor. — Ele saiu pela primeira porta e entrou no elevador. Eu mudei a transmissão da câmera, o observando ir. Quando ele

chegou na primeira garagem, notei que ele guardou o vidro em seu lenço. Ele pegou o Benz e saiu tão rápido que o carro derrapou.

— Eu vou ter que te matar um dia, não é, Toby? — Eu murmurei para mim mesmo. Eu podia sentir isso. O crescente ressentimento dele, sua ambição por mais. Ambição podia ser bom... até que a ambição batesse de frente com sua lealdade e se transformasse em traição.

*Não ajuda que Donatella esteja transando com ele*. Na verdade, essa é a razão pela qual ele estava se tornando pior. Ele cresceu tão perto de nós que ele poderia ter sido família, e com Dona agora dormindo com ele, ele pode realmente confundir isso como sendo família.

*Ele não é bom o suficiente para ela.* Dona tinha que saber disso, certo? Ela tinha que ver que ele não era bom o suficiente, ele não podia dar tudo o que ela precisava.

*— O amor nos torna todos tolos, nos cega, nos deixa impotentes e vulneráveis ... é uma droga com o mais doce de todos os êxtases e as abstinências, tão severas, tão dolorosas e tão cruéis que podem matar... eu recomendo a todos.* — Foi como Dona descreveu o amor em um de seus livros. Então talvez, ela estivesse envolvida demais com ele. Eu teria que forçar os olhos dela a abrir ou esperar que Tobias mudasse para o bem de todos nós.

*Bip.*

*Bip.*

Olhei de volta para a transmissão do vídeo e vi a van estacionar na garagem. Os homens saíram em fila do veículo e a arrastaram da parte detrás. Virando, atravessei a sala de estar e entrei na sala dos fundos. As luzes se acenderam e eu observei quando eles a jogaram dentro da sala grafitada, o chão coberto com sujeira. Eles puxaram a venda de seus olhos e ela piscou por alguns segundos, assimilando o ambiente. Seus olhos cinzas finalmente pousaram nos guardas, três dos quais tinham máscaras. Eles ficaram mais retos quando um quarto homem gordo com bigode grisalho e cabelo oleoso para trás se aproximou.

— Pegue a cadeira dela, pelo menos, seu fodido idiota! — Ele gritou, mas olhou para ela com um sorriso. — Perdoe-os, eles não têm muitas companhias de senhoras com frequência, são animais. Eles não te machucaram, não é?

— Perfeitos cavalheiros, — ela respondeu, o rosto sem emoção quando trouxeram uma cadeira para ela.

— Por favor, por favor, sente-se minha querida, — disse ele antes de se sentar. — Eu sou Gastón, mas meus amigos me chamam de Gus.

— Nós somos amigos?

— Espero que possamos ser. Você vê, um passarinho me disse que eles viram você... como eu digo... sendo *amigável* com o Sr. Callahan?

O rosto se fechou e ela inclinou a cabeça para o lado, pensativa. — Quem?

— Você não conhece Ethan Callahan?

Ela balançou a cabeça. — Desculpe, eu não tenho nenhum amigo com esse nome.

Ele suspirou e cerrou o punho antes de puxar um telefone. — Esta é uma foto de você e ele sentados juntos no restaurante da María Paula.

Ela se inclinou para frente e depois se recostou — Oh... ele é um cliente.

— Você dorme com todos os seus clientes? Por que esta é uma foto de vocês dois indo para um hotel não?

Novamente, ela fez o mesmo rosto e balançou a cabeça. — Eu não me lembro.

— Você não lembra?

Ela tremeu e lágrimas começaram a se juntar em seus olhos. — Eu realmente não me lembro… eu acho… eu acho que fui drogada! Você pode perguntar à empregada, eu acordei e ele tinha ido...

— E você não foi à polícia?

— Eu não quero nenhum problema. — Ela balançou a cabeça, as lágrimas transbordando. — Por favor, eu não sei de nada! Por favor, deixe-me ir! Por favor!

— Rapazes, ajudem a moça bonita a recuperar sua memória...

— NÃO! POR FAVOR! — Ela gritou e soluçou, juntando as mãos enquanto caía de joelhos. — Eu te imploro...

Gus levantou a mão para parar os guardas, estendendo a mão para agarrar seu rosto vermelho pelo queixo. — Pelo menos me diga o que ele disse enquanto ele estava no restaurante. O que ele estava observando? Por que ele está aqui? Diga-me alguma coisa, sua putinha estúpida.

Ela fungou e assentiu. — Eu ouvi uma coisa.

— O quê?

— Enquanto ele estava comendo, ele... ele disse, — ela soluçou, tentando recuperar o fôlego.

— Ele disse o quê?

— Vá se foder seu saco de merda de cachorro! — ela berrou e antes que eu pudesse piscar, ela o esfaqueou entre o pescoço e os ombros.

— Ma-Ma-Mate-a! — ele arquejou, levantando a mão até o pescoço quando o sangue jorrou, enquanto ela tirava as amarras dos pés e levantava-se da sujeira.

Eu olhei para os guardas me perguntando por que nenhum deles disparou ou sequer se moveu para pará-la, apenas para vê-los de joelhos arfando e ofegando por ar. Era tão ruim que eles estavam tentando tirar suas máscaras, mas eles não tinham força.

*Quando ela fez isso? Como?*

— Oh, — ela enxugou os olhos antes que as amarras caíssem de seu pulso. — Eu não tenho me forçado a chorar assim tão rápido. Levou-me muito mais tempo do que o habitual. De qualquer forma, aguente *Gus*, eu tenho algumas pessoas que preciso retribuir.

Ela rolou os ombros e marchou até os três homens, pegando um de seus rifles.

— Sr. Motorista, quando você me deu um soco no estômago antes de me jogar naquela van, — ela apontou a arma para o estômago dele — doeu, mas não tanto quanto isso irá doer. Ela disparou. Ele gritou como algum tipo de animal ferido antes de cair. Ele segurou seu estômago e quando o fez, ela disparou em suas mãos. Depois em seus joelhos, depois... direto em sua virilha.

— Não se preocupe, eu te perdoo agora, — disse ela e olhou para os

outros, que olharam para ela com horror.

— Sr. Sequestrador número dois, — ela chamou como uma professora na aula, dando um passo para ele enquanto ele se curvava em suas mãos e joelhos. Ela jogou a perna por cima do corpo dele e sentou em suas costas, dando um tapinha no topo da cabeça dele com uma faca tirada do próprio bolso. — Você me chamou de cadela... essa é a fêmea do cachorro, mas de alguma forma eu estou em cima... você deve ter se enganado.

— Por fav...

— Você não vai cometer esse erro novamente. — Ela cortou sua garganta antes de se levantar e o corpo dele desmoronou. — E o Sr. Sequestrador número três, agora aonde você pensa que está indo?

Ele estava tentando rastejar. Tentando é a palavra-chave, porque ele rastejou apenas uma polegada em direção à arma que ele tinha deixado cair antes que ela a pegasse. — Você usou a parte de trás disso para me bater. Senhor, isso não funciona assim. Deixe-me mostrar a você como usar uma arma corretamente.

Ela colocou a arma na boca dele e disparou, sangue espirrando nela. Eu abri a porta da sala e ela girou ao som, sua arma já apontada para mim. A raiva em seus olhos era suficiente para fazer o diabo sair correndo.

— Gus, você teve tanto trabalho e Ethan Callahan estava aqui o tempo *todo*. Acho que nós não temos mais nada sobre o que conversar. — Gus se virou para mim à procura de piedade, sua mão erguida em busca de ajuda – ela atirou nela. A mão dele se dilacerou, mas ela não parou aí. Ela disparou mais algumas vezes. Ele estava morto há muito tempo; ela estava apenas sendo vingativa agora. Ela olhou para o rifle. — Armas nunca são muito satisfatórias... Eu sinto que elas levam todo o crédito pelo meu trabalho árduo, e elas só fazem bagunça. Mas hoje sou uma fã.

Ela se concentrou em mim, uma tempestade furiosa em seus olhos cinzas. — Então, Sr. Callahan, me dê uma razão pela qual eu não deveria te matar.

— Você ficou assim forte só para se casar comigo Cordelia... ou eu deveria dizer *Calliope*? — Eu me aproximei cuidadosamente e fiquei na frente dela. — Eu quase não me lembrava de você. Você escondeu suas marcas de nascença

bem, mas esqueceu aquelas atrás da sua orelha. Milhões de pessoas as têm, mas no mesmo lugar exato na mesma orelha? Eu as tinha visto apenas em você, quando éramos crianças.

— Ethan, querido, tolo e fofo Ethan, — ela exalou como se estivesse tentando não rir, balançando a cabeça; sua voz ficou mais suave e muito mais séria. — Eu não esqueci de nada, parabéns por encontrar a pista. Mas, infelizmente, casar com você não é uma razão boa o suficiente para isso. Então, eu tenho que atirar em você agora.

— Não... — Eu tentei falar, mas ela já tinha puxado o gatilho.

E tudo que eu vi foi escuridão.

# CALLIOPE

**21 ANOS**

**Bogotá, Colômbia**

***Sábado, 30 de junho***

Eu estava zangada. Já tinha passado bem mais de oito horas agora, mas eu ainda estava zangada, e esse filho da puta ainda estava dormindo. Para piorar a situação, ele é bonito quando dorme e, como ele não estava acordado, eu não podia fazer nada além de olhar para a sua beleza estúpida.

— Argh, — ele gemeu, sua cabeça se jogando de um lado para o outro enquanto ele tentava ficar confortável no travesseiro.

— Ah, aguente. Com toda a cocaína que eu coloquei no seu organismo, você não deveria estar sentindo uma maldita dor. — No momento em que eu disse isso, seus olhos estalaram abertos. Sua respiração acelerou quando ele se sentou no sofá, verificando seus braços.

— Você fez o quê? — ele teve a coragem de falar bravo comigo.

— Eu poupei sua vida e costurei sua testa, — eu disse, levantando o copo de água e ibuprofeno para ele. — De nada.

— A cocaína? — ele sibilou entre os dentes, o que só o fez fazer uma careta.

— Exatamente onde você a deixou, — eu acenei a cabeça para a mesa atrás dele. — Eu só disse que te dopei porque estou gostando do pânico no seu rosto, me faz sentir um pouquinho melhor.

— A bala que você disparou na minha cabeça não fez isso por você? — Ele estremeceu, estendendo a mão para sentir a gaze no começo do seu cabelo.

— Não, — eu balancei a cabeça. — Isso foi um beijo angelical.

— Da última vez que eu chequei, o diabo era um anjo também, — ele murmurou. Ele tentou se levantar, mas eu estendi minha perna, chutando-o de volta para baixo. Ele olhou para o meu pé descalço antes de olhar de volta para mim. — Você ainda está zangada?

— Eu já não deixei isso claro? — Eu falei com sarcasmo, respirando pelo nariz. — Você me sequestrou, Ethan.

— Eu sequestrei.

— Por quê?

Ele olhou para mim sem expressão. — Eu tenho que responder a essa pergunta?

Eu levantei a arma e apontei para ele. — Você quer saber o que acontece quando você não responde? Dica: eu puxo o gatilho... de novo.

— Eu me lembro de você ser muito mais racional quando éramos crianças.

— Sim, bem, meu corpo não tinha começado a derramar o revestimento interno do meu útero todo mês quando éramos crianças também. As coisas mudam, Ethan. — Eu respondi, engatilhando a arma. — Você gostaria de responder a minha pergunta agora ou prefere me testar um pouco mais?

— Então você sabia que era um teste? — ele perguntou, completamente despreocupado com minhas palavras anteriores.

Ele estava sobre um gelo muito fino e ele não parecia perceber isso.

— Eu sabia que queria donuts, em vez disso eu fui jogada em uma van, levei uma coronhada e fui chamada de cadela e prostituta, tudo porque você... — Eu acenei minha mão, esperando que ele acrescentasse à minha declaração.

— Porque eu sabia quem você realmente era. — Eu não estava satisfeita com essa resposta. — A última vez que eu te vi, você me disse que ia ficar mais forte, então você poderia voltar e se casar comigo. Avançando quatorze anos e eu me deparo com você enquanto você está fingindo ser uma cozinheira na Colômbia. Alguém que estava fingindo que não me conhecia.

— Se você reconheceu quem eu era, Ethan, a linha de conduta correta era me avisar...

— Não foi isso que eu fiz?

BANG

Eu atirei no sofá ao lado de seu corpo. Ele olhou para baixo no buraco de bala ao lado dele, em seguida, de volta para mim. — O revestimento interno do seu útero está derramando agora?

BANG

Eu atirei no outro lado. Ele suspirou profundamente. — Este sofá foi um presente, Calliope.

BANG

— Não pode significar tanto assim para você se ele está em um esconderijo de merda na Colômbia, agora podemos? — Eu contestei. Ele segurou meu olhar, sem dizer outra palavra. — Peça desculpas para mim.

— Você foi a única que não me disse a verdade no início quando nós...

Eu pressionei a arma na testa dele. — Peça desculpas para mim, Ethan, ou então você e eu não vamos superar isso. E não, eu não vou te matar. Mas eu vou te machucar. Eu não tenho nenhum problema em machucá-lo, assim como você não parece ter nenhum problema em me machucar. Então, nós dois podemos lutar e nos machucar ou podemos ser racionais. Sua escolha. Escolha.

Ele se levantou e me encarou antes de falar de novo; — Eu não peço desculpas, não está na minha natureza.

Em um piscar de olhos, ele prendeu meu pulso, torcendo-o e disparando a arma na minha mão na parede. A bala quebrou o vaso e o espelho antes de se enfiar na parede. Eu girei, usando a força do movimento para lhe dar uma cotovelada na mandíbula. Ele soltou meu pulso, agarrando meus ombros e me

prendendo no sofá. Eu dirigi meu joelho em sua virilha.

— Ah... — Ele rangeu os dentes e colocou a mão em volta no meu pescoço. Puxando minhas pernas para cima de debaixo dele, eu as enrolei em torno de sua cintura e torci para o lado, seu aperto no meu pescoço ficando mais apertado. — Eu... pe-peço desculpas.

Eu soltei minhas pernas e ele soltou minha garganta. Quando ele se moveu para trás, eu me levantei e dei-lhe um tapa no rosto o mais forte que pude. Sua cabeça virou para o lado e parou por um segundo antes de mudar para uma carranca para mim.

— Você se desculpou pelo sequestro. Essa bofetada foi por esse teste estúpido que você acabou de fazer agora. — Eu olhei feio de volta.

— Que teste?

— Pareço estúpida para você? — Ele apenas deu de ombros e se inclinou sobre o braço do sofá, o que significava que talvez eu parecesse. Talvez aos olhos dele todos fossem. Porque em sua mente ele era a pessoa mais inteligente nesta sala... até agora.

— Desde que nos encontramos você esteve me testando. Eu passei no teste do corpo e do rosto, mesmo entre os seus homens, mas isso não é suficiente para você. Em seguida, você testa se consigo manter uma conversa; se eu consigo despertar seu interesse mentalmente, não apenas sexualmente. Eu passei. Então, você notou minhas marcas de nascença e soube quem eu era, razão pela qual você me permitiu fazer as exigências para o hotel. Você não disse nada porque você, pelo menos, queria me foder primeiro. Passei neste teste, o que nos trouxe aqui. — Eu sussurrei, inclinando-me para ele. — Passo a passo, você está riscando as coisas na sua lista, pensando que você está no controle... mas a verdade é, Ethan, eu não caí na sua armadilha. Você caiu na minha.

Sua sobrancelha se ergueu. — Se você tem que me dizer, então eu não caí. Você simplesmente acha que...

— Por que você está na Colômbia, Ethan? — Eu interrompi, sentando-me no lado oposto do sofá.

— Eu não tenho que te dizer...

— Você está aqui porque eu trouxe você aqui. — Eu corri as mãos pelo

meu cabelo. — Eu quero vinho. Isso parece uma conversa para vinhos.

— Você me trouxe aqui? — Ele franziu a testa, aparentemente sem entender.

Rolando meu pescoço, eu assenti. — Foi o que eu disse.

— Importa-se em ser mais específica?

Eu sorri abertamente. — Seu ego pode lidar com isso?

Ele não respondeu. Apenas esperou, sentado como uma estátua de mármore, seus olhos verdes nunca desviando dos meus.

— Tem havido um aumento na violência ultimamente. Os membros dos cartéis estão se voltando uns contra os outros, lutas pelo o que eles acham que é poder, acontece toda vez que um de seus líderes morre. É muito sangrento e, no final, porque são idiotas, eles são apanhados.

— O que isso tem a ver comigo? — Seu rosto ficou em branco, sem emoções.

— Eu acho que tenho que explicar mais claramente, vendo como você quer se fazer de bobo. Eu realmente não gosto de falar tanto. Sinto-me rude, — eu brinquei, mas ele não recuou. — Não é engraçado. Desculpe, esqueci que você está no modo chefe... também conhecido como modo *Ceann na Conairte*. Você não falará sobre negócios com aqueles que não são da família, correto?

Ele não falou. Apenas me observava.

— Muito bem. Eu vou falar e vou contar, mas vou fazer do meu jeito.

Por alguma razão, eu realmente gostei de ter sua atenção.

— Era uma vez... — Eu sorri quando sua sobrancelha se contraiu em aborrecimento. *Sua máscara deslizou ali*, mas eu deixei passar. — Havia uma pequena garota italiana chamada Calliope, que nasceu em um lugar bonito, mas violento chamado Chicago, um reino governado pela grande família Callahan por gerações. Ou assim foi dito a ela... você vê, Calliope não saia muito quando criança, seus pais... eram... muito duros com ela. Alguns diriam até cruéis. Mas Calliope deu conta e foi a melhor filha que ela poderia ser. Um dia, como recompensa por todos os seus esforços, ela conseguiu ir ao castelo Callahan. Ela

até conheceu a rainha. Ela queria ser como ela, queria viver como ela, e a rainha disse a ela que só havia um jeito... ser a esposa do *Ceann na Conairte*.

Então ela viu o jovem príncipe, e para lembrá-la que ela estava muito abaixo dele, ele a chamou de rata. Você acredita nisso? Um rato, um roedor, uma criatura que se alimenta de restos e lixo. Foi disso que ele a chamou, e isso machucou os sentimentos dela, mas ela o perdoou porque ela sabia que não ficaria uma rata por muito tempo. Ela decidiu naquele momento que ela se casaria com aquele pequeno príncipe e o faria perceber o quão errado ele estava. Mas ela tinha que ficar mais forte, mais bonita, mais inteligente... ela fez tudo isso, sempre monitorando aquela família, aquele príncipe. De longe, ele parecia ficar cada vez mais frio e, quando ele se tornou rei, entrar naquele castelo tornou-se praticamente impossível.

Para não se deixar desencorajar, Calliope decidiu que se ela não conseguisse entrar, ela o traria para fora. Não foi fácil, qualquer um pode causar terror, mas o caos requer delicadeza e paciência; afinal de contas, você não pode simplesmente matar todo mundo, você tem que matar as pessoas certas. Uns poucos chefes de cartel aqui e alguns políticos ali, até que ninguém possa confiar em ninguém e as pessoas estão apunhalando até suas próprias mães pelas costas, achando que foram elas que informaram seus esconderijos. Como isso tira o rei do castelo? Quando há caos, precisa haver ordem e quem melhor para trazer ordem do que o rei? Especialmente quando os idiotas que estão esfaqueando uns aos outros, estão prejudicando seu resultado final.

— As apreensões de droga; isso tem acontecido por sua causa? — Sua voz era quase um sussurro. Eu sabia que a única coisa que o impedia de me matar, não era o fato de que ele me conhecia desde a infância, mas porque ele queria saber a verdade.

— Minha? — Eu disse com falso horror, mas eu me entreguei, sorrindo e inclinando-me mais perto dele. — Foi quase fácil demais, Ethan. Observá-los se voltarem uns contra os outros, contra suas próprias famílias depois de toda aquela conversa sobre lealdade... houve um homem, ele chorou quando descobriu que sua esposa o vendeu. Tipo, verdadeiramente chorou... Rá. — Contive uma pequena risada. — Desculpe, isso não foi engraçado. Foi um momento realmente triste para a família deles. As pessoas dizem que o sangue é mais espesso do que a água, eu digo, coloque dinheiro na água e o sangue não significa mais nada.

— Em um ano, você empurrou todos os cartéis de drogas na Colômbia para guerras sangrentas, só para que você pudesse chegar até mim?

— O que eu posso dizer? — sorri. — Eu sou uma romântica.

O olhar no rosto dele... o olhar vazio e frio que ele estava tentando tão dificilmente manter em seu rosto era fofo.

— Eu perdi centenas de milhões de dólares, — ele falou com desprezo. — Você acha que estou divertido? Impressionado?

— Isso me lembra, — continuei, ignorando o comentário dele e ajustando o anel no meu dedo. — A única maneira de chegar até você era conseguir um emprego como garçonete, obviamente eu escolhi um restaurante que você secretamente possui. Não é mais um segredo porque… bem… María Paula. Ela realmente resistiu por muito mais tempo do que eu pensei. Fiquei muito impressionada com ela, você deveria deixar flores em seu túmulo.

— Você é louca? Realmente? — ele questionou.

Eu descansei meu cotovelo e cabeça contra o sofá e olhei para ele. — Eu pareço louca para você... de todas as pessoas?

— Muito.

— Bom, esse não é um dos pré-requisitos para essa família?

— Você acha que depois de tudo o que você fez, eu ia ficar de joelho e te dar um anel?

— Ah... quem me dera, — Se fosse assim tão fácil, eu teria simplesmente batido em sua porta da frente. — Entre seu orgulho, questões de confiança e meu plano para trazê-lo aqui, eu sei que você, sobretudo, me vê como uma ameaça... e só acredita em metade das coisas que estou dizendo.

— Se você sabia disso o tempo todo, isso não foi apenas um grande desperdício do meu maldito tempo? — ele questionou. Eu estava fazendo o possível para não dar um tapa nele.

Ele ainda estava se fazendo de bobo comigo.

— Não, porque aqui estou eu, sentada bem na sua frente, enquanto você me dá sua total atenção. Então parece que minha armadilha funcionou perfeitamente bem.

— Exceto pelo fato de que agora você não pode ir embora daqui com a sua vida.

— Você me ameaça para me assustar, mas na realidade, tudo o que você está fazendo é me dizendo que você não quer me matar. — Se ele realmente me quisesse morta, ele não teria ouvido, ele ainda não estaria ouvindo.

— Você parece saber muito sobre coisas que você não deveria saber. A quem devo agradecer por isso? — Tradução: o único jeito possível que eu poderia ter essa conversa é se houvesse um informante.

— Espero que esta seja uma pergunta retórica. Se não, por que diabos eu mataria um aliado meu? — Eu fiz uma careta, tentando pensar. — Isso é simplesmente estúpido. Todo o propósito dessa conversa é para dizer que não sou estúpida.

— Eu pensei que toda essa conversa era você me dizendo que quer a minha atenção...

— Na verdade, quero que você se case comigo, mas podemos ir devagar, se você preferir. — Dei de ombros. Não é como se eu tivesse problemas com o tempo.

Suas narinas se dilataram. — Eu não vejo tal propósito e gosto de você menos do que eu gostava um dia atrás.

— Pense bem. Talvez um dia você goste.

— Eu não gosto de mulheres desesperadas.

Meus olhos se estreitaram, e ele me ofereceu um pequeno sorriso como se estivesse satisfeito com sua pequena alfinetada, e foi por isso que ele continuou tentando me machucar.

— Você sabe quantas mulheres querem ser minha esposa? Quantas pessoas tropeçam em si mesmas para ficar ao meu lado? Você acha que só porque eu estou te ouvindo, eu dou a mínima para você? Você acha que é porque eu te fodi ou foi porque nos conhecemos uma vez quando crianças? Quão lamentável você deve ser para planejar tudo isso para nada? Quanto de um zero à esquerda você está em seu próprio mundo que você vem desesperadamente procurando minha atenção... só para ser um zero à esquerda aqui também?

Seus olhos verdes se enfureceram com desgosto e diversão. Eu não disse

nada e me levantei do sofá, pegando as chaves da mesa e entregando-as para ele.

— Eu já cuidei dos corpos. Fiz o café da manhã para mim, mas sobrou um pouco, e com isso eu despeço-me, Sr. Callahan. Se você quiser me matar, por favor faça isso pessoalmente e pare de comprometer desnecessariamente as vidas de seus funcionários. Pessoas leais não são fáceis de encontrar.

Eu peguei meus saltos e ele ficou em silêncio.

BANG!

Eu parei, olhando para o buraco de bala na parede na minha frente.

— Você não aprendeu boas maneiras? — ele perguntou atrás de mim. — Você me custou muito dinheiro e tempo. E acredito que é muito rude da sua parte sair sem limpar a bagunça que você fez. Se você não puder me reembolsar, um membro pagará.

Eu me virei, encontrando seu olhar antes de estender minha mão para ele. — Se você quer um membro, venha e pegue, filho da puta.

Ele ficou de pé, aborrecimento claro em seu rosto quando ele colocou a arma ao lado do meu crânio. — Você obviamente não entende quem diabos eu sou... hein.

Seu rosto se contorceu enquanto ele lutava contra a tosse, a arma caiu de sua mão.

— Não, Ethan, — eu sussurrei friamente quando ele deu um passo para trás, prendendo a respiração. Eu tirei meu anel e levantei a trava, jogando o pó dentro da jarra de água. — É você quem não entende, então deixe eu me reapresentar novamente. Eu sou Calliope Seraphina Orsini, sua futura esposa. Certifique-se de beber toda essa coisa. Eu saio sozinha. Nós conversamos amanhã, eu já adicionei meu número ao seu telefone.

*Domar um homem Callahan era um trabalho muito fodido.*

# Capítulo Quatro

“É perigoso conhecer uma mulher que entende você completamente.

Isso geralmente termina em casamento.”

*Oscar Wilde*

## ETHAN

**23 ANOS**

**Bogotá, Colômbia**

***Domingo, 31 de junho***

*Mate-a.*

A próxima vez que eu a visse, ia arrancar sua cabeça louca de seus ombros loucos. O maldito veneno que ela usou em mim ainda fazia eu me sentir fraco. A fodida cadela me envenenou.

*Ela atirou em mim também!*

— Argh, — eu gemi enquanto esfregava minha têmpora. Estava tão irritado que nem sabia onde diabos começar. Eu passei as últimas horas me sentindo como merda; tudo o que queria fazer era dormir por mais uma maldita semana.

*Eu deveria matá-la primeiro.*

*Trim.*

*Trim.*

— O quê? — Eu vociferei no telefone.

— Sinto muito incomodá-lo, chefe...

— Não sente o suficiente, aparentemente. O que é? — perguntei a ele.

— Eu acabei de ser notificado sobre o incêndio.

— O incêndio? De que diabos você está falando, Tobias? — Eu me sentei na cama. — Um incêndio em Chicago?

— Não, na Colômbia. Você está vendo as notícias? Houve três incêndios, todos eles nos campos de coca. Perdemos muito, chefe, — explicou ele, enquanto eu ligava a televisão para ver o fogo selvagem que estava agora indomável. Bombeiros combatendo ao fundo, a faixa na tela relatando que 40 já estavam mortos. — Isso não foi acidente, foi? Você precisa de nós aí embaixo?

— Se precisasse de você, Tobias, eu teria te chamado. — Eu desliguei na cara dele, respirando devagar enquanto apertava o telefone. Rangendo meus dentes, disse o nome dela como se estivesse conjurando o maldito diabo. — Calliope.

Arrancando os lençóis, procurei o meu telefone e vi a palavra “Esposa” na minha lista de contatos.

— Sua cadela psicopata, — eu murmurei antes de conectar na maldita chamada.

— Ethan...

— Você acha que isso é um jogo? — Eu gritei, sem nem querer ouvir a voz dela.

— Sinto muito, chefe, não sei ao que você está se referindo.

Mordi o interior da minha bochecha antes de continuar. Chega com essa merda. — Vamos nos encontrar, Calliope.

— Estou indo para a missa. Você é livre para participar, você já conhece a igreja. — Ela desligou e eu joguei o telefone para o lado.

— Igreja ou não, você morrerá hoje.

Que porra estava errado com essa maldita mulher?

# CALLIOPE

Eu estava de joelhos quando senti alguém sentado ao meu lado. Sabia que era ele. Mas eu não me apressei para me sentar, indo para a próxima parte no meu rosário. — Ave Maria cheia de graça. O Senhor é convosco...

— Mas o Senhor está com você? — Ele perguntou atrás de mim e eu senti a arma ao lado da minha cabeça. Suspirando, levantei-me e sentei no banco, colocando o rosário de volta na minha mão e olhei para ele. Ele estava vestido todo de preto, o cabelo um pouco molhado da chuva lá fora, intenção assassina real em seus olhos.

— Você está chateado com alguma coisa?

— Muitas coisas, — respondeu ele, tirando a arma da minha cabeça. — Você acha que eu sou um homem com quem você joga esses jogos?

Minha sobrancelha se levantou com isso. — Jogos? Não. Guerra? Sim.

— Você é estúpida ou delirante? — ele zombou. — Você acha que só porque você queima alguns campos, você pode aguentar o corpo a corpo comigo? Com minha família? Minha irmãzinha poderia te despedaçar com olhos vendados.

Ele disse 'irmãzinha' como se ela tivesse doze anos e não a mesma idade que eu. Deixando isso de lado, eu me concentrei na primeira parte da sua declaração. — Queimar alguns campos? Sobre o que você está falando?

Seus olhos se estreitaram. — Não se faça de boba. Eu conheço você...

— Cordelia!

Olhei para o padre Santos quando ele voltou para dentro da igreja vestido com suas roupas pretas. Do canto do meu olho, observei Ethan guardando a arma. Sorrindo, levantei-me e apertei as mãos dele. — Olá padre, como vai você?

— Tão bem quanto eu estava quando te vi uma hora atrás, e uma hora antes disso. Você esteve em todas as missas hoje, há algum problema criança? — Ele me perguntou, preocupado. Ele olhou para Ethan e depois me deu uma olhada, apertando minha mão. Eu apertei de volta e sorri, dizendo a ele que estava tudo bem.

— Padre, este é um amigo meu, Ethan.

Ethan se levantou e pegou a mão dele. — Padre.

Padre Santos olhou para ele e relaxou um pouco quando não viu nenhuma tatuagem visível e ouviu seu sotaque. — Bem-vindo, Ethan, como você conhece nossa Cordelia?

— Amigos de infância, — ele respondeu e sua atenção mudou para mim. — Porém, ela costumava odiar a igreja.

*Inventando histórias, não é?*

— Você? — perguntou padre Santos, chocado.

Eu dei uma risadinha baixinha e assenti. — Sim, ele sempre adora dizer às pessoas essa parte, e não como ele me levou para a igreja.

— Sério? — Ele sorriu, verdadeiramente feliz e não mais preocupado.

— Sim. Quando éramos crianças, nós estávamos brincando na floresta e ele caiu e quebrou a perna. Eu estava com muito medo e não sabia o caminho de volta para casa. Mas ele não estava se movendo ou acordando. Eu tinha que conseguir ajuda, mas não sabia o caminho. Eu segurei meu rosário rezando por ajuda e de repente eu vi uma mulher caminhando de volta para o acampamento. Eu a segui e encontrei nossos pais e voltamos para ele. Quando fui procurar a mulher, ninguém a tinha visto. A partir de então, eu realmente acreditei que a Virgem Maria me ajudou naquela época… apesar do Ethan aqui… — Quando eu o encarei, ele estava fazendo o seu melhor para não olhar feio, mas eu fiz uma careta. — Ele acha que foi a adrenalina. Eu continuo dizendo para ele vir à missa, mas ele não é muito chegado na igreja.

O padre assentiu, completamente extasiado. — Às vezes, os milagres que são mostrados a nós servem para reforçar nossa própria fé, para que possamos ser uma luz para os outros. Apenas sua presença aqui o traz para a igreja e isso é uma coisa linda. — Ele deu sua atenção para Ethan, que estava completamente farto dessa conversa. — Eu sei que pode parecer pouco aqui para você, mas espero que você abra seu coração e veja as bênçãos que têm sido dadas para você. O fato de você estar aqui é uma prova de que o Senhor está tentando usá-lo para coisas grandes e belas.

— Obrigado, padre, — Ethan disse para ele e depois acrescentou, — Eu tentarei, e voltarei a falar com você com certeza, no entanto, minha tia me disse para vir buscar Cordelia. Eu acho que ela está preocupada que ela esteja

planejando se juntar ao convento.

Ele riu e assentiu, — Bem, se você está falando sério, Cordelia, você e eu poderíamos conversar mais tarde. Mas até as freiras descansam. Vá para casa antes que você acabe ficando para a missa da segunda-feira de manhã também. Adeus.

— Sim senhor, tenha um bom dia. — Peguei minha bolsa e uni as mãos com Ethan, seguindo-o para fora da porta. Quando chegamos às portas, pude ver o aguaceiro lá fora. — Espero que toda essa chuva ajude aqueles incêndios.

Sua mandíbula ficou tensa, me dando um pouco de emoção. Eu me inclinei juntinho. — Se eu estava aqui, como diabos eu poderia causar um incêndio a duas horas de distância?

— Você faz parecer como se fosse difícil subornar um padre, — ele murmurou.

— Há câmeras na igreja, — eu levantei meu telefone para mostrar a ele. — Vamos rezar para ninguém ter visto você puxar uma arma para mim. Isso foi desleixado da sua parte, você não acha?

Ele não respondeu, apenas ficou me observando. Eu saí para a chuva tremendo quando a água atingiu minha pele e encharcou minhas roupas. Eu estava indo para o meu carro quando…

BANG!

Eu pulei e me virei para vê-lo apontando uma arma para mim.

— Eu vou matar o padre e queimar a igreja depois que eu te matar, — ele rosnou.

— Desleixado. Você nunca saberá como seus campos foram encontrados, como foram queimados ou quem os queimou. Não saber me deixaria louca, mas talvez seja só eu. Espere. — Eu coloquei meu cabelo molhado atrás das minhas orelhas e endireitei minha blusa um pouco. — Ok, vá em frente agora, estou pronta. Espere... uma última coisa... verifique seu telefone.

Ele apenas encarou.

— Eu prometo, você não vai achar que eu sou tão rude, — respondi. Ele não se mexeu. — Ethan, esta chuva está fria. Ou me mate ou leia a maldita

notícia para que eu possa me mexer.

Olhando-me com cautela, ele deslizou o celular do bolso. Ele colocou a arma no coldre, permitindo-me subir os degraus em direção a ele. — Aí diz que doze policiais corruptos incendiaram campos de cocaína para esconder seu envolvimento no comércio ilegal de drogas e mais de 12 toneladas de cocaína, com um valor de mercado nos EUA estimado em cerca de US $ 432 milhões, estão desaparecidas?

— Diz sim. — Sua mandíbula ficou rígida e ele andou em minha direção. — Mas não estão desaparecidas, estão?

— Eu tenho certeza que alguém está escondendo isso... só não eu.

Ele puxou o gatilho.

Eu olhei para baixo no meu estômago e depois de volta para Ethan. Estendendo a mão para baixo, retirei a agulha e a levantei entre nós.

— Você tem um jeito estranho de dizer obrigado.

— Eu não digo obrigado de modo nenhum. O veneno que você usou, eu também o consegui, — ele respondeu. Quando fechei os olhos e caí em colapso em seus braços, a última coisa que ouvi foi, — A vingança é uma merda, não é?

# ETHAN

Ela não era simplesmente ninguém.

Era impossível para ela fazer tudo o que fez se fosse *apenas* uma mulher louca.

Essa era a única razão pela qual ela estava viva. *Por que parece que eu estou tentando me convencer de que essa era a única razão?*

— Sei que você está acordada, — eu afirmei enquanto ela se mexia na cama. Sua cabeça revirou um pouco antes de seus olhos abrirem. Lentamente ela se sentou, esfregando as têmporas. Quando ela moveu as pernas e notou as algemas, ela soltou um suspiro pesado e depois me deu sua atenção.

— Se você quiser me amarrar e me despir, Ethan, tudo o que você tem que fazer é pedir. — Ela se acomodou de volta nos travesseiros. — Sobre o que estamos prestes a brigar agora?

— Você atirou em mim e me envenenou, por exemplo, sua louca...

— Você me sequestrou, filho da puta. Você estava esperando que eu fosse doce? — ela retrucou. — Eu fui compatível com o que você me serviu. Você quis ser ardiloso e louco, e eu devolvi isso para você. Da próxima vez, me peça para sair para um fodido café.

*Por que eu não estou matando-a?*

— Quantas pessoas trabalham para você? — Eu perguntei me lembrando do meu trabalho... como diabos eu esqueci disso?

O sorriso no rosto dela ficou maior. — Você acha que eu estou em um cartel? Uma família rival ou algo assim?

— Como você tem um informante na polícia colombiana?

— Se eu tivesse, você não acha que o seu informante na polícia colombiana teria lhe falado sobre outro informante? Ou você tem informantes de merda também? — ela questionou, descansando o queixo nas palmas das mãos agora que estava deitada de bruços me encarando.

— Onde estão as drogas?

Ela sorriu sarcasticamente. — Essa é uma questão importante. Doze toneladas é muito, mas, para ser justa, duvido que tenha sido roubada de vocês tudo ao mesmo tempo. Eles deviam estar levando-a pouco a pouco há um tempo. Isso te chateia?

Para cada pergunta que eu fazia, ela perguntava uma em troca, e ela obviamente fazia isso como uma afronta a mim. Eu a encarei e ela encarou de volta.

— Eu deveria torturá-la? Deveria fingir ser gentil? Deveria apenas matá-la? — ela sussurrou suavemente, ainda olhando para mim. — Você está fazendo malabarismos com essas opções agora, não é?

*Ela me incomoda.*

— Incomoda você que eu saiba o que você está pensando, não é? — Ela

riu.

*Ela me incomoda muito.*

— Você vai responder minhas perguntas? — Eu perguntei, ignorando suas outras declarações.

— Sim, mas no meu tempo, não no seu. — Ela parecia completamente à vontade. Divertida até.

— Por que você não tem medo de mim? — Eu não pretendia perguntar isso a ela, mas acabou saindo.

— Ohh, isso é fofo, — ela respondeu e balançou a cabeça. — Você parece realmente confuso. Você normalmente é frio e sexy, mas eu também gosto desse visual.

*Mate-a.*

— Para responder à sua pergunta, — ela sorriu, — as pessoas só temem o que elas não entendem. Eu entendo você.

— Você não me conhece.

— Eu conheço a sua fragilidade. — Ela inclinou a cabeça para o lado enquanto me olhava de cima embaixo. — Se parece exatamente como a minha. Pais causam o maior dano, não causam?

Eu enfiei a mão no meu paletó e tirei um frasco e uma seringa. Em vez de entrar em pânico, ela aproximou-se e ofereceu o braço para mim. Eu encontrei seu olhar, seus olhos cinzas nos meus, grandes, claros, inocentes e calmos. Não disse nada quando enfiei a agulha no braço dela. Ela não vacilou nem desviou o olhar enquanto eu injetava o antídoto nela.

— É cocaína, — eu menti.

Um sorriso se espalhou por seu rosto e ela se inclinou mais perto. — Eu viverei.

— Porque você está determinada a ser minha esposa? — Lentamente puxei a agulha de seu braço.

— Não, porque estou determinada a viver uma vida longa e morrer de causas naturais, não importa o que aconteça. — Ela caiu de volta na cama.

— Então casar comigo não deveria ser o seu plano.

— Por que eu não posso casar com você e viver uma vida longa? — Ela se aconchegou nos travesseiros fofos. — Eu cheguei até aqui, não cheguei?

— Você está acorrentada à cama contra a sua vontade, — lembrei a ela.

Ela tentou não rir, — Você realmente acha que eu não sei como abrir um cadeado? Eu estou aqui porque estou ótima estando aqui. Quando eu estiver pronta para ir, vou garantir que você saiba.

— Eu já revistei você...

— Até que ponto? — ela perguntou com um sorriso perigoso em seu rosto. — Você está mais calmo hoje. Prefiro você desse jeito. Além disso, você me trouxe de volta para o seu lado novamente. Se você achasse que eu era uma ameaça, você já não teria me matado? Você continua hesitando; você continua voltando para mim.

— Você é uma ameaça. Eu simplesmente quero respostas.

— O desejo por respostas é o mesmo que ter interesse em alguma coisa. Eu tenho certeza que você é inteligente o suficiente para juntar as peças do que eu tenho feito depois que você me matar. Você não precisa de mim para respostas relacionadas ao *trabalho*... você está interessado em mim pessoalmente. — Ela levantou a mão e tocou o lado do meu rosto. — Você é fofo quando não tem noção sobre suas próprias emoções.

Eu agarrei o pulso dela, parando seu movimento. — Minhas emoções não são sua preocupação. Você acha que eu não consigo ver o que você é? Você é uma alpinista social manipuladora, megalomaníaca, sem nenhuma vergonha e um senso de moral distorcido.

— E daí? — Ela assentiu inocentemente. — Você é todas essas mesmas coisas, não é?

— Eu não preciso escalar;  já estou no topo. — Disse friamente.

— Verdade. É tão solitário quanto dizem no topo?

— Eu me dou bem.

— Mentiroso. — Decepção estava gravada no rosto dela.

— Desculpe, não entendi...

— Como diabos você pode estar indo bem? — Ela rebateu. — Você tem tudo e quando você já tem tudo, tudo o que você pode fazer é descer ladeira abaixo. Quão assustado você está de fracassar? Você deve estar assustado em não corresponder à altura do legado que seus pais deixaram cair em seu colo, mas também em não ser capaz de superá-los. Você tem muito a proteger e ninguém te protege. Seu irmão está se rebelando, querendo deixar a família e sua irmã, Deus a abençoe, *se* preocupa principalmente com ela mesma. Seus primos ainda são crianças; seus tios ainda estão tratando *você* como uma criança. No topo de tudo isso, os italianos e irlandeses estão cansados da porra da sua família. E se eu estou ouvindo os sussurros de outras famílias que querem esmagar a sua, eu tenho a maldita certeza que você também está. Você deve ser todas as coisas, pai, irmão, mãe, primo, neto, escudo, arma, líder do grupo, implacável e engenhoso. Não há espaço para erros. Quando você tem sucesso, você consegue o desprezo de todos, quando você falha, eles circulam como abutres. Você não sente isso agora, mas você sabe, no fundo de sua mente, você vê isso chegando, aquele momento quando você não consegue suportar tudo isso...

— Chega. — Eu falei ríspido para ela.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Você não está bem. Não importa quão retorcida seja sua moral em comparação com o mundo, não é possível para você estar simplesmente bem... mesmo aqueles que estão mortos por dentro ainda sabem que eles não estão bem.

— Você sabe muito sobre a minha família. — Um pouco demais, na verdade.

— Eu sou italiana nascida em Chicago, claro que conheço sua família. Ainda ouço sobre eles, mesmo que não esteja lá.

Falando nisso. — Você não tem ido a Chicago há muito tempo. Na verdade, enquanto crescia, eu só vi você uma vez.

— Seu avô matou meus tios. Claro...

— Não, eu vi seu pai, — interrompi antes que ela pudesse falar do jeito dela sobre isso. — Mas você nunca esteve por perto. Eu pensei que você tinha ido embora para ficar mais forte. Mas tenho uma sensação de que não é toda a sua história.

Eu queria enfurecê-la... como ela tinha tentado fazer comigo, mas, em vez disso ela sorriu. — Ontem você disse que eu não era nada. Hoje você quer conhecer minha história de vida. Amanhã pode muito bem haver um anel no meu dedo. Nota de rodapé… quanto mais chamativo e mais caro o anel, melhor. Além disso, você vai me alimentar em breve?

Eu não entendia como ela era tão... iluminada. Ela não parecia o tipo de pessoa que tinha alguma escuridão real em sua alma e ainda assim, suas ações e palavras diziam o contrário. Como ela era duas coisas ao mesmo tempo? Inocente e cruel. Não fazia sentido. Ela não fazia sentido.

— Eu quero matar você, — eu disse a ela.

— O fato de que você não matou significa que você gosta de mim, Ethan, mesmo que você não queira admitir isso. — Ela riu. — Você é capaz de determinar tudo sobre mim porque você é exatamente o mesmo… bem, sem aparentar inocência; você parece tão perigoso quanto você é, mas meu argumento é o mesmo. Você e eu somos iguais... e isso deve ser chocante para você. Mas eu sei disso desde que éramos crianças, então, eu estou acostumada com isso agora. Eu passei a reconhecer a minha fragilidade; não tento juntar meus pedaços como se eu fosse normal. Em vez disso, eu faço um mosaico com os meus pedaços quebrados.

— Isso é muito brega.

— Mas faz sentido e isso é tudo o que importa. — Ela riu e balançou a cabeça, olhando ao redor. — Sério, estou morrendo de fome. Você pode me acorrentar na cozinha?

*Não confie nela.*

*Ela é perigosa.*

*Isso é uma armadilha.*

Todas essas coisas passaram pela minha cabeça e ainda assim... Eu não sabia o que era esta coisa sobre ela que abalava minha resolução assim. Pensar sobre isso só me deixava mais confuso, e apesar dos meus esforços para ignorar como sua saia levantava e sua blusa se deslocava para baixo cada vez que ela se movia na cama, eu percebi o quão suave sua pele era, e como ela cheirava a água de rosas.

— Dispa-se, — eu disse a ela. Eu não queria mais pensar ou falar. Ia apenas fazer o que queria. Sem outra palavra, ela estendeu a mão e tirou a blusa, jogando-a para o lado. Depois dela foi seu sutiã, seus mamilos rosados duros. Ela se rebolou para fora da saia e da calcinha, e empurrou-as pelas longas pernas até a corrente em seu tornozelo. Levantando-me da cadeira, caminhei até a cama, e quando cheguei mais perto, ela deitou-se de costas quando eu cheguei em cima dela.

Eu tirei meu cinto e desabotoei minha calça. Meu pau, apesar dos meus melhores esforços para manter a calma, estava ereto e dolorido por ela, e ela espalhou as pernas para mim. Agarrando suas coxas, eu a arrastei para mais perto de mim. Nenhum de nós quebrou o contato visual quando eu lentamente entrei em sua boceta já molhada. Foi só quando eu estava totalmente dentro que seus lábios se separaram, permitindo que uma respiração satisfeita escapasse. Eu comecei devagar, me acostumando com o aperto dela ao meu redor. Mas logo perdi todo o controle, me golpeando nela várias vezes. Seus seios saltavam para mim e eu me inclinei para beijá-los. Ela manteve uma pegada forte no meu cabelo. Nenhum de nós falou, não querendo arruinar tudo. Tudo o que eu podia ouvir eram as respirações dela se misturando com as minhas.

Tão rapidamente quanto começou, nós dois perdemos o controle.

Coberto de suor, eu descansei em cima dela, seus membros enrolados em volta de mim. Eu escutei o coração dela acelerado em seu peito.

— Você ainda está com fome? — Eu perguntei suavemente enquanto suas mãos se moviam pelo meu cabelo.

— Isso só vai levar cinco minutos. Eu consigo superar, — ela provocou, sorrindo de volta para mim.

*Ela era perigosa e muito provavelmente insana...* o que provavelmente era o porquê de eu gostar dela e não conseguir matá-la... ainda.

Isso poderia muito bem ser um erro. Mas se ela ia ser minha ruína... parte de mim queria ver como ela faria isso, o que também provava o quanto eu era insano também.

# Capítulo Cinco

“Ela tem a risada de um anjo e o sorriso do diabo.

Ela é uma coisa perversa, selvagem e destruidora.”

*Jordan Sarah Weatherhead*

## ETHAN

**23 ANOS**

**Bogotá, Colômbia**

***Segunda-feira, 1 de julho***

*O que eu estou fazendo?* Eu não entendia. Realmente não entendia. Por que eu estava nu na cama com ela? Por quê?

— Quantas mulheres você já trouxe aqui para foder? — Ela suavemente correu os dedos sobre o meu peito.

— Perdi a conta, — eu menti, encarando o teto quando seu rosto bloqueou minha visão. Seus longos cabelos castanhos caíram em volta de nós. Seu olhar cinza estava no meu rosto e ela me olhava por cima como se estivesse lendo um livro.

— Mentiroso, — ela murmurou antes de beijar meus lábios suavemente, nenhum de nós fechando os olhos ou olhando para longe.

— Você está certa, — eu murmurei de volta. — Eu já trouxe cinco.

Sua sobrancelha levantou antes de seu olhar se estreitar. Ela roçou seus lábios sobre os meus novamente e, pouco antes de nos beijarmos, ela sussurrou:

— Mentiroso.

— Qual é o meu blefe? — eu questionei, imaginando como ela sabia.

Ela deslizou seu corpo nu sobre o meu e eu podia ouvir a corrente

chocalhar em seu tornozelo. — Você é Ethan Callahan.

— Como isso é um blefe?

— Não é. É apenas você. — Ela descansou a cabeça sobre o meu coração e seu seio redondo macio se pressionou contra o meu peito. — Para manipular as pessoas, você precisa entender as pessoas; para entender as pessoas, você precisa observar as pessoas. Todo mundo é como um romance ambulante para mim.

— Até eu? — Mais uma vez, ela assentiu. — E qual é a história de Ethan Callahan? O que faz você pensar que pode adivinhar meus pensamentos?

Ela respirou fundo. — A história dos seus pais; você sabe como a minha família falava sobre isso o tempo todo? A rainha italiana que se casou com o príncipe irlandês.

— Meu pai não teria ficado satisfeito sabendo que ele era chamado de príncipe, enquanto minha mãe era uma rainha.

— Ah, bem, é a verdade. — Ela deu um risinho. — Sua mãe já estava comandando a máfia italiana antes de se casar com seu pai, e seu pai assumiu depois…

— Você vai me dar uma lição de história sobre a minha própria família? — Eu questionei, sem saber onde ela estava indo com isso.

— Você me levou por esse... não importa, — ela continuou. — Meu ponto é, todo mundo falava sobre o grande amor que seus pais tinham, como eles eram eletrizantes em volta um do outro. A ponto de você se sentir desconfortável por estar perto deles. Eu não entendia a princípio, mas então eu os conheci, e mesmo quando criança, eu reconheci que todos os outros se sentiam muito falsos em comparação a eles, até mesmo os meus próprios pais. Eu acho que é por isso que muitas pessoas fora de Chicago e as famílias não conseguiam acreditar nos rumores; duas pessoas que genuinamente se amavam, que eram tão fiéis uma à outra, não podiam ser tão cruéis e implacáveis .

— Eu pensei que você estava indo direto ao assunto? — Eu não queria pensar em meus pais precisamente agora.

— Você cresceu com isso. — Eu congelei. Ela levantou a cabeça para olhar para mim novamente, mas eu não encontrei o olhar dela. — Para a maioria das pessoas, esse tipo de amor é algo sobre o qual você apenas lê. Mas você,

você cresceu testemunhando-os se amando assim, você viu seu pai permanecer fiel a ela mesmo depois de sua morte... você sabe que o amor verdadeiro existe. Você sabe que almas gêmeas existem. Para você saber disso e não querer isso para si mesmo, não é possível.

— É aí onde você está errada. — Eu murmurei, dando uma olhada para o despertador que se lia 2:00 da manhã, desejando que ela fosse dormir. — Amar alguém do jeito que meus pais amaram é irresponsável e cego. O amor deles magoou muitas pessoas, até mesmo seus próprios filhos. Eu espero que você não esteja pensando que seria o que você conseguiria se, de alguma forma, você conseguisse me fazer casar com você. Isto não é possível.

Ela colocou o rosto na minha linha de visão novamente. — Mentiroso.

— Desculpe?

— Você pode não querer amar como seus pais, mas com certeza quer ser amado dessa maneira, — ela respondeu. — Outro humano devotado a você; que te ama completamente, abnegadamente, cuja lealdade não tem dúvidas, mesmo depois da morte? Quem não quer isso? Até cães querem isso. Nós não podemos escolher nossa família, eles às vezes nos decepcionam ou são egoístas demais para se importar conosco, mas com as pessoas com quem nos casamos? Essa é a nossa chance de pegar o amor que nós fracassamos em receber em outro lugar.

— Eu não vou amar você.

— Mentiroso. — Ela sorriu e subiu no meu colo. Seu cabelo castanho uma bagunça, seus mamilos rosados duros, seu peito coberto de marcas de mordida que eu dei a ela. Ela pegou minhas mãos e as colocou em seus quadris. Eu não consegui evitar de ficar duro com a visão dela.

— O que você está querendo, Calliope? — Eu agarrei seus lados mais apertado. — Por que tanto esforço? Para o que você quer me usar? Fama? Poder? Dinheiro?

— Tudo, — ela respondeu, se mexendo quando me sentei.

— Tudo?

— Fama, poder, dinheiro, amor. A lua, as estrelas, toda a galáxia. Dê para mim. — Seus braços circularam meu pescoço. — Meu fetiche é a dominação; não de homens, não de mim mesma, de tudo. Um arrepio sobe pela

minha espinha quando vejo os outros curvarem suas cabeças. Na minha vida anterior, eu devo ter nascido uma grande rainha.

— E você quer que eu entregue meu reino? Este é um preço alto pelo sexo, — eu respondi, incapaz de controlar meu sorriso.

— Você não se lembra o que eu disse ontem? — Eu tentei relembrar, mas ela tinha dito muitas coisas. — De um jeito ou de outro Ethan, tudo que eu quero eu vou conseguir. Eu matarei seja quem for, farei qualquer coisa, até essa fome dentro de mim ficar satisfeita. Não me confunda com todas as garotas bonitas caindo aos seus pés. Com ou sem você, eu vou conseguir tudo o que quero. Chicago, o país, o continente, todo o maldito mundo. Eu escolhi você porque, por que ter um inimigo quando eu poderia ter um amante?

Procurei o rosto dela e pela primeira vez eu vi... aquela escuridão. A selvageria que eu tenho certeza que toda a Colômbia tinha encontrado.

— Não posso lhe oferecer outra máfia, como sua mãe fez com seu pai, mas eu posso me oferecer e, acredite em mim, eu sou uma máfia sozinha, — acrescentou ela.

— E em troca, eu faço de você minha esposa...

Seus lábios estavam nos meus novamente, desta vez mais fortes, seu corpo pressionado contra o meu com força, sua boca se abrindo para a minha língua... e no momento em que minha mão envolveu seu seio, ela se afastou.

— Seu ceticismo está de volta, — disse ela contra os meus lábios.

— Então, você está me distraindo com sexo?

— Eu estou arquivando a conversa. Não tenho pressa em conquistá-lo para o meu lado.

*O lado dela? Ela não estava tentando ficar do meu lado?*

Eu queria perguntar a ela... mas, sexo primeiro.

# CALLIOPE

**21 ANOS**

**Bogotá, Colômbia**

***Segunda-feira 1 de julho***

Quando acordei a corrente estava fora da minha perna e ele estava sentado na cama digitando em seu computador, vestido apenas com sua cueca boxer preta. Quando ele ouviu eu me mexer, seus olhos verdes olharam para mim.

— Estou livre para ir agora, chefe? — sussurrei, enrolando-me em uma bola ao lado dele. Ele não falou, seu olhar frio caiu sobre mim.

— Você irá embora se eu deixar você ir? — ele perguntou sem emoção.

— Sim.

— Você está livre para ir, — ele murmurou antes de olhar de volta para a tela.

Revirando os olhos, eu me sentei e realmente foquei no quarto em que estivemos pela primeira vez. Este era o mesmo lugar que ele me trouxe antes. Eu tinha dado uma olhada em volta depois que eu tinha atirado nele dois dias atrás. Seu esconderijo foi construído no subsolo. Parecia uma oficina mecânica no andar de cima, e quando você descia o elevador havia uma sala de estar que estava conectada ao campo subterrâneo de cocaína, assim como o quarto onde os malditos sequestradores me colocaram. Havia outra saída levando a um posto de gasolina que eu tenho certeza que ele também possuía.

Estávamos no último andar, um quarto grande ou, melhor ainda, um bunker dentro de um bunker. Mas nunca um para abrir mão do conforto, o lugar era todo luxuoso. Tapetes italianos felpudos cor creme com ornamentos dourados, uma mesa de jantar de madeira na frente de uma parede de vinhos, sofás de veludo azul e dourado, havia até um lustre pendurado no teto pintado de nuvens.

— Não parece o seu estilo, — eu observei quando meus pés tocaram o tapete. — Mas eu gosto.

— Este lugar costumava pertencer a minha mãe, — ele falou atrás de mim.

*Eu deveria ter sabido.*

— Onde é o banheiro? — eu perguntei a ele.

— Primeira porta à sua esquerda. — Ele estava digitando novamente. Levantei-me e caminhei na direção que ele indicou. As luzes se acenderam quando entrei no lugar. Inclinando-me contra a pia, chequei meu reflexo no espelho. Foi apenas no reflexo que eu notei que havia uma escova de dentes nova na embalagem e artigos de higiene todos organizados.

*O que ele está tramando?* Isso parecia um pouco atencioso demais para ele. No entanto, desembrulhei a escova de dentes e escovei os dentes. Eu deixaria passar isso por agora. Em vez disso, levei o tempo para me limpar um pouco, cuidando de mim primeiro. A toalha quente na minha pele era celestial. Quando saí, ele ainda estava lá, imóvel contra os travesseiros. Eu voltei para a cama e deitei, fechando os olhos.

— Você não tomou banho? — ele me perguntou.

— Nós vamos tomar um juntos quando você tiver terminado.

— Eu já tomei um.

— Isso foi estúpido. Nós vamos ficar sujos de novo em breve, — eu o informei, e pela primeira vez eu o ouvi parar de digitar. Ele olhou para baixo em mim e eu olhei para cima. — Ou você já está cansado de mim?

— Exatamente. Eu tenho que ser mais óbvio com isso?

*Mentiroso.* Mas se ele queria ter um iceberg no rabo dele, estava perfeitamente bem para mim. Eu chequei ao redor e encontrei minha bolsa colocada em um canto. Eu sabia que ele provavelmente olhou dentro dela, mas eu não me importava. Sentei-me nua no sofá e peguei meu telefone. Claro que eu não tinha um sinal. Virando minha bolsa de cabeça para baixo e pressionando as tachas embaixo da bolsa, a aba de baixo se abriu e eu segurei meu outro celular preto. Não o ouvindo digitar mais olhei para ele, para ver seus olhos na minha bolsa, depois no meu telefone. Eu podia ver a curiosidade em seus olhos, mas não fiz nada além de sorrir para ele antes de me concentrar no meu telefone. No momento em que eu o liguei, começou a tocar.

— Estava prestes a ligar para você, Luca, — eu disse enquanto colocava no viva-voz, levantando-me e caminhando até a fruteira.

— O que você precisa?

— Um voo, — eu dei uma mordida em uma maçã.

— Para onde? Suas férias só terminam daqui uma semana, senhora.

Pensei sobre isso e me virei para encarar Ethan que agora estava me observando. Eu sorri. — Onde é o melhor lugar para cuidar de um coração partido? Eu conheci o pior cara aqui. Não sei como vou me recuperar.

— Estou mais preocupado pelo cara se ele ainda estiver vivo, — disse ele em voz baixa.

— Desculpa Luca, o quê? — Eu perguntei docemente ao telefone.

— Nada senhora. Que tal Bali?

Eu sorri, mastigando mais da maçã. — Lindo. Tenha tudo pronto para mim. Eu tenho algumas coisas para encerrar aqui, então eu partirei amanhã de manhã.

— Senhora, eu estava ligando porque encontrei as pessoas que você estava procurando. A senhora precisa de mais alguém para cuidar disso...

— Não, — fiz uma careta. — Eu cuidarei disso pessoalmente.

— Sim senhora, enviando informações agora, aproveite suas férias, — ele respondeu antes de eu desligar. Eu verifiquei o endereço que ele me deu, mordendo a maçã novamente.

*De todos os lugares*, eu pensei enquanto pegava minha saia e a camisa descartada dele. Pegando minha bolsa e caminhando em direção ao banheiro, eu podia sentir seus olhos em mim, mas ele não era o único que sabia como ser frio. Ele não era o centro do meu mundo, e eu não ia implorar pela atenção dele.

Quando saí, ele estava vestido de jeans e uma camisa social preta, as mangas enroladas até os cotovelos. Ele me olhou, notando que eu havia roubado sua camisa. Eu retirei meu telefone e fui para a porta.

— A porta, por favor, — eu pedi, esperando que ele abrisse, mas ele não abriu.

— Quem são essas pessoas que você vai cuidar?

— Não é da sua conta.

— Pelo contrário, — disse ele, chegando ao meu lado. — Você mesma disse que matou membros do cartel só para chamar minha atenção. Eu ainda estou trabalhando no caos que você desencadeou...

— Contanto que você tenha seu dinheiro, as pessoas são substituíveis, não são? Além disso, sangue novo é melhor. É sempre bom limpar a casa e começar do zero, — eu disse e então apontei para a porta. — Eu prometo que isso não tem nada a ver com você. É pessoal.

Um franzido apareceu em seus lábios. — Perdoe-me se eu não acredito em você.

— Ethan, você é o único que queria que eu fosse embora, e agora você está me impedindo de fazer isso?

— Quem são essas pessoas?

Ele era tão… cabeça-dura às vezes.

Levantando meu telefone, eu o segurei na porta. Demorou alguns segundos, então a porta apitou antes de abrir. Sua sobrancelha levantou antes de seu olhar cair em mim.

— Tenha um bom dia, Sr. Callahan, e obrigada pela foda. Se você reconsiderar a minha oferta, me avise. — eu lhe ofereci um aperto de mão e ele franziu a testa como o Grinch. Foi engraçado, mas eu não me permiti rir. Em vez disso, virei-me e subi a escada, e eu o ouvi seguindo atrás de perto. Quando chegamos no nível mais alto da casa, sorri vendo os buracos de bala no sofá.

— Isso realmente foi um presente. — Eu senti sua respiração aquecer meu pescoço enquanto ele falava atrás de mim. — Dado à minha mãe pelo meu avô antes de ele morrer.

— Os buracos de bala adicionam caráter. De nada. — Ele estava tão perto que eu podia sentir seu peito subir e descer nas minhas costas, mas eu o ignorei e me movi para ir embora. Ele ainda me seguia. Eu suspirei, voltando-me para ele. — Você gostaria de me dar uma carona Ethan? Depois de tudo, você me sequestrou... de novo.

Ele não disse nada, ele apenas segurou a porta para a outra sala para mim. Seguindo-o desta vez, a sala levava a uma garagem. Havia apenas um Maserati preto e uma Ducati prateada dentro.

— Eu estava tentando não chamar a atenção hoje, — eu disse a ele.

— Se você quer ser uma Callahan, você precisará se acostumar a chamar a atenção. — Ele abriu a porta do carro preto elegante para mim. — Às vezes, o

centro das atenções é o melhor lugar para lidar com as pessoas.

Eu queria avisá-lo porque eu não queria a atenção, mas deixei passar. Ele veria em breve.

# ETHAN

**23 ANOS**

**Las Americas, Colômbia**

***Segunda-feira, 1 de julho***

Eu a observei dar um maço de notas de cem dólares para a empregada que, sem sequer olhar para ela, lhe entregou uma chave do hotel. Eu não tinha ideia do porque eu a estava seguindo. Parecia que eu dizia “eu não sei” muitas vezes quando se tratava dessa maldita mulher. Além de eu ter dirigido uma fodida hora para chegar aqui, tive que fazer isso enquanto ela ouvia música no máximo e dançava no banco da frente. Nem uma vez ela explicou por que ela precisava vir a esse maldito hotel ou com quem ela estava se reunindo, ou por quê. Parte de mim realmente estava esperando algo relacionado ao meu trabalho... quão absolutamente errado eu estava. Além da cocaína na mesa da suíte, isso não tinha nada a ver com meu trabalho.

— Oh baby, você está pronto para ser punido... AH! Cai fora! — Uma mulher latina que estava vestida com uma lingerie de dominatrix de couro, com um chicote nas mãos. Seus olhos castanhos estavam arregalados e em pânico.

— Baby? — A pergunta veio de um homem italiano com algum tipo de traje de fetiche de submissão escravo que também combinava ao conjunto dele. Que porra é essa?

— Quem são vocês, porra? — ele berrou para nós.

Eu olhei para Calliope, me perguntando que diabos ela estava fazendo. Ela se virou para o homem e disse:

— Eu sou Calliope, a irmã mais nova de Bellarose.

Ela soava tão doce, como se estivesse tentando vender a ele biscoitos, no entanto, o olhar no rosto do cara era puro horror e medo. Calliope se virou para a mulher.

— Você sabia que ele era noivo, senhorita?

A mulher olhou, abrindo a boca e fechando-a novamente. Ela sabia. Recuperando-se, ela cruzou os braços sobre os seios falsos. — Noivo não é casado, agora é? Tony e eu estamos apaixonados. Eu me sinto mal por sua irmã, mas...

— Catalina! — O homem, Tony pau pequeno, gritou com ela.

— Calliope, por favor...

— Cale a boca, Tony.

BANG!

Eu estava tão distraído com as... fantasias deles, que eu não tinha notado que Calliope tinha puxado uma arma até que ela a disparou no homem à direita dela, ao lado do sofá. Ela errou, mas foi tão perto que o homem caiu.

— Tony... por favor, — a mulher implorou quando Calliope puxou a arma para ela. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu sinto muito, por favor.

— Prove, — Calliope virou a arma para a mulher pegar. — Mate-o.

— O quê? — A boca da mulher se abriu.

— Você não sente muito? — Calliope perguntou, sua voz ainda atada com aquela doçura falsa. A mulher apenas acenou a cabeça e Calliope ofereceu a arma novamente.

— Eu não posso, — ela balançou a cabeça e no momento em que balançou, Calliope jogou um pouco de pó branco no rosto dela fazendo-a gritar e tropeçar para trás.

— Catalina!

— Tony, por favor, não me faça focar minha atenção em você, — Calliope advertiu de costas para ele. Ele olhou em direção ao telefone e depois para mim, como se estivesse tentando descobrir se eu o pararia antes que ele pudesse fazer, enquanto a mulher chorava aos pés dela.

— O que você fez...?

— Lusel, — respondeu Calliope.

*O quê?*

— O quê? — A mulher gritou.

— É um tipo de veneno, ele começa com queimadura dos olhos, até eles começarem a sangrar. Seus tímpanos se rasgarão e você ficará surda e cega dentro de vinte minutos. Em uma hora você vai paralisar da cintura para baixo sem o antídoto. Tony, espero por Deus que você não esteja achando que pode alcançar aquele telefone antes de eu puxar o gatilho. Isso seria muito idiota da sua parte e eu não acho que você tem espaço para ser idiota hoje.

O homem congelou, seu corpo estendido como se estivesse se preparando para se mover. Eu me perguntei como ela sabia até que percebi o reflexo na porta do quarto que Calliope estava encarando.

— De qualquer forma, Catalina, você não está parecendo muito bem, hein. — Calliope se ajoelhou para ela. Ela levantou uma pequena bola branca. — Mate-o e eu pouparei você.

Mais uma vez entregou à mulher a arma.

— Eu…

— Catalina! — Tony gritou para ela.

— Você ou ele, — Calliope sussurrou suavemente, acariciando o lado do rosto da mulher quando ela começou a tremer. Lentamente, Calliope colocou a arma na mão dela, deslocando-se para o lado. A mulher e o homem trancaram os olhos.

— Cata…

— Eu sei que você não é uma pessoa má. Ele foi quem deu em cima de você, ele foi quem fez você se apaixonar por ele, ele tinha outra pessoa, mas ainda veio atrás de você. Não é sua culpa.

— Cale a boca, sua cadela louca! — Tony gritou para ela. — Baby, não dê ouvidos a ela. Venha aqui. Você pegou a arma, você a tem! Nós não temos que...

— Você sabe que você não é a única? — Calliope franziu a testa quando disse a ela. — A última mulher realmente o amava também. Ela não conseguiu

fazer isso. Ela tirou a própria vida.

— Sobre que porra você está falando...?

— Não seja como ela, — Calliope continuou como se não pudesse ouvi-lo. — Ele vai te deixar para trás rapidamente também. Ele não te ama. Como pode alguém que te ama te colocar nessa posição?

Lágrimas escorriam pelo rosto da mulher quando ela começou a tossir. Ela segurou sua garganta, entrando em pânico.

— Eu acho que você vai ser como o resto, — acrescentou Calliope, levantando e olhando para Tony. — Por que você continua fazendo isso, Tony? Eu já te avisei antes.

— Eu nem sequer conheço você! Que porra...

BANG!

— Você atirou em mim sua fodida puta estúpida! Você está louca? — Tony gritou, agarrando seu braço e indo correndo para o outro cômodo da suíte.

BANG! Ela atirou na perna dele e ele tropeçou, mas conseguiu entrar no banheiro.

— SUA PUTA ESTÚPIDA!

A mulher largou a arma, segurando a garganta e tossindo, — Por favor, a pílula...

— Ele ainda está vivo.

— Por favor... queima...

— Você ou ele, — Calliope afirmou novamente. — Você tem apenas alguns... seus olhos...

— NÃO! — A mulher gritou, pegando a arma e correndo para o banheiro. O pobre fodido não parecia ter sorte, a porta não trancou.

— Catalina! NÃO! Catalina!

BANG!

BANG!

BANG!

Ela não parou de atirar até que o pente estivesse vazio e tão rapidamente quando ela entrou na sala, a mulher tropeçou coberta de sangue. Calliope ergueu o antídoto para ela, mas antes que ela pudesse pegá-lo, Calliope enfiou-o em sua boca.

— Não! Você disse que a daria para mim.

— Relaxe, — Calliope enfiou a mão no bolso e jogou meia dúzia de balas de hortelã do hotel no chão na frente dela. — Elas são de graça em toda estadia.

*Ela é diabólica pra caralho.*

A mulher, sem entender, abriu as embalagens e, com certeza, elas eram da mesma forma e cor que das que Calliope chamou de “antídoto”.

— Eu não entendo... — a mulher sussurrou. — O veneno...

— Veneno? — Calliope franziu a testa, mordendo a bala de hortelã. — Que veneno?

— Você jogou veneno no meu rosto...

— Veneno? Eu? Era sal, — disse Calliope, fingindo confusão. — O roteiro disse para jogar sal em você, não veneno.

*O quê? Que roteiro?*

— Hã? Roteiro? — a mulher sussurrou.

Calliope assentiu e olhou para mim. — Para o filme dele? Você não está fazendo audição também?

*Eu estou perdido pra caralho.*

— Audição? — A mulher estava tão perdida quanto eu com certeza estava.

— Sim... onde está o outro cara? — Calliope perguntou, andando em volta dela e indo para o banheiro. — Ei, cara, a cena acabou, saia.

Ela bateu.

— Olá? — Ela espiou dentro e depois gritou. Ela gritou tão alto que eu me encolhi. Ela correu de volta para a mulher vestida de couro. — O que você fez? Você o matou!

— Você... eu... você me disse para fazer isso!

— Era apenas uma audição, o que você fez? — Os olhos de Calliope se encheram de lágrimas e ela deu um passo para trás. — Você o matou.

— Não... não...

— Você o matou! — Calliope apontou para ela antes de pegar o telefone, e a mulher agarrou seu braço.

— Era sua arma!

*Este é uma trapalhada épica*, pensei, observando essa tolice.

— Precisamos chamar a polícia, foi um acidente...

— NÃO! EU DISSE NÃO! — A mulher gritou, pegando a arma novamente e apontando para Calliope.

*Ela realmente não percebe que está sem balas?*

— Ok, — Calliope sussurrou, levantando as mãos. — Você escapa pela varanda. Eu ficarei. Eu vou explicar….

A mulher relaxou e olhou para mim. Eu apenas olhei de volta para ela.

— Não se preocupe, ele é surdo, ele ainda acha que isso é parte do roteiro, — Calliope acrescentou para a mulher, que parecia estar tendo um colapso mental.

— Vá, agora!

— Eu vou passar pela frent...

— As câmeras! Você está coberta de sangue! Nós não estamos tão alto, apenas pule! — Calliope disse a ela.

*Este era o sexto andar.*

— Obrigada! — A mulher disse e correu para a varanda, ainda vestida em seu traje dominatrix. Eu observei quando ela subiu sobre o corrimão e pulou.

— OH MEU DEUS!

— PEÇAM AJUDA!

— AH NÃO!

Os gritos vindos de baixo ressoaram quando nós ouvimos o baque pesado

e o som de vidro quebrando. Calliope girou de volta para mim, o rosto estremecendo com nojo. — Esta bala de hortelã tem um gosto tão ruim... mas eu não posso cuspir em nenhum lugar aqui, argh.

Fazendo uma careta enquanto ela vinha em minha direção, ela usou minha camisa que ela estava usando para virar a maçaneta da porta antes de entrar no corredor. Enquanto caminhávamos em direção à escada, ela parou, olhando para dentro de um dos quartos abertos. Eu olhei também, só para ver a mesma criada que havia dado para ela a chave, deitada no chão. Calliope entrou e deu um tapinha no peito da mulher antes de procurar dentro da blusa do uniforme dela.

— É sempre o sutiã, — ela me disse, pegando o maço de dinheiro de volta e voltando para o corredor comigo. Foi só quando chegamos à escada que ela olhou para as câmeras no andar, segurando o celular para elas como se fosse um controle remoto.

— Era necessário tudo isso? — Perguntei a ela enquanto ela se movia para a escada. — Você poderia ter apenas matado os dois.

— Eu poderia, mas a polícia iria investigar isso como um duplo homicídio, essa investigação iria então para a minha irmã, e eles descobririam que ela sabia que ele a estava traindo, mas ela não fez nada. Eles não acreditariam que ela simplesmente deixou passar... acabaria por ser uma confusão. Agora parece apenas que uma mulher drogada com cocaína assassinou seu amante e se jogou da sacada. Eu poderia ter montado o palco sem a atuação? Talvez, mas onde estaria a diversão nisso? — Ela piscou para mim e desceu a escada causalmente.

— Quando você pensou sobre isso? — Perguntei a ela enquanto eu a seguia descendo a escada.

— Realmente não pensei nisso dessa vez, — ela desdobrou o dinheiro e o colocou em sua bolsa. — Eu vi o sal e as balas no carrinho de limpeza e os peguei. Eu trouxe a arma para enquadrá-los... e apenas adicionei ao plano. Felizmente, ela estava um pouco chapada. Ganhei sua confiança rapidamente e ela pulou quando eu disse.

Eu fingi estar emburrado quando chegamos no final. — Você acabou de me custar dois clientes.

Sua boca caiu aberta. — Você está falando sério agora?

— Definitivamente não pode ser a Sra. Callahan, — eu murmurei e o olhar

em seu rosto fez o canto dos meus lábios se levantarem.

— Foda-se, — ela resmungou quando entramos no lobby principal. Os clientes estavam dando voltas, chocados e falando em voz baixa sobre o que acabaram de testemunhar. Enquanto isso, a assassina ainda estava fazendo caretas sobre o sabor em sua boca.

— Almoço? — Eu perguntei a ela, apontando para o café no lobby.

— Sim, por favor. — Ela pegou meu braço e me seguiu para dentro. Todo mundo estava olhando para fora das janelas enquanto nos sentávamos.

— Sua irmã pediu a você para fazer isso? — Eu derramei a água da jarra em seu copo antes de encher o meu.

— Não. Ela o ama de qualquer jeito, — ela respondeu levantando o cardápio. — O que ela viu naquele pinto mole, babaca cérebro de músculos é um mistério para mim. Ela vai me agradecer um dia se eu contar a ela.

— Se você contar a ela? — Eu repeti. — Então você não vai contar a ela?

— Não, — ela disse com firmeza enquanto seus olhos cinzas digitalizavam o cardápio. — Bellarose tem o pior gosto para homens.

— E você é melhor? — Eu questionei.

— Você está perguntando isso para que eu te elogie agora?

— Nunca. — Eu ri e me recostei na cadeira. — Então, se você tomou a iniciativa sozinha de matá-lo pelo bem de sua irmã, você deve realmente amá-la.

Ela fez uma pausa e olhou para mim. — Você realmente acredita nisso?

— Acredito no quê?

— Que eu fiz isso porque eu amo minha irmã?

— Estou incorreto?

Ela assentiu, colocando o cardápio para baixo e os cotovelos sobre a mesa. — Minha prioridade número um sou eu mesma. Como eu pareceria tendo ele como cunhado?

— Esse é o seu raciocínio? — Surpresa amarrou meu tom, mas, por outro lado, eu teria feito a mesma coisa se tivesse sido alguma das pessoas da minha família.

— Pessoas como ele acabam sendo um inconveniente depois. Eu já disse a Bellarose para se apaixonar por pessoas mais sensatas. Ela não deu ouvidos, então eu a ajudei. Eu não posso escolher minha família, mas vou garantir muito bem que minha família completa seja digna, — ela respondeu friamente, depois respirou fundo olhando ao redor do restaurante pelo garçom. *Havia mais nisso que ela não estava contando.* Sua voz mudou completamente quando ela chamou o garçom.

— Com licença?

O homem se virou e ao vê-la e examinou-a. Ela deu a ele um sorriso deslumbrante que o fez sorrir de volta, até que ele finalmente percebeu que eu estava sentado em frente a ela. Lentamente ele se aproximou.

— Desculpe, houve um acidente...

— Nós ouvimos, é horrível. Ela está morta? — Ela retomou seu jogo.

— Sim, infelizmente. Os policiais estão no local agora, apenas fechando a área em volta da frente do café. Nós provavelmente estaremos fechando.

— Oh, — ela disse rapidamente, fechando o menu. — Nós iremos...

— Vou pedir ao chef para fazer alguma coisa para você levar, por conta da casa, — interveio ele.

— Você tem certeza?

— Claro, o que você gostaria? — Ele se inclinou mais perto dela, espreitando por cima do ombro dela como se eu não estivesse sentado aqui.

Foi só neste momento que eu percebi que ele estava agindo assim porque eu não era Ethan Callahan. Eu era apenas um cara com uma garota linda. Ele não sabia quem eu era ou o que eu poderia fazer para ele. Pelo que ele sabia, eu era um turista.

— Chefe, — ela olhou para mim, — você não quer nada?

Não escapou do meu conhecimento que o garçom deu um leve sorriso quando a ouviu me chamar de *Chefe*.

— Você fora da minha camisa e de volta na minha cama, — eu respondi, e sua sobrancelha se levantou. — Mas por enquanto, vou querer o que você está pedindo e um expresso para levar.

Os olhos dele encontraram os meus e ele se endireitou, pegando o cardápio dela. Quando ele saiu, os olhos dela se fixaram em mim.

— Eu pensei que você estava cansado de mim?

Levantando-se do meu lugar, ofereci-lhe a minha mão. — Vamos comer em algum lugar à altura dos nossos padrões.

— Tudo o que você disser, chefe.

# Capítulo Seis

“— Nossas almas já se conhecem, não se conhecem? — ele sussurrou.

— São nossos corpos que são novos.”

*Karen Ross*

## CALLIOPE

**21 ANOS**

**Cartagena, Colômbia**

***Segunda-feira, 1 de julho***

— Quando você disse um lugar à altura dos nossos padrões, eu estava pensando em Lucia Moyano. — Era o restaurante mais caro da capital de Bogotá. Em vez disso, ele mesmo me levou para Cartagena, quase uma hora e meia de distância. Era uma bela cidade portuária na costa norte do Mar do Caribe.

— O quê? Eu pensei que você gostasse de igreja? — Ele sorriu sarcasticamente. Ele abriu a porta do seu Bentley para mim e eu saí na frente da bela capela espanhola do final do século quinze.

*Ele estava tramando algo.* Eu podia sentir e notei que alguns de seus capangas estavam de volta. Eu pensei que ele tinha se livrado deles. Mas ele provavelmente tinha pessoas locais. Eles apenas acenaram a cabeça para ele e abriram as portas da capela para mim.

A primeira coisa que me veio à mente foi o ouro. Ele cobria as paredes, o teto e a cúpula em um desenho detalhado de videira. Emoldurava a arte inestimável que tinha mais de dois metros e meio de altura por todos os lados. O piso era de mármore branco com videiras em ouro neles.

— Então aqui é onde o El Dorado está. — Eu sorri, andando para frente. Além do fato de que era uma capela, por isso a iconografia, não havia bancos. O chão estava vazio, quase como uma mesquita. Eu me virei para ele. — Bonita, mas por que nós estamos aqui?

Ele estalou os dedos e, instintivamente fiquei tensa quando as pessoas vieram de uma sala atrás do altar, duas carregando uma pequena mesa de madeira, outras duas carregando cadeiras e outras, velas, seguidas da prataria. Eu as assisti criar um jantar particular no centro da capela.

— Eu senti pânico de você agora? — ele sussurrou atrás de mim. — O que aconteceu em confiar em mim?

Ele não ia deixar passar essa.

— Você vai puxar a cadeira para mim? — Eu perguntei, ignorando sua maldita pergunta.

O garçom recuou quando Ethan se adiantou. Com uma mão ele puxou a cadeira para mim, diversão clara em seus olhos verdes. Ele então tomou seu lugar na minha frente, desabotoando seu paletó.

— Tinto ou branco, senhorita? — o garçom me perguntou, no entanto, Ethan respondeu a ele no meu lugar.

— Tinto, o *Teso La Monja*.

Assentindo, o homem magricela voltou, e não escapou da minha observação que todos que haviam ajudado a preparar este jantar saíram tão rápido quanto eles tinham vindo. Nenhum de nós falou, nós simplesmente esperamos neste paraíso dourado. O garçom logo veio com o vinho e atrás dele estava um chef, assim como os garçons. Eles colocaram uma variedade de pratos tradicionais espanhóis em toda a mesa para nós. O garçom serviu o vinho na minha taça.

— Complete para ela, — Ethan orientou, rodando a taça entre os dedos, seus olhos diretamente em mim.

*O que ele está tramando?* Eu queria perguntar, mas bebi mesmo assim. Se nós estivéssemos prestes a brigar, eu queria pelo menos tomar uma bebida.

— Algo mais? — Todos eles esperaram a palavra dele, e ele sabia disso, mas preferiu tomar um gole do vinho. Lambendo os lábios antes de colocar a taça na mesa, ele acenou para eles.

Um por um, todos eles saíram e ele relaxou de volta em sua cadeira.

Eu bebi.

— Você não está com fome? — ele questionou.

Eu bebi mais um pouco, ainda olhando para ele. — Você vai fazer algo estúpido agora?

— Estúpido? — Ele sorriu. — Não é você quem queria um encontro?

— É o que isso é? — Eu olhei para a porta. — Não parece.

— Como parece?

— Uma emboscada.

Um sorriso se espalhou pelo rosto dele. — Esta é a primeira vez que te vi amedrontada.

— Esta é a primeira vez que você não se preocupou em mentir na minha cara, tentou me congelar com o seu olhar, ou ameaçou me matar, — eu repliquei para ele.

— Em minha defesa, você veio um pouco forte, — respondeu ele, levantando o vinho novamente.

— Eu vim forte?

— Você está negando isso?

— Em minha defesa, força é a única coisa que você reconheceria. — Peguei minha colher e peguei o arroz e o camarão.

— Verdade. — Ele começou a comer do mesmo prato.

— E aí? — Eu pressionei antes de comer um pouco. *Nada mal.*

Ele comeu u pouco antes de responder. — E aí, não é costume para as pessoas compartilhar detalhes sobre elas mesmas em encontros? Você já me conhece, mas quem é você, Calliope, quando não está planejando, matando e fingindo ser um anjo?

Eu olhei fixamente.

Levou-me um segundo para entender o que estava acontecendo. Mas assim que o segundo passou, eu ri. Eu levantei a mão para cobrir minha mão sobre a boca. Ele estava falando sério.

— Jesus fodido Cristo, Ethan, — eu balancei a cabeça, incapaz de conter o

riso, — nós realmente precisamos trabalhar na sua feição de encontro, parece que você está planejando minha execução.

— Eu não estava antes, — ele resmungou antes de franzir a testa. Quase parecia que ele estava prestes a fazer beicinho. — Não é minha culpa você ser paranoica.

*Ele é fofo quando não está no modo chefe.*

Balançando a cabeça novamente, respirei fundo e me inclinei. — O que você quer saber?

— Tudo.

— Você vai me contar tudo sobre você? — Eu sussurrei.

— Você parece saber muito...

— Eu sei o que é óbvio, ou o que eu li ou foi dito por pessoas externas. Quem é você debaixo do chefe? — perguntei a ele.

Seus olhos se estreitaram, e eu percebi que ele fazia isso quando ele não confiava em algo, não quando ele queria ser um idiota. — Você continua evitando falar sobre si mesma. Por quê? Alguém iria pensar que você só queria conseguir o máximo de informação possível de mim.

Eu sorri com isso. — Quem é o paranoico agora?

— Ainda enrolando. — Ele rasgou o pão com as mãos para comer com a sopa. — Suspeito. Talvez eu deva voltar para os olhares frios.

Eu revirei meus olhos para isso. — Você já pensou que talvez eu não fale sobre mim porque é doloroso?

— Obviamente que será doloroso. As pessoas não nascem monstros, nós somos moldados neles desde a infância, — ele respondeu antes de dar uma mordida. — Então, qual foi o seu calvário? Pais cruéis?

— Pais indiferentes, — eu respondi, pegando o pão também. — Ao contrário dos seus, os meus pais não se casaram por amor e minha mãe nunca quis filhos, ainda um terceiro? Ela odiava mais a mim; eu podia sentir isso toda vez que ela me batia. Meu pai é um vai e vem funcionando bêbado. Juntos, eles possuem uma linha de moda e beleza. Minhas irmãs são modelos e seguem meus pais. Avena é a futura bêbada da família e Bellarose é temperamental e também

violenta. Ela me bateu muito também. Na verdade, eu me lembro de um Natal que ela me empurrou escada abaixo em nossa casa porque ela estava com ciúmes do vestido que nossa avó me deu. Ela também tinha um, mas ela estava chateada que o meu era da sua cor favorita e eu não iria trocar com ela. Eu quebrei meu queixo e duas costelas naquele Natal. Eu acho que é por isso que achei engraçado você ter pensado que havia algum vínculo entre irmãs profundo entre nós... nunca houve tal coisa. Minha família é uma bagunça destruída, mas como eu disse antes, você não pode escolher a família em que você nasceu.

Ele ergueu o copo aos lábios, — Você odeia sua irmã?

— Eu sou indiferente. — dei de ombros, mergulhando meu pão na sopa.

— Mentirosa, — disse ele, fazendo-me olhar dentro de seus olhos verdes. — Se você fosse indiferente, teria deixado que ela se casasse com o idiota desta tarde, ou você o teria feito desaparecer em silêncio, e ela poderia se lamentar dele pelo resto de sua vida. Em vez disso, você a expôs ao ridículo. Ela não será envolvida no crime, mas todo mundo ainda vai saber que seu noivo foi assassinado enquanto usava aparatos de sadomasoquismo, drogado com cocaína, com outra mulher.

— Não é como se eu soubesse que ele estaria com aparato de sadomasoquismo. — Eu não pude evitar o sorriso no meu rosto enquanto comia o pão.

— Você sabia que eu muito provavelmente seguiria você, — acrescentou ele. — Você queria que eu te visse hoje.

— Eu disse a você para não vir...

— Sabendo muito bem que isso me faria querer vir ainda mais. Essa é sua arma; você faz as pessoas pensarem que elas estão fazendo o que querem quando você está realmente puxando as cordas.

— E eu aqui pensei que você fosse o mestre das marionetes? — Eu repliquei.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não acho que estou no seu nível ainda.

— Ethan Callahan, é humildade o que estou vendo? — Eu ofeguei em falso espanto.

— Honestidade, — disse ele com um sorriso. — Você está mais

comprometida com o ato, enquanto eu prefiro ficar de lado e assistir.

— Em sua defesa, duvido que você possa ser mais emocional em público. Silencioso e ameaçador cai bem em você.

— Calliope Orsini, isso é um elogio? — Ele ofegou com o mesmo espanto fingido que eu, e não pude deixar de rir disso também.

# ETHAN

**23 ANOS**

**Cartagena, Colômbia**

***Terça-feira, 2 de julho***

Não era o vinho.

Não era nem a conversa.

Eu simplesmente a queria.

E no momento em que voltamos para minha casa, eu sabia que ela me queria também.

Ela me empurrou e me obrigou a ficar de costas na cama, beijando meu peito até que seus lábios alcançaram o cós da minha boxer. Ela me beijou sobre o tecido antes de puxá-la para baixo, pegando meu pau em suas mãos. Ela deslizou a mão sobre o meu comprimento e eu fechei meus olhos enquanto o prazer me dominava. Sua mão deslizou até a base e ela beijou o lado do meu pau. De beijar, ela mudou para me lamber; para cima e depois para baixo novamente. Eu sentei e afastei o cabelo dela do rosto, inalando pelo nariz. Ela despertou um novo lado de mim, um, desencadeado pela luxúria. O sexo com ela era o maldito paraíso e obscurecia todo o resto.

— Ah... — eu exalei quando ela me levou em sua doce boca molhada. Seus olhos estavam fechados e ela parecia estar adorando enquanto me chupava. Rangendo meus dentes, agarrei em seu cabelo escuro com força. Empurrando em sua boca algumas vezes, eu estava arrebatado pela

sensação da sua garganta. Não demorou muito para eu sentir a urgência... o desejo.

Foi só quando eu dei um puxão no cabelo dela que ela me retirou.

Sua boca pairou a menos de um centímetro do meu pau e ela lambeu os lábios, olhando para mim com aqueles malditos olhos dela. Eles me assombravam. Eles penetravam direto através de mim. Eram lindos, enigmáticos e cheios de luxúria. Eu tive que pará-la porque eu sabia que ela estava gostando de me ver à sua maldita mercê.

*Porra, ela era diabólica.*

Como se ela soubesse o que eu estava pensando, ela lambeu a ponta mais uma vez, meu sangue se transformando em lava em minhas veias. Eu queria enfiar meu pau de volta em sua boca e foder até não desejar mais. Mas isso é o que ela queria. Ela queria que eu perdesse o controle para ela. Engolindo a saliva na boca, inalei profundamente, tentando me acalmar. Quando eu me acalmei, ela sorriu maliciosamente, pairando sobre mim.

— Você desperdiçou a chance de foder minha boca só porque você não queria gozar primeiro... você realmente não gosta de perder, — ela riu, balançando a cabeça para mim. — Tudo bem. Eu vou para um banho agora.

De repente ela saiu da cama, e eu pude apenas vê-la ir, incapaz de tirar meus olhos da curva de sua bunda e as pequenas marcas de nascença decorando seu corpo, uma delas na sua nádega esquerda.

Levantando-me da cama, tirei a cueca e a segui até o banheiro.

— Outro dos antigos esconderijos da sua mãe? — Ela se sentou na funda banheira de pedra que dominava o banheiro. Colocou seu cabelo castanho escuro por cima do ombro, as longas madeixas repousando em seu seio. — É estranho mencionar sua mãe enquanto você tem uma ereção?

Ela tinha um sorriso malicioso nos lábios. Pegando o controle remoto, liguei a água, que caía do teto como uma cachoeira. Ela ofegou, seu peito arfando e sua respiração acelerando quando o calor da água a atingiu. Pisando dentro da banheira eu sentei em frente a ela, o calor relaxando meus músculos, mas não ajudando meu pau nem um pouco... nem ela. Ela ficou em pé no centro para permitir que a chuva de água caísse sobre ela.

— Assim é como você deveria ter me convidado na primeira vez. — Ela pegou um dos frascos ao lado da banheira antes de derramar o óleo de rosa em si mesma e, lentamente, massageando-o em sua pele. O modo como a água escorria sobre seus seios, deslizando pelo seu corpo, era uma tortura.

— Você nunca me contou como se livrou dos corpos deles, — eu disse, tentando ignorar minha luxúria. Ela era apenas uma mulher, porra. Eu era o Don de duas fodidas famílias. Eu tinha o poder e ela estava do lado de fora. Ainda assim, eu me sentia impotente contra ela.

*Isso é tão errado.*

Eu estava arriscando muito. Mas esse risco, esse perigo, me excitava. Ela me excitava de muitas maneiras diferentes.

Ela se virou para mim, ainda de pé sob a água. — Essa não é uma história muito romântica, Ethan.

— Bom. Eu não acredito em histórias românticas.

— E eu sou uma romântica incurável.

— Você me dará uma resposta direta? Ou você apenas continuará usando seu corpo para me distrair?

— Não é apenas o meu corpo que faz isso, mas tudo bem. Eu vou te dizer. Depois que eu atirei em você e arrastei sua bunda de volta para o sofá, eu levei seus sequestradores para fora do mesmo modo que eles me trouxeram para dentro, através daquela maldita sala dos fundos, e me livrei deles. Depois eu tive que usar a pia para tomar um banho de esponja. Você sabe como é difícil limpar a sujeira, sangue, suor e a gasolina em uma pia de cozinha?

— Você queimou os corpos deles no posto de gasolina? — Eu questionei, movendo-me para ficar atrás dela. Pegando um segundo frasco, eu derramei o conteúdo na minha mão, esfregando-o em seu cabelo.

— Eu pareço uma idiota para você? — Ela se inclinou contra mim e fechou os olhos enquanto eu corria meus dedos pelo seu cabelo. — Eu tive gasolina em mim porque o seu maldito posto de gasolina parece não ter sido reformado desde 1990. O maldito bico espirrou gasolina nos meus pés enquanto eu estava enchendo o carro que roubei do gerente do posto. A propósito, você vai precisar contratar um novo, espero que não se importe. Eu realmente não achei

que poderia inventar uma desculpa por sair da sala dos fundos com três homens mortos.

— Pouco tarde para perguntar, — eu respondi, deixando a água derramar sobre sua cabeça e lavando-a.

— Verdade. — Ela se virou para me encarar, ensaboando a esponja e passando-a sobre o meu peito. — Você vai ter que viver com isso.

Engraçado, como eu tinha que viver com o assassinato dela, não ela.

— O que aconteceu depois que você encheu o carro? — Eu perguntei enquanto ela caminhava atrás de mim para esfregar minhas costas.

— Eu dirigi o carro cerca de uma hora para La Calera, depois queimei os corpos deles antes de dirigir de volta. Ah, e o seu cãozinho, Tobias, acho que é o nome dele... eu o mandei enviar um novo funcionário para o posto via texto.

— Parece que foi um dia estressante para você, — eu disse quando ela voltou.

— Foi. E tudo que você fez foi ter um sono de beleza, mesmo que tudo isso tenha sido sua culpa. Não. Me. Sequestre. Novamente. — ela falou brava, olhando nos meus olhos.

— Eu farei o meu melhor. Embora eu não cumpra. Eu sou um vilão se você não notou. Nós não somos conhecidos por manter nossas promessas.

— Eu sei o que você é, é por isso que não pedi por uma promessa. Eu te dei um aviso. — Ela gentilmente me empurrou para trás e sentou-se, seu corpo afundando lentamente sob a água.

— Quanto àqueles policiais corruptos que perderam a cabeça, eu não fiz muito. Eles estavam no restaurante que eu estava trabalhando e eu dei para eles uma bebida *especial* e eles só ficaram paranoicos. Como eu deveria saber que eles iam se virar uns contra os outros e queimar todos os campos pensando que alguém os encontrou?

— E as 12 toneladas? — perguntei.

Aquele sorriso perverso voltou para o rosto dela. — Pergunte-me gentilmente.

Quando eu não respondi, ela afundou todo o corpo debaixo d'água.

*Finalmente,* eu pensei, observando-a enquanto ela prendia a respiração debaixo d'água. Finalmente, alguém que não precisava de mim para cuidar da merda. Que pensava antes de agir. Alguém que podia pensar rapidamente e executar. Alguém que eu não precisava limpar depois. Ela estava irritada, mas ela não estava reclamando sobre o que ela teve que fazer. Tudo era lógico para ela, todos os passos em seu plano.

Eu aumentei o calor e fiquei sob a cachoeira quando ela surgiu para tomar ar. Ela me observou, a luxúria ainda clara em seus olhos famintos. Ela se recostou na banheira. — As drogas estão enterradas no restaurante da Maria. Você esteve sentado nelas o tempo todo.

— Como?

— Eu dei a um deles a chave, — disse ela, como se fosse óbvio.

— Eles devem ter sido muito próximos a você para serem capazes de conseguir uma chave. — Eu fiz uma careta, sem saber ao certo exatamente por que essa declaração me incomodou.

Ela deu de ombros e me deu um olhar inocente. — Não é culpa minha que a polícia queria me proteger. Especialmente depois que eles souberam quantos membros do cartel continuavam tentando “me desposar”.

E de repente eu coloquei tudo junto.

Ela deve ter chegado perto o suficiente para seduzir alguém no cartel, mas em vez de ceder, ela disse aos tiras que eles a estavam assediando, e os tiras corruptos usaram isso como uma desculpa para dar uma passada e verificar o local, para ter certeza que era *seguro* para ela trabalhar. Ela deu a eles uma chave e eles a usaram para armazenar as drogas. Quem iria a um restaurante onde os policiais passavam o tempo? Por isso eu queria falar com Maria no início. Eu suspeitava que ela estava trabalhando para a polícia então, e fiz questão de ficar lá quando eu cheguei. Foi quando eu encontrei Calliope. E porque eu estava lá, aqueles policiais entraram em pânico, achando que foram apanhados. Ela deve ter se encontrado com eles secretamente e então os drogou ou envenenou. Os noticiários disseram que eles estavam tão fora de si que estavam quase arrancando os rostos uns dos outros. Eles ainda não haviam se recuperado e muitos deles estavam mortos.

*Ela fez tudo isso sozinha?*

— Tem mais vinho? — perguntou ela, passando as mãos pelo cabelo. Ela bebia vinho como se fosse a maldita água.

Eu estendi a mão e pressionei um controle remoto. Ao nosso lado, um painel surgiu e havia uma única taça, bem como uma garrafa de vinho tinto. Ela olhou para mim e depois para a garrafa, e para mim novamente antes de explodir em uma risada. — Acho que isso é um sinal de que sua mãe teria gostado de mim. Eu quero um.

Ela pegou a garrafa, desarrolhando-a com facilidade. — Primeiras honras?

Indo para ela, me ajoelhei entre suas pernas e abri a boca. Ela derramou, lambendo o vinho do lado da minha boca. Engolindo, eu a puxei em direção aos meus quadris, pegando a garrafa dela e devolvendo o favor, mas errando a boca dela de propósito, para que eu pudesse lamber o vinho de sua pele. O vinho rolou pelo seu peito e o gosto foi muito melhor misturado com o sabor dela. Levantando-a, eu a sentei na beira da banheira e a abri mais antes de derramar o vinho pela barriga dela. Eu coloquei a garrafa para baixo e lambi ao longo da trilha, sugando seu umbigo. O gosto de vinho tinto na minha língua enquanto eu ia entre suas coxas. Usando meus dedos, espalhei os lábios de sua boceta e lambi seu clitóris.

— Oh, — ela gemeu antes de se agarrar no meu cabelo. Quando eu deslizei meu dedo do meio dentro dela, todo o seu corpo sacudiu em direção a minha língua. Ela já estava tão molhada. Antes que eu pudesse colocar outro dedo dentro, ela puxou meu cabelo, me forçando para longe dela.

— Maldição, — ela sussurrou e eu a lambi dos meus lábios.

Ela me empurrou de volta para a água antes de subir em cima de mim. Levou menos de um segundo para eu encontrar sua entrada enquanto eu segurava sua cintura. Ela agarrou meus ombros, facilmente indo para baixo no meu pau. Fechando meus olhos, senti suas paredes apertarem em volta de mim. Suas unhas como garras cavaram no meu ombro.

Levantando a mão, eu agarrei seu queixo, puxando seu rosto para mais perto do meu. Antes de seus lábios encontrarem os meus, ela se afastou, sua mão indo para o meu rosto.

TAPA.

Minha bochecha ardeu e eu podia sentir a impressão da mão dela no meu

rosto. Ao mesmo tempo, ela se levantou para fora de mim e voltou para baixo, a dor e o prazer incendiando meu corpo. Eu estiquei meu queixo antes de olhar para ela novamente.

TAPA.

Exalando pelo nariz, olhei de volta mais uma vez.

TAPA.

Depois do terceiro tapa eu virei nós dois, prendendo-a contra a banheira. Segurando seus dois pulsos acima da cabeça dela com uma mão, a outra agarrando com força sobre sua coxa, eu me enterrei profundamente dentro dela novamente.

— Ah... mais forte... — ela ofegou e eu não consegui me conter. Eu já tinha feito muito disso. — Ethan... mais forte... sim!

Ela gritou quando gozou e tudo que eu podia fazer era grunhir como um fodido homem das cavernas enquanto eu fodia sua linda e apertada boceta molhada. Cada vez me enterrando mais e mais profundamente dentro dela antes de eu gozar.

— Porr... — Eu não consegui soltar a palavra, pois sua boca estava na minha, sua língua na minha boca, seus seios pressionados contra o meu peito.

Eu agarrei sua bunda, e saímos da banheira, e ela gemeu na minha boca enquanto eu a levava através do quarto, deitando-a na cama.

— Você sabe que eu vou retribuir por esses tapas, — eu informei quando nos separamos.

— Eu gosto de dor com o meu prazer. Você não gosta?

Meu pai costumava me dizer que ele e minha mãe eram almas gêmeas, escravos para o melhor e o pior um do outro, que ele não podia lutar com minha mãe na maioria das vezes porque ele não tinha a força ou a vontade para fazê-lo. Ela o possuía completamente e ele apenas tinha que viver com isso. Naquela época, eu achava que ele estava apenas sendo meloso como sempre. Agora, eu acho que o entendia muito melhor do que eu queria.

Eu olhei para baixo em meu braço, observando o pelo se levantar enquanto minha pele se contraía e eu ficava arrepiado.

*Merda*.

# Capítulo Sete

“Seduza minha mente e você pode ter meu corpo,

Encontre minha alma e eu serei seu para sempre.”

*Desconhecido*

## CALLIOPE

**21 ANOS**

**Cartagena, Colômbia**

***Quarta-feira, 3 de julho***

Eu sou diferente das pessoas normais.

Eu não sei quando percebi isso, mas eu era jovem. Eu tinha cerca de quatro anos quando comecei a notar que minha mãe me odiava. Ela chegou tão longe, a ponto de dizer que eu era amaldiçoada porque eu não fazia as coisas do jeito que deveria fazer, ou do jeito que as minhas irmãs faziam. Ela estava sempre me dizendo para sorrir quando eu não estava sorrindo. Ou para parar de rir quando eu ria. Por alguma razão, eu fazia aquelas coisas na hora errada. Quando as pessoas estavam com medo, quando elas se machucavam ou morriam, eu ria. Eu achava que era divertido. Era como assistir a uma pessoa escorregar em uma casca de banana... eles não viam a casca? Por que elas continuavam andando em direção a ela?

Eles eram tolos para mim. Mas meu riso assustava minha mãe. Especialmente naquela vez que eu ri no funeral do tio dela. Ela me disse para parar... não, ela me levou ao banheiro e me implorou para não rir. Mas quando eu o vi deitado no caixão, todo de branco e morto, e todas as flores, eu ri porque parecia bobo que ele estivesse todo vestido. Para onde ele estava indo? Para a terra. E também era engraçado que ninguém, exceto a família, que mal tinha dez pessoas, estivesse lá.

Lembrei-me de pensar, cara, ele realmente não fez nada com sua vida. Ele não era importante o suficiente para se lembrar. Ele viveu todos esses anos e

ninguém se importou com ele. Nem mesmo minha mãe. Ela reclamou sobre ter que ir e chamou-o de caloteiro. Então, ela fingiu chorar no funeral. Então, por que eu que tinha problemas? Na época eu não entendi. Eu apenas pensei que era diferente. Meu pai me disse que estava tudo bem ser diferente. Mas um dia, eu os ouvi conversando sobre me levar para ver um médico, um terapeuta ou psicólogo. Eu não tinha certeza qual deles era, mas eu não queria vê-los.

Minha mãe tinha certeza que eu precisava ir. Então eu fui para o meu pai e implorei. Eu não sabia como me fazer chorar ainda, então eu apenas implorei. Eu tentava agir normalmente e ele disse que eu era diferente de Avena e Rosie, eu não teria que gostar das mesmas coisas que elas, mas isso era bom. Era a minha força. Ele estava certo... mas não completamente. Eu gostava de muitas coisas que minhas irmãs gostavam, eu só falava sério quando eu dizia que ia ter tudo.

Minha vida realmente mudou no dia em que fui àquela festa de aniversário. Liam e Melody Callahan, eles não eram como as outras pessoas ricas. Eles eram superiores. Eu sou temperamental, então é claro que eu queria machucar as mulheres que zombaram da minha mãe. Mas então Melody me parou, e eu decidi que queria ser como ela. Não, eu queria tudo. Do mesmo jeito quando uma mulher vê sapatos e simplesmente os quer. Eu não tinha descoberto toda a lógica por trás dos meus pensamentos e desejos naquela época. Eu queria a vida dela. E ela não me disse não, ela apenas disse que eu não era forte o suficiente para isso. Era como se ela estivesse dizendo que se você quisesse aqueles sapatos, custaria a você mil dólares. Meu próximo pensamento lógico foi, tudo bem então, eu voltarei com o dinheiro. Eu disse a mim mesma que voltaria mais forte.

Eu realmente não tinha pensado muito em Ethan até que ele me chamou antes de sairmos. E enquanto eu estava escondendo, ele descobriu. Ele descobriu que eu estava mentindo para as pessoas e ele me ajudou a mentir. Foi divertido. Foi a primeira vez que falei com alguém perto da minha idade que não falava sobre videogames ou insetos, ou achava que eu era apenas uma garota. Ele meio que parecia como um adulto, e eu gostei dele.

*Sim, eu vou casar com ele quando for mais velha.*

Era como eu pensava. Era assim, simples e singular, que meu processo de pensamento era. Eu acho que existe um espectro para sociopatas e psicopatas. Eu sei que Ethan e eu estamos em algum lugar no extremo desse espectro. E mesmo naquela época, eu sabia que ele era o único que seria capaz de me entender.

Ele agora sabia que eu era a única que podia entendê-lo.

Nós estávamos finalmente na mesma porra de página. E como celebramos isso?

Fodendo.

Era assim que nós ficávamos chapados aparentemente. E nós não conseguíamos parar. Eu não queria parar.

— Oh... ah... — Eu gemi segurando a pia da cozinha enquanto seu pau batia na minha bunda. O som da nossa pele batendo uma contra a outra, a sensação da mão dele enquanto apertava meus seios, seus dentes no meu pescoço, como eu podia não gemer? Como eu podia não salivar? Deus, ele sabia como foder.

— Eu não posso ouvir você. — Ele falou no meu ouvido e eu tremi. — Geme para mim...

— Foda-me mais forte, então, -— Eu bati minha mão na borda da pia, meus olhos rolando para trás na minha cabeça quando ele puxou quase todo o caminho para fora de mim antes de se empurrar de volta para dentro. Eu não conseguia aguentar mais, eu senti aquele fogo na boca do meu estômago.

— Não se atreva, — ele falou com sarcasmo, mordendo minha orelha. — Você goza quando eu disser.

— *Ethan*, — eu disse, fechando os olhos quando gozei.

— Maldição! — ele sibilou, acelerando. Seu aperto em mim aumentou antes de ele praguejar, gozando em mim novamente.

Nós dois nos curvamos um pouco, a mão dele ao lado da minha na borda da pia.

— *Io e te ter metri sopra il cielo*, (você e eu estamos a três metros acima do céu), — eu sussurrei com um sorriso no rosto.

— *Vuoi dire l'inferno, siamo sotterranei, ricordi*? (Você quer dizer Inferno, nós estamos no subterrâneo, lembra?), — ele respondeu, beijando meu ombro enquanto se retirava de mim lentamente.

Eu ri, balançando a cabeça quando abri a torneira. — É de um filme. *Tre Metri Sopra il Cielo*, você não assistiu?

— Eu não sou muito de filmes. — Ele pegou uma pequena toalha e segurou-a sob a água quente. Eu sabia o que ele ia fazer, então eu a arranquei dele. Se eu deixasse ele me limpar, nós estaríamos fodendo tudo de novo e eu estava com fome.

Ele olhou feio, mas não disse nada. Ele se limpou antes de lavar as mãos e tomar o café da manhã que eu tinha feito antes de ele vir para uma foda matinal, e caminhou até a mesa de jantar.

— Isso vai ter que mudar porque eu amo filmes, — eu disse enquanto pegava mais toalhas. — Eles me ensinam muito sobre pessoas normais.

— Então você sabe que não é normal? — ele perguntou, colocando a omelete em sua torrada antes de olhar de volta para mim.

— Quem diabos quer ser normal? — apertei a toalha e limpei meu corpo com ela. — Eu sei que eu não quero, sei que você não quer. Mas só porque nós não queremos ser como eles, não deveria significar que não tentamos entendê-los. De que outra forma podemos conquistá-los?

— *Mi ecciti*, (Você está me excitando), — foi a resposta dele. Seus olhos seguiram minhas mãos enquanto eu me limpava. Ouvir italiano de seus lábios me fez querer sentar em seu rosto.

*Nota para mim: Faça isso mais tarde.*

— Você sempre está excitado, — eu lembrei a ele e joguei no cesto a toalha. Lavei as mãos antes de pegar meu prato e voltar para a mesa, sentando-me na cadeira ao lado dele.

— Você ainda se senta com as pernas cruzadas nas cadeiras. — Ele me deu um sorriso malicioso.

— Só em particular. Não é muito ”dama” como me disseram. — Eu disse antes de comer, até descansando meus cotovelos na mesa.

— Você está em particular agora?

— Do jeito que seu pau continua procurando minhas partes privadas, é melhor que eu esteja.

Ele sorriu e eu também.

— Eu acho que estou em particular agora. — Ele olhou dentro dos meus

olhos e seu rosto ficou vazio novamente. Ele acenou para a jarra de suco na mesa. — Coloque para mim um pouco de suco.

Eu olhei e peguei a jarra, enchendo um copo. Ele estendeu a mão para o copo e eu bebi... tudo. Colocando o copo e a jarra de volta onde eu peguei, eu disse a ele:

— Eu fiz o café da manhã porque eu gosto de comida, não para lhe dar a impressão de que sou dona de casa ou uma servente doméstica. Você tem mãos, despeje para você seu próprio maldito suco.

Sua mandíbula estalou para o lado por um momento... depois os cantos da boca dele se ergueram. — Por que eu tenho o sentimento que nós podemos lutar com frequência?

— Porque você sabe que gosta de me foder forte como punição pela luta.

Ele estendeu a mão e pegou o suco de laranja, assim como o copo que eu tinha usado, servindo para ele um copo. Antes de levantá-lo para beber, ele simplesmente disse:

— Vamos assistir aquele filme essa noite.

Eu não era normal.

Nem ele era.

E era perfeito assim.

— Nós temos pipoca? — eu quis saber.

— Não se incomode, eu vou te foder a metade do filme, e vai ser um saco limpar essa merda, — disse ele antes de encher a boca.

— Eu vou comer durante a primeira metade do filme, então.

# ETHAN

— Você deveria ir para Bali ontem, não deveria? — eu corri minha mão pela sua espinha enquanto ela estava deitada de barriga para baixo assistindo o

filme na tela... com a maldita pipoca.

— Alguém me distraiu com seu pau o dia todo e eu perdi meu voo.

— É uma pena, eu ouvi dizer que Bali é linda nesta época do ano. — Eu beijei suas costas. — Você está desperdiçando suas férias aqui comigo.

— Dificilmente um desperdício e, além disso, meu trabalho é um pouquinho diferente.

— Como assim?

— Eu mato pessoas, — ela disse calmamente e enfiou outra pipoca entre os lábios.

*Ela quer conseguir alguma reação de mim.* — Você ganha a vida com isso?

— O que eu posso dizer? Muitas pessoas querem muitas pessoas mortas.

— Então, um assassino... mulher.

Ela deu um risinho e olhou para trás, por cima do ombro. — Eu tenho padrões. Eu não vou matar cônjuges traidores, fora o meu ex-cunhado, ou seu padeiro local.

— Existe uma lista de alvos para padeiros? Hmm, quem teria pensado? — Eu não consegui não rir disso.

Ela se virou e se sentou, colocando a tigela no colo. — O traficante de drogas do bairro está zombando de mim?

— Em minha defesa, é um bairro muito grande. Quem você está matando se não está matando padeiros locais?

— Presidentes, — afirmou ela com um olhar presunçoso no rosto, jogando outra pipoca na boca.

Eu parei, lembrando dos eventos da semana passada. — Você matou o Presidente Rojas também.

— Eu acho que o termo politicamente correto é assassinado.

— O que faria de você uma assassina, — eu disse lentamente.

— Dois coelhos com uma cajadada. Eu vim por você e por acaso tinha

trabalho a fazer, — ela disse alegremente. — Surpresa. Por favor, não me pergunte qual é o meu número. Isso é muito pessoal.

Bem, esta foi uma reviravolta inesperada de eventos.

— Foi assim que você ficou mais forte, não é? — Eu não tinha certeza de como ela tinha chegado ao lugar em que ela estava agora e, para ser sincero, eu realmente não me importava.

— Em parte. Meu avô costumava trabalhar para sua mãe.

— Eu sei. — Seu pai tinha estado em um dos registros da minha mãe, ele era um Orsini que mudou seu nome para Affini.

— A história confusa que conecta nossas famílias só vai ficar mais complicada quando as pessoas descobrirem que eu estou com você.

— Se meus pais conseguiram dar um jeito, estou confiante de que nós podemos também, — respondi. Esse capítulo da história pertence aos nossos avós, não a nós. Afinal de contas, eu nasci para ser o bebê milagroso que acabou com as brigas de sangue. Ela só ajudou a promover essa causa. — Você disse em parte? Qual é a outra parte?

— Meu avô me mandou para a escola militar um ano depois de eu sair de Chicago. Quando eu tinha dezoito anos, minha avó tinha me... recrutado. — Ela escolheu a palavra cuidadosamente.

— Para?

— i Libitinarii. — Ela me entregou sua pipoca só para se virar para trás e pegar sua garrafa, ainda sem copo, tomando um gole antes de retomar a pipoca. Ela me ofereceu a garrafa e eu a peguei, bebendo também.

— Toma, eu achei que Deus havia tirado o presidente Rojas das minhas mãos. Agora eu vejo tudo se ligar de volta para você também. Eu limpei o vinho dos meus lábios e me inclinei para trás sobre os travesseiros.

— O bom senhor trabalha de maneiras misteriosas. — Ela pegou a garrafa de volta, virando mais uma vez e voltando para o seu filme brega.

Ela cruzou as pernas. Elas balançavam levemente ao meu lado enquanto ela assistia. Eu podia dizer, não, eu podia sentir que ela não ia me dizer mais nada. Não porque ela não pudesse. Mas porque ela me contou o suficiente... o

suficiente para que eu pudesse descobrir se ela estava mentindo ou não. Ela não estava. Ela compartilhou seu passado para que eu compartilhasse em troca.

— Eu preciso voltar para Chicago amanhã. Dia 04 de julho é um evento familiar e público, eu não posso faltar, — eu disse a ela e suas pernas pararam de se mover. Sentando-me de joelhos, eu subi em cima dela, meu corpo em cima do dela, meus lábios nos seus ouvidos. — Meu bairro fica perigoso quando eu fico fora por muito tempo.

— E?

— E você não pode voltar comigo.

— Estou com o coração partido, — disse ela, ainda comendo a pipoca. Eu podia ouvir o sarcasmo em sua voz, no entanto, seus olhos estavam exigindo uma explicação.

— Não se preocupe, eu não estou planejando usar você e jogar você fora mais, — eu sussurrei, acariciando seu cabelo e beijando o espaço entre seu pescoço e ombros.

— É mesmo?

— Você sabe que é, — eu murmurei contra a pele dela fazendo meu caminho até sua orelha. — Mas eu vou precisar da sua ajuda para montar uma armadilha.

— O grande Ethan Callahan precisa da minha ajuda para montar uma armadilha? Quem poderia ser essa presa tão difícil...

— Meus pais.

Seu corpo ficou imóvel. Ela olhou por cima do ombro, capturando meus olhos com os dela. Ela me olhou como se estivesse lendo um livro. Ela colocou a pipoca no chão e virou, ainda deitada debaixo de mim.

— Armadilhas não funcionam nos mortos. — Ela falou suavemente em italiano, sua voz mal se elevando acima de um sussurro.

— Eu estou ciente, — eu sussurrei para ela. — Eu não me rendi a você só porque eu te quero Calliope. Como você disse, eu estou quebrado. O que significa que não importa o que você faça, como você se prova para mim, uma pequena parte de mim vai desconfiar de você. A única coisa que vai mudar isso é

o tempo. E até esse tempo, eu vivo com a consciência de que se você está nisso para me trair, meus pais vão acabar matando você, se eles acharem que eu vou falhar.

Suas sobrancelhas se juntaram. — Como você sabe que eles estão vivos?

— Intuição. — Ela franziu a testa, sem se impressionar, e estava prestes a rolar de volta para pegar sua tigela quando eu pressionei meu peso contra ela e me inclinei para mais perto. — Não é bom o suficiente?

— Crianças lutam para compreender a morte de seus pais. Não importa quem eles sejam ou quantos anos eles possam ter, o cérebro convence... — ela fez uma pausa, olhando feio para mim. — E você não estaria me dizendo isso porque você sabe disso também. Isso faria você parecer uma criança que não consegue esquecer. Como você realmente sabe, Ethan?

— Eles cometeram um erro. Eles subestimaram o vínculo entre os pais e seus filhos. Não é uma coisa racional. É algo que suplanta toda a razão. Minha mãe é muitas coisas, alguns podem até afirmar cruel e fria por deixar seus filhos. Mas nem ela consegue abalar esse vínculo, especialmente se seus filhos estão feridos ou em perigo.

Seus olhos se arregalaram quando ela percebeu o que eu quis dizer. — Você se coloca em perigo para atraí-los?

Eu balancei a cabeça, levantando-a da cama e sobre o meu colo. Ela sentou-se rapidamente colocando as mãos nos meus ombros, seus olhos cinzas nunca deixando os meus enquanto ela encarava meus olhos esperando que eu explicasse. — Eu não arriscaria a minha vida em algo que eu não estivesse otimista.

— E daí?

— E daí, eu arrisquei a vida do meu irmão. — Eu sorri, e sua boca se abriu um pouco, sua sobrancelha levantada.

— O que você fez com ele? Por favor, não me diga que você o sequestrou. Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Ele viveu.

— O que há com você?

Eu ri do tom em sua voz. — Foi há um tempo atrás, logo depois que meu pai “morreu”.

Ela balançou a cabeça. — Bem, se foram os homens descuidados que você arrumou para me levarem, não tenho certeza de que maneira sua mãe estava tão preocupada...

— Não, eu os deixei pegar leve com você. Afinal, eu não sabia exatamente do que você era capaz ainda. Eu sabia do que meu irmão era. Eu fiz o motorista dele fingir trair a nossa família, bem como uma pequena gangue de pessoas o levar. Eles machucaram seu rosto e costelas. — Eu exalei. Foi bom finalmente tirar isso do meu peito.

— Quanto tempo eles o tiveram? — Ela não era de forma alguma gradual.

— Três dias.

— Isso é um pouco curto.

— Eu planejei para pelo menos duas semanas, mas parece que eu o subestimei. — Era ao mesmo tempo irritante e satisfatório saber. — Ele entrou em contato com o seu interior Callahan... e bem quando ele estava tentando escapar, nós fomos capazes de encontrá-lo e ajudar.

— Mesmo? Que coincidência. Eu tenho certeza que durante este tempo você era um irmão muito preocupado. — Ela passou as mãos pelo meu cabelo.

— Eu estava fora da cidade a negócios. Demorou cerca de dois dias para eles perceberem que ele tinha ido embora. Wyatt geralmente aproveita minha ausência e sai, fingindo não ser um Callahan enquanto eu estou fora.

— E você sabia que ele faria isso de novo, então você preparou uma armadilha para ele. Você é cruel. — Ela disse isso com um sorriso nos lábios, e eu podia ver o desejo em seus olhos.

— Obrigado. — Fiz uma pausa quando senti seus quadris moerem em cima de mim. Eu podia sentir seu corpo ficando mais quente. — Meu irmão é um pouco teimoso e prefere pegar o caminho difícil antes de cair em si. Por que não usar isso a meu favor?

— Então, como seus pais ajudaram? Você magicamente recebeu uma dica de onde ele estava?

Se eu pudesse rastrear isso. — Não, ele voltou para casa e nós escondemos isso de todos. Eu estava mais irritado porque estava esperando exatamente o que você estava esperando. Uma dica mágica de onde a localização dele era. Tenho certeza que se ele tivesse ficado fora um pouco mais de tempo, a dica teria chegado. Mas Wyatt arruinou isso. Felizmente, ele ficou um pouco abalado. A única outra vez que ele foi levado, foi quando éramos crianças, e naquela época ele tinha a mim e a nossa irmã ao lado dele. Ele estava um pouco... em choque.

— Você quebrou seu irmão mais novo e disse felizmente. — Ela bufou e lutou contra uma risada, em seguida, balançou a cabeça escondendo-a por dentro. — Desculpe, vá em frente. Isso levou seus pais a cometerem um erro como?

Sua diversão era estranhamente reconfortante.

— Meu irmão escapou, mas estava emocionalmente sofrendo. Depois que nossa mãe morreu, ela nos deixou cartas que deveriam ajudar com nossa dor emocional. Minha avó deveria nos dar essas cartas quando achasse que estávamos prontos. Eu encontrei as cartas, mas nunca as abri. Eu nunca nem pensei sobre elas, no entanto...

— Uma extra que magicamente apareceu para Wyatt que não estava lá antes. Abordando seus problemas atuais?

Exatamente. — Eu pensei que talvez minha avó estivesse forjando a caligrafia deles. Mas eu conheço a caligrafia dos meus pais, cada traço e marca... até mesmo o papel em que foi escrito combinava com todas as outras cartas... então era uma novinha dela. Minha mãe nunca deixava de consolar Wyatt. Ela não conseguia evitar.

— Alguém soa um pouco ciumento, — ela murmurou contra os meus lábios, beijando-me suavemente. — Vocês primogênitos sempre odeiam o segundo.

— Ele é o terceiro. Dona é um minuto mais velha, — eu disse de volta com uma mandíbula rígida.

— Ele é o segundo filho. Seu dever é continuar o negócio da família. O dele é não ofuscar você. Você ia ter o mundo ao seu alcance, todo o poder, todos os recursos. Então sua mãe fez de Wyatt o favorito dela, só para que ele pudesse ter algo que você não pudesse ter. E isso chateia você. Você é tão ganancioso. —

Eu agarrei sua garganta e ela sorriu como uma louca.

— Eles o fizeram o favorito deles porque eles não confiavam nele para ser leal se ele não tivesse nada! Era um escudo em volta dele... protegendo-o de me trair e de eu o matar por essa traição. — Eu falei com desdém no rosto dela enquanto eu agarrava sua garganta.

Ela se inclinou. — Meu ponto ainda permanece porque você sabe e ainda assim, isso chateia você porque você é ganancioso. Em segundo lugar, se você quiser que o nosso sexo fique mais violento, tudo o que você tem a fazer é pedir.

— Eu...

— Quanto mais você aperta, mais duro seu pau está ficando debaixo de mim, — ela realçou, e eu soltei. Ela respirou bem fundo antes de me dar um soco direto no nariz.

— Ah... — minha cabeça voou para trás e eu segurei meu nariz. — Porra!

— Só para você saber, quanto mais violento você for comigo, mais violenta eu sou com você, — ela retrucou, e quando olhei de volta para os seus olhos, eles estavam falando sério.

*Leoazinha agressiva.* — Então, se eu te amarrar e pegar um chicote para você...

— Não reclame quando eu fizer o mesmo com você.

Imaginei como seria tê-la me chicoteando... vê-la nesse papel. Eu não achava que poderia desistir do controle assim, mas eu estava interessado.

— Olá, você vai ter que esperar. — Ela cumprimentou meu pau quando ele se levantou para saudá-la. — Ainda não estamos falando sobre a armadilha que você planeja deixar para os seus pais? Eles passaram anos convencendo você e o resto do mundo que estavam mortos. Atraí-los não vai fácil ou simples.

— Eu não quero apenas atraí-los Calliope, eu quero fazê-los sofrer.

— O quê?

— Eles nos deixaram. Eles me deixaram com a batata quente enquanto partiam em direção ao pôr do sol. Deixaram-me de luto. Minha mãe *morreu* quando eu tinha dezesseis anos e, depois de ver aquela dor, meu pai foi embora também. Eles planejaram isso para parecer natural, afinal de contas,

quem acreditaria se ambos fossem mortos ao mesmo tempo? Meu pai tinha vinte e oito anos quando o pai dele morreu. Eu estava com 18. Deixado com o mundo nos meus ombros. E eu disse tudo bem, eu quis mesmo assim. Mas agora que eu sei que eles estão vivos, posso olhar para trás, para todas as vezes em que senti que algo estava errado ou algo era fácil demais. Eles abdicaram do governo deles, no entanto, eles ainda estão com o *meu* legado agora. Eu não serei o fantoche deles. Ninguém pode derrubar os grandes Liam e Melody Callahan... ninguém a não ser eu.

— Eu devo apenas ficar sentada contra o seu pau por diversão, então. — Ela franziu a testa e puxou meu cabelo, inclinando minha cabeça para cima. — Nós vamos derrubá-los. Substituí-los por um casal muito melhor... nós.

— Perdoe-me… nós? Mais uma vez, se você não estiver fazendo tudo isso para me trair.

— Então é por isso que você se entregou. Você ganha de qualquer maneira. Se eu estou traindo você, no final seus pais me matarão por você. Se eu te ajudar, então você se dá bem sobre os seus pais.

Exatamente.

— Levou anos para eles criarem o plano deles… inferno, que sabe quanto tempo eles podem ter estado planejando. Pode ter sido desde que eu nasci. — Eu duvidava disso, mas ainda havia uma chance. — A armadilha que eu armo precisa ser lenta, imperceptível, e como você disse, delicada. Eu não sei quando exatamente eles estão observando. Este esconderijo é ótimo, você pode ver lá fora, mas não dentro.

— Que foi para onde eu vim novamente em vez de conseguir o encontro que eu queria. — Ela franziu a testa, olhando feio para mim. — Este plano... enquanto eles estão te observando, você precisa de alguém que eles não tenham interesse ou se importem ao preparar as armadilhas para eles. Mesmo que eles já nos tenham visto juntos, eles me descartarão como apenas mais um dos seus brinquedos. Eles só pensariam que você está me levando a sério se eu voltar para Chicago com você. É por isso que não posso ir.

— Sim.

— Você está ciente do que está me pedindo, correto, Ethan? Isso não é simples nem fácil — insistiu ela, com expressão dura. Era por isso que ela era

tão refrescante para se estar. Ela já estava na mesma página que eu. Ela sabia exatamente o que seria necessário para isso funcionar: completa devoção à mentira, a vida falsa que criei a partir desse ponto, as mulheres que teriam que ficar no lugar dela.

— Minha família sempre se orgulhou do fato de os homens serem muito leais. Que nós não ficamos emaranhados no mesmo tipo de drama com nossas mulheres, que outras famílias têm ficado. Minha avó até juraria que este é o verdadeiro segredo por trás da capacidade de nossas famílias de manter o poder.

— Mas agora você está me dizendo que, para estar ao seu lado, eu preciso ficar de lado.

— Não, apenas seja minha sombra por um tempo.

— Mesma coisa. Para esse plano funcionar, seus pais não devem saber que você já teve uma ligação comigo. Eu fui apenas uma aventura aleatória. O único modo para conseguir que isso funcione é você transar com outras mulheres. — Ela me fixou com um olhar gelado.

— Seria estranho se eu de repente me tornasse casto. — Eu disse o que ela já sabia.

— Dê-me uma razão.

— Uma razão?

Ela assentiu. — Uma razão pela qual eu posso confiar que sou diferente do resto delas e seguir você por esse maldito caminho.

— A mesma razão pela qual você não era virgem quando eu fodi você pela primeira vez, apesar do fato de que você sabia que ia voltar para mim... casar comigo. — Eu estendi a mão e apertei seu mamilo com força, puxando-o para mim.

— Ah... — Ela ofegou quando eu o soltei e observei enquanto ele endurecia.

— Nossos corpos não são leais, Calliope. Eles respondem, não importa quem os está tocando. É pele e nervos reagindo. A conexão que você e eu temos não é apenas física... é mental. Quem quer que elas sejam, são masturbação assistida. Você é minha parceira.

— Então eu posso fazer o mesmo?

Eu sabia que a pergunta estava chegando. Era a única coisa lógica a dizer. Eu senti raiva com o pensamento fervendo em mim, mas eu também sabia que precisava dela para os meus planos. E eu realmente acreditava que nós éramos diferentes. Que nenhum homem ou mulher seria capaz de nos satisfazer... porque o que nos excitava não era o corpo um do outro, mas a mente um do outro. Sua mente pertencia a mim. Relaxando meu queixo, eu assenti. — Ninguém duas vezes e nunca sem proteção.

— E você me chamou de insana, — ela sussurrou.

— Você não veio se juntar a mim na minha insanidade? Você não me quer? Bem, este é o único jeito de me ter.

— Eu vim. Eu quero. Tudo bem. — Ela respondeu a cada pergunta e me beijou.

*Eu não estava mentindo para ela.* Ela era de fato minha.

# Capítulo Oito

*“É como xadrez, sabe. A rainha salva o rei.”*

*Terry Pratchett*

## ETHAN

**24 ANOS**

**Houston, Texas**

***Sexta-feira, 7 de setembro***

Eu coloquei a arma no coldre do meu lado enquanto o motorista abria a porta lateral. Tobias estava ao meu lado junto com Greyson. Eu estudei a longa fila, que virava a esquina do lado de fora do Killer Instinct, aparentemente a boate mais quente deste ano.

— Você sabe quem é este? — Um homem asiático discutia com um segurança com brincos pretos. Ele apontou para o homem chinês com ele, vestido de branco e cercado por seus próprios guardas com duas mulheres em seu braço, — Este é Chao Neng.

— Nunca ouvi falar dele, então você e o Chow Mein aí, ou podem ir para o final da fila ou ir embora, — o segurança zombou, apontando para a linha sinuosa.

— Vamos acabar com isso rapidamente, — eu murmurei para Tobias e eles andaram na minha frente, passaram a fila e cruzaram o tapete vermelho

— Senhor. — O segurança levantou a corda e abriu a porta cromada. As letras KI estavam no metal, estilizadas para se parecerem com marcas de garra embutidas. O cheiro de álcool e fumaça jorrou do interior. A música era tão alta que eu podia sentir as vibrações.

— Você está cometendo um grande erro agora!

Eu ouvi o homem gritar atrás de mim quando entramos, todo o lugar

abarrotado com corpos. Mulheres pendiam do teto, fazendo uma performance no ar enquanto luzes piscavam. Eu dei uma escaneada rapidamente ao redor, eles eram difíceis de encontrar, eles estavam ao redor de todas as saídas.

— Por aqui, — uma mulher com um curto vestido de lantejoulas prateadas já estava esperando, segurando uma bandeja de champanhe tinto. — Sr. Munha está esperando por você.

Eu ignorei o champanhe e ela rapidamente entregou a bandeja para outro trabalhador, nos conduzindo através do terraço superior com vista para o entretenimento abaixo. Havia outro segurança que abriu uma cortina, levando-nos em uma sala parcialmente bloqueada da vista. Entrando, ficou óbvio que ele não estava lá.

— Por favor, sintam-se à vontade. Ele estará logo com você, — a mulher disse e se virou para sair.

— Ele está fazendo você esperar? — Greyson falou com raiva. Sentei-me em uma espreguiçadeira, recostando-me nela.

— Alguém obviamente tem esquecido seu lugar, — respondeu Tobias.

*Nada que um pequeno corte não vai parar,* eu pensei, olhando para o relógio. Essa reunião já era um aborrecimento. Espiando através das cortinas, eu estava completamente desinteressado e desanimado. Uma vez que você estivesse em um clube, você tinha estado praticamente em todos eles. Por que alguém iria querer passar suas noites cercado por pessoas solitárias bêbadas em um local escuro lotado, estava além da minha compreensão.

— Vindo. — Greyson acenou a cabeça para o homem baixo, mas musculoso, com pele bronzeada e cabelo encaracolado. Ele caminhava levemente curvado e parou do lado de fora entre os guardas em volta dele.

Ele entrou na sala com entusiasmo, já abrindo a boca. — Sr. Chao Neng Chang ou é Sr. Chang? Eu nunca consigo saber qual é o seu primeiro ou último nome.

— Nenhum dos dois, — eu disse depois que seu vômito verbal terminou. Seus olhos encontraram os meus e se arregalaram apenas por uma fração de segundo antes que um sorriso dividisse seu rosto.

— Sr. Callahan, eu não sabia que você estava na cidade.

Minha sobrancelha se levantou e eu ri silenciosamente. — Eu deveria me reportar a você? Não, não devo. Você deveria se reportar a mim. Seja como for, eu vim para a cidade. Eu não avisei nem meus homens que nós não fomos convidados para o seu pequeno clube hoje. Eles se sentiriam um pouco insultados. Agora que você sabe, como você se sente, Greyson?

— Magoado, chefe, — respondeu Greyson.

— Tobias?

— Muito insultado.

— Magoado, *muito insultado*... é assim que eles se sentem. Como você acha que eu me sinto, Miguel? — Eu perguntei a ele, esticando a cabeça para o lado para olhar para ele.

— Eu não queria desperdiçar seu tempo...

— Ainda assim, aqui está ele sendo desperdiçado. Sente-se comigo, Miguel, — eu acenei a cabeça para o lugar ao meu lado.

Ele manteve aquele sorriso no rosto e se virou para os seus guardas.

— Traga-nos algumas bebidas, — ele disse para eles antes de caminhar para o assento ao meu lado.

Eu fiquei em silêncio, observando o nada. Realmente não havia nada para ver. Era como olhar para o vazio, completamente aborrecido e não valia a pena minha atenção. Todos nós sentamos ali e quanto mais eu não falava com ele, mais nervoso ele parecia ficar. Ele sentou-se na beira do seu lugar e juntou as mãos.

— Parece que há um mal-entendido...

— Por que vocês todos têm tatuagens de gorilas na mão? — Eu perguntei aleatoriamente, olhando para ele. — Parece idiota para mim.

— É o símbolo do Rocha. Todos os homens têm uma.

— Eu sei. É por isso que é idiota. — Eles achavam que era um símbolo de orgulho, mas era simplesmente uma maneira de mostrar que eles pertenciam. Por que diabos você quer que as pessoas saibam que você pertence a um cartel? — Você deixa o mundo saber que você pertence ao Rocha, então o mundo sabe que você está vindo. Eles podem localizar você do outro lado do lugar, mas quando

todo mundo está te observando, fica mais difícil de se mover, não?

— Ou as pessoas simplesmente saem do seu caminho. Elas te mostram respeito, elas sabem imediatamente que não é para mexer com você. — Ele riu entredentes, levantando a mão e formando um punho. — Porque se você mexer com um, você desperta todo o bando.

— Ah, — eu assenti, agora eu entendi. — É um símbolo da sua fraqueza.

— Não é...

— Vocês são *fracos*, vocês são *pequenos*, você são *insignificantes* por conta própria, então vocês se tatuam para deixar o mundo saber que vocês não estão sozinhos, vocês têm um bando e, portanto, eles não deveriam mexer com vocês. Eu compreendo. Obrigado por esclarecer. Todo esse tempo eu pensei que você fosse apenas mentalmente incompetente.

Ele cerrou o punho com mais força e, felizmente para ele, suas bebidas chegaram. — O que você vai querer? Eu pedi para eles trazerem o nosso melhor, as nossas garrafas mais novas, elas nem sequer foram abertas.

Eu examinei as garrafas e dei uma risadinha. *Isso era o melhor? Que triste.*

— Conte-me sobre a droga que você adicionou ao saco de cocaína que você me enviou, — eu disse, pegando uma garrafa qualquer, abrindo a tampa eu mesmo. Eu a cheirei antes de me servir um copo.

— É um tempero, meus garotos na cozinha o adicionaram por acidente. Completamente natural. Nós descobrimos que crescia ao lado da cocaína na Colômbia. É da mesma cor e textura; foi uma mistura que entrou no lote, mas, uau! — Ele bateu as mãos juntas. — Nós o chamamos de *el ángel caido,* o anjo caído. Essa merda deixa as pessoas acordando no céu, tão drogadas que elas acham que estão beijando o bebê Jesus, mas, oh hombre, é magnífico. — Ele beijou seus dedos antes de beber.

— Isso explica a parte de anjo, e quanto a cair? — Eu perguntei, bebendo também.

Ele deu um grande sorriso, sentando-se na beira da cadeira. — Essa é a melhor parte. Assim como os anjos, assim que você acorda cercado pelo mundo manchado de merda que é a terra, você se lembra, como os anjos eram, quão bom era no céu. Eles anseiam por mais, el pordioseo, implorando por mais ángel

caido. A droga não os deixa se lembrarem do êxtase que a coca lhes deu, ela permanece dentro deles.

— Você colocou isso em alguma uma das minhas merdas?

— Não! — Ele disse veementemente. — Nós podemos ser estúpidos por estas tatuagens, mas conhecemos as regras, ninguém mexe com o produto sem receber a aprovação do chefe. Eu e meu pessoal tentamos. Eu a enviei para você para que você saiba o que os seus consumidores eventualmente vão querer, antes que eles encontrem essa merda e eles comecem a procurar por conta própria em outro lugar.

— Não há outro lugar, Miguel. — Eu o lembrei.

Ele assentiu, dando um tapinha na cabeça. — Este é o país do capitalismo, meu amigo. Se houver demanda, eventualmente haverá um fornecedor. Você sabe disso... qual é?

Ele foi cortado quando todas as luzes se apagaram abruptamente. Tobias e Greyson imediatamente tiraram suas armas e apontaram para ele.

— Você está brincando comigo, Miguel? — Eu perguntei a ele, bebendo o vinho.

— Não... não... não... eu não tenho ideia... — Mais uma vez ele foi cortado, mas desta vez algumas luzes se acenderam quando uma das dançarinas girou no ar. Ela tinha cabelo ruivo e olhos verdes, e todos os olhos estavam sobre ela enquanto ela se contorcia e girava na seda vermelha no espaço acima do clube... nua. A única coisa impedindo-a de estar completamente exposta era a seda, na qual ela cuidadosamente se enrolava.

— Você está com sorte, Sr. Callahan, parece que há show hoje à noite! — Miguel assobiou, recostando-se na cadeira.

Eu olhei para Tobias e Greyson; ambos revertidos para cães, aparentemente. Boquiabertos, suas cabeças torcidas para o lado enquanto eles tentavam dar uma espiada nela. Balançando a cabeça, voltei-me para ela para ver que ela tinha interrompido sua rotina, seu corpo pairando bem entre o espaço e a lacuna. Ela nos deu um sorriso deslumbrante.

— ¡Ay, mami, — Miguel gritou para ela. Ela piscou de volta e então um segundo depois...

— ARMA! — Greyson gritou, correndo em direção a mim enquanto ela atirava em nós sem parar.

— Saia de cima de mim! — Eu falei ríspido, empurrando seu corpo grande para longe e ficando de pé. Tobias disparou nela, mas ela já havia caído no chão.

Eu me voltei para Miguel, que estava encolhido no sofá. — Não fui eu!

— Encontre-a! — Eu rugi.

Meus guardas, os guardas dele, todos eles se juntaram, deixando-me com o covarde, agora merda de macaco. Tirando minha arma, eu caminhei até ele enquanto ele tentava recuar. — Você já estava na minha fodida lista negra quando cheguei aqui, agora... agora você está morto.

Eu levantei a arma, mas ao invés de ver um dele eu vi dois. O mundo inteiro parecia que estava girando. Agarrando a arma com mais força, eu disparei. Eu errei completamente. Minha garganta queimava e eu tive que agarrar a grade para não cair.

— Bem, bem, olha quem parece *fraco*, *pequeno* e *insignificante* agora. — Ele sorriu, andando até mim e tirando sua arma.

— Ainda você. — Eu não disse isso. Ambas nossas cabeças estalaram para o lado, e lá estava... a ruiva? Antes que ele tivesse a chance de reagir, ela jogou algo em seu pescoço. Ele ofegou uma vez antes de ir para o chão como uma pedra. Ela correu para mim e me beijou, e eu senti algo entrar na minha boca.

Eu a empurrei de cima de mim. — Q-quem diabos você acha que v-você é?

— A mulher que atualmente carrega seu filho. Você bebeu meu veneno, eu te dei o antídoto. Encontre-me aqui. — Ela colocou um cartão dentro do bolso do meu lenço e acariciou minha bochecha. — Recomponha-se babe. Seus homens não devem ver você assim, não é muito parecido com um chefe.

Ela me beijou mais uma vez antes de sair tão rapidamente quanto ela veio. Levou um segundo para eu reunir força suficiente para ficar de pé. Minha mente estava nebulosa, mas ainda clara o suficiente para eu reconhecer aquela voz.

Calliope.

*Espere, ela disse carregando meu filho? Que porra?*

# CALLIOPE

**21 ANOS**

**Houston, Texas**

***Sexta-feira, 7 de setembro***

Eu ia matá-lo.

Eu o odiava tanto agora, a morte era a única resposta.

— Uu-ugh... — Eu vomitei no vaso sanitário.

— Você disse que está grávida? Depois de me dizer que você me envenenou? — Ele ficou em pé na porta do banheiro.

Eu olhei para ele, querendo tanto bater a cabeça dele no espelho. Mas quando ele deu um passo mais perto, eu peguei aquele cheiro de novo e encarei o vaso sanitário, vomitando mais uma vez.

— Você está grávida, — ele repetiu.

Eu estendi minha mão para ele parar. Sentindo-me tonta, olhei para cima com toda a raiva que sentia em minha voz. — Cale a boca, tire a roupa e tome um maldito banho! Seja qual for a colônia que você está usando, irrita essa criança e está descontando em mim!

Ele olhou para mim como se eu não estivesse falando uma língua que ele pudesse entender.

— *Vai, ora!* (Vai, agora!) — Eu gritei em italiano.

Seu queixo ficou tenso, mas ele tirou a jaqueta e a gravata. — Recomponha-se babe, não é muito parecido com uma assassina.

Agarrei a primeira coisa que consegui alcançar, uma pequena decoração dourada e joguei na cabeça dele. Ele se abaixou e foi para o chuveiro. Ele estava zombando de mim? Eu estava sendo atacada por sua pequena desova e ele estava zombando de mim. Ele não sabia o quão perto eu estava de arrancar sua cabeça

de seus belos ombros largos? O simples pensamento disso, seu corpo correndo por aí sem cabeça como uma galinha, me fez sentir muito melhor. Levou um segundo até ele ficar sob a água, mas finalmente minha punição estava acabada e eu me empurrei do chão, dando descarga no vaso sanitário.

Eu fui para a pia, e no grande espelho emoldurado eu o vi olhando para mim do chuveiro. Peguei meu enxaguante bucal, limpando minha boca antes de escovar os dentes, não uma vez, mas duas vezes, dando-lhe tempo para terminar enquanto o espelho embaçava. Ele saiu do chuveiro com uma grande toalha branca enrolada na cintura. Gotas de água rolavam lentamente pelo abdômen e pingavam de seu cabelo escuro. Se eu não quisesse tanto matá-lo, ficaria tentada a me juntar a ele.

Ele ficou ao meu lado por um segundo e eu me virei para ele e sorri. — Melhor.

— Você está grávida, — ele disse novamente.

— Surpresa, — eu murmurei, pegando a toalha e limpando a boca. — Por favor, não me pergunte se é seu...

— Eu duvido que você teria me contado ou o mantido se não fosse meu. — Ele se inclinou contra a pia. — Você não estava com alguma coisa da última vez...

— Você está perguntando agora? — Eu ri, e ele franziu a testa. — Claro, eu estava com alguma coisa, várias algumas coisas na verdade, aparentemente seu esperma é um guerreiro ninja e não se importou.

Ele riu e eu queria revirar os olhos. Talvez fosse algo biológico, mas, por alguma razão, os homens realmente amavam saber que podiam engravidar uma mulher.

— Então hoje à noite foi como você me deu um anúncio de gravidez? Eu digo isso sem sarcasmo; aquilo foi muito original.

Por favor, Senhor Todo-poderoso, não me deixe matar o pai do meu filho. Respirando fundo, tentei me acalmar antes de me virar para ele.

— Hoje à noite, eu estava trabalhando. Hoje à noite, Miguel Munha, do cartel Rocha, deveria estar recebendo o filho do embaixador da China, Chao Neng Chang. Em vez de Chao Neng Chang, Ethan Callahan estava lá, do nada,

arruinando meus planos, então eu tive que fazer novos planos... para salvar você de morrer do meu próprio plano original! — Eu gritei e depois respirei fundo novamente. — A gravidez apenas escapou porque eu estava irritada.

Ele respirou fundo, fechando os olhos, e antes que eu pudesse perguntar a ele o que diabos ele estava fazendo, ele deu um passo para trás e caminhou atrás de mim. Eu congelei, um pouco atordoada quando seus braços me circularam, suas mãos na minha barriga.

— Você estava balançando do teto; meus homens atiraram em você... você não me disse mais nada, apenas para encontrar você na cobertura na cidade. Se você tivesse feito tudo isso só para me dizer que estava grávida...

— Eu nunca estive em risco.

— Você estava na cara do risco.

Eu pensei sobre isso a partir da perspectiva dele. Se eu tivesse feito tudo o que fiz só para contar a ele, isso me faria uma tola, e não havia nada que Ethan odiava mais que estupidez, planejada ou não. Assentindo, eu me inclinei contra o peito dele, tremendo da água encharcando o meu vestido.

— Se eu estava na cara do risco, você estava lá também. Você tinha acabado de beber sem sequer testar para ver...

— Miguel é um covarde. Ele não se arriscaria me matando em seu próprio maldito clube. Além disso, o vinho que eu escolhi geralmente muda de cor ou borbulha, se alguma coisa é adicionada a ele. Eu cheirei o vinho para ter certeza de que não era um tipo diferente, então eu servi, e nada estava errado. Nem ele nem os que estão em volta dele têm inteligência para alterá-lo quimicamente sem deixar um vestígio. Eu estava apenas em perigo porque era você. — Ele colocou o queixo no topo da minha cabeça.

Eu sorri com isso, olhando para o nosso reflexo enevoado no espelho. — Isso soa como um elogio.

— Foi um elogio.

— Eu sei. Eu só queria ouvir você admitir.

Ele beijou o topo da minha cabeça antes de remexer em suas roupas para recuperar seu telefone.

— O que você quer comer?

Eu não podia fazer nada. Primeiro, o abraço, depois a preocupação, seguido de um elogio e um beijo na cabeça. Isso era ele sendo gentil, doce mesmo. No entanto, se eu salientasse isso, ele ficaria na defensiva e recuaria para dentro de si, para voltar ao seu humor padrão: frio e sem emoção.

— Um hambúrguer bem passado com bacon e molho barbecue com cebolas extras e sem queijo... também uma porção de batatas fritas, um milk-shake de baunilha e uma garrafa de água com gás... eu estou de olho no meu peso. — Respondi e ele assentiu, discando.

Enquanto ele falava ao telefone, estendi a mão para tocar meu cabelo, apenas para me lembrar da peruca que eu estava usando. Curvando-me, limpei o vapor do vidro para olhar para mim mesma. Para uma mulher que acabara de passar os últimos quinze minutos vomitando, eu estava surpreendentemente bonita.

— Eu fico uma bela ruiva, — eu disse quando sua atenção estava de volta em mim, torcendo o cabelo curto vermelho na altura do lóbulo da minha orelha. — Eu vou manter o visual durante a noite, me levou muito esforço para ficar pronta.

— Eu não te reconheci nem um pouco. Não foi só por causa do cabelo vermelho ou dos olhos verdes. — Ele levantou a mão, tocando seu polegar no meu rosto. — Quem diria que uma marca de nascença poderia fazer tanta diferença?

— Eu também gosto delas, — eu sorri, estendendo a mão para tocar a mão dele. — No entanto, na minha linha de trabalho, identificar marcas é um risco.

— Você cobriu todas elas? — Seus olhos examinaram pelo meu pescoço. Puxei para baixo as alças do meu vestido, deixando-o cair e se agrupar em volta dos meus pés. — Muito meticulosa.

— É por isso que eles me pagam muito dinheiro. — Eu pisquei, andando ao redor dele e pegando o robe de veludo pendurado atrás da porta. — Antes de você pular em mim, temos coisas para conversar.

— Eu pensei que a ordem era sexo depois conversar?

— Normalmente é, mas eu tive uma noite muito estressante, e preciso

recuperar minhas forças... pelo bem do nosso filho, — eu disse, colocando minha mão sobre o meu estômago liso. Seus olhos olharam para elas e depois de volta para mim. Eu apenas mostrei a ele um sorriso.

— Por que eu tenho a sensação que você vai usar essa criança contra mim? — ele perguntou quando levantou o roupão para eu entrar nele.

*Ele está realmente comovido. Interessante.*

— Nunca. — Eu me virei, deixando-o me ajudar com o roupão, embora nós dois sabíamos que eu não precisava. Estendendo a mão, peguei o outro roupão e me virei para ele. Ele revirou os olhos, mas me deixou ajudá-lo. Eu beijei a nuca dele, — Tudo que eu faço, eu faço por você… por nós. Eu preciso verificar seus níveis sanguíneos.

Eu saí do banheiro, atravessando o quarto principal e direto para a sala de estar. Minha bolsa de trabalho ainda estava na mesa de jantar de vidro, e eu retirei meu laptop.

— Quem quer o filho do embaixador chinês morto? — questionou ele, puxando a cadeira ao meu lado.

— O embaixador da China. — eu o encarei, levantando a mão dele, e ele pareceu muito divertido com isso. Isso me fez gostar mais dele.

— Não é o filho dele? — eu virei seu dedo indicador para cima, passando a ponta do dedo para limpar em uma compressa embebida em álcool.

— É, — eu disse e piquei seu dedo. Eu gostaria que ele pulasse ou mesmo se encolhesse um pouco, teria sido fofo. Adicionando seu sangue ao leitor, eu o coloquei de lado e o encarei. — Eu compartilharei se você compartilhar porque você aleatoriamente veio até aqui e acidentalmente salvou a vida dele.

Ele assentiu, inclinando-se para trás e esperando que eu continuasse.

— O embaixador da China, Chao Chong Wei, quer concorrer à presidência em dois anos. Seu filho mais novo, Chao Neng Chang, é praticamente, se não, a ovelha negra da família. Ele reprovou em todas as escolas particulares em que foi colocado, seus pais subornaram seu caminho para a universidade, a qual, não surpreendentemente, ele reprovou. Depois disso, houve alguns desentendimentos com a polícia por ser um merdinha rico insolente, na verdade. Nada impressionante; rachas de rua, lutas em clubes, esses tipos de coisas. Ele também

é um amante ávido de drogas e muitas delas.

— Cliente valorizado para nós então. Não tenho certeza se quero que ele morra. — O leitor apitou, me avisando que os resultados estavam prontos.

— Bem, não depende de você, — eu o lembrei, lendo a máquina. — Você está bem. Sua contagem de ferro está baixa, no entanto.

— Eu vou trabalhar nisso, doutora, — ele zombou. Ele parecia gostar disso.

Revirando os olhos, eu deletei as informações dele do meu sistema. — De qualquer forma, a gota d'água que quebrou o apoio do seu pai são as acusações de estupro contra ele. Em uma de suas festas, ele estuprou três mulheres. Como ele conseguiu fazer isso várias vezes sem que nenhum de seus guardas o parasse está além de mim... isso também torna as histórias das mulheres um pouco difíceis de serem colocadas em um caso em volta dele. Duas das mulheres aceitaram o suborno dos pais dele e a terceira se recusa.

— Por que não apenas matá-la? — Eu olhei feio para ele. — Desculpe, isso foi insensível? Eu estava apenas dizendo isso como um pai diria, você não protegeria seu filho sobre outra pessoa, não importa o quão monstruoso ele fosse?

É bom saber que nosso filho estaria livre para fazer qualquer porra que ele quisesse.

— Ele queria isso também, mas como eu disse a você, eu tenho classe, eu não vou assim tão baixo. — Eu inclinei meu laptop para que ele pudesse ver. — Uma medida alternativa e explicação foram oferecidas. Explicando que seria muito complicado para ele, que a família dela poderia falar. Se ele matasse toda a família, os repórteres começariam a farejar por aí. As outras garotas não se sentiriam "seguras" para manter o silêncio. Matar o filho, usar isso para o seu ganho político, depois se uma das meninas falar mais tarde, ele pode simplesmente dizer: "meu filho não está vivo para se defender contra essas alegações".

— Negação plausível. — Ele assentiu, e eu vi o canto de seus lábios virar para cima quando ele olhou da tela para mim. — Encobrimento muito inteligente.

— Sim, bem, isso fará...

— Não para você, — ele disse, e eu parei.

— O quê?

— A mulher que foi estuprada, você não quer matá-la. — Ele mudou a cabeça para o lado apenas um pouco, como se estivesse me lendo. Seus olhos se estreitaram como se ele encontrasse alguma coisa. — Para você, estupro é pior do que assassinato. Foi um acordo de duas por uma, matá-la não estava abaixo do *seu nível de classe*, você simplesmente pensou que ela sofreu o suficiente. Não, ela já havia morrido. Então você ofereceu essa alternativa. Parece boa e funciona para o embaixador. Mas estou curioso; eu tive a impressão de que você era um dos muitos soldados rasos, por assim dizer, nessa organização. Na minha organização, quando eu dou ordens, meus soldados rasos não podem questionar nem oferecer suas opiniões ou alternativas às minhas instruções. Então, Calliope, como você foi capaz de conseguir isso?

Bip.

Bip.

Seu telefone disparou.

— Parece que o jantar está aqui. — Eu sorri para ele e me levantei. — Você pensou em uma história para o disfarce, certo? Miguel e seus homens devem estar prontos para se borrar, já que não conseguiram me encontrar.

Ele franziu a testa para mim, balançando a cabeça. — Você não matou Miguel no clube?

— Não, — eu disse lentamente. — Eu não sabia o que você estava fazendo lá ou porque você precisava dele. Então, eu disparei um dardo nele. Os produtos químicos nele provavelmente neutralizariam o veneno. Ele pode estar com muita dor agora, mas não morto. Ele também não vai ser capaz de lembrar os últimos minutos no clube. Por quê? Você estava planejando matá-lo?

— Eu não estava antes, mas agora estou, — ele respondeu, digitando um texto, mas depois fez uma pausa. Seus olhos se viraram para cima em mim novamente. — Ele não vai se lembrar dos últimos minutos. Então ele não se lembrará de segurar uma arma para mim.

— E você não vai esquecer.

— Não, eu não vou. — Ele mudou sua mensagem antes de se mover para a

porta. Demorou cerca de um minuto antes de haver uma batida. Ele abriu a porta amplamente, mais amplo do que ele precisava. Um homem com cabelo castanho na altura dos ombros e corpo esguio segurando dois sacos e o meu milkshake. Seus olhos se mudaram para mim por um rápido segundo antes de voltar para Ethan.

— Tudo que você pediu. Eu ia dizer que ainda não encontramos a mulher, mas parece que você sim, senhor.

— De fato, — ele confirmou. — Onde está Miguel agora?

— No hospital se recuperando. Eles disseram que ele estava envenenado e não conseguia se lembrar de nada...

— Vá visitar e avise-o que da próxima vez que ele fizer algo como abrir um clube sem a minha permissão, ou pensar que ele pode sair sem eu ouvir sobre quem ele está se encontrando e vendo, eu vou derrubar o prédio em cima dele.

— Sim senhor.

— Muito obrigado, — eu disse com um sotaque irlandês, tirando a comida de suas mãos.

— Nosso chefe não é tão gracioso?

Ele abriu a boca para falar, mas não disse nada para mim, em vez disso se concentrou em Ethan. — Eu o avisarei quando ele for informado.

— Nós iremos embora daqui às 8 da manhã, — foi tudo o que ele disse para rapaz antes de fechar a porta na cara dele.

— Disfarce ótimo e eficiente. — Eu caminhei até o sofá e coloquei a comida para baixo. — Agora parece que você planejou o tiroteio no clube para avisar Miguel, então por que seu cãozinho parece tão magoado?

Ele trancou a porta e se virou para mim. — Porque ele esquece que é um cãozinho. Ele quer a capacidade de dar suas opiniões e alternativas às minhas instruções. No entanto, esse é um poder imenso para se ter em qualquer organização, você não acha?

— Hmm... — eu dei uma mordida nas minhas batatas fritas. — Eu acho que é a sua vez de compartilhar sobre o seu dia, Ethan. Sente-se comigo, conte-me uma história enquanto eu como.

Seus olhos se estreitaram e eu não pude fazer nada além de sorrir.

Só porque eu era sua mulher não significava que eu parei de ser minha própria mulher... e, como tal, eu estava autorizada para os meus próprios segredos.

# Capítulo Nove

*“O amor é tão violento e perigoso quanto o assassinato.”*

*Knams Hamsun*

## ETHAN

**24 ANOS**

**Houston, Texas**

***Sexta-feira, 7 de setembro***

Ela adorava me manter adivinhando. E eu sabia porquê. Era óbvio; eu gosto disso. Por natureza, eu conseguia descobrir as coisas, eu conseguia juntar as peças. Então, muitas vezes isso me deixava entediado com o quão simples e fácil era. Ela não queria que eu ficasse entediado com ela. Essa era uma das muitas razões.

— Você está encarando, não compartilhando, — disse ela antes de dar uma mordida em seu hambúrguer, seus olhos agora verdes focados em mim.

— É dificilmente tão interessante quanto o seu. — Eu peguei as batatas fritas. — Miguel Munha é atualmente o líder do cartel Rocha, um dos cartéis extraoficialmente sob mim. Lembra-se da cocaína na mesa enquanto estávamos em Bogotá?

— Não, — ela mentiu e deu outra mordida. Ela piscou para mim e eu só conseguia balançar a cabeça. Ela tinha um lado muito fofo para ela.

— Havia cocaína na mesa em Bogotá. Miguel a tinha enviado para mim para inspeção. Eles tinham acrescentado algo chamado *ángel caido,* outra planta que eles encontraram crescendo ao lado da coca...

— É mais como uma erva daninha, — ela interrompeu.

Eu parei, desembrulhando meu hambúrguer. — Ervas daninhas não são apenas plantas que crescem onde elas não são desejadas?

— Você quer que o ángel caido cresça com sua cocaína?

— Eu posso ganhar dinheiro com isso? — eu perguntei antes de dar uma mordida.

— Como um Callahan, você poderia ganhar dinheiro com qualquer coisa. Mas vá em frente, — ela respondeu quando pegou seu milkshake.

Não escapou ao meu conhecimento que ela esteve me dando ordens desde que nos encontramos no clube... e que eu as estava seguindo. Estranho. Eu não estava irritado, embora eu normalmente estaria.

— Ángel caido, como você parece saber, aumenta os efeitos e a memória daqueles que usam cocaína. Por si só, ele não faz nada, mas aparentemente deixa um gosto ruim em sua boca. É simplesmente um tempero que poderia ser adicionado...

— Sinto muito por continuar interrompendo.

— Ainda assim você continua a fazer, — eu murmurei, dando outra mordida.

Ela me deu uma olhada e suspirou. — Você não parece saber muito sobre isso, e parece que você está tentando decidir se adiciona ou não isso no seu... menu para os seus clientes. No entanto, sua família é muito tradicional quando se trata de seus pratos. Mantê-lo limpo e mantê-lo forte, correto?

— Correto. — Esperei que ela continuasse.

— Sim, bem, tradição é ótima, mas ela tem uma falha.

— Sério, agora? — Eu limpei minhas mãos e peguei meu próprio milkshake. — De qualquer maneira, explique.

— Eu realmente espero que você não seja um daqueles homens que não gostam quando mulheres lhes dão conselhos de negócios.

— Você esqueceu quem minha mãe era... é?

— Touché. — Ela fungou. — Como eu estava dizendo, as tradições são boas, elas são necessárias, pelo menos para uma família tão grande e poderosa quanto a sua, elas são necessárias. No entanto, a cada geração, essas tradições precisam ser avaliadas. Muitas, até mesmo a maioria, ficarão, mas algumas têm que mudar, é o que chamamos de sobrevivência. Ángel caido sempre existiu e

sempre cresceu ao lado da cocaína, só que naquela época era chamada *mierda de planta* pelos povos nativos.

— Merda de planta? — Eu traduzi. Esse era um nome para isso.

Ela assentiu. — Nos primeiros ciclos de algumas plantas de coca, outra planta, a *mierda de planta*, crescia em torno dela. É acastanhada, cheira horrível e geralmente é arrancada e jogada fora por plantadores porque ela pode arruinar a coca. As plantas têm um desejo: crescer. No entanto, repetidas vezes ela foi arrancada como uma erva daninha, por gerações. Sua tradição é ser uma erva fedorenta e feia, até que um dia ela decide que já teve o suficiente e faz o que todas as coisas que precisam para sobreviver fazem: ela muda. Lentamente, ao longo de Deus sabe quantos anos, ela muda sua aparência, se adapta a uma planta que continua vivendo ao lado dela... a coca. Ela imita a aparência da coca, não completamente, mas o suficiente para que ela não seja arrancada como erva daninha, ela cresce, causalmente se misturando. Ela engana o agricultor, que a colhe com a coca, e surpresa, essa coisa, essa erva que todo mundo jogava fora, vai de mierda de planta à Ángel caído.

Soava como uma certa pessoa que eu conheci e *com quem eu estava tendo um filho*... no momento em que esse pensamento veio à minha mente, eu o empurrei de volta.

— Então, você está dizendo, adicione-a. Adapte-se e mude como a planta. — eu tentei ficar no assunto enquanto ela bebia.

Ela balançou a cabeça. — Sim e não. Sim, você deve estar disposto a se adaptar quando necessário e mudar quando necessário. O que tem sido feito por gerações nem sempre é correto ou ainda é aplicável hoje. O mundo muda; nós devemos mudar também. No entanto, você não está realmente mudando Ethan, você já tem estado adicionando-a. Você só não sabia. A planta sempre esteve lá. A maioria foi jogada fora, mas ocasionalmente alguma foi adicionada aos lotes ao longo dos anos. Foi uma mudança tão pequena que não era realmente perceptível. Alguns de seus clientes podem ter notado e apenas acharam que tinham recebido um lote realmente bom. Então, adicioná-la agora não vai contra o caminho da sua família, apenas permite você ver com um olho mais claro do que eles. Miguel Munha pode ser um idiota, mas ele é um idiota sortudo, e ele apenas ajudou você a ganhar mais dinheiro. Então, você vai mostrar sua gratidão ao poupar a vida dele?

— Nenhuma porra de chance, — eu respondi sem hesitação, e ela explodiu a rir, todo o seu corpo tremendo. E nesse momento ela me tirou o fôlego. Ela era linda. Sua mente era linda e como resultado, não importa como ela parecia do lado de fora, a palavra “minha” brilhou nos meus olhos. Eu queria que ela, toda ela, fosse minha.

*Que diabos?* Eu olhei para o meu peito. Ele estava arfando, meu coração acelerado.

*— Você sabe que é amor quando só quer matá-la, mas você não consegue porque você se arrependeria de nunca mais ver tanta coisa dela que você iria querer se matar. —* A voz do meu pai ecoou em minha mente e eu tentei pensar, como eu me sentiria se ela tivesse desaparecido? Isso fez meu coração acelerar tão rápido que doeu.

— Você está bem? — perguntou ela.

Eu olhei para cima e vi a preocupação genuína em seus olhos. Ela olhou para sua comida e depois para a minha antes de ela agarrar meu hambúrguer, mesmo que o dela não estivesse terminado, e deu uma mordida.

— O que você está fazendo?

Ela engoliu, colocando a mão no peito. — Parece que você está com dor, pensei que talvez o cãozinho tivesse feito alguma coisa com seu hambúrguer.

— Então você o comeu?! — Eu senti raiva dessa vez, assim como quando eu tinha sentido ao passar pelo clube, furioso com os riscos que ela tinha tomado.

Ela assentiu, obviamente sem entender. — Sim, se você não percebeu, eu sou muito boa com venenos. Se eu pudesse provar o que era, podia fazer um antídoto, mas eu não posso provar nada aqui.

— Sim, porque não está envenenado! — Eu vociferei para ela.

— Por que está gritando comigo? — ela gritou de volta, irritada.

Respirando fundo, me sentei mais reto; — Calli, você esqueceu que está grávida? Você sabe se nosso filho é bom com venenos também?

Seus olhos se arregalaram e ela olhou para baixo em sua barriga. Ela tentou falar, mas não conseguiu ou não queria. Em vez disso, ela apenas levantou

o milk-shake e chupou no maldito canudo, agindo inocentemente.

— Calli!

— Sim, eu esqueci! — ela gritou agarrando o copo. — E embora eu não consiga vê-lo ainda, ele está me impedindo de beber, me fazendo vomitar de manhã, interferindo com meu trabalho e nossos planos, e me fazendo levar uma bronca de você! Por uma fração de segundo, enquanto eu me preocupava com você, eu esqueci porque você estava fazendo aquela expressão de dor...

— Eu estava fazendo uma expressão de dor porque percebi naquele momento que estou realmente apaixonado por você! Dor que você não ajuda a aliviar quando você vai e come hambúrgueres que acredita que estão envenenados na minha frente!

— Bem, você sabia que não estava envenenado...

— Você não! O que me mostra que você o comeria se estivesse realmente envenenado, daí a dor! — Eu não podia acreditar o quanto com raiva eu estava neste momento, mas não havia como negar. Eu estava com raiva dela por se arriscar. Eu fiquei com raiva a noite toda, só não percebi que esta era a causa.

Ela ergueu as mãos para me dizer para parar. — Você não pode me dizer que me ama e depois ficar com raiva de mim por um risco percebido que eu possa estar tomando.

— Por que não?

— Porque então eu quero dar um soco na sua cara em vez de te beijar de volta e dizer que eu também te amo, — ela disse calmamente, embora o olhar em seus olhos não fosse muito amoroso. — A razão pela qual eu quero te dar um soco na cara é porque sua raiva está me dizendo para parar de fazer o que estou fazendo, é um risco que você não gosta. Tudo o que faço é um risco. A progressão lógica para aliviar sua raiva é eu parar de fazer o que estou fazendo. Eu não posso fazer isso.

— Por que não? — Eu não tinha pensado assim tão longe, mas nós precisávamos discutir isso. Ela estava tendo meu filho. Ela era minha. Nossos planos precisavam mudar, ela precisava voltar comigo...

— Aí. — Ela apontou o dedo para o meu rosto. — Esse é o olhar de você montando um novo plano em sua cabeça. Deixe-me adivinhar, por causa deste

bebê, sem mais planos secretos para apanhar seus pais, sem mais perucas e identidades secretas para mim. Eu volto com você de manhã como a Sra. Callahan.

Esse era o próximo passo lógico.

— Isso é o que você queria, não é? Ser a Sra. Callahan? — Semanas atrás, ela estava pronta para me matar porque eu não queria levá-la para Chicago e agora ela estava chateada? O quê?

— Você não me disse que só havia um jeito de estar com você?

— As coisas mudaram...

— Besteira. — Ela franziu a testa, colocando as mãos sobre a mesa. — Eu disse que eu te amo Ethan… o que significa que eu quero você, o que significa que eu quero que você me queira também. Se eu volto com você, você perde o que tanto desejava, derrotar seus pais, para se levantar por conta própria, para ser o líder por conta própria. E você não estaria falando sério, você iria empurrar isso para baixo, você tentaria superar ou aceitar, mas você se ressentiria de mim. Eu deveria te ajudar com esta única coisa e eu falharia com você. Você se afastaria de mim.

— Não me diga quais serão minhas ações e sentimentos...

— Por quê? Porque eu estou certa e isso colocará você em posição difícil? Seus objetivos e sonhos de ser a sua versão de um homem Callahan razoável? — Ela declarou as opções como perguntas, mas elas eram muito verdadeiras, muito verdadeiras para serem apenas perguntas.

É por isso que eu odiava ficar emotivo, isso me afastava do curso dos meus planos. Uma simples mudança no ritmo do meu coração e eu estava dizendo a ela que a amava e pedindo para ela voltar comigo. Eu não sei o que teria feito antes e não poderia voltar a esse espaço desconhecido.

— O que você quer que eu faça, Calliope? — Eu perguntei honestamente, e pela primeira vez na minha vida adulta, eu estava verdadeiramente perdido, sem planos. — Deixar a mulher que eu amo enquanto ela está carregando meu filho, aqui em um hotel, e voltar para casa como se nada tivesse acontecido? Apenas seguindo em frente até eu alcançar meus objetivos?

— Sim. — Ela mordeu o lábio e cerrou o punho. — Eu te disse que tudo o

que eu faço… eu faço por você… por nós. Isso inclui essa criança. Nem ela nem eu vamos morrer. Nós somos ambas jovens, alguns argumentariam jovens demais. No entanto, nós somos diferentes deles porque nos adaptaremos e sobreviveremos, não importa o que aconteça. Por que eu deveria estar ao seu lado agora? Para que você possa me proteger? Eu sinto que sua linha de trabalho é um pouco mais perigosa que a minha, chocantemente. E eu posso me proteger muito bem.

— Você esquece que esta criança só fica em você por mais alguns meses. E depois? Ela não tem um pai?

— Ethan, olhe para mim. Esse bebê vai sair com cabelo vermelho? As chances são muito pequenas. Você estará na vida desta criança, você será o seu pai. Nós dois estaremos lá. Eu avisarei você tudo o que acontece comigo e com o bebê. Tudo. Use esse tempo, use a mim e, um por um, nós podemos nos livrar dos seus inimigos. Vamos deixar tudo seguro, para que não tenhamos que ir embora quando nosso filho tiver dezesseis anos.

Certo. Eu lembrei daquela dor. Perder minha mãe. Não entender como alguém tão forte quanto ela podia simplesmente morrer. Apenas me deixar... nos deixar. Foi frio e cruel e, de muitas maneiras, me quebrou tanto que eu desejei não conseguir me lembrar dela. Eu gostaria que ela tivesse desaparecido quando eu era criança, então eu não teria me lembrado tanto dela.

— Ethan, — ela sussurrou enquanto sentava no meu colo. Eu nem tinha notado o movimento dela. Ela colocou os braços em volta dos meus ombros, descansando sua testa na minha. — Se você puder me dizer, com absoluta certeza, que você não se arrependerá, que você não se sentirá sobrecarregado por isso, que você não tentará encontrar mais alguém para me substituir, eu voltarei com você.

— Você não é substituível, — eu sussurrei de volta, envolvendo meus braços em volta dela. — Não há uma mulher insana o suficiente.

Ela bateu no meu ombro e eu não pude deixar de sorrir.

— Mais uma vez, você se arrependerá se eu for com você, Ethan?

— Sim, e agora eu percebo que sou uma pessoa pior do que eu pensava. — Eu a queria, mas sabia que ela estava certa, e isso me incomodou. *Por que diabos ela estava sempre certa?*

— Não, você é quem eu sabia quem você é. — Ela beijou o lado dos meus lábios. — Um homem que não deixará nada ficar em seu caminho.

Eu desfiz os laços do seu roupão, abrindo-o, e beijei seu peito, beijando bem debaixo do seu peito, e logo acima do coração dela. — A qualquer momento, a qualquer hora que você não quiser mais fazer isso, la mia anima (minha alma), diga-me, e eu a levarei para casa, meus planos ou objetivos estarão condenados.

— Você é muito mais romântico do que você se dá crédito. — Ela se abaixou, beijando meus lábios e suas mãos arrancaram o roupão de meus ombros.

— Você já recuperou a sua força? — perguntei contra seus lábios.

— Transbordando com ela, — ela murmurou entre beijos. Quando a língua dela entrou na minha boca, eu levantei, levantando-a, deixando as pernas dela se enrolarem em volta de mim.

*Então assim é como estar apaixonado por alguém.*

Feliz, preocupado, confuso, seguro, passional, insano, zangado, alegre... tantas emoções por apenas uma palavra.

Não era lógico nem um pouco.

# CALLIOPE

**21 ANOS**

**Houston, Texas**

***Sábado 8 de setembro***

Eu dei um sorriso enorme quando vi meu telefone acender. Tirando minhas luvas, eu respondi. — Bom Dia. Como você dormiu?

— Bem. Onde está você?

Eu olhei para o homem deitado aos meus pés, a fita sobre sua boca.

— Mhhh! MHH!! — ele gritou contra ela.

— Estou no trabalho. — coloquei meu pé sobre sua boca. — Isso tem que ser feito dentro de um prazo, então saí cedo.

— São 6 da manhã, nós fomos para a cama há apenas duas horas. — Eu o ouvi levantar do lado dele da cama. — Você precisa descansar.

Ah... essa preocupação novamente.

— Eu vou, não se preocupe, e agora você tem esse telefone para entrar em contato comigo se você tiver alguma preocupação e eu posso fazer o mesmo. — Ele ficou em silêncio por um momento, e o homem sob meus pés lutou novamente, me forçando a esmagar meu pé para baixo mais uma vez. — Eu juro que vou descansar assim que tiver terminado.

— Fique segura aí fora.

— Sempre e você também. Amo você. — Eu desliguei, colocando o telefone de volta na minha bandeja e pegando minhas luvas novamente. Ajoelhando-me, bati em sua branca, saudável, agora vermelha bochecha enquanto ele chorava. — Aquele é meu namorado, não, isso não soa forte o suficiente. Noivo? Bem, ele não fez o pedido, mas nós planejamos nos casar um dia, então eu acho que o termo certo seria... papai bebê? Não… bem, é complicado. Mas sempre que eu penso nele, fico com essas pequenas borboletas no meu estômago. Você já teve isso?

— Eahh...

— Desculpe, espere. — Eu arranquei a fita de sua boca. — Repita?

— Por favor... por favor... meu pai é rico... tudo o que você quiser...

— Quem você acha que está me pagando para fazer isso? — Perguntei a ele antes de colocar a fita de volta sobre sua boca e dei um tapinha cuidadosamente. Seus olhos castanhos se arregalaram e ele balançou a cabeça para o lado, então eu assenti. — Sim, sinto muito. Alguns pais são uma merda. E seu pai está cansado de limpar suas porcarias. Mas eu ainda tenho que me perguntar o quão terrível filho você deve ter sido para fazê-lo preferir a sua morte? Mas em sua defesa, quão terrível seu pai deve ter sido para você sair assim? Ou você já nasceu quebrado desde o nascimento?

Novamente, ele começou a chorar.

Eu peguei a seringa. Eu mantive suas pálpebras abertas, o que fez ele começar a entrar em pânico e lutar, mas as outras drogas já estavam funcionando, então estava ficando mais difícil.

— Normalmente eu sou rápida com esse tipo de coisa, eu não tenho nenhum prazer real nisso. Mas você… você merece sofrer. Você merece saber como é quando alguém tira de você sua autonomia. Eu nunca fui estuprada, mas acho o ato doentio — eu divaguei enquanto a agulha encontrava seu olho e pressionava para baixo, injetando o líquido. — Meu… vamos com… homem, diz que eu classifico estupro pior do que assassinato. Eu nunca tinha pensado sobre isso antes, mas ele está certo. A morte não demora, assim que você morre, você está morto, se foi. Mas estuprar alguém, você a quebra e deixa os pedaços quebrados lá dentro. Você mata sua alma e deixa os pedaços dentro de seu corpo. Isso é errado.

Retirando a agulha, eu a coloquei na bandeja, pegando uma gaze e enxugando seus olhos. — Eu quero que você vivencie isso antes de morrer. Eu quero que você conheça o terror de outra pessoa te prendendo para baixo e destruindo você. Você vai queimar, fará você sentir como se estivesse afundado em lava, como se sua pele estivesse derretendo seus fodidos ossos. Você vai querer gritar por misericórdia, mas sua boca não vai abrir. Você sentirá a morte por dentro, até eu estar satisfeita de que você aprendeu sua lição, então eu quebrarei o resto de você e você vai me implorar para acabar com sua vida.

Levantei-me e sentei-me na cadeira coberta com plástico, tirando as luvas novamente e levantando a minha caneca de chá de hortelã, mergulhando o saquinho de chá na água mais algumas vezes antes de tomar um gole.

— Ah... eu sinto falta do vinho. — Eu exalei cansadamente e me inclinei para trás na cadeira, olhando para ele. Ele não conseguia se mexer, mas lágrimas corriam pelo lado do seu rosto e sobre o plástico que ele estava deitado em cima. — Está começando, não é? O fogo... a dor. Bom. Eu aplaudo seu pai. Alguns diriam que isso é perverso e cruel, mas é apenas a natureza. Se seu filho é fraco, se ele não consegue sobreviver no mundo... você deve deixá-lo morrer. Eu estou tendo um filho meu, então, é uma lição que eu aprecio e vou lembrar; torne-os fortes ou o mundo irá derrubá-los.

Ele soltou um pequeno suspiro de ar, acho que poderia ter sido um grito silencioso, e eu tomei meu chá.

Eu acho que foi o que suscitou a mãe de Ethan, por isso ela foi embora. Ela tinha que torná-los fortes, ou então alguém como eu teria feito isso com eles. Eu entendia. Que também era a razão pela qual eu precisava ajudar a pegá-los. Isso era a natureza também. Às vezes, os mais velhos devem morrer porque eles impedem os mais jovens de atingir seu total potencial e eu queria ver como ele iria sacudir este mundo... como nós iríamos.

# ETHAN

**24 ANOS**

**JATO FAMILIAR DOS CALLAHAN**

***Sábado, 8 de setembro***

— Chefe, — Greyson se aproximou da minha cadeira olhando para o telefone em suas mãos. — Lembra daquele garoto chinês... aquele tentando entrar no Killer Instant?

— Aquele com o terno cafona e as mulheres no braço? — Tobias perguntou quando ele veio da parte atrás do jato, esfregando óleo em sua mão.

— Sim, aquele! Acontece que o garoto era alguém importante. Ele era o...

— O filho do embaixador chinês. — Eu interrompi e ambos pararam e se concentraram em mim. — O que tem ele?

Greyson abriu a boca e fechou-a, balançando a cabeça antes de olhar para o telefone. — Eles disseram que ele morreu de traumatismo por… foder… por todo lado. O idiota estava bêbado ou drogado, e ele caiu do telhado de seu apartamento na cidade esta manhã. 80 metros direto para baixo.

— Bêbado? — Tobias olhou para o relógio. — São 8:45 da manhã. Certeza que ele não se jogou?

— Oh merda, ambos. A câmera de segurança já vazou. — Greyson nos mostrou e eu assisti enquanto um homem tropeçava como um homem bêbado e escalava para a beira do telhado. Ele enxugou o rosto, sorriu e então caminhou

para fora na lateral do prédio.

— Porraaaa. — Eles dois fizeram uma careta quando ouviram os gritos e o impacto de corpo atingindo o chão.

— Isso é que é um caminho a percorrer. — Greyson observou.

— Meu pai tinha um ditado, *Il triste mietitore non sa pietà, vuole solo la tua anima.* Tobias deu uma risadinha, mas Greyson apenas olhou, tão perdido quanto um bezerro recém-nascido.

— E para nós, não italianos, isso significa?

— O ceifador não conhece misericórdia, ela só quer a sua alma, — eu traduzi. O olhar deles mudou para mim, mas eu me concentrei em Tobias, cujo cabelo estava puxado em um coque ridículo que eu queria cortar. — Mas por que o ceifador é uma mulher?

— Ele dizia que é porque as mulheres têm o mesmo objetivo e é por isso que elas inventaram o casamento. — Tobias não pôde deixar de rir, assim como Greyson.

— Interessante. Vocês dois terminaram? — eu estava cansado da conversa deles.

— Hã, sim, eu só achei que você poderia querer saber, — respondeu Greyson.

— Agora eu sei.

Os dois assentiram e voltaram para os seus lugares, mas sendo as crianças que eram, não podiam desviar o olhar dos vídeos em suas mãos. Eu olhei para fora da janela, olhando para as nuvens brancas acima. E isso só me fez pensar nela. Não sei como ela fez isso. Eu ouvi os gritos abafados vindo do meu outro lado, e ainda assim pareceu como suicídio. Toda vez que eu a encontrei, alguém acabou morto ou morrendo.

*Il triste mietitore.*

Ela era a ceifadora. Então eu estava chegando mais perto da morte ou sendo poupado dela?

# Capítulo Dez

*“O mito é muito mais importante e verdadeiro que a história.”*

*Joseph Campbell*

## ETHAN

**24 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Quinta-feira, 22 de novembro***

Um por um, eles traziam a comida, entregando-a a outros membros da minha família para organizarem na mesa. Nenhum deles a preparou, mas colocar o jantar de Ação de Graças na mesa era algo que minha avó assegurava que todos fizéssemos parte. Eles falavam e riam, enquanto eu assistia sentado na minha cadeira na cabeceira da mesa. Olhei para a cadeira ao meu lado... a que minha irmã se sentou. A que Calliope um dia pegaria. Isso ainda era estranho para mim... essa ligeira dor no meu peito. Originalmente, eu havia decidido por ela porque eu sabia que ela e eu seríamos os mais compatíveis um com o outro, eu sabia que ela me entenderia, e eu ousara esperar que ela viria a se importar comigo... me amar. Em vez disso, eu fui aquele que tinha caído. Eu nem sequer vi isso chegar. Eu nem sequer a senti, a queda. Foi como se eu acordasse no chão e quando olhei para cima, eu percebi, “Oh. Eu estou apaixonado por ela”.

Eu não gostei disso.

Parecia que ela estava na minha cabeça. Como se ela estivesse enrolada em volta de mim e eu não conseguia me libertar. Mas, por outro lado, pensar nela me fazia querer sorrir. Quem sabia onde ela estava, o que ela estava fazendo, mas provavelmente seria algo para me deixar preocupado.

*Querido Deus, eu me sinto como o meu pai.* Ele parecia tão triste e solitário quando minha mãe não estava por perto, e então, quando ele a via novamente, ele ficava nas nuvens, como um cachorro esperando por seu mestre.

*É assim que eu pareço agora?*

*Eles notam?* Olhei de relance para minha irmã enquanto ela observava Tobias. Sem querer lidar com isso, eu olhei para o meu irmão, que estava rindo com Helen. Sedric e Darcy estavam discutindo sobre esportes novamente. Meus tios estavam falando com suas esposas. *Claro que eles não notam*. Eles nunca estão olhando. Eu existo nesta cadeira separado deles. Eles não querem olhar por muito tempo. Eles não sabem como falar comigo... não nesse nível. O poder faz isso, mesmo em família. Nós ficávamos todos muito bem para discutir um com o outro, inferno, até mesmo gritar um com o outro, mas o casual, as coisas do dia-a-dia de conversa, sobre essas coisas eles não falavam comigo. Talvez fosse porque eles não queriam me sobrecarregar. Ou talvez minhas respostas não eram o que eles esperavam ou desejavam. De qualquer forma, a parede estava erguida, e eles ficaram do lado deles e eu do meu. A única diferença é que tinha sido sempre apenas eu aqui... até ela.

Eu me sentia apenas como um homem ao lado dela.

Ela me fazia sentir humano, uma pessoa necessitada de respostas, conselhos, conforto, amor, risos, raiva... tudo o que ela causalmente dava. Apenas nós dois. Bem, quase três.

*Ela deve estar com cerca de quatro meses agora*.

*Ela tinha que estar mostrando agora.*

*Ela ainda estava trabalhando?*

— Ethan?

Eu pisquei e virei para a minha avó, que segurava uma faca para mim, e eu me levantei, movendo-me para o centro da mesa. Olhando para o peru com calda e com recheio saindo dele, comecei, — Querido Senhor, nós nos reunimos como uma família hoje para agradecer por todos os dons e bênçãos que o Senhor nos tem dado, a mais recente sendo Sedric não atirando em seu próprio olho enquanto caçava este peru.

— Hey! — Ele gritou enquanto todos riam.

Eu continuei como se não tivesse ouvido. — Pela família que não pôde estar aqui, eu agradeço.

— Amém, — todo mundo respondeu e eu cortei no peito do peru, oferecendo a primeira fatia para a minha avó como sempre, antes de entregar a

faca ao meu tio e sentar de volta na minha cadeira.

— Agora, quem quer a outra coxa? — perguntou tio Neal, empolgado.

— A outra? O que aconteceu com a primeira? — Darcy apontou para ele. — Você não pode levá-la todos os anos, tio Neal.

— Darcy, não brigue por coisas que existiam bem antes de você nascer, — respondeu tio Neal.

— Foi uma boa oração, — disse minha avó, colocando a mão no meu braço como fazia todos os anos. — Tenho certeza que seus pais estão aqui em espírito.

Eu puxei meu braço para longe, gentilmente assentindo, embora, eu tinha acabado de perceber o que eu havia dito... a família que não estava aqui. Eu não estava pensando nos meus pais. Eu estava pensando em Calliope e nosso filho. — Obrigado, Nana.

— O que há de errado com você? Estou sentindo estranhas vibrações, — retrucou Dona, e por um segundo eu achei que fosse direcionado para mim, no entanto, era para Wyatt.

— Sim, Wyatt, por que você tem estado tão quieto? — Sedric questionou. — Você quase se mata caçando um peru?

— Não é engraçado. — Tia Mina olhou feio para ele antes de olhar para Wyatt. — Você está bem?

Um por um, todos eles o questionaram, mostraram sua preocupação por ele, e então minha avó me deu um olhar que me disse para dizer alguma coisa. Eu estava lidando com meus próprios problemas emocionais, mas eu tenho que parar para mimar Wyatt?

— Wyatt, se há alguma coisa, ficar em silêncio não...

— Estou indo embora, — ele respondeu e todos nós paramos o que estávamos fazendo para olhar para ele. Ele continuou falando. — Estou me transferindo para terminar o resto da faculdade de medicina em Boston. Eu saio depois do ano novo e não tenho certeza se voltarei para casa com tanta frequência.

— Você está abandonando esta família? — eu perguntei a ele.

— Eu só preciso de um tempo. — Ele suspirou. — Eu preciso de um maldito tempo do caos. De tudo isso. Eu quero ser apenas o Wyatt... não Wyatt Callahan. Eu preciso de espaço.

Todos eles olharam para mim e eu senti o espaço, a parede entre nós se alargando. Ele precisava de espaço? Ele não fazia nada. Ele conseguiu tudo e agora ele queria espaço.

— Por que não falamos sobre isso...

— Nana, me desculpe, mas eu não estou falando sobre isso. Eu estou indo. Tudo foi finalizado esta manhã. — Ele jogou o guardanapo sobre a mesa. — Sinto muito por ter arruinado a noite. Eu vou...

— Você fica, — eu disse, me levantando. — Eu irei. Aproveite seu último dia de Ação de Graças em casa.

— Ethan. — Minha avó chamou meu nome, em pânico.

— O quê? Você está preocupada que eu vou matá-lo? Porque eu faria isso? Eu não tenho provas de que ele me traiu. Ele é livre para morar onde desejar, ele não é meu escravo, — eu disse a ela e olhei em volta da sala. — Vocês todos precisarão de novos lugares em breve também. A casa estará passando por reformas. Quando terminar, vocês não precisam retornar se não quiserem.

Andando em volta da mesa, aproximei-me da porta e, antes de fechá-la, eu o ouvi falar mais uma vez.

— O que eu te disse? Ele só se importa com o negócio. Contanto que a gente não morra ou envergonhe a família, ele não se importa... ele não é capaz disso.

— Wyatt!

Ignorando-os, subi as escadas, mas só dei alguns passos quando Tobias surgiu.

— Patrão.

— O que é? — eu questionei, olhando para baixo.

— Savino Moretti. — Ele subiu a escada e me entregou um tablet. — Ele passou o dia distribuindo perus e dinheiro para os pobres.

— E a celebração no O.S.?

— Ainda estava lotado como sempre, foi falado sobre Moretti... muito.

Eu queria rir, mas não tinha muita energia. Aparentemente, todo mundo era um pedaço de merda ingrato. Eles comem da minha mão e beijam outra. O que aconteceu com a lealdade? O que aconteceu com a família? Os clãs? Ou era só eu? Eu não era o suficiente? Apesar de tudo, apesar da paz e da riqueza, o que era que faltava a eles que os deixava tão... volúveis ainda?

— Chefe?

— Continue observando-o por enquanto, e relate para mim. Deixe-o por enquanto. — Eu entreguei a ele o tablet.

— Sim senhor,

Subindo as escadas, virei e fui pelo corredor parando para olhar o retrato da família que estava pendurado no local. Eu olhei para os rostos dos meus pais. Uma das muitas perguntas que eu tinha para eles era... eles se arrependeram? Nunca? Mesmo se eu perguntasse, eu não tinha certeza se podia confiar na resposta deles. Desviando o olhar, entrei no meu escritório, tirando a gravata e pegando a bebida antes de ir para o meu lugar e me recostar na cadeira.

*Vizz*

*Vizz*

*Que porra agora?*

Eu puxei meu telefone, mas não estava tocando.

*Vizz*

Eu senti a vibração mais uma vez e depois me lembrei, puxando o fino celular vermelho do paletó. Era tão fino e tão leve que eu muitas vezes esquecia que estava comigo. Aceitando a ligação, eu o coloquei no meu ouvido.

— Eu te dei esse telefone para que você ligasse para mim de vez em quando, — a voz dela soou do outro lado. — Quando você não liga primeiro, eu tenho que ligar, e isso me faz sentir carente.

— Você não deveria. — eu queria dizer mais, mas eu não sabia se meus pais estavam observando ou não ainda.

— Eu sei que você não pode falar muito enquanto está aí, quem sabe se seus pais observam ou não. Certo? — Ela praticamente leu a minha mente e de

repente eu consegui respirar novamente. — Eu descobri o sexo do nosso filho, você quer saber?

— Não brinque comigo. — Claro que eu queria saber e não podia expressar de outra maneira sem me tornar um idiota.

— É menina. Claro que seria eu a acabar com a tradição do primeiro filho homem Callahan.

— Nem todas as tradições são necessárias. — Sorri e abaixei a cabeça para esconder. — Onde você está agora?

— Na pátria. — Ela riu. — Em algum lugar na região de Lazio, fazendo uma pequena pausa. Ouvindo meu avô contar suas histórias "no meu tempo" enquanto minha avó me alimenta à força com *zeppoles* e *struffoli*[2].

— Sim, eu tenho certeza que a força precisa ser usada, — eu brinquei. Ela riu e isso me acalmou.

— Sua filha gosta de sobremesas fritas, o que posso dizer? — *Minha filha*. Havia aquela sensação novamente no meu peito. — Eu vou deixar você voltar ao seu trabalho, eu só queria que você soubesse...

— Estou reformando a casa.

O silêncio ficou do lado dela por um breve segundo — Você quer dizer, você quer que eu reforme... elaborar os planos?

— É o seu trabalho, não é? — A Sra. Callahan deveria escolher como a casa ficaria e assim ela faria.

— Eu recebo um desses orçamentos de esposa?

— O que você acha?

— Eu acho que você soa… desligado. O seu dia foi tão ruim assim? Pensando bem, é o Dia de Ação de Graças nos Estados Unidos. Tenha cuidado, nós temos duas vezes mais chances de matar nossos familiares durante os feriados do que em qualquer outra época do ano.

— Completamente razoável, — eu disse, ficando em pé e indo para a janela. — Eu vou ligar para você na próxima vez.

— É tudo o que peço, — ela disse suavemente: — Feliz Dia de Ação de

Graças. Eu te amo.

E do nada ela desligou. Esta foi a segunda vez que ela me disse isso, em seguida, desligou sem ouvir uma resposta, mas pensando bem, eu não podia dizer o mesmo. Eu não podia sequer dizer a ela feliz aniversário, mas pelo menos, eu podia dar-lhe um presente. Eu podia deixá-la construir a casa que ela queria, estar esperando por ela quando nós chegássemos aqui.

# CALLIOPE

**22 ANOS**

**Seul, Coreia do Sul**

***Segunda-feira, 31 dezembro***

Eu observava a neve lentamente afundar em direção à terra vinda do céu. Todas as luzes deixavam impossível ver as estrelas. Apesar do quão alto eu estava acima do solo, eu podia ouvir as vozes de todos aqueles na rua embaixo. Eles pareciam um desfile de formigas.

Ligação.

— Feliz Ano Novo, — eu disse ao telefone quando atendi.

— Ainda há mais cinco minutos aqui. — A voz dele, como sempre, estava calma, firme, com aquela frieza natural... era reconfortante ouvir.

— Eu sei, eu ainda tenho cinco minutos também, — eu respondi.

— Como? — Eu podia ouvir as vozes da sua família do outro lado. O que ele realmente queria dizer era onde eu estava para estarmos no mesmo fuso horário.

— Quatro andares abaixo. Eu estou perseguindo você, — eu sussurrei, deitando de costas na cama. — Eu não sei se é essa criança bagunçando com minha mente ou o que, mas você vê o que você fez? Você me transformou em uma perseguidora.

— Os assassinos não são perseguidores por profissão?

Eu ri, rolando de lado. — Verdade, mas eu não estou matando você. Portanto, não há razão lógica para essa perseguição.

— Pessoas normais chamariam de sentir saudade de alguém.

— Querido Deus. — Eu fiz uma careta. — Eu cheguei longe demais para estar agindo como uma pessoa normal agora.

Ele riu suavemente. — Perseguir não é normal, então você ainda está dentro do escopo da insanidade.

— Obrigada, isso é muito gentil. — Eu sorri e rolei de lado mais uma vez. Eu estava ficando muito cansada de tentar ficar confortável e falhando por causa dessa barriga.

— Como você sabia que estaríamos em Seul? — ele questionou. — Eu tenho um informante?

— Você tem parentes estúpidos. — Eu respondi rolando novamente. Aparentemente, eu era um rolo de macarrão agora. — Eu tenho certeza que sua prima Nari queria manter este casamento um pequeno e privado encontro de família, no entanto, seu novo marido gosta de wi-fi gratuito em cafeteria e não desconecta a porra de e-mail dele.

Ele exalou como se ele não pudesse acreditar na estupidez daquele homem. Eu quase podia ver seus ombros caírem e seus olhos se estreitarem para ele.

— Corte a cabeça dele? — eu perguntei.

— Eles acabaram de se casar hoje à noite, eu não posso... além disso, ela está grávida.

— Meus pêsames, — eu murmurei e sentei, vendo o pager acender ao meu lado. Pegando-o, eu sorri. — Você está procurando por mim?

— Quarto de quem você roubou?

— Emprestei. Não é minha culpa, sua maldita família adquiriu todo o maldito hotel durante a noite. Eu não posso efetivamente perseguir se eu não puder entrar.

— Eles ainda estão vivos?

— Sim, eu não perdi toda a minha cabeça. Eles são seus convidados e

estão sob sua proteção. Quando o sol nascer, eles vão acordar sentindo como se tivessem tido o melhor sono de suas vidas.

— Bom. Agora abra a maldita porta antes de perdermos o ano novo.

*Como ele sabia qual quarto?* Eu olhei para as minhas mãos apenas para me lembrar do pager. Droga.

Saí da cama e caminhei para fora do quarto. — Estou surpresa que você não tenha uma chave...

Lá estava ele em pé na sala de estar com um smoking preto, uma gravata borboleta preta sobre uma camisa preta, uma única rosa vermelha na lapela de veludo. Seus olhos verdes olharam e vagaram para baixo até a minha barriga e antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele correu em minha direção, me puxou em seus braços e beijou meus lábios.

Eu fiquei tão atordoada por um segundo que não consegui me mexer. Mas quando seus braços se envolveram ao meu redor, eu o abracei de volta, beijando-o ferozmente. Eu abri minha boca para ele, gemendo contra os lábios.

BANG

Nós nos separamos e ele descansou sua testa na minha. — Feliz Ano Novo, la mia anima.

— Sua família vai estar procurando por você.

— Tenho certeza que eu estou com a minha família, — ele sussurrou. Afastando-me, eu dei uma olhada nele. Seu lado suave estava surgindo de novo. Ele deve ter realmente se cansado de sua família. Eu estendi a mão e coloquei minha mão em sua bochecha.

— Não deixe eles atingirem você. Apenas pense neles como crianças. Eles cometem erros. Eles não veem o quadro geral como nós. É um fardo, mas é melhor do que ser ignorante.

— Obrigado, sensei, — disse ele com um sorriso sarcástico.

— Tecnicamente é Sa Bum Nim, sensei é principalmente japonês.

Ele revirou os olhos, me soltou e me deu um cartão-chave do hotel. — Troque de quarto e espere por mim. Eu voltarei, temos trabalho para discutir.

— Trabalho? — Minha sobrancelha levantou quando peguei o cartão dele.

— Entre outras coisas, — ele respondeu, beijando o lado da minha cabeça mais uma vez e se afastando. Ele apontou para o chão. — Você precisa de ajuda para movê-la ou isso atrapalhará seus planos?

Eu olhei para baixo na prima do marido de Nari. Seu corpo ainda estava onde eu a deixei, baba pingando de sua boca enquanto ela roncava, suas bochechas vermelhas. Iria parecer que ela tinha desmaiado de tanto beber.

— Eu acho que ela parece bem confortável aqui, não? — Eu respondi e encontrei seu olhar.

Ele balançou a cabeça, mas o olhar no rosto dele dizia que ele sabia que eu ia dizer isso.

— Vinte minutos. Esse é o tempo antes da brecha na segurança e você vai para o quarto 2177.

— Sim, chefe, — eu assenti e ele caminhou até a porta. — Não se esqueça de me trazer o jantar.

Ele parou e olhou para mim. — Nenhum pedido especial?

Dei de ombros. — Eu quero ser surpreendida.

— Isso é uma armadilha para mim de alguma forma. — Ele balançou a cabeça antes de sair.

Ele estava certo.

— Ah... — Eu coloquei minha mão no meu estômago e olhei para baixo. — Você acabou de me chutar?

*A garota do papai já.*

# ETHAN

**24 ANOS**

**Seul, Coreia do Sul**

***Terça-feira, 1 de janeiro***

A comida era uma armadilha porque me forçava a pensar sobre o que diabos eu ia conseguir para ela enquanto eu estava entre a minha família. Todos falavam e passavam, mas eu estava preso por pensamentos nela. Ela estava grávida e fora amar coisas fritas, eu não tinha certeza o que ela realmente queria comer. Então eu fui forçado a pensar em tudo que eu a tinha visto comer quando estávamos juntos. Forçado a descobrir como sair, que também me permitia arrumar outra razão para mandar meus homens para longe. Eu enviei alguns deles para escoltar as novas remessas para a cidade. Não era necessário que fosse feito hoje à noite, mas eu só não queria mais perguntas. Eu peguei carne picante e macarrão frito antes de retornar para o quarto sozinho.

Eu olhei para o telefone quando ela não respondeu. Ela sempre respondia.

Entrando na suíte, coloquei a comida na mesa.

— Calliope?

Sem resposta. Ou ela estava jogando comigo, que ela não tinha motivo, ou... eu segui pelo corredor e abri a porta e lá estava ela, deitada diagonalmente através da cama enrolada em uma bola.

Ela estava dormindo, os fios da peruca loiro platinado que ela usava sobre seu rosto. Andando para o lado da cama, eu sentei e afastei o cabelo do rosto dela.

— Qualquer um poderia ter pegado você, — eu sussurrei e ela levantou a mão, um celular nela, com as palavras CHEGANDO nele.

— Hmm. — Ela se empurrou para cima na cama, esfregando os olhos antes de estender a mão debaixo do meu braço e puxar algo nas minhas costas do meu paletó. Era um pequeno círculo fino. Ela clicou nele e as palavras na tela mudaram para LIMPO.

— Você colocou um rastreador em mim?

— Não. É um detector de movimento. Os outros estão no corredor. Então, se alguém viesse que não fosse você, eu saberia. Ela apertou o adesivo no telefone, bocejou e se deitou de volta. — Onde está a comida?

Eu não sei porque eu me incomodava em duvidar dela ainda. Eu nem acho que foi uma dúvida, na verdade. Mais como curiosidade.

— Sala de estar. Eu vou pegar.

— Não, fique. — Ela agarrou meus braços. — Tire seus sapatos e paletó para que possamos nos abraçar.

— Abraçar? — Ela disse sem se sentir envergonhada. Nó nos abraçamos agora?

— Pali! (Depressa) — Ela acenou as mãos para mim, aparentemente cansada de usar inglês ou italiano para falar e me dizer para me apressar.

*Por que eu estava permitindo isso? O que estava errado comigo?* Tirei meus sapatos e meu paletó, deitando ao lado dela atravessado na cama. Ela se virou, pressionando as costas contra o meu peito.

— Eu sou o chefe ou você?

Ela respondeu levantando sua blusa e colocando minha mão em sua barriga. Minha sobrancelha se contraiu e eu me aproximei.

— Desde que você saiu, ela esteve se mexendo como um grande peixe dentro de mim. Acalme-a, — ela ordenou, obviamente não muito satisfeita em ser o aquário.

— Qual língua? Inglês, italiano, irlandês ou coreano, já que estamos na Coréia?

— Você está tirando sarro de mim agora?

Eu sorri, embora eu já não me reconhecesse mais. Lentamente eu esfreguei círculos em sua barriga, observando as luzes da cidade brilharem através das cortinas. Já passava das duas da manhã, mas parecia que as pessoas ainda estavam celebrando.

— Você não está dizendo nada.

— Ela é minha filha. Ela entenderá o silêncio, assim como a mãe dela.

Ela assentiu e relaxou contra mim. — O que o resto da sua família acha da minha reforma?

— Não importa. As reformas começam em uma semana.

— Verdade. Você gosta do seu quarto? — ela perguntou. — Não se acostume com ele. O ambiente de solteiro é apenas um disfarce. Eu o estarei

mudando depois.

— Sim, chefe.

— Qual é o trabalho sobre o qual você queria falar? — Ela mudou de assunto sem dificuldades. Ela não era espertalhona nem estava tentando ser.

— Meu irmão está indo para Boston em algumas semanas. Ele quer fugir da nossa família, do nome Callahan, e continuar estudando medicina lá.

Ela riu baixinho e eu pude sentir contra mim. — Seu irmão, ou não é brilhante ou está mentindo para si mesmo. Eu suspeito que seja o último. Ele deve saber que há mais irlandeses em Boston do que em Chicago. Ele não está fugindo do nome Callahan...

— Ele está fugindo de mim, — eu sussurrei, sabendo que era a verdade também.

— Exatamente. Mas você pode culpá-lo? Deve ser difícil viver na sua sombra.

— Você faz isso.

— Com o conhecimento de que eu não ficarei sempre nas sombras. Estou simplesmente atrasando minha gratificação, mas sei que ela virá. Ele não tem esse conhecimento.

Isso também era verdade.

— Você quer que eu fique de olho nele? Ele notaria qualquer outra pessoa.

Eu parei, percebendo que nós não estávamos na página. — Não, eu queria usar isso para ver se podíamos apanhar meus pais. Machucá-lo, forçando-o a voltar para casa e então pegar meus pais.

— É demais.

— O quê?

Ela se mexeu e se virou para me encarar. As lentes de contato que ela usava agora eram azuis. — Eu te disse, não se apresse por causa de mim e desta criança.

— Eu não estou me apressando...

— Você está. — Ela me cortou gentilmente. — Você está sendo

ganancioso. Você quer todo mundo em casa. Você quer isso feito já. Nós sabíamos que este ia ser um longo plano desde o início. Se a merda der errado para Wyatt no momento em que ele chegar lá, ele saberá que foi você. Seus pais saberão que foi você.

— Isso não tem que acontecer imediatamente. Poderia ser...

Ela balançou a cabeça. — Não pode acontecer mesmo assim. Deixe-o ir completamente... bem, parecer que você o deixa ir completamente. Seja o irmão mais velho e observe de longe, limpe as armadilhas no caminho dele e deixe Wyatt viver a vida que ele quer viver.

— Mas ele não quer viver essa vida. Eu conheço meu irmão. Ele está cansado de viver nas sombras. Ele quer um propósito e ele sente que não pode tê-lo ao meu lado, mas ele pode.

— Exatamente. — Ela assentiu. — O que acontece com uma pessoa que caminha por uma estrada pensando que há ouro, mas não encontra nada? Ela tem duas escolhas. Matar-se por ser tão tola ou dar meia-volta e seguir pela estrada certa. Você sabe que Wyatt adora ser um Callahan. Você sabe que ele quer ser mais parecido com você. Então, deixe-o negar a si mesmo. Deixe-o mentir para si mesmo. Não dê a ele nenhuma desculpa do porquê ele não fez tudo isso por essa estrada e então ele terá que fazer uma autorreflexão. Ele fará a escolha de voltar. Você pode dar um empurrãozinho nele, mas não pode bloqueá-lo. Deixe-o terminar a faculdade de medicina, talvez até participar da primeira residência dele. Ele ficará entediado de morte.

— Isso é basicamente daqui a quatro anos.

Ela assentiu. — É.

Mais uma vez, sua dedicação, sua habilidade de não colocar nada à frente do plano, meu plano, era algo que estava além da minha compreensão. Como ela conseguia ser tão abnegada? Ser minha esposa significava muito para ela. Ela podia simplesmente atrasar sua gratificação dessa forma.

— Muito bem. — Eu assenti, sua força minha única resolução. — Wyatt vai para Boston, e depois de você dar à luz, você pode ser a Triste Mietitore dele.

— O quê? — Um sorriso se espalhou pelo rosto dela. — Por que eu sou o ceifador dele?

Eu acariciei sua bochecha com as costas da minha mão. — Porque você decide quando a alma dele volta para o submundo.

Ela revirou os olhos e virou de costas. Eu descansei minha mão em sua barriga novamente. — Parece o começo de um grande mito; o irmão de Hades, cansado de viver na sombra de seu irmão, escapa do submundo e sobe para a terra dos mortais, Hades envia seu verdadeiro amor, o Ceifador, para vigiá-lo até a hora de sua alma retornar.

— E quanto a Cronus e Rhea, os pais de Hades, que procuram e vagam pela terra? O que pode ser feito deles? Eu preciso que ele fique machucado, para eles voltarem.

— Não, você precisa que um dos filhos deles fique machucado. Você é filho deles, lembra? — Eu parei, minha mente olhando para todas as peças. Elas estavam tão distantes umas das outras, mas agora eu podia vê-las se alinhando.

— Você sabe quem é Savino Moretti?

— Uma velha e rica família italiana em Chicago, certo? Eles trabalharam sob a sua mãe.

— E depois que minha mãe *morreu*... morreu também a lealdade inabalável deles.

— Eles te traíram?

Eu balancei a cabeça. Este era o problema. — Não. Ainda não. Moretti está tentando abrir uma brecha entre mim e as minhas famílias italianas. Para que ele possa assumir. Assim como Miguel Munha. Todos eles estão no limiar, flertando com a traição. Eles mesmos não sabem disso, mas eu posso ver. Passo a passo, eles estão andando na minha direção apenas para me apunhalar pelas costas.

— Seu cãozinho, Tobias, também.

— Esse é complicado, — eu murmurei, já irritado com o pensamento.

— Porque ele está dormindo com sua irmã?

Eu olhei para o rosto dela. Ela tinha os olhos fechados, mas ainda assim conseguia ter aquele olhar de sabe-tudo no rosto dela.

— Sim.

— Você ama sua irmã. Você não quer que ela te odeie. Matar o amante dela faria isso... e talvez a deixasse irritada para trair você também.

— Como eu disse, complicado.

— Não, se você a fizer matá-lo. — Suas engrenagens estavam girando. — O mesmo com Wyatt. Ela ama a família dela, ama ser uma Callahan. Você sabe o que eles querem melhor do que eles mesmos, então ajude-os a fazer suas escolhas. Se se tratasse da família ou Tobias, e fosse a escolha de Donatella, quem ela escolheria?

— A família. Sem hesitação. — Agora não ficou complicado, havia apenas mais um passo para o processo. — Eu a deixo fazer a escolha que ela quiser fazer.

— Então ela só pode ficar chateada consigo mesma.

Eu não pude deixar de dar uma risadinha disso.

— O quê?

— Minha irmã sempre pode ficar chateada com outra pessoa. É o dom dela.

Ela deu uma risadinha também. — Bem, ela não ficará com raiva o suficiente para querer explodir o limite e isso é suficiente, não é?

— Sim, — eu concedi, agora confiante do que eu ia ter que fazer. — Vou ter que deixar meus inimigos crescerem. Eles vão pensar que, de alguma forma, eles têm conseguido escapar de mim, repetidamente. Enquanto isso, à medida que crescem, eles esmagam os pequenos idiotas abaixo deles e fazem de si mesmos meus alvos singulares, que podem ser abatidos com um único comando.

— Isso vai fazer você parecer fraco.

— Bom, quanto mais fraco eu parecer, mais preocupação meus pais terão. Mais eles irão querer corrigir meu navio. Meu pai tinha esse ditado... mesmo quando eu estou perdendo, eu estou ganhando. Então eu vou perder. Eu vou perder repetidamente. Eu serei atingido, e então todas essas perdas vão me colocar em um risco tão alto, tão perigoso, que eles precisarão intervir.

— E então il Triste Mietitore vai arrastar suas almas de volta ao submundo para que eles se ajoelhem diante de Hades e implorem perdão, — disse ela com

uma voz rouca como se estivesse tentando lançar um feitiço.

Eu não consegui segurar minha risada. — Você sabe que o *il Triste Mietitore* é italiano e os deuses na lenda que você está usando são gregos e não romanos, certo?

— Não vá por aí.

— Mata você admitir que os deuses gregos são melhores. — Os italianos eram pessoas tão orgulhosas.

— Você tinha que ir por aí. Eu nunca disse isso. — Ela abriu a boca para dar uma desculpa, mas não conseguiu. Eu ri novamente. — Os mitos romanos são muito… complicados. Eles são muito sérios para essa conversa.

— Sim, esta conversa de família, drama, tramas, assassinatos e traições? — Eu perguntei.

— Droga, Ethan... de que lado você está?

— Do de Thor.

Ela riu tanto que resfolegou e depois tentou ficar séria novamente. — Isso é Viking!

— Nós irlandeses temos o Viking em nós, de onde você acha que o amor de beber em pubs e canecas de choque vem?

— Você é irritante pra cacete, — ela resmungou, usando minha mão como travesseiro, e eu beijei sua bochecha, fazendo-a corar.

*Eu a amava.* Esta foi a maior diversão que eu tive em meses... desde a última vez que estive com ela. Ela era, assim como o nome dela dizia, minha musa. Minha sombria musa mortal.

— La mia anima, por que o seu nome é grego?

— Não me faça te machucar. — Ela tirou a camisa e depois o sutiã, virando-se para olhar para mim. — A menos que você esteja pedindo para se machucar agora.

Agora eu era o único sem palavras.

# Capítulo Onze

*“Nu eu vim do ventre da minha mãe. E nu eu voltarei para lá.*

*O SENHOR dá e o SENHOR tira.”*

*Job 1:21*

## ETHAN

**24 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Domingo, 10 de março***

— Santo Agostinho disse uma vez que a igreja é um hospital para pecadores, não um museu para santos. Ele disse isso porque existe essa crença equivocada de que todos os cristãos, todas as pessoas que vão à igreja são, de algum modo, imunes de cometer erros, que de alguma forma, elas também não podem ferir você. Mas meus irmãos, todos nós pecamos, alguns mais que outros... — Minha sobrancelha ergueu quando os olhos do padre Macrae, que por acaso era um convidado da Filadélfia, deslocaram-se para mim e minha família mais uma vez. Aparentemente este sermão era para nós. — … e porque reconhecemos essas falhas em nós mesmos, que nós buscamos a misericórdia do Senhor. É isso o que deveríamos fazer. Vocês estão aqui na escolha certa, a única escolha para salvar suas almas. No entanto, se vocês se preocupam, simplesmente para se exibirem, se vocês vêm aqui para que os outros possam vê-los aqui, vocês estão apenas enganando a si mesmos. Pois o Senhor vê tudo.

— Esta é a terceira vez que ele olha para nós. — Minha avó sussurrou ao meu lado, entretanto esse sorriso gentil nunca vacilou quando ela lhe deu sua atenção. Ela olhou pelo canto de seus olhos. — Aparentemente, o Senhor não deu a ele o memorando.

Um pequeno sorriso apareceu e eu me concentrei de volta no homem de Deus enquanto ele prosseguia. — Vocês precisam saber... o Senhor aceita vocês como vocês chegam, exatamente como um hospital. Vocês entram quebrados,

precisando de cura, mas uma vez que vocês entram, vocês devem estar no caminho da recuperação. Vocês deveriam ficar melhor, não pior.

Eu lutei contra um bocejo, me mexendo no banco e foi apenas um flash na minha periferia, mas chamou minha atenção... aquele sorriso. Eu estava muito familiarizado com ele. Não pude acreditar. Me virei completamente e lá, segurando uma bíblia e um rosário em sua mão *apaixonadamente*, estava Calliope... ou melhor ainda, Irmã Calliope? Ela sentou entre as freiras, vestida de preto e branco, uma cruz gigante em volta do pescoço. Seu rosto estava coberto com sardas, suas bochechas estavam um pouco mais cheias, o nariz ligeiramente mais largo e as sobrancelhas vermelhas. Mas o chute real foi o fato de que os olhos dela estavam nublados como uma pessoa cega. Ela estava completamente irreconhecível, tanto que eu duvidei...

*Não, não é ela, não poderia ser. Ela estava para dar a luz em uma semana.*

Sacudindo o pensamento da minha mente, eu observei quando o padre se moveu para o seu lugar e eu fiquei dizendo a Profissão de Fé. — Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, filho único de Deus...

Eu não pude evitar; olhei de volta para a freira, que se segurava em um dos braços da outra freira, dizendo a oração também. Suas vestes dificultavam determinar se ela estava grávida ou não. Tudo do lado de fora dizia que não era ela. No entanto, algo em mim me dizia que era... e eu confiava em meus instintos, mesmo acima dos meus próprios olhos.

— Ethan? — Minha avó deu um tapinha no meu braço e eu peguei sua mão ajudando-a a se ajoelhar antes de se ajoelhar ao lado dela. — Está tudo certo?

— Apenas refletindo sobre as palavras do padre, — eu sussurrei e ela me deu uma olhada, mas não disse mais nada. Eu olhei para o altar. Era o mesmo de sempre.

Quando ela e algumas outras freiras se aproximaram do altar, senti aquela dúvida avançando ao vê-la andar lenta e cuidadosamente com ajuda. Mas não era tanto que ela não conseguisse fazer suas tarefas.

*Por que eu tinha tanta certeza que era ela? Baseado em uma simples expressão? Um sorriso?* Eu não sabia, mas eu tinha certeza. Eu podia sentir isso,

como se o ceifador tivesse entrado. Ela fazia as coisas sutilmente... mas ela também me disse que tinha dado uma pausa do seu outro trabalho.

*A menos que ela já tenha dado à luz?* Não... Ela teria me dito.

— O corpo de Cristo. — O padre falou, e Dona pegou a hóstia, dando um passo para o lado e se abençoando. Quando o padre olhou para mim, ele não falou, apenas balançou a cabeça.

Esse filho da puta não estava falando sério. Ele se virou, prestes a me negar na frente de toda a igreja.

— Oh, merda, — Sedric sussurrou atrás de mim.

No entanto, no momento que ele deu outro passo, começou a tossir. Ele tossiu com tanta força que teve que se apoiar. Eu dei uma olhada para a freira, e ela segurou a hóstia, olhando cegamente na frente dela como se ela não visse... ou ouvisse.

— Padre? — os servidores do altar pegaram a hóstia dele e o ajudaram a ficar de pé. Ele os dispensou, mas quando tentou ficar em pé, não conseguiu.

— Ajude-o a sentar em sua cadeira, — disse outra irmã a eles.

Foi só quando ele caminhou de volta até o altar em seu lugar que ela andou na minha frente, um olhar suave em seu rosto quando ela levantou as mãos para apresentar a hóstia para mim.

— O corpo de Cristo, — disse ela.

Eu olhei por um segundo e ela não parecia estar perturbada, inclinando-se tão perto que ela quase podia tocar meus lábios.

— Amém.

Ela colocou a hóstia na minha língua e seus olhos nublados cintilaram nos meus por apenas um rápido segundo. Sua sobrancelha levantou e a parte debaixo se contraiu enquanto ela lutava com um sorriso. Ficando para trás, dei um passo para o lado, abençoando-me e caminhando para o banco, minha avó e minha irmã esperavam por mim para ir primeiro. Eu tomei meu lugar no genuflexório.

— Aquele padre acabou de tentar negar sua comunhão ou foi apenas uma tosse? — minha avó sussurrou baixinho e severamente em irlandês.

— Aparentemente Deus estava dando a ele o memorando, — respondi, e

mantive meus olhos para a frente, observando a Irmã Calliope fazendo o trabalho do Senhor... de novo.

*Mas como ela sabia?* E ela realmente passou por tudo isso só para ter certeza de que não me fosse negada na comunhão? Ao mesmo tempo que isso teria sido um grande escândalo em nossa comunidade, não era algo do qual eu não conseguisse me livrar. Teria sido um pé no saco, mas ainda nada que exigisse a quantidade de esforço que ela estava exibindo agora.

Durante o resto da missa, eu fiquei tentando descobrir isso, mas nada se juntava. Quando terminou, deixei minha avó falar com o padre Macrae, mas isso me deixou com as outras famílias que se aproximaram de mim assim que saímos.

— Ethan, — eu me virei quando Savino se aproximou. Ao lado dele estava uma jovem pequena com cabelo castanho-claro ondulados e olhos castanhos, usando um vestido questionável para a igreja. — Eu gostaria que você conhecesse minha filha Klarissa. Ela acabou de voltar para casa depois de se formar em Roma.

*Os pais normalmente tentam dispor de seus filhos assim tão obviamente?*

Eu olhei para ela e ela sorriu colocando o cabelo atrás da orelha, sem falar. Ela entrou na Universidade de Roma?

— Srta. Moretti, bem-vinda de volta a Chicago. — Eu acenei a cabeça para ela e antes que ela pudesse falar, alguém gritou.

— Cuidado! — Alguém gritou à frente. Eu vi o corpo do homem aterrissar em cima de um carro. A multidão correu para frente. Eu senti aquele telefone vibrar contra o meu peito. Eu li a primeira e única mensagem de texto que eu tinha recebido dela.

SOTÃO AGORA. Ela também mandou uma mensagem de um mapa

Eu me virei e olhei para o topo da igreja. *Ela não está… ela não poderia estar… não…*

SIM, É ISSO, ela respondeu como se ela pudesse ler minha mente... e eu espero que ela pudesse, porque eu estava puto pra caralho.

Porra, Calliope!

# CALLIOPE

**22 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Domingo, 10 de março***

— Oh... oh... — Eu exalei pela boca, sentando-me contra a cabeceira da cama.

— Respire. Não esqueça de respirar. — A freira mais velha, irmã Barbara, sentou-se na minha frente e enxugou minha testa. Seu braço enrugado me segurava no lugar enquanto a outra freira, irmã Karen, com uma grande pinta no queixo, espalhava minhas pernas.

*Que porra você acha que estou fazendo?* Eu queria dizer, mas segurei minha língua e, em vez disso, exalei pelo nariz. Logo... logo, porra. — AHH!

— Você já está coroando? — A irmã Karen olhou para mim, seus olhos azuis arregalados de surpresa. — Há quanto tempo você está em trabalho de parto?

— Que tipo de merda de pergunta é essa? Isso importa? — Eu gritei para ela, e a irmã Barbara apertou meu braço com mais força.

— Agora, Agora. Fique calma. — irmã Barbara me deu seu sorriso falso e ela era muito sortuda por eu estar empurrando outro ser humano ou eu estaria enfiando sua cabeça gorda na bunda gorda da irmã Karen!

— No três.

— TRÊS! — Eu gritei, empurrando... porra... e depois caí para trás de novo.

— Vai! Respire! Apenas mais alguns empurrões. Um, dois…

— AHH!!! — Foda-se! ETHAN! Ah, eu queria matá-lo também. Eu ia matá-lo. Eu ia matar todo mundo.

— Oh... oh... — eu exalei, me recostando mais uma vez.

— Ok, mais um! Só mais um e ela está aqui! Apenas mais um.

Eu não queria, mas sentei de novo, sentindo como se estivesse sendo rasgada. E então eu ouvi.

— Unhéééhhh! — ela chorou, e eu queria chorar também. A irmã Karen a limpou suavemente, examinando-a.

— Ela é tão pequena, — disse a irmã Barbara, soltando-se de mim quando se moveu para deixar a irmã Karen cortar o cordão umbilical e depois embrulhar o que tinha que ser meu coração em um pequeno cobertor branco.

— Posso segurá-la? — Ambas olharam para mim. — Por favor, apenas uma vez.

O velho monstro do pântano em um hábito fez uma cara condescendente — Será mais fácil se você desapegar completamente.

*Ethan, onde você está, porra?*

— Por favor, eu só quero saber como ela se parece, já que não consigo vê-la. — Eu disse a elas. Elas se entreolharam. Irmã Karen franziu a testa. Ela tinha um fraquinho por minha "deficiência". Irmã Barbara concordou com a cabeça e ela chegou ao meu leito. Eu estendi meus braços e ela cuidadosamente colocou minha garotinha em meus braços. Ela estava coberta de sangue, sua pele estava um pouco enrugada, mas ela era linda... tão linda.

— Desculpe. Vocês podem ir... — ouvi uma voz quando as portas se abriram.

Ele estava lá em seu terno de três peças cinza escuro e gravata cor de vinho, inspecionando o espaço antes de olhar para o anjo no meu braço.

— Sr. Callahan? — Irmã Barbara chamou. — Você não tem permissão para estar...

— Eu dei a ele permissão, irmã. — eu olhei da minha filha para cima nele.

— Você? — ela gaguejou, sacudindo a cabeça. — Mas você disse...

— Eu menti. — Antes que ela pudesse dizer outra palavra, eu estendi a mão debaixo do meu travesseiro, tirando minha arma e atirando direto em sua cabeça.

— O... — Irmã Karen tentou gritar antes de eu me virar para ela e disparar

duas vezes. Seu corpo caiu de costas na viga de madeira antes de atingir o chão.

Eu olhei para Ethan e ele olhou para mim, seu corpo tenso de raiva, confusão clara em seu rosto.

— Mais uma. Você pode ajudar?

Eu acenei a cabeça para aquela atrás dele que ficou em choque, horrorizada. Foi só quando ela me viu acenar para ela que ela tentou correr, mas Ethan arrastou-a para dentro do quarto, fechando a porta. Ele segurou a mão sobre a boca dela e ela tentou lutar, mas ele era muito maior. Ele a levantou facilmente e quebrou o pescoço dela. Ela caiu no chão como se alguém tivesse cortado as cordas de suas costas... um fantoche inútil. Ele se virou para mim, ainda puto, mas eu exalei cansadamente, deixando a arma deslizar das minhas mãos e relaxando de volta contra a cabeceira da cama.

— Que porra você está fazendo? — ele vociferou para mim.

Eu sorri e levantei a garota em meus braços para mostrar a ele. — Ela está aqui... finalmente.

Sua expressão suavizou, mas ele continuou franzindo a testa enquanto caminhava até mim. Parecia que ele tinha parado de respirar quando a viu. Ele a pegou, tocando a cabeça dela gentilmente.

— Ela é linda, — ele sussurrou, com os olhos vidrados enquanto olhava para ela. Ele beijou o topo de sua testa. — Tão linda.

— Eu sei. Ela é como um anjinho. — Eu sorri, me inclinando para trás e tirando pedaços do disfarce da minha pele. Eu estava tão cansada, mas eu queria tirá-lo. Eu não queria que minha filha abrisse os olhos para ver essa vestimenta monstruosa. Eu tirei a peruca também e finalmente tirei as lentes de contato, jogando-as para o lado uma por uma. Tirei o hábito de freira, deixando-me de sutiã. Quando olhei de volta para Ethan, podia ver sua raiva se dissipando.

Sua mandíbula estava travada, mas ele fez o seu melhor para falar sem gritar. — Eu sou dono de hospitais e clínicas em todo o mundo. Eu tenho muitos médicos pessoais de plantão. Qualquer lugar que você quisesse, qualquer lugar que você pudesse ter sonhado, e você escolheu um sótão de igreja para dar à luz?

— Alguns chamariam isso de bênção.

— Calliope! — Sua voz fez nossa filha se assustar e ela começou a chorar.

Eu a tirei de suas mãos e a deitei no meu peito. Ele parecia chocado e magoado como se não estivesse esperando que ela chorasse ou deixasse seus braços tão cedo.

— Primeiro, — eu disse numa voz baixa e severa, — não grite comigo. Eu estive em trabalho de parto por horas e as drogas começaram a desaparecer depois da comunhão. Eu não tenho paciência para sua atitude agora. Em segundo lugar, não grite assim perto dela, deve ter parecido uma explosão sonora no ouvido dela... não é verdade? — perguntei à minha filha, acariciando suavemente o lado do rosto dela.

Ele suspirou, esfregando os olhos, e foi só depois de se acalmar que ele falou de novo, desta vez muito mais gentilmente. — Calliope, você estava em trabalho de parto e ainda assim você... fez tudo isso? Faça-me entender. É trabalho? Eu pensei que você tivesse feito uma pausa.

Eu estava tão cansada que não sabia nem como começar a explicar, então apenas dei os pontos principais. — As pessoas no trabalho estavam fazendo perguntas. Não é como se eu tivesse licença maternidade, então eu aceitei um trabalho. O Vaticano queria que algumas pessoas dessem um jeito em uma operação de venda de bebês. Eu fiz isso. Eu escolhi aqui porque você também poderia vir ver e... Ethan, com toda a honestidade, estou muito cansada para continuar falando agora. Você vai ter que esperar por mim para explicar.

Quando olhei para o bebê, pude ver os lábios dela começando a sugar e ela moveu a cabeça em volta do meu peito. Eu me mexi, tentando tirar meu sutiã, mas Ethan estendeu a mão e o puxou para baixo, desabotoando-o nas costas. Eu olhei para ele e ele ainda estava franzindo a testa, mas a raiva tinha ido.

— Peça-me ajuda, la mia anima. Você é tão rápida em intervir e fazer o que acha que precisa ser feito e me salvar... deixe-me fazer o mesmo por você. Você é livre para me usar também. Pare de ser tão egoísta. Você está começando a me fazer sentir como se eu estivesse em dívida com você e não como seu parceiro. — Ele ajudou a colocar nossa filha no meu peito. Eu estremeci um pouco quando ela se agarrou, mas depois sorri para ela.

Acho que foi a primeira vez que alguém me chamou de parceira. Foi estranho.

— Ok, — eu respondi devagar e então me lembrei. — Você pode cuidar delas?

Fiz sinal para os corpos no chão. Ele olhou e riu, balançando a cabeça. — Não é assim que os pais normalmente dão boas-vindas aos seus filhos neste mundo. O padre Macrae desaprovaria.

Eu ri baixinho. — Padre Macrae não estará por perto por muito mais tempo.

— Ele também? — Ele se levantou da cama.

— Eu vou explicar mais tarde. — Eu acariciei sua bochecha enquanto ela mamava. Ela estendeu a mão para mim e quando sua pequena mão agarrou meu dedo, senti algo estranho em meus olhos. Pisquei algumas vezes tentando tirá-lo, mas quando toquei meu rosto percebi que eu estava chorando. Eu? Chorando? Sério? O quê?

— Obrigado... por ela... por você... obrigado, — ele sussurrou, beijando o topo da minha cabeça.

Eu não disse nada. Não conseguia. Limpei meu rosto e assenti.

Observei ela se alimentar, sentindo-me lentamente ceder à exaustão. Eu só precisava fechar meus olhos um pouquinho.

Eu tinha feito um monte de coisas difíceis na minha vida, mas nada comparado a isso.

### *Domingo, 10 de Março*

— Calliope? Calliope?

Eu ouvi a voz. Ouvi o meu nome e acho que sabia que era ele, mas eu me sentia tão confusa e tonta. Puxei a lâmina do meu cabelo e a estendi para atacar, mas ele agarrou meu pulso rapidamente. A arma quase roçou o olho dele, mas ele não estava assustado. Ele apenas apertou meu pulso com mais força.

— Sou eu, la mia anima, sou eu, — ele disse suavemente. — Relaxe.

Eu afrouxei imediatamente e ele pegou a arma de mim. Ele estendeu o braço e a colocou em uma gaveta. Eu olhei ao redor do lugar, o pânico aumentando novamente.

— Onde ela está? — Eu disparei na vertical.

— Relaxe, — ele repetiu, acenando a cabeça para um pequeno berço branco e dourado ao meu lado na cama bem grande. Lá estava ela, completamente limpa, vestida com um macacão rosa claro e toquinha combinando, até um cobertor sobre ela. Eu estendi a mão para tocar sua bochecha, sorrindo.

Olhando em volta, notei que não estávamos mais no sótão. Parecia como outra suíte de hotel de luxo, com sua pequena sala de estar, cozinha e banheiro. No entanto, os monitores e o soro, bem como o botão de chamada tornava óbvia a nossa localização.

— Você nos trouxe para um hospital?

— Você precisa comer. Ela vai acordar logo querendo comida também. — Ele falou em um tom baixo. Ele colocou a bandeja de comida que ele tinha ao seu lado, que eu não tinha notado até agora, sobre o meu colo. Sopa de frango e arroz, uma tigela de fruta e uma grande salada italiana. Meu olhar mudou para a cozinha, algumas coisas da mesma comida no balcão, e depois de volta para ele. Sua gravata tinha sumido e sua camisa estava desabotoada, as mangas enroladas até os cotovelos. Seu cabelo castanho escuro estava atipicamente despenteado.

*Ele cozinha?*

— Sim, eu cozinhei. — Ele respondeu como se pudesse ler minha mente e me entregou uma colher. — Nenhum chef aqui, mas é bom o suficiente para ser comido. E sim, isso é um hospital. Mas ninguém vem a este andar e ninguém pode entrar neste quarto, a menos que tenha um código, ou você peça ajuda. Este quarto especificamente era onde minha avó se escondia depois de receber algumas... atualizações faciais, como ela as chama. Acredite em mim, é seguro.

— Você trouxe nós duas aqui, limpou-a... — dei uma olhada para o roupão de seda rosa claro que eu usava agora, — e a mim, sem que ninguém notasse ou eu acordasse?

— O quê? — Ele deu um enorme sorriso. — Você achou que só você podia ser tão sorrateira? Meu irmão e eu fizemos coisas muito mais difíceis enquanto crescíamos. Agora coma.

Peguei a colher, olhando-o com cuidado antes de levantar a sopa aos meus

lábios. Tomei um gole, meio esperando que fosse horrível, mas com certeza era muito boa.

— Você é cheio de surpresas, Sr. Callahan.

— Olha quem fala. — Ele se mudou para o outro lado da cama, sentando ao lado do berço. Ele colocou a mão sobre ela e descansou contra a cabeceira da cama. Ele acariciou a barriga dela suavemente. — Ainda precisamos dar um nome a ela.

Eu levantei a tigela e me inclinei para trás também. — Eu não consigo pensar em nada. Eu só quero chamá-la de linda.

— Como, Bella então?

— Deus não, isso me lembra da minha irmã. — Eu fiz uma careta com o pensamento dela sendo algo como Bellarose. — Mas deve ser algo italiano, visto que o sobrenome dela é irlandês.

Ele sorriu, olhando para ela e falando suavemente. — Seus pais estão com um mau começo, não estão?

Eu sorri, tomando outra colherada e realmente tentando pensar. — Eu quero algo forte, bonito, que se suporte sozinho, mas que tenha uma sensação de família nele. Algo italiano para que as pessoas saibam que ela é italiana e irlandesa... tecnicamente mais italiana.

— Por que nós não a chamamos de Italy? — Ele revirou os olhos para mim.

— Tudo bem.

Ele franziu a testa. — Não. Eu não estou chamando minha filha de um nome de país ou de carro. Essas pessoas crescem para ser esnobes.

— Tudo bem. — Eu estava lambendo minha colher quando um pensamento veio à minha mente. — Sua mãe.

— Não. — Ele me refutou rapidamente.

— Por quê? Porque você a está caçando?

— Por que não Bella?

Minha sobrancelha se contraiu e meus olhos se estreitaram, mas ele apenas

encarou de volta. Ele parecia como se estivesse dizendo que estava disposto a lutar comigo.

— Minha irmã não tem feito nada de bom. Sua mãe, por outro lado... e não apenas ela. Toda a família Giovanni é respeitada ainda na Itália, e até aqui. A família que cresceu do nada para conquistar o mundo inteiro. Dando um nome a ela do seu lado italiano...

— E o seu? — Ele não estava mais me ouvindo. — A família Orsini é tão respeitada quanto. Escolha algo da sua árvore genealógica e então seria como se nossas famílias se juntassem.

Eu sabia que esse momento chegaria algum dia, mas nunca pensei que aconteceria assim. Eu tinha uma filha. Minha filha. Ambos pais dela estavam aqui, ambos a amavam... ela era um produto desse amor e dessas partes ternas de mim que eu não achava que tinha. Então eu o encarei e disse:

— Eu menti para você, eu não sou uma Orsini.

# ETHAN

**24 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Domingo, 10 de março***

Minha mente deu um branco. Eu não entendo.

— O quê?

— Eu não sou uma Orsini, — ela repetiu, colocando a tigela de volta na bandeja. — Não de sangue, de qualquer maneira.

— Você foi adotada? — Não, eu tinha visto sua mãe e suas irmãs, e ela se parecia com elas.

Ela assentiu e seus olhos cinzas nunca deixaram os meus. Eu podia dizer que ela estava tentando manter a voz desprovida de emoção. — Eu te disse que

minha mãe não me queria. Isso era verdade. Mas não era porque ela e meu pai adotivo não se amam. Ela foi estuprada. Você notou como eu mal parecia grávida até o último ou penúltimo mês... foi meio que o mesmo para a minha mãe. Ela havia tomado a pílula do dia seguinte. Ela fez tudo o que achou que deveria. E então, eu acho que ela começou a mentir para si mesma. Ela estava em negação sobre estar grávida, ela esperava que fosse do seu marido... mas no fundo ela sabia. Quando você olha para nós, percebe meus olhos cinzas. Portanto, meu pai adotivo sabia. Eles me mantiveram, mas minha mãe tinha cicatrizes profundas daquele momento... que ela frequentemente descontava em mim. Aparentemente, eu tenho os mesmos olhos que o homem que a atacou. Então, frequentemente, ela me via e tentava me matar. Sufocamento, asfixia, envenenamento, afogamento, tudo, menos colocar uma arma na minha cabeça e disparar. Minha mãe tentou me matar muitas vezes, e todos me diziam para tentar entender e manter essa desgraça em segredo para o bem da família.

— Então você manteve?

Ela assentiu novamente. — O que mais eu poderia fazer? Eu era criança. Os adultos me disseram para ficar quieta e aceitar isso, que ela realmente não fazia por mal. Então eu aceitei. Os professores começaram a notar as contusões e eu aprendi a brincar com maquiagens para escondê-las, para protegê-la. Mais tarde escolhi ir para a escola militar. Enfim, para encurtar a história, às vezes eu me sinto como uma fraude me chamando de Calliope Orsini... o nome Orsini é um escudo falso em minha mente. Eu não quero lembrar de tudo isso quando eu olhar para a minha própria filha. Então, como eu disse, estamos escolhendo da sua família. Uma família a qual ela pertence sem sombra de dúvidas.

Era o suficiente. Ela bebeu a água e tentou se levantar. Levantando da cama, eu dei a volta para o lado dela e dei a ela minha mão.

Ela a pegou e segurou na haste do soro. — Estou bem para ir ao banheiro. Fique com ela, eu não quero que ela fique sozinha.

Ignorando-a, ajudei-a a caminhar até ao banheiro. Ela não brigou comigo. Ela não tinha força para isso. Abri a porta e ela entrou, segurando as barras na parede. Fechando a porta atrás dela, eu me inclinei contra ela enquanto olhava para nossa filha, essa criança inocente que agora tinha um aperto de morte sobre o meu coração. Eu me perguntei o que eu faria por ela... até onde eu

iria por ela. Isso me lembrou da minha própria mãe. Eu a sentia... não fisicamente, mas em minhas memórias, todos os seus abraços, todas as vezes que ela passou suas mãos pelo meu cabelo. Ela gritando, nós nadando juntos, ela me ensinando como atirar... ela gritando. Meu pai me ensinando a dirigir, ele me dando lições nos momentos mais difíceis e desconfortáveis ... ele me salvando do grito da minha mãe. Todas as vezes que ele apenas sentou comigo, não dizia nada, apenas se sentava e fazia o seu trabalho ao meu lado. Isso me fez rir e sorrir até que eu lembrei a morte dela... a morte dele... suas mortes falsas. Eu podia sentir aquela dor voltando, mas eu a empurrei de volta como eu sempre fazia.

Mas minha dor não é nada em comparação com o que Calliope havia empurrado de lado. Eu não queria pensar em como sua infância deve ter sido porque então eu iria querer matar toda a sua família... e eles eram agora minha família por conexão.

— Pensou em alguma coisa? — ela perguntou quando abriu a porta, e desta vez eu não tive que guiá-la. Ela estendeu a mão para mim, para segurar no meu braço.

— Sim. — Eu a ajudei a voltar para a cama, levantando a bandeja e colocando sobre ela.

— Mesmo?

Eu assenti. — Giovanna A. Callahan.

Ela deu um grande sorriso. — Giovanni… Giovanna. Eu gosto. Eu vou dizer à minha família que o nome dela é Giovanna Siena Orsini-Callahan? Siena da minha avó.

— Eu quero manter algumas tradições familiares. Eles podem adicionar quantos nomes quiserem. Siena, Orsini... qualquer coisa. Mas o nome dela é Giovanna A. Callahan.

— Athena, então.

Bem na hora, Giovanna acordou, começando a chorar. Calliope se estendeu, pegando-a do berço.

— Oi, Giovanna. Essa é você, Giovanna Athena Callahan. — Ela beijou sua testa antes de abrir o roupão e pressionar o bebê contra o peito

novamente. Ela se agarrou como um pequeno vácuo.

— O padre Macrae tem câncer e está progredindo rapidamente. Eu acho que ele queria fazer algo grande. Eu ouvi as freiras falando sobre isso. É por isso que ele veio para Chicago. Ele queria morrer como o homem que condenou Ethan A. Callahan. — Ela balançou Giovanna. — Eu não sabia a priori, mas quando descobri, eu coloquei algo em seu copo que iria irritar sua garganta e lhe dar uma tosse feia.

Então foi isso. Eu bufei irritado. — Que fraco. Ele tentou atacar quando pensou que não tinha mais nada a perder. Enquanto isso, freiras estão vendendo bebês e o Papa está contratando assassinos. Hipócritas... todos eles. — Eu balancei a cabeça.

— A igreja é um hospital para pecadores, não um museu para santos, — ela brincou com um sorriso no rosto.

Revirei os olhos com isso, ainda de certa forma espantado em ver como bonita ela estava. Como tudo isso parecia.

— Giovanna Callahan... Calliope Callahan. — Ela congelou quando eu disse seus nomes. Não era a primeira vez que eu dizia isso, mas depois do que ela me disse... significava algo diferente agora. Inclinando-me, coloquei minha testa na dela. — Calliope Orsini é apenas sua máscara. A pessoa que você realmente é, a que ninguém pode adotar ou macular, é Calliope Callahan, mãe da minha filha e minha futura esposa. Você, eu, ela… somos uma família… uma família que escolhemos alegremente.

Ela assentiu e sorriu. — Você sabe que Giovanna quer dizer, “o Senhor é misericordioso”, certo? Essa é uma mensagem perfeita para este domingo.

Ela riu e eu também.

Porque eu tinha minha família.

La mia anima e il mia Tesoro. Minha alma e meu tesouro.

# Capítulo Doze

*“Eu ficaria nas sombras do seu coração e diria a você que eu não tenho medo da sua escuridão.”*

*Andrea Gibson*

## ETHAN

**26 ANOS**

**Roma, Itália**

***Sexta-feira, 25 de abril***

Algo estava errado.

Eu sabia.

Eu sentia.

Como a respiração de um lobo faminto na minha nuca, eu podia sentir o perigo iminente sobre mim. Isso fez o pelo nos meus braços levantar e o meu peito apertar. Olhei ao redor da cafeteria, mas só vi meus homens, bem como poucos turistas conversando alegremente entre si. Meu olhar mudou para a rua, entretanto, eram mais dos mesmos turistas tirando fotos na frente de... tudo, desde as fontes de água até os próprios edifícios. Estava lotado, mas Roma estava sempre lotada, e essa não era nem sequer a alta temporada turística. Ainda assim, meu pessoal estava na multidão, entre os turistas, e além disso, este era o meu país, o país da minha mãe. Ninguém se atreveria a tentar qualquer coisa aqui. Então por quê? Por que eu sentia esse buraco no meu estômago? Por que tudo parecia que estava diminuindo, como se eu estivesse assistindo meus últimos momentos da vida? O que era esse sentimento de pavor?

— Ethan. Ethan? — Eu olhei para ela, a morena sentada na minha frente, sorrindo estupidamente. Ela estendeu a mão e colocou sua mão na minha, e instintivamente eu a puxei para trás e recostei na minha cadeira. — Não precisa ficar tão distante agora, não depois da noite passada.

No momento em que ela disse isso, as memórias tentaram forçar seu caminho para o primeiro plano em minha mente, mas eu as empurrei de volta.

— Você disse que queria café da manhã, então peça o café da manhã, Klarissa. — Eu deixei meu desinteresse aparecer, levantando meu telefone da mesa.

— Eu disse que queria te convidar para o meu café da manhã favorito.

— Eu não estou com fome. — Eu me concentrei no telefone em minhas mãos.

— Você sabe que quanto mais frio você é, mais eu gosto de você. — Ela riu e levantou a mão, chamando o garçom que estava aguardando atentamente. Ele correu no momento em que ela chamou, e ela nem o deixou falar antes de pedir. — Vou comer um café da manhã com cappuccino e croissant, e você, baby?

No momento em que ela se dirigiu a mim, minha cabeça se levantou rapidamente para olhar para ela, para ver se talvez ela tivesse perdido a cabeça e, com certeza, ela olhou para mim, completamente alheia em quão perto eu estava de arrancar a cabeça dela e jogá-la na rua para os pássaros. Em vez disso, olhei para o garçom.

— Você pode ir. — Eu orientei, e ele assentiu, saindo tão rapidamente quanto veio. Quando ele saiu, eu me virei para ela, levantando minhas mãos para adverti-la cuidadosamente. — Você vai se dirigir a mim como Ethan ou o Sr. Callahan, eu fui claro?

Ela piscou, recuando um pouco e assentiu.

— Excelente. Quando sua comida chegar, coma rapidamente. — Eu voltei para o meu telefone já discando... pela terceira vez esta manhã, já que eu tinha perdido as duas ligações dela na noite passada. Ela nunca ligava duas vezes. Então eu sabia que era importante. No entanto, ela não estava respondendo.

*Alguma coisa...*

— … diga Roma! — ouvi vozes, risadas e o som de água do outro lado da linha. — Vamos pegar alguma coisa da cafeteria.

Lá estava novamente... aquele pavor. Olhando para a rua novamente, eu os

vi. Um grupo de turistas apontando para esta mesma cafeteria. E, à distância, entre as arcadas da galeria do outro lado do pavilhão, ela estava de pé, com um longo vestido floral branco com decote em V, seus longos cabelos castanhos ondulados, os olhos cinzas olhando diretamente para os meus.

— Qual o problema? — Eu disse ao telefone. Alguma coisa estava errada. Sua postura era estranha; seus ombros estavam ligeiramente curvados. Ela não respondeu. Ela apenas pegou o que deve ter sido um Bluetooth em seu ouvido, virou-se e foi embora, desaparecendo na multidão.

*Calliope?*

Eu queria gritar, mas tudo que eu podia fazer era ficar em pé, quase derrubando o garçom que vinha com o café da manhã de Klarissa.

— Ethan? — Ela tentou levantar, mas novamente eu estendi minha mão para ela ficar onde estava. Eu olhei para Tobias, que se levantou de sua mesa.

— Senhor?

— Espere ela comer e depois retorne-a para a casa, — eu ordenei, pegando meu blazer da cadeira.

— E você?

— Eu vou dar uma caminhada. Não é para ninguém me seguir.

— Senhor.

Eu dei um passo diante do seu rosto para olhar diretamente para ele. — Não é para ninguém me seguir, entendido?

Ele assentiu, e eu atravessei os portões de ferro para as ruas de paralelepípedo, atravessando o pavilhão para onde ela tinha acabado de estar. Quanto mais perto eu chegava, mais claro se tornava que ela não havia deixado nada ali. Eu disquei novamente, mas nem sequer tocou antes de eu receber um texto.

*Via Margutta 54A,*

*Spagna, Roma, Itália*

Não era muito longe daqui, talvez uma caminhada de sete minutos no máximo, entretanto, tomei um caminho mais longo, certificando-me de que eu não fosse seguido. Eu andei pelas ruas do bairro, algo que me lembrei de fazer

com minha mãe quando eu era criança. Não em Roma, no entanto. Era um bom jeito de ver as pessoas, nosso povo, nosso modo de vida, em exibição e sem filtros. Era relaxante, mas enquanto eu andava eu não conseguia me livrar dessa sensação. Eu não tinha certeza do que era, mas quanto mais perto eu ficava deste endereço, mais instintivamente eu sabia que isso machucaria. O que quer que fosse, machucaria. Tentei pensar no que poderia ser, mas por alguma razão, minha mente estava em branco, como eu subconscientemente não quisesse saber. Apesar do meu pavor e hesitação, meus pés me levaram até o fim para uma construção de na esquina da rua, o prédio parcialmente coberto de flores vermelhas, como se elas estivessem lutando para engolir a casa inteira. Subindo os degraus, abri a porta de madeira e apertei o botão *54A*, que abriu a segunda porta do lado de dentro, me permitindo acesso à escada.

Quando cheguei à porta eu parei e, como se ela me sentisse ali, ela abriu a porta. O olhar sem emoção que ela mostrou antes havia se intensificado; seus olhos cinzas pareciam sem vida, como se ela não pudesse me ver... ou talvez ela visse através de mim. Ela não disse nada e deu um passo para o lado, deixando-me entrar. Ela fechou a porta atrás dela, mas era mais como se ela estivesse protegendo um cofre. Do lado de fora, parecia uma porta normal, mas por dentro ela era feita de aço, com um teclado automático.

Esperei que ela me cumprimentasse; para explicar o que estava acontecendo. Ela não fez nenhum dos dois. Ela andou alguns passos até uma cozinha mobiliada de madeira e pedra, e anunciou:

— Giovanna tem uma infecção de ouvido; ela está descansando no primeiro quarto. Com a medicação, ela não vai se lembrar muito do dia. Se você quiser vê-la, agora é a chance.

*Se eu quiser vê-la?* O que diabos isso significa? Eu não perguntei agora, em vez disso, eu coloquei minha jaqueta no sofá e virei para andar pelo corredor.

— Espere.

Eu me voltei para ela e ela estava segurando uma peruca loira e óculos de aros grossos.

— Eu não estou usando isso. — Eu estava cansado de usar um disfarce quando ia ver a minha própria maldita filha.

Ela não se incomodou em perguntar. Ela me encontrou do lado de fora da

porta do quarto e colocou os óculos no meu rosto antes de enfiar a maldita peruca em cima da minha cabeça, arrumando meu cabelo para dentro. Ela estava se concentrando muito, e mesmo que ela não sorrisse ou sequer olhasse para mim, eu a achava fofa. Assim que eu estava prestes a estender a mão e tocá-la, ela se afastou de mim, andando pelo corredor sem outra palavra. Observei-a ir por um momento antes de pegar a maçaneta. Uma luz verde piscou ao lado dela e a porta se abriu. Lá, no meio de uma grande cama box baixa, segurando uma ovelha de pelúcia, estava minha garotinha. Seu cabelo castanho escuro estava bem arrumado atrás das orelhas, que estava um pouco vermelha, e ela tinha uma bolsa de gelo na testa. Eu olhei para ela por alguns segundos, ouvindo seu ronco suave. Andando para dentro, ouvi outro bip, e olhei para o espelho montado na parede onde outra pequena luz verde acendeu.

*O que acontece se não for verde? Eu caio através de um alçapão?* Ignorando isso, eu me sentei ao lado dela, passando minha mão em sua bochecha.

— *Tesoro mia, perdonami*, (Meu tesouro, me perdoe.) — Sussurrei baixinho para ela, colocando minha mão em sua testa e, felizmente, ela não estava queimando. — *Papá avrei dovuto essere qui*, (Papai deveria ter estado aqui.) *Sei forte*, (Seja forte.).

Eu beijei sua bochecha. Ela fungou, virando-se de lado e segurando sua ovelha mais apertado. Ela era linda, ainda tão pequena, mas pelos vídeos e fotos que Calliope havia compartilhado comigo, nenhum nunca foi o suficiente depois de eu tê-los visto, nossa filha era tão obstinada, talentosa e inteligente quanto sua mãe. Aconchegando-a mais, eu queria vê-la sorrir.

— Sr. Nicci? — Ela fungou novamente, lutando para manter os olhos abertos. Ela sorriu e tentou levantar a mão para acenar. — Oi…

— Oi... — Eu peguei a mão dela.

Ela apertou minha mão com força e parecia que ela estava apertando meu coração em vez disso. Meus planos, tudo o que eu queria fazer, tudo parecia tão perfeito e atingível na minha cabeça, mas o que eu poderia fazer quando meu coração me fazia querer parar tudo isso e apenas levá-las de volta para casa comigo? Levar Giovanna e sua mãe antes que eu as perdesse.

*Perdê-las?* Eu não tinha certeza de como esse pensamento tinha me ocorrido. *Eu nunca poderia perder minha filha, ela era minha. Mas a mãe dela...*

*Isso era o que essa sensação era? Eu a estava perdendo? Como? Nós estávamos fazendo tudo como planejamos.*

De repente, meus pensamentos ficaram claros... e isso não aliviou meus medos.

É o que eu estava sentindo. Medo e pavor.

Beijando-a mais uma vez, levantei-me e saí do quarto, fechando a porta atrás de mim. Ouvi o zumbido baixo de um liquidificador enquanto voltava para a cozinha. Ela ficou ali fazendo o que eu só podia imaginar que era o café da manhã para Giovanna. Ela não me cumprimentou. Era como se ela estivesse a milhares de quilômetros de mim.

— Eu dormi com Klarissa noite passada. — Ela congelou por apenas um segundo antes de voltar a cortar os tomates na frente dela.

— De acordo com o plano, eu sei.

Eu me mudei para o lado dela. — Você está magoada por isso.

— Eu não sou tão frágil. Eu entendo a missão. — Ela pegou a tábua e tentou se mover, mas eu agarrei seu braço. Ela olhou para a minha mão e depois para mim, e eu preferia a irritação em seus olhos ao vazio.

— Você quer dizer que não quer ser tão frágil, — expliquei, — e você quer que eu seja apenas mais uma missão, mas eu não sou. Eu sou o pai da sua filha, seu futuro marido, alguém que você ama. E enquanto você estava cuidando da nossa filha, eu estava na cama com outra mulher. Você sabe que ela não significa nada para mim. Você sabe que no momento em que eu puder, eu vou matá-la, porque a única mulher que eu quero ou preciso é você. Você sabe de tudo isso, mas ainda está magoada.

— Você terminou? A panela está ficando quente. — Ela puxou a mão do meu aperto e se afastou.

*Você está perdendo-a.*

O pensamento me enfureceu... me magoou. Eu desliguei o fogão, arrancando a tábua das mãos dela e jogando-a no balcão.

— O que você está fazendo...

Eu a beijei, e não durou um segundo antes que seu punho colidisse com o

lado do meu rosto. Eu estendi a mão para me apoiar, mas porque eu estava confuso, ou era apenas um idiota, acabei tocando o maldito fogão.

— Ah! — Eu assobiei, meu maxilar apertado.

— Que porra está errado com você? — ela vociferou, agarrando meu pulso e me movendo até a pia para correr água fria sobre a queimadura.

— Você! Você é o que está errado comigo! — Ela não podia ver isso? Eu pensei que estava óbvio.

# CALLIOPE

**24 ANOS**

**Roma, Itália**

***Sexta-feira, 25 de abril***

Eu tinha acabado de lidar com uma criança e agora estava lidando com ele. *Quando isso se tornou a minha vida?*

— Eu vou buscar meus primeiros socorros... — Ele segurou meu pulso com a mão boa. Isso de novo? — Ethan, eu estou te avisando para parar...

— Nós temos um plano, — ele sussurrou, e eu não queria, mas olhei em seus olhos. Era como se eles estivessem me implorando. — Nós temos um plano. Ele é lógico, é cruel, é calculista... e ele seria impossível para qualquer outra pessoa realizar, porque exige que nós não apenas sacrifiquemos nossa própria felicidade, mas magoemos a nós mesmos e um ao outro. Nós estamos preparados para a dor física, mas a agonia emocional? Nós não conseguiríamos nos preparar, não importa o quanto tentássemos.

— Ethan, eu estou bem.

— Não minta para mim. Eu posso ver. — Ele apertou meu pulso. — Eu posso ver e sentir você recuando.

— Eu estou bem aqui. — Eu tentei me livrar de seu aperto. — O que você está vendo é apenas exaustão...

— Calliope! — Ele falou bravo de novo e balançou a cabeça. — Eu tenho visto você se esforçar além da compreensão humana. Não me faça sentir como se eu fosse louco por falar aqui.

— Que porra você quer de mim, Ethan?

— Sua honestidade, seu amor e sua lealdade.

— Você tem. Não sou eu quem está transando com outras pessoas! — No momento que as palavras saíram da minha boca, meus olhos se arregalaram. Eu não queria dizer essa segunda parte. Não, eu não era essa mulher. — Quero dizer...

— Eu acho que você disse o que você quis dizer, — ele sussurrou, liberando meu pulso.

— Não me diga o que você acha o que eu quis dizer. Eu não sou essa mulher. Eu não sou assim frágil. Nós criamos um plano. Eu concordei em saber tudo porque eu, diferentemente da maioria das pessoas, entendo que os fins justificam os meios. Eu não voltaria com a minha palavra, nem com o que concordamos anos atrás...

— Porque isso magoa agora? — ele interrompeu, e eu parei de falar. Eu realmente queria segurar o rosto dele em cima do fogão dessa vez. — Logicamente, nós entendemos o que precisa ser feito. Emocionalmente, não entendemos e isso magoa.

— Eu vou pegar o kit de primeiros socorros antes que eu te machuque, — eu murmurei, indo para o banheiro.

Eu não disse nada para ele. Entrando no banheiro, fechei a porta atrás de mim. No momento que fiquei dentro, tive que descansar contra a porta. Ele não tinha feito nada de errado - correção - ele não tinha feito nada que eu não soubesse e não concordasse. Eu não tinha o direito de ficar chateada. Normalmente eu não ficaria chateada, mas isso não era normal. A única coisa normal sobre o ciúme era que as pessoas o experimentavam.

— O que há de errado com você, Calliope? — Eu perguntei a mim mesma, encarando o meu reflexo por um segundo. Nesse segundo, pensei em como ele estava enquanto conversava com Giovanna. Eu não pude deixar de assistir na minha câmera. Ele parecia tão... feliz, apaixonado, relaxado e triste. Ele estava certo. Quando nós começamos, nós tínhamos pensado sobre isso de maneira

imparcial e lógica. Foi o que nos deixou tão atraídos um pelo outro. Essa habilidade que nós tínhamos para tramar esquemas. No entanto, agora que estávamos no meio disso, agora que tínhamos uma filha, nós não sabíamos como alinhar nossos corações com nossas mentes. Eu não achei que fosse possível.

Se nós cedêssemos aos nossos corações, abandonaríamos nossos planos e nossas mentes nunca nos deixarão ter paz. Se nós seguíssemos nossas mentes, nossos corações se magoariam. Qual caminho poderíamos escolher neste momento a não ser seguir nossas mentes, o que significava que teríamos que aceitar a dor? Nós tínhamos chegado muito longe. Nós tínhamos nos sacrificado tanto, tínhamos sofrido tanto, nós não podíamos simplesmente mudar de rumo agora. Eu tinha que lembrar que o Ethan fora de nós, fora da Giovanna e de mim, não era o verdadeiro Ethan. Ele era ator, um mentiroso, um vilão... assim como eu.

Estiquei a mão embaixo da pia, retirando o kit de primeiros socorros antes de abrir a porta novamente. Ele ainda estava esperando onde eu o deixei na pia da cozinha, correndo água fria na mão dele. Ele parecia perdido em pensamentos novamente. Quando cheguei ao seu lado, desliguei a água. Seus olhos verdes se mudaram para mim e pude ver que ele estava destruído.

— É uma bênção ou maldição que nós pensamos da mesma forma? — Eu coloquei o kit na mesa. Eu procurei pelo creme de queimadura e gentilmente apliquei um pouco em sua mão. — Afinal de contas, os opostos se atraem.

— Os opostos podem se atrair, mas os que pensam do mesmo modo que duram. — Ele observou minhas mãos enquanto eu cuidava dele. — E você sabe disso também; você só queria me ouvir dizer.

— Você sabia disso também e ainda respondeu. — Ele não disse nada. Eu sorri, deixando-o se safar e mudando de assunto. — Você é realmente egoísta. Eu fiquei acordada a noite toda cuidando dela, e agora eu tenho que cuidar de você também.

— Eu vou recompensar você.

— Claro que você vai. Você não tem escolha. — Puxei uma bandagem do kit.

— Tudo isso não é necessário...

— Cale a boca e deixe-me fazer isso mesmo assim, — eu murmurei,

enrolando a mão dele. — Eu não consigo brincar de namorada fofa muitas vezes.

— Namorada?

— Você vê um anel no meu dedo?

— Você quer um anel?

— Se eu quisesse um anel, eu já teria um.

Ele suspirou e falou em italiano. — Quando o Ceifador não pede nada agora, é porque ela estará cobrando tudo no futuro.

Revirei os olhos, terminei com sua mão, mas ele apenas segurou na minha. — Eu odeio esse apelido.

— Nós não escolhemos do que somos chamados, — disse ele com um pequeno sorriso.

— Tudo bem, mas por que você tem que ser o que escolhe? Eu não sou um animal de estimação.

— Não, você é a comandante da morte.

Eu assenti a cabeça vigorosamente. — Este! Este teria sido um nome melhor.

— Calliope, a comandante da morte? O que você é, um personagem de videogame? Soa quase sarcástico. Você não quer ser uma piada, quer?

Meus olhos se estreitaram e eu olhei feio para ele. — Você é muito irritante às vezes, você sabe disso? Por que você não se limita a chamar de la mia anima?

— Sim. Eu sei que irrito você. A sensação é muitas vezes mútua. — Ele tocou sua testa na minha. Fechando os olhos, ele respirou fundo. — Qualquer outra pessoa que te chame de La mia anima, eu vou matar. Não me deixe. Não importa o quão longe fora dos limites eu vá... não faça. O que eu te disse antes ainda está de pé. No momento que você quiser terminar com isso, eu terminarei.

— Olhe para você. Sob essas camadas de gelo e pedra está mesmo um docinho, — eu provoquei, sabendo que isso iria irritá-lo. Ele revirou os olhos e flexionou a bandagem na mão. — Não se atreva.

Eu zombei dele e ele tentou pensar em algo dissimulado para dizer de

volta, mas eu não estava deixando.

— Você pode vir com isso, mas não aguenta lidar?

— Nada para lidar, eu sou absolutamente perfeita. Você não tem notado?

Ele balançou a cabeça, nem mesmo se incomodando em lutar comigo e olhou pelo corredor para onde Giovanna estava dormindo.

— Ela estava com muita dor?

— Estava, — eu admiti. Não havia sentido em mentir, ele tinha que ter percebido isso. — Ela chorou muito, mas depois de seu remédio e um abraço, ela ficou bem. Ela vai ficar bem.

— É por isso que você ligou ontem à noite... e eu estava...

— Prostituindo-se? — eu perguntei.

Uma sobrancelha levantou e o canto do seu lábio subiu. — Sim. Mas agora eu sinto que admiti ser um prostituto.

— Suas palavras, não minhas. — fechei o kit de primeiros socorros. — Eu estava emotiva, ela estava com dor, e quando eu soube o que ia acontecer, eu reagi com raiva e ciúme. Não vou me desculpar, mas estarei mais atenta no futuro.

— Nós somos pessoas muito estranhas.

— É uma característica que vem com o poder, — eu o lembrei, virando e me inclinando contra a pia. — Meu avô costumava dizer que ninguém quer ser normal; eles querem ser nós, mas eles não podem, então eles nos rotulam como estranhos.

— Eu acho que ele roubou isso da minha mãe, — ele respondeu, e eu revirei os olhos.

— Ou sua mãe roubou dele, caramba. Alguém já disse que você tem um maldito complexo materno?

Ele cruzou os braços, virando-se para mim. — Oh, continue.

— Você a ama e a odeia. Assim como sua irmã. Eu acho que Wyatt é o único que não guarda o mesmo rancor contra ela. — Voltei para a comida que estava preparando.

— Wyatt não sabe que eles estão vivos, claro que ele não tem rancor... ele não sabe que deveria ter ainda.

— Não, eu não acho que ele vai ter, mesmo se ele descobrir. Ele não é do tipo e você sabe disso. — Eu fatiei os tomates rapidamente. Ele pegou uma fatia e comeu, ignorando o meu comentário. Então eu continuei. — Donatella, ela a ama, mas odeia a pressão de ter que fazer jus a ela. Você? Você sabe que ela está viva. E agora vocês - nós - estamos dedicados a encontrar ela e seu pai. Você quer vingança, mas ao mesmo tempo, você a admira... é por isso que você tem uma coisa por morenas.

Ele fez uma careta como se fosse um garoto que acabou de descobrir que seus pais faziam sexo e isso me fez rir. — Obviamente, você não pensa nela assim. Mas apesar de sua raiva, seu ódio, você ainda a considera como o que uma mulher deveria ser.

— Se assim for, como você acha que você está à altura dela? — Ele estendeu a mão para outra fatia, mas eu girei a faca e apunhalei na tábua de madeira logo antes de seus dedos a alcançarem, tão perto que eu fatiei a ponta do seu dedo indicador. Seus olhos arregalados se mudaram para mim e eu o encarei.

— É muito fácil esquecer quem eu sou e o que posso fazer enquanto eu estou esperando em sua sombra. É ainda mais fácil agora que temos uma filha e eu estou na cozinha, cozinhando como uma boa esposinha. Mas eu aconselharia você a tomar muito cuidado e não me fazer uma pergunta tão estúpida. Eu não perco meu tempo com coisas tolas. Querer saber se eu estou à altura de sua mãe ou não, é tolice. Ela não deu à luz por mim. Ela nunca me salvou. Eu não devo nada a ela. Eu não sou Melody Callahan. Eu sou Calliope Orsini. Quando eu me tornar Calliope Callahan, as pessoas seguirão pelo meu caminho e, se não seguirem, aprenderão as consequências dolorosas. Não cheguei até aqui para ouvir as fodidas opiniões de outra pessoa sobre qualquer coisa.

— Você...

— Isso se aplica a você também. — Eu o interrompi. — Eu farei as coisas do meu jeito. Isso pode ir contra o jeito que sua mãe fazia as coisas. Não me importo, e a menos que eu pergunte, não quero saber. O que eu quero, o que exijo, é o que tenho dado a você: infinito apoio inabalável. Você está do meu lado e de mais ninguém. Nem mesmo da porra do lado da sua mãe. Não vou competir pelo que eu mereço. Fui clara?

— Entendido… Sra. Callahan. — Ele lambeu o sangue do pequeno corte que eu lhe dei.

— Mexa-se. — Empurrei-o para trás, jogando a faca na pia, lavando a faca e minhas mãos antes de tirar outra do suporte.

Ele ficou atrás de mim e beijou o lado do meu pescoço.

— Sua filha precisa de comida. — eu o lembrei. Ele exalou e permaneceu nas minhas costas por um momento antes de se afastar. — Você deveria voltar para a sua... amiga de trabalho. Vou ligar para você e te atualizar sobre a Giovanna.

— Que tal você ligar só para falar comigo?

Eu sorri. — Nenhum sentido em arriscar, você não acha?

— Eu me pergunto o que você vai fazer quando você realmente se tornar a Sra. Callahan e vir para casa.

— Não precisa se perguntar, eu vou te dizer. — Eu levantei uma fatia de tomate para os meus lábios com a faca. — Eu planejo queimar o lugar e reconstruí-lo para mim. O tempo da sua mãe acabou. Eu agradeço a ela por construir a fundação, mas quando eu sair da sua sombra, não vou me segurar, e eles se acostumarão com quem administra as coisas agora.

Eu mordi a fruta, piscando para ele.

— Eu tenho um monstro na minha sombra.

— Ela guarda sua companhia monstruosa.

Ele me puxou para ele e mesmo com a faca na minha mão agora equilibrada em sua garganta, ele se inclinou e sussurrou:

— Todo mundo falava sobre meus pais como se fossem deuses. Eu quero ver os rostos deles quando eles perceberem que não têm nada sobre nós.

Seus lábios estavam nos meus e eu afastei a faca, beijando-o com força quando ele me beijou. Nosso tempo estava chegando, e então nada nos pararia.

Até lá…

— Eu não gosto que seu brinquedo pareça um pouco comigo, — eu sussurrei, me afastando dele.

— O quê? — Ele franziu a testa. — Você não parece nada com essa idiota.

— Ela tem cabelo castanho.

— Essa é a semelhança?

— Eu não gosto disso. Diga a ela para pintar o cabelo de vermelho ou raspá-lo, — eu exigi. — Ou qualquer outra merda de coisa.

Ele olhou para mim como se eu fosse louca, mas assentiu.

— Bom. Agora vá, eu vou alimentar nossa criança.

# Capítulo Treze

*“Os cemitérios estão cheios de homens indispensáveis.”*

*Charles De Gaulle*

## ETHAN

**27 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Sábado, 11 de novembro***

Idiotas

Este mundo estava cheio de idiotas.

Eu sabia disso, mas eu frequentemente me perguntava - eles eram idiotas ao nascer, que Deus apenas esqueceu de dar a eles um cérebro, ou eles foram jogados de cabeça quando crianças e nunca se recuperaram?

— Isso nunca acontecerá novamente, Sr. Callahan. — Os dois homens, meus homens, em pé tremendo, apertando suas bolas, no meio da fábrica de gelo e sorvete do senhor McGlinchy. Homens e mulheres cortavam blocos maciços de gelo e os empurravam para outra máquina, que os esmagava em pedaços perfeitos antes de canalizar para os sacos da McGlinchy Ice. Todo mundo estava de folga hoje, o que nos deixava algum espaço para conversar.

Eu olhei para os homens ruivos, pareciam gêmeos. Pareciam idênticos, mas não havia uma única célula cerebral entre eles.

— Foi nossa culpa...

— Claro que foi culpa de vocês. De quem mais poderia ter sido a culpa? — Perguntei a eles, recostando-me na cadeira. — Não poderia ter sido minha culpa, eu não sou idiota.

— Certo, senhor, quero dizer...

— Então por que me dizer que é culpa de vocês? Eu já sei disso. — Eu os

encarei. — Vocês deveriam estar me dizendo como planejam compensar isso.

Eles ficaram de joelhos.

— Sr. Callahan, nos perdoe, por favor. Foi pela família...

— Eu deveria ser sua família, não é? — Eu gritei, ficando de pé. — Vocês roubaram de mim, a família de vocês, para dar à sua outra família, os irmãos Finnegan vocês dizem, e agora vocês querem que eu os perdoe?

— Nós não sabíamos que eles iam levar...

— PORQUE VOCÊS SÃO FODIDOS IDIOTAS! — Eu rugi. — Vocês não deveriam pensar! EU PENSO! Vocês me seguem para não acabarem congelando suas malditas bolas em uma maldita fábrica de sorvete, seus fodidos idiotas!

— Senhor...

— Tobias! — Eu gritei, ignorando-os, e quando ele se aproximou levou toda a minha força para não quebrar o rosto dele. De que ele me servia quando ele só me dava informações depois da porra da ação? — Eu quero saber tudo sobre os irmãos Finnegan, cada maldita coisa, fui claro?

— Sim senhor.

Eu inalei e olhei de volta para os malditos pedaços de merda ruivos. — Greyson, diga aos nossos ruivos para terem um tempinho na caixa. Dez minutos e eles sairão muito mais sábios.

Greyson, assim como os três outros guardas rodearam, tendo que bater neles um pouco antes de arrastá-los até a caixa de aço. Abrindo-a, eles jogaram seus corpos para dentro e eu desviei o olhar apenas para encontrar a senhora McGlinchy parada ali. Todos na comunidade a chamavam de Grams. Ela era uma irlandesa baixinha com cabelo grisalho, que ela mantinha em um coque e um rosto com mais rugas que casca de árvore. Ela me entregou uma taça de sorvete.

— Dê uma olhada rápida lá dentro depois de cinco minutos, eles não vão valer um xelim[3], uma dose de frio severo como essa os deixará destruídos. — Ela falou com um sotaque irlandês forte. Que na tradução de sua gíria significava que depois de cinco minutos na caixa eles estariam quebrados... mortos. Afinal, nenhum ser humano poderia sobreviver a esse frio.

— É mesmo? Devo ter calculado mal, embora os mortos são sempre mais sábios. — eu peguei o sorvete dela.

— Seu velho ficaria orgulhoso de você. Você está jogando as iscas assim como ele. Desde que você era uma criança, nem uma vez eu vi você agindo como um verme. — Ela deu um risinho para mim, mostrando-me sua dentadura.

— Grams...

— O quê? — Ela gritou para a jovem que se aproximava enquanto nós caminhávamos em direção aos fundos. O churrasco do Dia dos Veteranos estava sendo realizado bem em frente à sua fábrica.

— Eles querem que você venha cortar o bolo. — A mulher se dirigiu à Sra. McGlinchy, mas estava focada em mim, oferecendo um pequeno sorriso.

— Não, eles não querem, você está mentindo pequena vadia, — ela retrucou.

— Grams!

— Não me venha com Grams. Eu sou velha, não cega. Eu vejo você lançando olhares para ele. Não te culpo, Ethan é uma coisa boa, mas você está dando um maldito espetáculo. — Grams, apesar de sua idade e aparência, gostava de rasgar as pessoas em pedaços. Ela me deu uma cotovelada, rindo. — Olhe para o rosto dela todo escarlate. Desapareça… e não minta sobre bolo da próxima vez.

A garota fugiu como um cachorro da carrocinha.

— Você é muito eficaz, Grams. — Eu sorri, dando outra mordida no sorvete.

— Não se acostume com isso. Ela tem um rosto como o polegar de um sapateiro cego, e isso é com ela maquiada até o céu. Só Deus sabe como ela é por debaixo de tudo isso. Não senhor, não há nada de senhora Callahan sobre ela.

— E se eu só quiser me divertir? — eu provoquei, observando minha irmã falando para os guardas de alguns italianos que tinham aparecido.

— Você não está me ouvindo? Ela tem um rosto como o polegar de um sapateiro cego, — ela repetiu e se fosse em qualquer outro lugar, eu teria rido. —

Além disso, seu tempo está chegando, você não tem tempo para ficar namorando numa boa. Seu velho estava casado quando chegou à sua idade.

— Eu trabalho no meu próprio ritmo.

— Uhmm... boa sorte com essas imprestáveis. — Ela deu um tapinha no meu ombro, em seguida, caminhou até o gramado em direção a sua família. Emily McGlinchy, Sra. McGlinchy, Grams; era uma das poucas companhias de pessoas que eu gostava. Talvez fosse porque, ao contrário dos outros, a lealdade de sua família era firme. Isso e ela falava comigo como se fôssemos familiares. Ela era uma velhota inteligente, razão pela qual a maioria de sua família trabalhava para mim, mas não no antigo negócio da família, porque eles também podiam terminar em seu grande freezer de gelo.

Sentindo meu bolso zumbir, pus a mão no meu paletó e peguei meu telefone.

— Dois dias seguidos? — Eu disse ao telefone, feliz que ela ligou mesmo assim.

— Eu estou em Chicago. E preciso que você ajude a matar alguém.

Esta era a primeira vez. Ela nunca precisou de ajuda para fazer isso antes.

— Quem? — Já estava determinado que eu faria.

— Emily McGlinchy, também conhecida como Grams?

Eu olhei para a mulher que acabei de elogiar em minha mente. — Quando?

— Quando e não por quê? — perguntou ela. — Ela é uma amiga da sua família.

— Eu tenho família, não amigos. — Eu sabia que ela não estaria me pedindo para matar conhecidos por diversão. — Quando?

— Amanhã, a mesma fábrica que você está agora, ligue para ela amanhã à noite.

— Vejo você então. — Eu não disse mais nada e desliguei. Meus olhos se concentraram na velha mulher enquanto beliscava as bochechas da bisneta dela.

Dependendo do que Calliope me dissesse, isso poderia muito bem acabar sendo um massacre familiar.

# CALLIOPE

**25 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Domingo, 12 de novembro***

— Com grande poder vem uma grande responsabilidade, — eu disse enquanto me deitava na esteira rolante segurando o livro sobre a minha cabeça. — Isso é tão falado agora que soa como um clichê, você não acha?

— Eu não acho que soa como clichê, eu acho que é oficialmente considerado um clichê. — Ethan entrou no prédio pela porta lateral, vestido todo de preto, mas não um terno completo, apenas camisa social preta e calça social.

Eu pensei sobre isso por um momento e então assenti, olhando de volta para o meu livro. — Verdade.

— É perigoso para você estar aqui.

— Vale a pena o risco. Além disso, eu vim com franja preta desta vez, isso faz eu me sentir muito Angelina Jolie em Salt[4], o que você acha? — Eu folheei a página.

Ele ficou quieto, então eu li.

— Você está chateada. — Ele observou. — Por quê? O que aconteceu?

Enfiei a mão no cabelo e peguei meu grampo de cabelo deslizando-o entre as páginas como marcador antes de sair da esteira. Marchando para ele, eu fiz o meu melhor para não o esbofetear. — Você fez merda.

— Desculpe...

— Você esqueceu que todo mundo, *todo mundo*, odeia o líder da quadrilha! — Eu gritei para ele, mas antes que ele pudesse falar, ele agarrou meu braço e me puxou sob a esteira rolante quando uma onda de balas voou para dentro da fábrica, faiscando quando elas colidiam contra as máquinas, depois saltando para outro lugar. Eu rastejei primeiro sob uma das máquinas em direção

à minha bolsa, pegue e levantei-a sob o espaço apertado.

— Eles estão atrás de mim ou de você? — ele questionou, arregaçando as mangas.

— Eu pensei que meus inimigos eram seus inimigos. — Eu abri o zíper da bolsa e tirei um rifle HK416 Airsoft AEG para entregar a ele, bem como um colete e alguns carregadores. — E eu aqui estava esperando que a velha bruxa pelo menos tentaria mentir para você antes de chamar seus capangas.

— Eu não consigo ouvir você entre o tiroteio e seu aborrecimento, — ele se atreveu a dizer para mim enquanto colocava o colete e rapidamente colocava os pentes das armas no lugar. Eu tinha certeza que ele podia me ouvir perfeitamente bem. — Por que você não deixa isso de lado agora, la mia anima?

— Eu estou salvando a porra da sua vida agora, ou você não percebeu? — Eu coloquei o colete em volta do meu peito. — A velha senhora Grams estava tentando dar uma rápida rasteira, ou uma lenta, dependendo de como você olha para isso. Ela tem estado secretamente apoiando os irmãos Finnegan a te eliminar enquanto você está trabalhando na família Moretti e em todos aqueles se reunindo para trair você no lado italiano.

— Eu vejo. — Ele se abaixou quando outra bala atingiu o lado de fora da máquina em que estávamos agora nos escondendo atrás. — Mas isso ainda não explica seu aborrecimento.

Eu olhei feio para ele e ele olhou fixamente para mim. Peguei meu facão e o coloquei nas minhas costas, pegando outra metralhadora. — Você sabe como é difícil conseguir um fodido dia de folga como mãe? Não foi assim que eu planejei minha noite de domingo. Eu tinha um maldito encontro.

Se eu não o conhecesse bem, eu teria pensado que ele permitiu que isso acontecesse para que ele pudesse me impedir sem realmente me impedir. Ao ouvir que as balas tinham parado, rastejei da máquina e subi só um pouco, olhando para as grades de aço e as, agora, estilhaçadas portas de vidro. Apontando minha arma naquela direção, eu os ouvi quando eles pisaram sobre o vidro em direção à porta e a abriram lentamente.

— Que porra você está fazendo? —Ethan, o grande imbecil, se levantou como uma maldita árvore, atirando diretamente na porta. Mas ele não estava olhando para a porta, em vez disso, ele estava focado em mim, seus olhos

estreitos e o maxilar travado.

— Um encontro com quem?

— Você está falando sério agora?

— Eu não pareço sério?

Eu não pude responder porque eles jogaram uma bomba de fumaça para dentro. Eu abri a bolsa, jogando uma máscara para ele antes de colocar a minha.

— Nós falaremos sobre isso mais tarde, — ele disse para mim e eu revirei os olhos, ficando em pé e inclinando-me do outro lado do cortador de gelo.

Nós ficamos em silêncio, ouvindo quando eles entraram. Fechei meus olhos, contando os passos. Dois, quatro, seis... oito... nove, dez, onze. Havia onze. Abrindo meus olhos, eu olhei para Ethan, que levantou as mãos e acenou rapidamente cinco vezes dois e depois uma. Ele contou onze também. Eu balancei a cabeça. Ele apontou para os seus joelhos e depois para sua cabeça.

Nós precisávamos de uma distração e luz. Alcançando no meu bolso de trás, eu puxei um flashbang[5]. Ele assentiu e contou para mim.

Três.

Dois.

Um.

Eu a joguei em direção à porta e no momento em que ela disparou nós dois saímos e começamos a atirar. Eu atirei nos joelhos deles e ele atirou em seus crânios. Nós nos giramos em volta um do outro, acertando neles. Eles caíram rapidamente, mas não eram apenas onze; outros dois entraram correndo com uma bomba sonora com eles.

*Ah! Porra.* Eu sorri com sarcasmo na minha máscara, sentindo a bala quando ela entrou no meu ombro.

Ethan atirou nos dois e olhou para mim. Eu balancei a cabeça, jogando para ele minha arma e puxando o facão de detrás de mim junto com uma faca de mão. Ethan sacudiu a cabeça, mas eu me movi para o espaço entre as grades e a porta de vidro. Ele recuou para ficar ao lado da máquina de ensacar gelo.

Estava quieto, muito quieto. Eu olhei para fora por um dos buracos de bala

e vi que dois pares de faróis estavam brilhando nas portas, mas me concentrei nas sombras.

*Cinco.* Eu levantei minha mão para ele.

Ele estendeu sua arma e as portas de metal começaram a levantar. Tal como eu suspeitei, todos eles estavam vindo para ver o que estava acontecendo. Eu não podia ver nada, então eu apenas observei Ethan e confiei nos meus ouvidos. Ele acenou a cabeça lentamente, muito lentamente, sinalizando os passos deles. Eu ouvi o vidro quebrado triturando sob suas botas. Ele parou de acenar.

Eu olhei para a minha direita no momento em que o homem olhou para mim. Ele ergueu sua arma para mim e eu cortei sua mão e cortei através de seu rosto. Ouvi Ethan atirar de novo, e me abaixei, cortando o próximo homem, e quando eu caí no chão, enfiei minha lâmina em seu nariz. Quando eu me levantei, pronta para o próximo, Ethan já os tinha derrubado, sangue derramando deles. Eu olhei para trás para vê-lo andando na minha direção. Ele tirou a máscara e me olhou de cima a baixo.

— A arma teria funcionado muito bem sem você se tornar primitiva.

— Eu estava aliviando a frustração reprimida... – eu parei quando ouvi o motor do carro tentar ligar, mas falhar.

Eu olhei e Ethan levantou sua arma. O homem atrás do volante tentou várias vezes.

— Não é o seu dia de sorte, companheiro, — eu disse a ele.

— Companheiro? — Ethan pareceu divertido, mas eu o ignorei.

— Você está em desvantagem. Mesmo se você tiver uma arma, você terá que eliminar nós dois e isso não é provável. Por que não damos uma trégua? — Abaixei minha arma. — Você nos diz quem te enviou, nós deixamos você ir.

Silêncio. Nada.

— Ou ele poderia atirar no para-brisa, — eu o lembrei, andando mais perto da porta. — O chefe está puto, mas você pode voltar em suas boas graças... vamos lá. Eu estou removendo minhas armas.

Eu tirei meu colete e o deixei cair, junto com meu cinto.

Quando eu escapei do brilho dos faróis e me cheguei mais perto do carro, vi que era o neto de Grams. Ele era um adolescente com cabelo preto; não poderia ter mais do que quinze anos. Ele saiu do carro com uma arma apontada para mim.

— Teagan? — Ethan perguntou quando ele saiu. — Tenho certeza que você foi informado que as crianças não devem se envolver em negócios de pessoas crescidas.

— Eu não sou uma criança, — disse ele, mantendo a arma em mim. — Quem é você?

— Uma humilde funcionária do chefe, — eu disse com um sorriso.

— Bem, ele não é mais o chefe, — respondeu o idiota. — Minha Grams disse que finalmente era hora para a nossa família ascender. A família Callahan esteve nos usando para o serviço sujo deles por muito tempo.

— Teagan? — Eu dei um passo à frente. — Grams não gosta muito de você, não é?

— O que...

Eu arranquei a arma de suas mãos e lhe dei um soco no rosto. Ele caiu de costas contra a porta do carro. Eu coloquei a arma nos lábios dele. — A única razão pela qual você joga um cordeiro dentro da toca de um leão é se você quer que ele seja abatido.

— Eu não entendo.

Hã? Franzindo a testa, eu dei uma olhada para Ethan. — Eles não ensinam mais técnicas poéticas nas escolas? Isso foi bem claro, não foi?

— Onde está sua avó agora? — Ethan perguntou a ele, ignorando a minha pergunta. Tudo bem. Trabalho primeiro.

Eu atirei no braço dele. — Eu sugiro que você não minta.

— Porra! E sobre a trégua? — ele gritou e eu olhei para Ethan, divertida que esse idiota realmente acreditou nisso. O rosto dele estava tão vazio como sempre.

— Perdoe-me. — Eu removi a arma do seu rosto. — Você estava dizendo?

— Ela está em casa.

— Obrigada. E só para você saber. Nós somos os leões. Você é o cordeiro: fraco e indefeso contra nós. Esse era o sentido que eu estava tentando dar antes. — Eu atirei uma vez em seu crânio antes que ele pudesse responder. Seu corpo despencou no chão aos meus pés e eu olhei para Ethan que olhava para baixo nele.

— Você precisa de um momento?

Seus olhos verdes desviaram-se para mim e ele franziu a testa, obviamente chateado. — Com quem é que você tinha um encontro?

*Isso de novo... precisamente agora?*

— Por que nós não vamos lidar com a velha louca tentando ameaçar a sua família? — eu perguntei a ele, recolhendo as minhas coisas e caminhando até a sua Mercedes-Maybach 6 Vision à prova de balas. Sentando no lado do passageiro, eu levantei minha camisa para olhar o ferimento à bala no meu ombro. Felizmente não tinha atingido o osso, mas a bala ainda estava lá.

— Deixe aí. Eu a retirarei assim que chegarmos lá, — Ethan instruiu enquanto se sentava no banco do motorista. O interior do carro se acendeu quando ele colocou a mão no volante. Ele tocou a tela principal, ligando para uma das poucas mulheres que ele podia confiar neste momento. Ele saiu do estacionamento enquanto o telefone discava.

— Bem, se isso não é uma surpresa irmãozão, como posso ajudá-lo lindo...

— McGlinchy nos traiu.

Ela ficou em silêncio por um segundo antes de exalar fortemente. — O que você precisa que eu faça?

— Envie uma equipe de limpeza para a fábrica McGlinchy, depois queime o local até o caralho do chão.

— A família deles?

— Sendo lidada agora. — Ele desconectou antes de ligar para a segunda mulher que ele confiava.

— Ethan, eu estava ao lado da Dona. Não consigo ver o que aconteceu na fábrica; as câmeras estão desligadas — Helen informou a ele e ele deu uma olhada para mim. Eu sorri e dei a ele um sinal de paz. Ele concentrou sua

atenção na estrada.

— Então eu preciso que você me envie todo o vídeo que você tem da família McGlinchy, assim como uma transmissão privada para a casa deles, e desative o seu lado. Eu preciso de acesso à transmissão de segurança deles.

— Você precisa de apoio? Meu pai está... — ela perguntou.

— Faça só o que eu peço, Helen, nada mais. — Ele desligou. Foi só quando ele desligou que eu peguei meu telefone, segurando-o em direção a fábrica que estava desaparecendo à distância.

— O que você está fazendo?

— Algumas coisas de tecnologia, — eu disse a ele, deitando no banco de couro e fechando os olhos, tentando ignorar a dor no meu ombro. Eu poderia dizer pela dor maçante que não era uma bala inteira; ela deve ter ricocheteado e se partido antes de me atingir. Mas o fragmento era afiado e continuava cortando minha carne.

— Como você viu tudo isso quando eu não vi? — Ethan perguntou. Acho que esse era o jeito dele para manter minha mente longe da dor.

— Eu quase não vi. Inferno, foi sorte, — eu sussurrei, esfregando meus olhos. — Eu tinha outro trabalho, e essa pessoa era amiga da Grams. Ele estava no telefone com ela quando eu invadi. Eles estiveram ajudando os irmãos Finnegan a abocanhar a melhor parte do fornecimento de drogas. Ela é como nós quando se trata de paciência e segredos. A família dela trabalha para você, mas nunca no comércio, para fazer você pensar que eles não estão interessados, mas ainda leais. Ela trabalha através de outras pessoas e ela sabe que os italianos estão ficando rebeldes. É do interesse dela apoiar esses dois irmãos irlandeses de Boston que também querem assumir o poder. Ela acha que eles podem fazer um estrago no nome Callahan, e então ela pode entrar como uma heroína para todas as pessoas presas no fogo cruzado. Se não fosse por aquela ligação, eu não teria visto isso.

— Meus pais teriam? — Ele não estava perguntando para comparar; ele queria saber se eles o estavam observando agora.

— Eu duvido. Mesmo se eles a estivessem observando, não havia como ver isso vindo. Ela se assegurou de ser cuidadosa como nós, caminhar perto do limite, mas não sobre ele. Ela está usando sua idade e sua lealdade passada como

uma cortina de fumaça. Além disso, com os irmãos Finnegan sendo tão barulhentos quanto agora, eles muito provavelmente estariam os investigando. Quem eles são, qual tipo de ameaça eles representam... afinal de contas, Wyatt está em Boston também. Eles estão trabalhando do lado errado. Eles não vão descobrir que Grams era parte disso até você matá-la.

— Com ela morta, os irmãos não terão apoio suficiente para ascender, terão? — ele se perguntou, e eu podia ver o começo de um plano se formando em sua cabeça.

— Levará a eles alguns dias, ou semanas, dependendo de como eles são lentos para perceber que estão sozinhos agora, — eu respondi, e ele assentiu, pegando a saída.

— Como você conseguiu que esse amigo da Grams falasse?

Eu peguei dentro da bolsa e entreguei a ele um disco. Ele acenou para eu colocar no sistema de som. Eu coloquei. Deixando-o ouvir a conversa, tentei procurar o volume por causa dos gritos do homem, mas eu não consegui ver os controles.

— Está tudo bem...

— AHHHH!

Ele deslizou o dedo pela tela no painel.

— Oh, chique. Você é rico ou algo assim, Senhor? — Eu disse ironicamente.

— Ou algo assim, — ele murmurou, e eu bocejei, fechando os olhos. — Isso está datado de ontem?

— Foi por isso que eu liguei ontem e disse que tinha *acabado* de descobrir. — Eu inclinei o banco de volta. — Quando eu entrei sorrateiramente na casa dela esta manhã para verificar os registros financeiros antigos - ela os mantém em livros de verdade, tão antiquado - no escritório da família, eu deixei uma pista para deixá-la saber que você estava de olho nela.

— Por quê?

— Porque um rato encurralado só pode machucar ele mesmo. Uma coisa é fazer algo no escuro, quando você acha que ninguém está assistindo. É um outro

jogo quando o sol nasce e a luz está sobre você.

— E se você não for forte o suficiente, a luz vai te queimar, — ele concordou. — Pensando que eu estava atrás dela, ela estaria fadada a cometer erros rapidamente. Seu medo deve ter sido óbvio, razão pela qual Teagan entrou nisso. Ele é o neto mais novo e o favorito dela; ele também a amava. Mas ele sempre foi o mais fraco de sua família. E o que mais pessoas fracas fazem a não ser tentar provar que elas não são fracas? Ela não o enviou; aposto que ele ouviu e decidiu vir por conta própria para provar que era forte, que podia protegê-la. Ele sorriu com sarcasmo quando você disse que sua avó não gostava dele. Ele achou que estava te enganando, e provavelmente ia fingir se juntar a nós e depois nos trair de novo.

— Então o cordeiro se jogou na cova do leão. A teoria de Darwin se mostra correta novamente. — Eu sorri, balançando a cabeça, depois estremeci com a dor aguda no meu ombro. Irritada, tirei minha própria maldita faca.

— Não, — ele falou ríspido para mim.

— Está tudo bem. Eu já fiz isso antes...

— Você não vai ser capaz de usar seu braço assim que você a tirar e o sangue fluir, — ele continuou.

— Tudo que eu preciso é uma mão, de qualquer maneira.

— Bem, você não era fodona? — ele zombou de mim.

Eu fiz uma careta, mas não pude deixar de rir. — Vamos nos apressar e acabar logo com isso, então.

— Você é exatamente igual a Gigi. Vocês duas querem o que querem e para o inferno com as consequências, — ele disse, e um sorriso genuíno veio aos seus lábios, como sempre acontecia quando ele falava sobre ela.

— Primeiro, Gigi é como eu, a mãe vem antes da filha. Segundo, eu acho que você só não me quer sangrando por todo o seu carro chique.

— Como você sabia? — Ele olhou para mim.

Eu segurei minha faca com força. — Sabe, você não é muito agradecido. Eu já perdi a conta de quantas vezes já salvei sua bunda agora...

— Três vezes, — ele retrucou. — Eu não perdi a conta. Mas uma dessas

vezes você me colocou em perigo também, então você estava apenas desfazendo o estrago.

Esse sorriso sarcástico sabe-tudo dele. Esse orgulho, ego e arrogância. Era de enfurecer, não só porque ele fazia isso para me provocar, mas também porque o tornava mais atraente.

# ETHAN

**27 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Domingo, 12 de novembro***

Foi por causa dela.

Se não fosse por ela, eu estaria muito mais perto da morte.

Se não fosse por ela, eu teria me perdido na fúria.

*Todo mundo, todo mundo odeia o líder da quadrilha*. Eu não tinha esquecido disso. Eu não tinha aprendido isso. Ao crescer, meus pais me deixaram saber que todo mundo queria ser nós. Então, eu sabia que alguns deles nos odiavam. Mas eu tinha acreditado na mentira: que de alguma forma, de certo modo, lá no fundo, todo mundo ainda acreditava nas histórias de como nós todos nos unimos, nós irlandeses, nós italianos... como nós todos nos tornamos família. Que foi tudo para proteger nossas famílias. Mas isso era ingenuidade minha. Esta não era a máfia dos velhos tempos. O que os mantinha leais, o que os mantinha na linha, era o medo e a ganância. Medo do que aconteceu quando o líder se virou e soltou sua raiva sobre eles. E ganância, querendo ter dinheiro e poder por conta própria. Talvez Calliope soubesse por que ela nunca foi parte da família que era considerada a líder da quadrilha. Ou talvez ela soubesse porque entendia melhor do que eu. Ou talvez ela realmente fosse muito mais inteligente. Talvez fosse tudo acima.

Porém, eu estava ambos, agradecido e irritado, por estar em tal posição vergonhosa.

Quando olhei para a câmera, vi McGlinchy e alguns membros da família dela sentados ao redor da mesa de jantar. Dei uma olhada para Calli e ela estava adormecida. Só ela poderia tirar uma soneca nesse momento. Por alguma estranha razão, eu estava calmo. Eu esperava raiva, fúria, a necessidade de sangue e vingança, mas olhando para ela, me lembrei das outras palavras dela.

— Quem era o encontro?

Seus olhos se abriram e ela desviou o olhar para mim. — Você realmente não vai deixar isso passar?

— Não.

— Seu ciúme está se mostrando. — Ela coçou a peruca enquanto ajustava seu assento, olhando pela janela. — Chegamos. Você tem um plano para entrar pela porta?

— Batendo, — eu disse, pegando minha arma e saindo do carro.

— Ah bom, é como se estivéssemos apenas chegando para o jantar. — Levando sua bolsa para o ombro ileso, ela levantou a arma com a mão boa e segurou o facão com a outra.

— Tenho certeza que você não invadiu apenas para olhar os livros dela. O que mais você fez? — Subi os degraus da casa no antigo bairro irlandês da cidade. Ela parecia um pouco surrada do lado de fora, mas eu sabia que era porque Grams gostava de fingir que ela ainda era aquela senhora do bairro irlandês com os pés no chão. O interior era tão moderno quanto a mansão da família.

— Você realmente espera muito de mim às vezes, — disse ela com um sorriso no rosto, colocando a máscara e me dando as costas.

— Eu acho que estou subestimando você, na verdade, — eu murmurei, colocando a máscara.

Bati na porta.

Verificando meu telefone, vi quando eles congelaram, e alguns deles começaram a pegar armas. Eu olhei para Calli, que apenas pressionou um único botão em um pequeno controle remoto, e notei fumaça cinza encher a casa. Usei o sistema de segurança que Helen abrira para mim, para cortar toda a energia da casa, que abriu a porta automática.

Eu entrei primeiro e ela veio atrás de mim, fechando a porta atrás de nós. Mesmo através da máscara eu podia sentir o cheiro da fumaça. Cheirava doce... doce enjoativo como bala. Calli não esperou: eles saíram, tentando nos atacar enquanto tossiam e tropeçavam, e ela os eliminou com facilidade. Como um exército de uma mulher só, ela cortou e assassinou aqueles que vieram na frente dela. Eu os deixei para ela, caminhando para onde Grams estava na cozinha. O massacre tinha começado e terminaria facilmente... tão facilmente que me senti insultado que Grams chegara tão perto de mim para começar.

Atravessando a fumaça cinza, eu a vi fazendo o que ela podia para se segurar na cadeira. Ela olhou para cima em mim de seu assento, tossindo. Eu me movi para a janela, abrindo-a para deixar a fumaça sair antes de me sentar. Eu esperei por um momento antes de tirar a máscara e olhei para ela. Seus lábios enrugados se levantaram.

— Como você soube? — ela perguntou.

— Minha futura esposa é muito dedicada em garantir que nossa família esteja... segura. — eu disse, colocando a arma na mesa. — Ela matou Teagan. Ela agora está matando todo mundo, mas achei que você deveria saber quem caiu primeiro por causa da sua traição.

Ela balançou a cabeça. — Por que é tão difícil para os adolescentes ouvirem?

— Não importa agora. Eu o teria encontrado mais tarde e o matado de qualquer maneira.

— Ele era seu afilhado.

— Seu argumento? Eu mataria meu irmão se isso significasse proteger o que é importante para mim. — Eu disse a ela, e foi então que Calliope entrou, coberta de sangue. Seus olhos se estreitaram quando ela olhou entre nós.

— Estou interrompendo a hora do chá?

— Ela fica sarcástica quando está irritada, — expliquei a Grams, que nunca desviou o olhar dela.

— Outra italiana, eu vejo. E eu aqui pensei que você estava realmente considerando a filha do Moretti.

— Você não acha que me insultou o suficiente por uma noite? — perguntei

a ela quando Calliope se sentou na cabeceira da mesa. — Você quer me dizer agora o porquê?

Ela riu muito e tossiu. — Por quê? Ethan, meu garoto. A lógica não se aplica aqui. Dominar ou ser dominado: é tudo o que nos governa. Eu tenho sido governada pelos últimos 89 anos. Eu tenho observado minha família, meus amigos e meus entes queridos curvarem suas cabeças para sua família. Quanto tempo você acha que sua família consegue permanecer no topo? Isso não vai acabar comigo. Outras pessoas estão famintas pelo poder que sua família ostentou durante décadas. Elas estão famintas pela sua hora para liderar e governar. Você não pode lutar contra todos nós.

— Eu não preciso, — eu a lembrei. — Eu posso fazer vocês lutarem uns com os outros. E quando todos vocês estiverem mortos, eu voltarei e vocês se lembrarão que esta posição não foi simplesmente dada à minha família, nós a construímos. Corpo por corpo, sangue por sangue, droga por droga; nós lutamos, nós voamos rente, nós nos sacrificamos para chegar ao topo. Está no nosso DNA agora. Nós não sabemos como ser de outra maneira. Nós rasgaríamos este mundo em pedaços antes de nós sequer irmos para o fundo. Você não viverá tempo suficiente para ver isso, mas muito em breve, as pessoas saberão o que significa bater de frente comigo.

Eu levantei a arma da mesa, apontando para o armário da cozinha ao lado dela e seus olhos se arregalaram.

— Eles são apenas bebês, Ethan! — ela berrou.

Eu atirei no armário e ela gritou, movendo-se para se levantar, mas Calliope já estava atrás dela com o facão na garganta da Grams.

— Por que você está gritando, Grams? — Calli sussurrou, seus lábios em seus ouvidos. — Você é a única que os matou. Você bate de frente com a máfia, a máfia bate de frente com você. Você inclui sua família e tudo com o que você uma vez se importou. É a regra mais antiga no livro. Você sabia disso e fez sua escolha mesmo assim. Gritar agora só faz você parecer uma má perdedora.

Seus olhos nunca deixaram o armário, olhando enquanto o sangue derramava debaixo da porta. Colocando a arma de volta, eu disse a ela:

— Meu massacre da sua família apenas acabou de começar. Agradeço a você antecipadamente por ser minha primeira lição para os outros.

Calliope inclinou a cabeça para mim e eu assenti. Lentamente, ela puxou a lâmina através do pescoço da Grams e a soltou, permitindo-a cair sobre a mesa. Eu olhei para o seu corpo e Calliope caminhou para o meu lado, jogando sua perna sobre a minha e sentando no meu colo. Ela se inclinou e me beijou. Fechando meus olhos, eu a beijei de volta, deixando-a levar minha raiva mais uma vez. Eu agarrei seus quadris e ela gemeu contra a minha boca. Separando-se, ela colocou sua testa na minha.

— Se não eles, seríamos nós. Seria Gigi, — ela disse gentilmente.

— Nunca foi uma escolha. — Me reclinei na cadeira. — Minha família ou a deles. Como poderia alguma vez haver uma escolha?

Ela concordou. Sentando-me mais ereta, ela tirou o colete e passou uma de suas facas menores para mim. Eu a peguei e segurei a ponta sobre uma vela na mesa, observando a ponta enegrecer e depois levando-a para o ombro dela. Com o maxilar cerrado, ela respirou fundo, mas eu ainda não me mexi e ela olhou de volta para mim, confusa, eu ergui minha sobrancelha... ela sabia o que eu queria saber.

— Você está... — Ela exalou e se moveu para pegar a faca de mim, mas eu a afastei. Ela tentou se levantar, mas a segurei no lugar. Ela olhou com raiva para mim e eu devolvi o olhar para ela.

— Quem é ele e qual é o propósito do encontro? — eu coloquei a faca de volta na chama.

— O ciúme foi fofo nas duas primeiras vezes, mas agora é irritante. — Esperei que ela continuasse. Ela revirou os olhos. — Não é um ele. É um eu. Era um encontro comigo mesma. Para minha noite de folga, reservei meu spa favorito. Eu planejei mergulhar em um banho de óleo de eucalipto com sal do Mar Morto, ter uma massagem com pedras quentes, talvez uma lavagem do couro cabeludo e massagem também, em seguida, um jantar no terraço em paz. Ia ser incrível. Você está feliz agora, seu brutamontes de olhos verdes? Isso cortou o *meu* horário agendado.

Eu peguei a faca e cortei sua pele antes de usar minhas mãos para aplicar pressão, cavando a lâmina. Ela cerrou os dentes e segurou meu ombro e eu finalmente tirei o fragmento.

— Fodidos. — Ela franziu a testa, tirando a bala de mim. — Se eles vão

nos atacar, eles poderiam pelo menos investir em balas decentes.

— Vamos queimar este lugar e ir, — disse a ela, pegando a arma da mesa.

— Nós podemos nos separar aqui...

— Você está ficando comigo hoje à noite. — Seus olhos se estreitaram, claramente questionando quem era eu para dar ordens a ela por aí, entretanto, ela faria a mesma coisa. Trazendo seu rosto para o meu novamente eu beijei seus lábios suavemente. — Já faz um tempo desde que nós tivemos *nosso* tempo.

Seus lábios se pressionaram, mas ela não disse nada. Ela saiu de cima de mim, parando ao meu lado enquanto eu ficava em pé também. Olhei em volta para as paredes cobertas de sangue e depois para ela. — Esta é a primeira vez que você e eu fomos trabalhar juntos.

— Vou anotar no meu diário. — Ela riu e caminhou até a cozinha.

— Quando você fizer isso, certifique-se de anotar que deste modo foi como nós dois soubemos que seu tempo se escondendo na minha sombra estava chegando ao fim. — Ela olhou por cima do ombro para mim quando ligou o fogão a gás.

— É mesmo?

— Você não ouviu? — Eu balancei a cabeça para o corpo da Grams. — Aparentemente, as pessoas acham que são indispensáveis agora. Quem mais é melhor adequada para lembrá-las do que a *il Triste Mietitore*, que os túmulos podem ser cavados para qualquer um.

— Diga-me mais durante o *nosso* tempo. — Ela piscou, e eu sabia exatamente como fazer isso.

# Capítulo Quatorze

*“Eu não consigo me lembrar exatamente a primeira vez que sua alma sussurrou para a minha, mas eu sei que você a acordou. E ela nunca mais dormiu desde então.”*

*JM Storm*

## CALLIOPE

**25 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Domingo, 12 de novembro***

A personalidade de Ethan variava de uma doçura quase adolescente, como quando chegamos ao seu sobrado luxuoso particular na cidade, um que ele deve ter comprado na expectativa do dia em que eu viria. Como eu sabia? Porque ele comprou o meu estilo favorito de mobília, o conjunto de faca de cozinha que eu tinha nos dois últimos lugares que ele havia visitado, então havia o vinho... o vinho que compartilhamos pela primeira vez juntos. Ele me levou para o quarto e me ajudou a me despir. Ele pediu, não exigiu, que eu tirasse a peruca e minhas lentes de contato, e eu tirei.

Ele então se juntou a mim no chuveiro, lavando o sangue e a sujeira de mim. Ele não me deixou lavá-lo, mas havia algo sob o seu silêncio. Eu senti e isso me excitou, então não forcei. Eu só desfrutei de suas mãos no meu cabelo, massageando o shampoo nele. Eu me deleitei com a sensação de seu corpo duro atrás de mim. Cedo demais, havia acabado e me conduzi para fora do banheiro, para o quarto cinza. As paredes tinham cortinas de seda drapeadas sobre elas; o carpete era um tom mais claro de cinza e macio sob meus pés. A cama de dossel era grande o suficiente para quatro e ficava no meio do enorme quarto, combinada com lençóis de seda, um lustre de diamantes pendurado sobre ela. Não havia outros móveis no quarto.

Eu o senti subir atrás de mim e estremeci quando ele afastou meu cabelo

para o lado.

— Fique na cama, la mia anima, — ele sussurrou antes de beijar entre o meu pescoço e ombro.

Era isso que eu queria dizer: em um minuto ele era doce, no próximo ele era um selvagem assassino que mataria qualquer um, jovem ou velho, para proteger sua família, depois ele podia ser diabolicamente tentador. Eu queria saber o que ele ia fazer. Eu dei um passo em direção a ele e ele arrancou a toalha que ele tinha enrolado em volta de mim. Eu não disse nada quando cheguei no meio da cama, ainda um pouco molhada do nosso banho e completamente nua. Ethan puxou uma pequena corda pendurada perto da cabeceira da cama e as cortinas de seda se ergueram, revelando paredes de espelhos. Agora eu entendi. O resto da casa era meu para eu fazer o que eu quisesse, mas quando nós entrávamos neste quarto, ele ia fazer o que quisesse comigo. Ele abriu um painel escondido na cabeceira e revelou uma série de brinquedos que ele tinha comprado apenas para mim.

— Quem diria que você tinha esse lado pervertido? — eu perguntei quando ele puxou uma venda. Ele se virou e a entregou para mim. Esta era a minha única chance para dizer a ele não, para rejeitar isso.

*Parece que eu tenho um lado pervertido também.* Eu tirei a venda dele e coloquei sobre meus olhos.

Senti a cama mover-se quando ele ficou atrás de mim. Ele pegou minhas mãos, e com o que parecia um pano de seda, amarrou-as atrás das minhas costas com força. Seus lábios encontraram minha orelha e ele beijou o topo dela. — Mestre. Você diz isso e eu paro.

Filho da puta.

— Faça o seu pior. — Eu desafiei, ajoelhando-me pacientemente. Ele riu baixinho, mas não disse mais nada. Esperei tanto tempo que me perguntei se ele ainda estava no quarto. Mas eu me recusei a chamar por ele. Finalmente, ouvi seus pés arrastarem-se no carpete, e a cama moveu-se novamente.

Eu cheirei... vinho?

— Abra, — ele ordenou.

Mas eu me ajoelhei quieta e recusei, satisfeita comigo mesma. — Ah... —

Minha boca abriu em um suspiro quando os dedos frios dele beliscaram meus mamilos e puxaram. O vinho foi derramado lentamente na minha boca, e eu podia sentir um pouco dele rolar pelo meu queixo, meu pescoço e para baixo até o meu peito.

Porra, era delicioso. Ethan me beijou então, sua língua dentro da minha boca, lambendo o vinho de mim. Eu virei minha cabeça e me inclinei para ele, e mesmo que eu já não pudesse ver, fechei meus olhos, deleitando-me com o gosto dele. Bruscamente, ele se separou e me empurrou para frente. Respirando forte pelo nariz, meu peito subia e descia com o esforço. Senti uma pequena tira de couro contra a minha pele... uma chicotada na bunda. Mordi meu lábio para esconder minha excitação.

— Isso não é por você, é por mim. — Eu obviamente falhei em esconder meus sentimentos.

— Ethan, você não notou, eu quero o que você quer, — eu respondi apenas para ser recompensada com um tapa bem na minha boceta. Já podia me sentir molhada. Eu lambi meus lábios. — Você pode fazer melhor do que isso...

TAPA.

— Ah, — eu gemi... oh porra... estava indo para o céu e para o inferno esta noite. — Mais.

Eu sabia que isso ia incomodá-lo... ele queria me dominar, mas eu não ia desistir assim facilmente.

— Você realmente quer me enlouquecer, não é? — ele perguntou suavemente.

— É apenas justo... ah... oh... — Minhas mãos fecharam em punhos nas minhas costas quando senti o minúsculo vibrador que ele agora esfregava na minha boceta. Eu não tinha certeza do que era, mas era tão forte que meu estômago contraiu e meu queixo caiu.

— Você estava dizendo? — Ele o deslizou lentamente dentro de mim.

Mordi meu lábio inferior e enterrei meu rosto nos lençóis. Eu ia me vingar por este dia, juro.

— Com licença enquanto eu faço o meu pior. — Eu podia ouvir a presunção em sua voz e eu rebolei quando fiquei mais molhada.

TAPA! Sua mão se conectou com a minha bunda e eu sacudi para frente.

TAPA! Ele bateu na minha outra nádega antes de beijar as duas. Eu tentei me preparar para outra, mas em vez disso, tudo que eu senti foi algo molhado deslizando pela minha bunda.

— Ethan... — Eu tentei falar, mas minha voz falhou. O filho da puta estava me transformando em sua própria estrela pornô particular muito facilmente. Isso me irritou, mas, — ...po... porra, — eu gritei quando senti seu dedo pressionar na minha bunda. Lentamente ele me preparou, não para o seu pau, mas para o que ele colocou em mim... um plug anal? — Foda-se... — Eu zombei quando isso também começou a vibrar dentro da minha bunda... ele não estava jogando limpo.

— Eu quero ver você desesperada por mim... implorar por mim. — Ele me moveu para me deitar de lado, minhas pernas abertas, minha boceta tão molhada que estava escorrendo pelas minhas pernas. E então ele me lambeu.

Ah, eu ia me vingar.

Quando ele menos esperasse; quando ele achasse que eu estava satisfeita sendo apenas sua submissa, eu retribuiria multiplicado por dez... eu juro.

# ETHAN

**27 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Domingo, 12 de novembro***

Ela era um anjo, eu tinha certeza, e um dia ela comandaria o castigo divino por isso. Mas agora ela estava vendada, coberta de suor, pingando, gemendo e se contorcendo nos lençóis prateados diante de mim, e eu não conseguia me importar. Essa visão valia à pena. Eu estava tão duro que tive que me acariciar enquanto ela gemia. Eu queria fodê-la pra caralho, mas não antes de curtir mais disso. Se eu gozasse agora, eu poderia raciocinar direito novamente e me concentrar antes que ela me deixasse duro de novo.

— Ethan, — ela implorou, seu cabelo castanho grudado em seu rosto, fazendo-a parecer ainda mais pecaminosa. Sua voz estava me empurrando para o limite.

— Ethan... eu... ah... — Ela gritou quando gozou. Mas mesmo quando ela gozou, ela não conseguiu se impedir de ficar excitada novamente pela pressão entre suas coxas.

Com uma mão esfregando meu pau, eu me inclinei e levei seu mamilo na minha boca chupando, sentindo sua pele macia entre os meus lábios. Ela gritou, inclinando-se para mim.

— *Vou gozar sobre você*, — eu assobiei, sentando e... porra. Eu não pretendia, mas ver um monte de porra sobre a barriga dela despertou outra constatação em mim... que eu queria isso. Eu queria marcá-la assim. Coloquei meus dedos em seus lábios e ela os lambeu e chupou. Sua língua envolveu meus dedos, sua saliva os cobrindo, e isso enviou um arrepio pela minha espinha. Eu agarrei seus seios mais uma vez, apertando-os antes de colocar grampos em seus mamilos.

— Ethan! — ela gritou.

— Sim? — Eu corri minha mão sobre as curvas de seu belo corpo. Toda vez que eu alcançava uma de suas marcas de nascença, eu me inclinava e a beijava.

— Tire essas fodidas coisas de mim e me foda!

— Você não faz as regras aqui, amor.

Ela exalou fortemente pelo nariz.

— Mas se você implorar...

— Foda-se, — ela retrucou, e eu sorri. Sua teimosia só deixava isso ainda mais divertido para mim.

— Cale a boca e aproveite o show, — eu disse, pegando o controle remoto e aumentando a velocidade dos vibradores.

— PORRA! Eu estou tão... ah... eu... você está... morto... oh! — Eu beijei seus lábios, observando-a ficar mais molhada, e de repente eu me senti ficando excitado de novo, meu pau voltando à vida.

Lambendo meus lábios, levei meu pau mais perto de sua boca. Com tesão e desesperada por liberação, ela estendeu a língua, lambendo-me da ponta até embaixo. Ela se virou, empurrando-se de joelhos e beijou a ponta do meu pau. Se ela me excitasse bem o suficiente, eu iria precisar fodê-la, e ela não teria que implorar.

Eu afastei o cabelo dela do rosto e minha boca se abriu quando ela me levou fundo em sua boca. E sem misericórdia, ela tentou me fazer desistir do meu plano. Quanto mais eu observava meu pau deslizar em sua boca, quanto mais eu enterrava profundamente no fundo de sua garganta, mais difícil se tornava para eu manter o meu plano. Ela me deixava fraco.

*Maldita seja ela.*

Apertando um punho cheio de seu cabelo eu dei um puxão leve e ela me soltou, sorrindo. Ela sabia muito bem o que estava fazendo. Ela nem sequer esperou eu dizer alguma coisa, apenas rastejou e virou-se, sua bunda na minha cara.

— Eth... ahhh, — ela choramingou quando eu lentamente tirei o plug dela. Ela quase gozou quando eu tirei o vibrador de sua boceta molhada. Joguei-os do outro lado da cama. De joelhos, me esfreguei contra ela, sentindo-a moer de volta contra mim. Eu lentamente, dolorosamente deslizei dentro dela. Quando meus quadris estavam firmemente pressionados contra sua bunda, desfiz o nó em torno de seus pulsos. Ela se levantou, empinando sua bunda contra mim enquanto eu retirava a venda. No momento que eu a tirei, ela encontrou seu próprio reflexo nos espelhos.

Suas bochechas estavam vermelhas, seus lábios entreabertos e brilhantes, saliva ao lado de sua boca. Seus olhos cinzas entraram em foco e encontraram os meus no espelho. Eu segurei sua cintura puxando para fora um pouco antes de me bater forte de volta dentro dela. Nenhum de nós desviou o olhar de nossos reflexos enquanto eu lentamente empurrava mais e mais fundo dentro dela. Ela agarrou os lençóis e tentou controlar sua respiração, todo o seu corpo pulando para a frente com o meu ataque violento. Eu estendi a mão sob ela e arranquei os grampos do mamilo, e foi só então que ela desviou o olhar, um lamento desesperado escapando de seus lábios.

Agarrando a garganta dela com uma mão e um peito com a outra, eu beijei o lado do rosto dela. — Não desvie o olhar. Eu quero que você veja quão

pecadora você parece agora comigo dentro de você.

Seus olhos mal se abrindo, ela olhou de volta para o espelho e eu acelerei, o som da nossa pele batendo juntas, nossas respirações e nossos gemidos, a única coisa enchendo meus ouvidos.

— Ethan, por favor, mais, — ela implorou, obviamente, para me matar. Eu puxei para fora, meu pau coberto com seu fluido, e ela choramingou até que eu entrei em sua bunda. A cama balançou embaixo de nós, e eu fechei meus olhos, incapaz de mantê-los abertos com o quão firmemente suas paredes apertavam em torno de mim.

— Sim! Oh! SIM! — ela gritou, gozando.

*Porra!* Eu não estava nem de longe pronto para deixá-la, mas aparentemente meu corpo tinha outros planos. Seu corpo balançou com o meu quando eu beijei seu pescoço e descarreguei nela.

— Isso não acabou, La mia anima. — Eu ofeguei e descansei em cima dela.

Ela sorriu, fechando os olhos. — Bom. Onde está o vinho?

*Eu nunca vou ser capaz de domar essa mulher.* Levou um segundo antes que eu conseguisse sair dela e me deitar de costas, tentando ignorar as manchas na minha visão. Porque ela obviamente não era humana, ela se sentou procurando ao redor da cama pelo vinho.

— Eu amo este aqui. — Ela se sentou ao meu lado na cama e bebeu da garrafa de cor escura. Ela o engoliu como água antes de oferecer para mim. Bebi só um pouquinho e devolvi.

— Então, como estamos chamando este lugar? — Ela olhou ao redor do quarto. — Sua masmorra sexual?

— Um pouco luxuoso para uma masmorra, você não acha? — Eu disse suavemente, puxando-a para sentar-se entre as minhas coxas. Ela descansou as costas contra o meu peito e bebeu novamente.

— Eu sou uma prisioneira muito luxuosa. Então, se encaixa, — ela brincou, e eu sorri para isso.

— É o quarto do anjo.

— O quarto do anjo?

— Um anjo caiu do céu, bem na minha frente e eu estive deixando-a vagar por conta própria, causando o caos na humanidade. Eu acho que é hora de mantê-la por perto, — eu sussurrei esta última parte, roçando minhas mãos pelos seus braços.

— Sexo deixa você muito sentimental.

— Não, só você, — eu respondi, e ela se virou, me encarando.

— Você está me dizendo para mudar para Chicago? — Essa era uma das coisas que eu amava nela. Ela era rápida para me entender.

— Sim.

— Não.

Eu franzi a testa. Uma das coisas que eu odiava era sua teimosia inabalável. Ela não abria mão de seus planos, a menos que houvesse uma razão lógica para isso; eu querendo-a perto não era lógico o suficiente, aparentemente. — Calli, isso está quase terminado...

— Eu vou voltar quando terminar. Até lá, não vou me mudar para uma casa separada como a sua maldita amante. Vivendo aqui enquanto aquela... mulher está na mansão Callahan. Quanto mais fácil for para você chegar até mim ou Gigi, mais confortável você vai ficar.

Ela estava louca? — Você realmente acha que eu sou o tipo do homem que deixaria você e minha filha vivendo à margem...

— Não, mas nós precisamos também ter em mente o inesperado... até isso estar oficialmente terminado, e Klarissa e a família dela tiverem desaparecido, eu vou permanecer onde sempre estive, onde eu muito bem escolhi.

— Tudo bem. Eu tenho o suficiente dos Moretti. Eu cuidarei deles amanhã...

— Ethan...

— Ela está quase com quatro, Calliope. — Eu lembrei a ela. — As memórias que ficam com uma criança pelo resto de suas vidas começam quando elas completam quatro anos. Minha filha está voltando para casa. Você está voltando para casa. Se o mundo está vindo atrás de nós, eu nos quero unidos sob

o mesmo maldito teto sob o qual os Callahans sempre estiveram unidos.

Ela exalou e colocou a cabeça no meu peito. — É difícil argumentar com você quando você faz isso.

— Você não está cansada? — Eu perguntei, beijando o topo de sua cabeça. Para minha surpresa, ela concordou com uma admissão.

— Estou, — ela disse suavemente. — Mas como você disse antes, a diferença entre nós e todos os outros é o nosso sacrifício.

— Não use minhas palavras contra mim. — Eu fiz uma careta, e ela riu... realmente riu, envolvendo seus braços em volta de mim.

— Você tem o suficiente de Moretti?

— Tobias tem ajudado. — *A putinha.*

— A putinha, — disse ela, como se pudesse ler a minha mente. Seus olhos encontraram os meus — Você ainda quer que Dona faça isso?

— Eu preciso que ela faça isso. É o único modo que ela chegará a um acordo com isso. Mas ela não pode matá-lo a menos que eu lhe dê permissão, e eu não posso dar-lhe permissão sem expor o fato de que eu quero que ela faça isso. — Que porra de trapalhada.

— É uma porra de uma trapalhada, — ela comentou e dessa vez eu apenas olhei para ela, perplexo. — O quê? — Seus olhos estavam arregalados em confusão.

Eu apenas balancei a cabeça. — Eu preciso pensar em algo que dê a ela o direito de matá-lo sem eu estar lá.

— Não esteja lá. — Eu podia vê-la tentando montar um plano. Eu me perguntei se é assim que eu parecia também.

— Continue.

— Se você é chamado para trabalhar em outra área, quem você costuma deixar no comando?

— Ninguém, — eu respondi, sem saber por que ela perguntou. — Só porque estou em outro local não significa que ainda não sei o que está acontecendo em casa.

— Bem, mude isso, pelo menos desta vez… deixe de cuidar dos negócios e deixe claro que você não vai ficar acessível. Deixe Dona administrar a família um pouco.

— Isso é perigoso. Assim que minha irmã provar esse poder...

— Sua irmã vai trair você pelo poder? — Eu odiava sequer pensar na resposta para essa pergunta.

— Ela ficará tentada.

— A tentação não é um pecado, é o pensamento de cometer pecado. Ela pensará sobre isso até seu rosto ficar azul, mas ela fará isso? Ela trairá você?

Eu balancei a cabeça. — Não importa o quanto ela queira, ela é uma Callahan. Ela é minha irmã. Suas ambições dão lugar à nossa família. Sempre.

— Então confie nela com isso.

Eu podia ver como isso talvez funcionasse, mas eu ia precisar de uma bela de uma desculpa para deixá-la no comando quando eu normalmente nunca faria isso.

— Porém, o que poderia ser grande o suficiente para afastar você? — ela perguntou, e eu estava convencido que ela podia ler a minha mente, mas ela não estava me dizendo. — Os irmãos Finnegan?

Eu bufei com isso. — Você mesmo disse que sem a Grams eles desmoronarão dentro de semanas, — eu a lembrei.

— Eles não sabem que era a Grams, — observou ela, e eu automaticamente sabia onde sua mente estava indo.

Sorrindo, eu segui sua lógica. — Eu deveria apoiá-los no lugar dela, assim como com o Rocha. Deixe-os crescer pensando que estão ficando mais fortes para lutar comigo.

Eu poderia usá-los em mais de uma maneira; isso poderia ser exatamente o que eu precisava para levar tudo isso ao ponto final.

— Exatamente. Então, quando a situação ficar séria, você irá para Boston. O quê? — ela perguntou, seus olhos vagando pelo meu rosto enquanto ela tentava descobrir o que eu estava pensando. O pensamento não tinha sequer terminado de se formar em minha mente e ela já estava em cima de mim.

— Como você sabia que eu estava pensando em alguma coisa mais?

— Você não estava mais seguindo meus olhos. Agora, o que é mais cativante do que eu ajudando você a pensar em um plano estando nua? — Ela soou quase insultada.

Eu me inclinei para frente e beijei seus lábios rapidamente antes de dizer. — Você não vai gostar.

— Continue.

— Os irmãos Finnegan têm uma prima em Chicago.

— E eu não vou gostar disso porque... — Ela esperou que eu preenchesse as lacunas.

— Ela está na prisão.

— Ainda sem acompanhar. Leve-a para fora e use-a contra eles. Por que isso me desagradaria?

— Pela forma como eu precisarei usá-la, — eu disse, e seus olhos se estreitaram e ela exalou pelo nariz. Eu poderia dizer que ela queria me estrangular.

— Eu quero estrangular você, — ela retrucou e virou de costas para mim.

*Bem, é bom saber que eu posso ler a mente dela também.*

— Você nem terminou com Klarissa e já está adicionando outra mulher ao seu harém.

— Você é fofa quando está com ciúmes - ahh... Calliope, — eu assobiei com os dentes cerrados quando ela esticou a mão por trás dela e apertou minhas bolas, suas unhas cavando na minha pele.

— Você não conseguia sequer lidar com o pensamento de eu saindo em um encontro com outro homem, e você está prestes a transar com outra mulher. Você está realmente sofrendo aqui? Porque você parece estar tendo muita diversão.

— Você terminou? — Eu enrolei meus braços em torno dela, puxando-a para mais perto.

— No momento em que você dormir com ela, eu vou fazer uma orgia, — ela murmurou, e eu a abracei mais apertado, tentando esquecer que ela disse

isso. Eu fiquei em silêncio, esperando que ela se recompusesse e olhasse para além do seu ciúme e raiva. — Terminei. Por que você precisa dessa prima?

— Wyatt. Eu preciso que ele volte para casa também, — eu disse suavemente em seu ouvido.

— O que faz você pensar que essa mulher vai fazê-lo voltar?

— Eu sei que os irmãos Finnegan têm uma prima em Chicago porque eu me lembro dela. Quando eu era jovem, algum tempo depois que você foi embora para a Itália, eu conheci uma garotinha no centro do O.S. durante nosso período de voluntariado semanal. Ela estava lá, nós tivemos alguma discussão sobre o bolo, que chamou a atenção do meu pai e ele mais tarde contou para toda a família sobre isso. Meu pai vivia para provocar meu irmão e eu.

— Como poderia uma discussão sobre o bolo valer alguma atenção?

— Minha reação. Eu fiquei chocado e não sabia como responder a ela. Então o Grande Ethan perdeu uma discussão verbal com uma garota boba. Meu tio Neal, depois de ouvir a história, disse que esse é o tipo de mulher com quem eu deveria me casar. Wyatt lembrará quem ela é, ou eu me certificarei de que ele saiba. Iremos a Boston e acertaremos as contas com os irmãos Finnegan. Ela morrerá magicamente, eu sofrerei, ele voltará à porra da razão e lembrará quem ele é, e os matará com suas próprias mãos por se atreverem a mexer com nossa família. A culpa disso irá humilhá-lo um pouco. Eu me livro dela e dos irmãos idiotas, e ganho meu irmão de volta.

— Primeiro, seu tio Neal não é o meu favorito, — ela resmungou. — Pelo o que essa garota está na prisão?

— Sua irmã, ou meia-irmã, incriminou-a em um acidente por dirigir embriagada que deixou alguém aleijado, portanto, lesão corporal qualificada. E lesão corporal com uma arma mortal.

— Há quanto tempo ela está na prisão?

Eu relembrei o artigo que li na época. — Ela já deve estar a seis anos, de sua sentença de 12 anos.

— Seis malditos anos? Então, ela não só é tola, ela é fraca. — Ela riu e balançou a cabeça. — Ela vai apodrecer na prisão por um crime que não cometeu? Eu nem vou ficar na prisão por crimes que cometi.

— Pessoas tolas e fracas são as mais fáceis de manipular, — eu disse, e ela acenou a cabeça em concordância. — Nós já temos a história por trás, embora seja frágil. As pessoas estão esperando que eu traga para casa a futura Sra. Callahan...

— Uma cadela da prisão como a Sra. Callahan? Seus pais se revirariam em seus túmulos se eles estivessem realmente mortos. — Ela riu, não mais com ciúmes. Ela estava certa. Uma mulher tão fraca nunca poderia ser a Sra. Callahan.

— *La mia anima, mia amore e Sono innamorato di te. Sei tutto por mim. Sei il mio universo. Siamo fatti l'uno per l'altra. Voglio soltanto te. Sei la regina del mio cuore. Solo tu mi capisci. Io sono tuo. Tu sei la vera signora Callahan*, (Minha alma, meu amor, eu estou apaixonado por você. Você é tudo para mim. Você é o meu universo. Nós somos feitos um para o outro. Eu quero apenas você. Você é a rainha do meu coração. Só você me entende. Eu sou seu. Você é a verdadeira Sra. Callahan.), — eu a lembrei e me inclinei mais perto. Ela cheirava a vinho, baunilha e rosas.

— *Avrei potuto usare quelle dolci labbra tra le mie cosce prima*, (Eu poderia ter usado esses lábios doces entre as minhas coxas antes.), — ela sussurrou de volta, ficando mais perto de meus lábios.

— *La notte è giovane*. (A noite é uma criança.) — Eu beijei seu ombro. — *Lavora prima, poi gioca*. (Trabalho primeiro, brincar depois.).

— Tudo bem. — Ela se concentrou no tópico em questão. — Esta presidiária... você a usa.

— Todos eles ainda acham que eu sou esse garotinho fraco tentando viver o legado dos meus pais. Por que não os deixar continuar pensando isso? Eles pensarão que estou tão desesperado para me casar que corri e a tirei da sarjeta. Eu contarei a ela sobre como me apaixonei por ela. Pode uma criança de nove anos se apaixonar?

— Você pode ser um caso especial. No entanto, a pobre garota terá sérios problemas de confiança. Você vai ter que fazê-la realmente acreditar que você está apaixonado por ela.

Eu resmunguei com isso.

— Parece com o que para as pessoas normais?

Ela riu e gesticulou ao redor do quarto. — Isso... tudo o que você está fazendo comigo agora.

— Eu duvido que ela me deixará amarrá-la.

— Não, seu idiota... o que aconteceu antes de você começar a...

— Brincar com você? — Eu sorri.

Ela moveu-se para soltar-se do meu abraço e sentar-se sozinha, mas eu a segurei. — A doçura. Você lavando meu cabelo, você colocando sua testa na minha... essa merda é o que as pessoas normais veem como amor.

— Eu deveria ficar irritado por você estar me reduzindo a 'normal' ou mais irritado por você não parecer mais com ciúmes?

Eu podia ver o sorriso amplo no rosto dela. — Eu não estou mais com ciúmes porque ela vai te tirar realmente do sério. Ela vai ser como um cervo, com grandes olhos inocentes, presa ao seu lado. Fofa no início, mas totalmente inútil e chata. No momento em que ela fizer você ficar mal, eu vou ser a única te lembrando que você não pode matá-la ainda.

Eu travei minha mandíbula com a prepotência dela. — Ela poderia estar impiedosamente esperando por sua chance de escapar da prisão e vingar-se. Ela poderia surpreender a nós dois.

— Tudo bem. Se eu estiver errada, não reclamarei nem uma vez e apoiarei você cegamente.

Impossível, mas tudo bem. — E se você estiver certa?

— Eu chego para matá-la de qualquer maneira e na hora que eu precisar.

— Feito. — Estendi minha mão na frente de seu corpo e ela apertou. Isso realmente não importava para mim, de qualquer jeito que fosse.

— Qual é o nome dela?

Eu pensei por um segundo. — Eu acredito que é Ivy.

Ela riu novamente. — Como a vilã do Batman? Qual vai ser o apelido dela? Hera Venenosa?

— Ela vai viver o suficiente para ter um apelido? — Eu não via como. Meu objetivo era usá-la.

— Bem, você primeiro tem que continuar incitando os irmãos Finnegan. Você não pode simplesmente chamar a atenção para ela agora e matá-los. Eles não são uma ameaça grande o suficiente para fazer Wyatt reagir. Portanto, ela estará ao seu lado...

— Pela porra do período mais curto possível. Ela pousará seus olhos de corça na prisão até eu estar pronto para eliminar os irmãos. Wyatt ainda tem mais alguns meses antes de terminar a residência. Nós faremos isso em torno do meu 28º aniversário. Eu vou parecer mais desesperado até lá. Esperançosamente, eu consigo concluir tudo em um mês ou dois. — A última coisa que eu precisava era outra Klarissa no meu maldito braço.

Ela parecia um pouco chocada, o que era estranho; nada que eu fazia realmente a chocava. — Você quer arrancar uma mulher da prisão, desfilar com ela por aí como sua noiva e depois matar a ela e a família dela em Boston, enquanto sua irmã mata seu braço direito em Chicago, e depois revela que você tem outra mulher e filho... em um ou dois meses? Quem diabos vai acreditar nessa merda?

— Importa se eles acreditam, se já está feito? — Eu perguntei, e ela esticou a mão por trás de sua cabeça e agarrou meu cabelo. Inclinando sua cabeça para trás, ela disse:

— Você é insano.

— Junte-se a mim na insanidade, então.

Um sorriso rastejou em seu rosto e ela se virou para trás, me beijando. A outra razão para esse plano louco era um que eu não precisava dizer... eu a queria do meu lado já.

*Mais um ano,* pensei enquanto apreciava o gosto da boca dela. Separando-me, eu beijei o seu pescoço, sob o espaço entre seus seios antes de deitá-la de costas e levantar suas pernas para o alto, apoiando-as nos meus ombros.

— Onde você disse que queria os meus lábios?

Antes que ela pudesse responder eu levei meu rosto entre suas coxas, deixando minha bochecha com a barba por fazer provocar sua pele macia. Espalhando as dobras de sua boceta, deixei minha língua enlouquecê-la desta vez.

# Capítulo Quinze

*“Um provérbio italiano diz: nos homens todo pecado mortal é perdoável; na mulher todo pecado perdoável é mortal.”*

*George Augustus Henry Sala*

## CALLIOPE

**26 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Terça-feira, 15 de agosto***

Eu estava me esforçando ao máximo para não dizer, eu te disse, mas o olhar de horror em seu rosto enquanto ele assistia a tela era hilário.

— Como você quer matá-la? — ele finalmente perguntou, lembrando da nossa aposta.

— Você está perguntando para que você possa imaginar e acalmar o desejo de matá-la você mesmo? — Eu comi um pouco da minha pipoca.

— Exatamente, — ele murmurou, incapaz de desviar o olhar da tela. — Como diabos ela pode ser pior que Klarissa? Como?

Eu tentei, realmente tentei, mas eu não consegui mais me segurar e eu ri. Eu ri tanto que tive que pousar meu vinho para não derramar. Ele olhou feio para mim, descontente. — O quê? Eu acho que ela é fofa.

— Ela é uma maldita imbecil! Como diabos eu deveria fingir estar tão totalmente apaixonado por isso? — Ele apontou para a mulher na tela atualmente sendo arrastada no que parecia ser uma camisa-de-força. Ela gritava histericamente feito louca, e parecia uma velha boneca de pano surrada com cabelo loiro desmazelado.

— Agora, acalme-se, — eu disse com um largo sorriso, — um pouco de sabão e água, junto com uma boa chapinha e ela vai parecer a terceira colocada no concurso Miss Festival do Milho de Illinois. — Eu tive que me parar de rir,

tomando um gole do meu vinho.

— Foda-se a aparência dela, Calliope. Eu não dou a mínima se ela é uma maldita skinhead...

— Você tem primos negros e asiáticos; você deveria se importar com isso, — eu cortei, sabendo que neste momento ele estava pronto para me matar.

Ele respirou fundo e tentou mais uma vez raciocinar comigo.

— Nós precisamos que ela seja inteligente. Isso... — Ele apontou para a tela. — Isso não é uma aparência de uma pessoa inteligente. Nós oferecemos a ela um fodido passe livre para fora da cadeia e a idiota apenas decidiu amaldiçoar nossa família.

— É um novo dia; vamos ver o que ela tem a dizer hoje, — eu disse, apontando para a tela. Ele olhou feio para mim e eu devolvi olhar, deixando meus olhos arregalados para que ele percebesse que eu queria ver isso.

Ele suspirou novamente antes de se sentar na poltrona do hotel ao meu lado. Eu peguei o controle remoto, pulando do vídeo de ontem para o de hoje. Ali, Evelyn sentava-se na pequena cabine de visitantes, percorrendo seu telefone.

— Enviar Evelyn foi uma boa escolha. Dona a teria matado e lhe dito para tentar novamente. — Eu ri, pegando outro bocado de pipoca na minha frente.

— Você sabe que isso não é um reality show de TV, certo? Esta é a nossa vida, correto? Sua chave para sair das sombras, está tudo se encaixando como planejado.

Tirei meus olhos da tela e olhei para ele. — Por que você está tão inquieto hoje? Merda. Sim, ela é burra. Mas nós sabíamos que era uma possibilidade. Inferno, eu tinha quase certeza disso. Estamos na linha de chegada, Ethan. Mesmo que ela ferre tudo completamente, entre você e eu, você não acha que podemos encontrar outro caminho?

Ele beliscou a ponte do nariz. — Eu estou completamente farto de parecer um tolo, Calliope. Nós fizemos este acordo para preparar uma armadilha para meus pais e agora nos encontramos tentando domesticar presidiários. O simples pensamento das pessoas achando que eu a escolheria, o fato de que eu enviei a minha avó para ir buscá-la na prisão, é uma vergonha maior para a minha família

do que eu pensava.

— Você está ficando mal-humorado na sua velhice, — eu provoquei e servi-lhe uma taça de vinho.

— Em que mundo 27... 28 é velho? — Ele pegou a taça de mim.

— Anos da máfia, — retruquei e ele sorriu antes de beber. Olhando para a tela, me recostei na cadeira.

— O que você acha que ela vai dizer hoje? — Eu perguntei a ele, observando enquanto eles traziam a Srta. Ivy O'Davoren para a sala.

— *Então, eles desistiram do homem negro e enviaram uma avó para tentar-me a abrir mão da minha alma. Não está acontecendo. Guarda!* — ela gritou no momento em que viu Evelyn, ao qual Ethan apenas balançou a cabeça e bebeu.

O guarda não lhe deu atenção. Ele simplesmente andou até Evelyn com uma xícara de chá.

— Sinto muito, não tínhamos creme, — disse Jimmy na voz mais educada que eu já ouvi. — Há mais alguma coisa que eu possa lhe arranjar, Sra. Callahan?

Ao ouvi-la ser chamada de Sra. Callahan, a cabeça loira de Ivy girou rápido de volta para olhar para ela. Em um piscar de olhos ela se lançou em direção a Evelyn, e eu ouvi o vidro se quebrar ao meu lado.

Eu olhei para Ethan, que agora estava segurando o vidro quebrado em sua mão. Sua mandíbula estava tensa e seus olhos mortais enquanto ele olhava com raiva para a tela.

— Ela acabou de tentar atacar a minha avó? — Ele não estava realmente perguntando; ele estava em estado de descrença. Pegando o guardanapo, limpei a mão dele. Felizmente, ele não tinha se cortado o suficiente para sangrar.

— Vou matá-la, — disse ele enquanto pegava cacos de vidro.

— Eu ganhei a aposta, — lembrei a ele, voltando para o meu lanche. — Você é tão dramático às vezes.

— Você está começando a soar condescendente. — Sua voz estava tão fria quanto a morte. Eu o observei por um momento e depois o ignorei. Eu o amava,

mas Ethan era igualzinho sua filha... igualzinho a mim. Às vezes nós ficávamos mal-humorados quando não conseguíamos o que queríamos no momento em que nós queríamos. Ele estava ambos, ansioso por esse momento e o temendo também. Ter que ir tão longe, ter que fingir com ela... ele odiava isso mais do que eu, e isso me fez amar e confiar mais nele, mesmo que ele se importasse mais sobre como isso fazia ele e sua família parecerem, do que como isso fazia eu me sentir.

— *Não fale. Você só se faz parecer imprudente* — Evelyn disse rispidamente para ela na tela antes de colocar o tablet no meio da mesa.

Eu comi e observei enquanto a alma dela se partia ao meio. Eu queria poder dar zoom para poder ver seu rosto claramente. Era realmente como assistir alguém de dentro para fora. Eu nunca tinha visto tal coisa acontecer a uma pessoa sem certas drogas; era interessante. — Uau... ela realmente confiava em sua família.

— Não é uma má escolha para a maioria das pessoas, — acrescentou Ethan, um pouco mais calmo agora. — No entanto, se ela pensasse sobre isso mais rápido, ela sozinha teria juntado as peças.

— Ela não queria pensar sobre isso. Preferiria apodrecer do que ser traída, — eu disse, enojada com ela. — Ela era divertida no começo, sua coragem, sua luta, mas agora vendo como ela é um filhotinho quebrado. Eu não estou mais interessada.

— Falando de filhotes, — disse ele, chamando minha atenção, — você deu dois para a Gigi?

Eu balancei a cabeça alegremente. — Eles não são fofos? Eles têm os mesmos olhos que ela. Eu disse a ela que os encontrei, mas eu os cruzei.

— Por quê?

— Para que ela conheça alguma coisa viva que se pareça com ela.

Ele franziu a testa. — Você está com medo que ela vá sofrer bullying e você decidiu que era melhor jogar para ela algo fácil de se lidar e fazê-la se sentir bem?

Eu me virei totalmente na minha cadeira para olhar para ele. — Sinto muito, nós estamos prestes a ter um desentendimento de criação agora?

— Você deveria ter falado comigo...

— Eu peguei filhotes para a nossa filha porque queria que ela tivesse animais de estimação. Eles são uma boa maneira de ensinar a um filho disciplina e responsabilidade. Além disso, esses animais de estimação não vão ficar filhotinhos peludinhos fofos; eles vão ser maiores e mais fortes do que os lobos cinzas do Alasca. Você já viu o que um lobo cinza do Alasca pode fazer com um homem? Nada bonito. Eles são armas que ela vai aprender como controlar. Eu, por pura bondade do meu coração de mãe, adicionei as cores dos olhos como um pequeno presente para nossa filha. Agora, por onde é que você quer começar essa briga? — Eu perguntei a ele, colocando meu vinho para baixo.

— Pelo menos vamos ter a briga antes de você terminar com ela.

Eu sorri. — Ou poderíamos pular as brigas completamente e você pode concordar comigo.

— Continue sonhando, — ele respondeu. — Porém, pelo menos me diga previamente. Só porque eu não estou aqui não significa que não quero saber o que está acontecendo.

— Sim, chefe.

Ele me deu uma olhada, mas foi interrompido pela voz na tela. — *Há sete anos atrás, eu lhe disse que a vingança não conhece fronteiras e não tem prazo de validade. Eu ainda acredito nisso. Então, cuidado com o que o seu front se tornou, eu estarei fora muito em breve.*

— Parece que ela está dentro. — Eu balancei a cabeça, desligando a transmissão.

— Parece que sim, — disse ele, enviando uma mensagem de texto. — Eu tenho pessoas na prisão que cuidarão dela por agora, e quando ela estiver fora, Nari pode arrumá-la, de preferência melhor do que o terceiro lugar no concurso Miss Festival do Milho de Illinois.

Eu ri disso de novo. — Com o trabalho que ela precisará, você provavelmente não a verá até o seu aniversário.

— Estou com o coração tão partido, — ele murmurou, enviando outro texto.

— Agora é com você, — eu disse, chamando sua atenção. — Você tem

que fazê-los realmente acreditar que você se apaixonou por ela, ou que você sempre a amou. Quanto mais eles acreditarem, melhor para nós.

— Se ela não falar muito. Vou apenas substituir o rosto dela pelo seu, — ele disse indiferentemente, como se não acabasse de reclamar sobre como ele não conseguiria fingir com ela.

— E Klarissa?

— Ela não vai viver para ver a próxima segunda-feira, eu juro, especialmente depois da linha que ela cruzou, — ele respondeu cerrando o punho.

— Tem certeza de que não quer que eu cuide disso? Isso pode assustar sua nova noiva.

Seus olhos ficaram severos e todo o humor se foi quando ele falou diretamente para mim. — Não se rebaixe por isso. Foi meu engano. Ainda há um limite de constrangimento que você ou eu podemos assumir antes de começarmos a atirar um pelo outro.

Eu coloquei minha tigela de pipoca na peça central. — Eu fico feliz que você sabe. Se isso não for tratado...

— Você não confia em mim?

— Tudo bem. Vou tomar um banho antes de pegar meu voo para Boston. Eu me estiquei quando me levantei da cadeira, estalando minhas costas. — Você deveria voltar.

Ele assentiu, levantando-se e pegando a jaqueta e já caminhando em direção à porta. Eu podia dizer que ele já estava começando a tramar. Ele não olhou de volta para mim, o que foi um pouco irritante.

— Ethan, — eu chamei por ele quando sua mão alcançou a maçaneta. Ele fez uma pausa, olhando de volta para mim, confuso. — *Vieni qui e baciami*. (Venha aqui e me beija.).

Sua sobrancelha se levantou, mas ele não discutiu. Ele veio até mim e eu agarrei seu cabelo escuro enquanto ele me beijava e como sempre, suas mãos desceram até a minha bunda, segurando-a. Quando nos separamos, a mão dele ainda ficou lá. Ele olhou para mim com olhos acesos e levantou a mão para desfazer o primeiro botão da minha blusa.

— Eu tenho um voo para pegar, — eu disse a ele.

— Eu vou conseguir um novo para você. *Ti voglio* (Eu te quero.), — ele me disse. Eu hesitei, mas percebi que poderia demorar um pouco antes de termos outra chance.

Pegando sua mão, eu o levei para o quarto. Eu estava definitivamente perdendo aquele voo.

***Domingo, 20 de agosto***

Enquanto eu observava o céu se encher de fumaça negra, enquanto eu os ouvia gritar e os observava correrem em busca de segurança, eu me encontrei imaginando, pelo o que tinha que ser a milionésima vez, se eu era bipolar. Todos os testes disseram que não, mas a facilidade com que eu mudava de um extremo para o outro, estava frequentemente me confundindo. Quando perguntei ao meu avô se ele achava que era estranho também, ele apenas riu de mim.

Ele disse:

*— Calliope, você é uma mulher italiana, os extremos são a única linguagem que todas vocês têm em comum.*

Ele ficou muito divertido de eu ter perguntado. Eu tinha apenas doze anos na época, mas eu realmente achei que ele ia me dar uma palestra sobre todas as formas nas quais a mulher italiana era louca. Em vez disso, ele me disse que, não importa o quão inteligente eu fosse, não importa o quão bem eu conseguisse planejar, ou forte eu fosse, eu nunca seria capaz de domar minhas emoções. Só não estava no meu DNA. Eu pensei que ele estava sendo dramático e o ignorei. Ao longo dos últimos anos, eu tenho notado que ele estava certo, absolutamente cem por cento correto, então eu realmente não tentei mais raciocinar com a parte irracional de mim mesma.

— SOCORRO!

— ALGUÉM CHAME AJUDA!

— LIGUEM PARA O 911!

As pessoas na calçada comigo ficaram em pânico enquanto observavam a igreja do outro lado da rua queimar. Eu cliquei no botão no meu chaveiro novamente.

*BOOM!*

— OH MEU DEUS!

— É um ataque terrorista?

— De onde está vindo? — todos eles questionaram, e eu apenas fiquei atrás deles com a mão sobre a boca como se estivesse mortificada. Mais pessoas se esbarravam para sair, tropeçando nelas mesmas e sobre os outros. Eu notei Donatella sendo arrastada para fora pelo cãozinho, Tobias. Seus cabelos escuros voando em volta da cabeça dela. Eu franzi a testa para isso. Ela parecia muito sem dignidade. Eu entendia que era uma emergência, mas ela ainda deveria ter algum decoro em público, não?

*Agora, onde está Ethan? che cazzo è? (que porra é essa?)* Eu pensei enquanto o observava saindo, carregando a presidiária como se ela fosse uma fodida princesa. Meu aborrecimento só aumentou quando as pessoas na calçada comigo tiravam fotos e faziam vídeos enquanto ele a levava para o Range Rover.

— ETHAN! — Dona, que lutava nos braços de Toby, gritou até que ele a pegou, jogando-a por cima do ombro, e ela não pareceu se importar em nada que todos eles estavam aparentemente abrindo caminho para o príncipe da Disney deles da década de noventa.

— NANA! ETHAN! NANA! — ela gritou, apontando para o prédio.

Ele bateu a porta, já se virando para voltar correndo para dentro e ser o herói. Por sorte, Greyson saiu segurando Evelyn, os braços dela extremamente queimados.

*Lembrete: quando me juntar a esta família, ter um plano de sobrevivência a incêndio.*

A ambulância já estava lá e Ethan ficou de guarda enquanto a Sra. Callahan era carregada para dentro. Ele parecia atordoado enquanto olhava para ela. Quando as portas se fecharam, isso pareceu acordá-lo de repente de tudo, e ele piscou, olhando para longe. Talvez fosse coincidência, talvez fosse o meu carma, mas seus olhos se encontraram com os meus... e apesar das mudanças na minha aparência, ele conseguiu me reconhecer. Sua cabeça inclinou para o lado como se fosse questionar, como se ele não pudesse acreditar.

Eu acenei a cabeça. *Sim, fui eu. Eu bombardeei sua igreja.*

Seu nariz se dilatou e seu punho se cerrou.

*Parecia que eu estava em apuros.*

— Senhor! — Greyson correu para ele.

Eu não consegui ouvir o que Ethan perguntou a ele, mas ele não desviou o olhar de mim. Então eu mexi a boca lentamente, — Não quebre o personagem, chefe. Seu pessoal está assistindo e ouvindo.

Eu me virei e olhei para longe dele, puxando meu telefone e discando. — 911, qual é a sua emergência?

— Estou na frente da Catedral de São Pedro, há muitas pessoas feridas, precisamos de pessoas aqui! — Eu soluçava no telefone enquanto caminhava pela rua.

— Acalme-se, senhora, temos ajuda a caminho.

— Por favor, depressa! Oh meu Deus! — Eu solucei, parando na esquina quando o Range Rover de Ethan virou a esquina na minha frente. Eu olhei diretamente para Ivy, cujo cabelo loiro estava coberto de sujeira e sangue, mas ela não tinha ideia de quem eu era enquanto eles passavam.

— Você pode ver quantas pessoas...

Eu desliguei e larguei meu telefone na rua, e ele deslizou na sarjeta. Casualmente atravessando a rua, eu nem me incomodei em me preocupar com a câmera. Uma coisa que eu amava sobre Chicago era o quanto improdutivo o governo da cidade era; aquela câmera estava morta desde a semana passada. Eu aposto que eles vão consertá-la agora.

# ETHAN

**28 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Domingo, 20 de agosto***

Ela tinha perdido a cabeça.

Era isso ou ela me traiu, mas se fosse esse o caso, então ela não teria feito de uma maneira tão óbvia, nem teria falhado.

Então, obviamente, ela perdeu sua maldita cabeça. Eu tentei ligar e enviar mensagens por bem mais de duas horas. O que significava que eu não tinha nem um fodido jeito de encontrá-la e matá... e falar com ela. Embora matá-la estava parecendo muito possível no momento.

*Calliope, você...* Meus pensamentos foram interrompidos pela única mensagem no meu telefone.

*— Necrotério # 3*

Dei uma olhada para Ivy, que de alguma forma foi capaz tirar um maldito cochilo enquanto minha vida estava em chamas. Parte de mim desejou que ela tivesse morrido na explosão também... todas, na verdade. Eu estava de saco cheio com cada-maldita-pessoa.

Levantando-me da minha cadeira, eu saí do quarto e Greyson olhou para mim, esperando pela minha instrução. Tobias ainda não estava aqui, ele estava provavelmente com Donatella.

— Não deixe ninguém entrar. Eu tenho algo que eu preciso lidar, — eu ordenei, caminhando em direção aos elevadores. Os guardas apertaram o botão para mim e eu entrei sozinho. Eu o levei para baixo no segundo nível antes de descer naquele andar. Olhando em volta, encontrei a maldita escada, todo mundo estava ocupado demais com o massacre de corpos para sequer me notar. Eu desci a escada branca e fui atacado pelo cheiro esmagador de desinfetante. Ninguém estava ali, o que deve ter sido porque todos os médicos legistas foram chamados para a porra da minha igreja para recolher as malditas vítimas dela.

— Dia difícil? — perguntou ela, sentada no lado oposto da porta, bem na frente de um corpo ensacado. Ela estava vestida com um terno preto bem ajustado, um corpete de renda por baixo, que normalmente a teria feito se destacar ainda mais, se não fosse pelos grandes crocodilos cravejados de diamantes que ela usava como colar, um mordendo o outro. Eles combinavam com seus saltos pretos. Ela não estava disfarçada também, não como mais cedo.

Eu estava confuso, mas neste momento a aparência dela não importava. — Você bombardeou minha igreja.

— Eu bombardeei, você pegou meus bodes expiatórios? — ela perguntou, despreocupadamente se levantando da cadeira e colocando as mãos nos bolsos.

Agora eu estava irritado com seja lá qual fosse a porra do show que ela estava montando.

— Você bombardeou minha igreja, Calliope! — Eu gritei com ela já que ela não parecia entender. — Você bombardeou a porra da minha igreja enquanto eu e minha família ainda estávamos lá dentro.

— Pela terceira vez, sim, eu bombardeei.

— Porra, explique-se antes de eu...

— Antes de você fazer o quê? — ela perguntou, uma sobrancelha levantada. — Agarrar-me pela garganta? Desculpe, eu não tenho tempo para brincadeira pervertida hoje.

— Isso não é um jogo! — Eu berrei. — Que porra deu em você?

— Em mim? — ela questionou, apontando para si mesma.

— De quem diabos mais eu estaria falando...

— Pragueje para mim novamente, filho da puta, e eu vou enfiar meus saltos na sua garganta! — Ela teve a coragem de me atacar. A mim, que tive que assistir minha avó sofrer em agonia por causa de uma bomba que ela plantou. A mim!

— Você perdeu sua maldita cabeça! — Eu queria quebrar seu pescoço. — Minha avó está em cirurgia por sua causa!

— Seu argumento?

Eu agarrei a garganta dela dessa vez e a atirei para baixo na maca, bem ao lado do corpo. — Ninguém machuca minha família...

— Exceto você? — Ela enfiou os dedos dentro dos meus olhos e me chutou no estômago. Eu senti a dor apenas brevemente antes de ela torcer meu pulso para o lado, forçando-me a soltar meu aperto em sua garganta. Ela me chutou com força na cadeira antes de puxar uma arma.

— Que diabos... ah... — Eu grunhi quando ela atirou no meu pescoço. Levantando a mão, retirei uma agulha. Se eu não estava falando sério sobre matá-la antes, estava falando sério pra caralho agora. — Você atirou em

mim.

— Tecnicamente sim, atirei, mas é um agente calmante, não uma maldita bala. — Ela limpou o paletó. Minha raiva era agora apenas um aborrecimento fraco. Ela se ajoelhou na minha frente e me examinou. — Está começando a fazer efeito, não é?

Eu belisquei a ponte do meu nariz. Calmamente, eu disse a ela:

— Meu corpo pode estar calmo, mas eu ainda quero matar você.

— Dê um segundo; isso vai desaparecer também. — Ela ficou de pé. — Eu não consigo conversar com você quando você fica furioso.

— Que tal não me deixar furioso para começar? — sugeri

— Lembra de um ano atrás quando eu te liguei para te falar sobre a Grams? Você gostava daquela bruxa velha, mas confiou em mim o suficiente para não questionar. Você pode voltar para aquele Ethan?

— Assim que você voltar para a Calliope que liga e me diz que porra ela está tramando antes de ela fazer.

— Eu tentei, — disse ela, e eu finalmente olhei para ela. — eu liguei. Você não atendeu. Estive até na sua casa ontem, mas você não notou. Você estava muito encantado com a sua pequena prisioneira. Que voz bonita ela tem. Eu deveria implorar por sua atenção? Eu não sou uma criança, Ethan. Só porque você está distraído com o trabalho não significa que eu vou esperar até você terminar.

Levantando-me da cadeira, eu a encarei. — Quando se trata da vida da minha família, você espera, porra.

TAPA.

Eu exalei pelo nariz cerrando a minha mão em um punho para evitar bater nela de volta.

— Giovanna e eu somos sua família. Ou você esqueceu?

Eu segurei seu olhar, incapaz de falar. Isso é o quanto eu estava puto; não conseguia mais juntar as palavras.

Ela cruzou os braços e olhou feio de volta para mim. — Você acha que o meu amor por você se estende para o resto de sua família? Eu espero que não,

porque este seria um erro de cálculo da sua parte. Eu não os conheço. Eles não me conhecem. Você precisa deles, e porque eu preciso de você, ajudo você a protegê-los. No entanto, se alguma vez isso chegar até você ou até nossa filha, eu explodiria o estado. Sua avó ficou machucada. Ela não está morta...

— Ela poderia ter morrido...

— Il Triste Mietitore poupou-a por enquanto, que ela fique em paz. — Ela fez o sinal da cruz como o maldito Papa sobre mim, algo que ela fazia quando não iria aceitar nenhum outro jeito que não fosse o dela. — A propósito, não estou simplesmente arrasando nesse terno? Eu quase entrei em pânico porque achei que tinha sangue nele. Valentino ainda está um pouco abalado desde a última vez que eu o vi, por isso duvido que ele seja capaz de fazer um novo tão cedo. Felizmente, essa catástrofe foi evitada.

Eu senti minha sobrancelha se contrair enquanto a encarava. Eu às vezes esquecia... que a doçura em sua voz, a bondade em seus olhos, a inocência de seu rosto era tudo mentira. Ela se assegurava de que todos ao seu redor se esquecessem de como ela era perigosa, de modo que quando ela atacava, era duas vezes mais cruel. Minha mãe era fria. Ela mantinha as pessoas a uma certa distância, apenas longe o suficiente para que ela pudesse acabar com você sem sujar os sapatos dela. Calliope era o oposto. Ela te puxava para perto, te abraçava, beijava as suas duas bochechas e depois cortava sua garganta.

Respirando fundo, eu falei novamente. — Qual poderia, possivelmente, ser a razão que você decidiu jogar uma igreja sobre as nossas cabeças?

— Os bodes expiatórios que eu tirei do combate… eles estavam planejando um massacre. Não apenas eles, existem alguns outros que estão prontos para usurpar a família Callahan. Ia ser como *O Poderoso Chefão* lá dentro.

— Uma simples nota, um maldito sinal de fumaça se você não pudesse encontrar papel, e eu teria...

— Todo o objetivo disso, de Ivy, de Klarissa, é que nós poderíamos usar uma pedra para matar todos os malditos pássaros. Se você não parar esses traidores, então mais continuarão tentando!

— Eu perdi hoje, Calliope! Ninguém sabe que foi você! Isso só parece que eu sou o filho da puta que nem consegue proteger a porra da sua avó! Você me

transformou em um tolo maior do que eu alguma vez já fui! Eu tenho oportunistas lutando em torno de mim, meu irmão e minha irmã estão saindo dos trilhos, não preciso dessa merda vinda de você.

— Seu ingrato... eu te transformei num herói hoje! — ela gritou de volta para mim. Ela ergueu as mãos, rangendo os dentes como se fosse rasgar meu rosto com suas garras.

— Como isso é heroico?

— Todo mundo viu você carregar sua linda noiva para fora, depois correr de volta para pegar sua avó! O que você acha que vai acontecer quando você sair e andar por aí? A razão pela qual você tem tantos filhos da puta traindo você é porque eles têm esquecido porque eles precisam de você! Eles esqueceram que o poder nas mãos de qualquer outra pessoa poderia ser pior! Eu os lembrei! Os irmãos Finnegan se parecerão como monstros.

— O maior monstro vence...

— Não. O monstro mais amado vence, — continuou ela, tendo a audácia de ficar irritada comigo. — Todo mundo precisa se lembrar que esta deve ser a era moderna, mas as pessoas ainda são e sempre serão selvagens! Elas precisam temê-lo, mas ainda precisam gostar de você. Elas precisam se sentir como você, e sua maldita família tem se esquecido deles. A igreja caiu sobre a sua família assim como caiu sobre eles. Vocês estão todos do mesmo lado agora. Deixe-os enxergarem isso.

Não havia como argumentar com ela. De jeito nenhum.

— Belo pretexto, — eu sussurrei para ela e ela manteve seu rosto inexpressivo. — Eu tenho certeza que a maior parte disso é verdade, e é por isso que soa tão lógico. Mas lá no fundo, eu também tenho certeza que você fez isso por raiva. Eu te ignorei ontem...

— Ah, por favor, eu não sou assim mesquinha.

— Você é exatamente mesquinha assim. — Eu a conhecia melhor do que qualquer um. — Você viu todo mundo se reunir em torno de Ivy, aplaudi-la, parabenizá-la e chamá-la de Sra. Callahan. Uma mulher que você disse que parecia com o terceiro lugar no Miss Festival do Milho de Illinois capturou a atenção e luxúria de todos... até mesmo a minha. Ela não era igual a Klarissa, e isso irritou você. Na sua raiva, você nos explodiu e, porque você é esperta, você

sabe o que dizer para que pareça de outra forma. Se você estivesse conversando com qualquer outro homem, tenho certeza de que sua primeira desculpa teria sido suficiente, mas eu não sou como eles. Eu não vou ficar aqui e fingir que você não cruzou a linha.

Ela deu um passo para a frente, seus olhos cinzas brilhando diretamente nos meus. — Mate-me então.

— Não me pressione neste momento, Calliope...

— Não me venha com besteiras neste momento, Ethan. Você não pode, e você não vai, porque você me ama e não há linhas. E mesmo se você estiver certo, minha primeira desculpa ainda é mais do que boa o suficiente. Mas, ei, sua majestade falou. — Ela me fez uma reverência sarcástica, até acenando a mão como uma maldita rainha antes de levantar seu dedo do meio no meu rosto. — Então eu vou dar um passo para trás em sua linha de besteiras imaginárias e me dar umas férias bem merecidas de você. Estou cansada de salvar sua fodida bunda, de qualquer maneira.

Ela revirou os olhos e começou a se afastar de mim, e por alguma razão isso me irritou mais do que qualquer outra coisa que ela disse. Ela estava tirando férias? Salvando minha fodida bunda?

Ela quer me atingir? Tudo bem. Eu podia fazer o mesmo.

— Eu vou casar com Ivy hoje. — Ela congelou diante das portas duplas. Eu esperava que ela girasse para trás e me chutasse no rosto.

— *Evviva gli sposi,* (Longa vida aos noivos). — em vez disso, foi sua única resposta quando foi embora.

Como uma mulher podia ser tão boa em me irritar? Ivy e Klarissa me incomodavam, mas Calliope deixava meu sangue fervendo. Que porra é essa?

Como diabos ela podia quase matar a mim e a minha irmã, queimar minha avó viva e me fazer sentir como o maldito idiota? Eu não fiz uma fodida coisa errada!

Eu agora entendia aquele velho provérbio italiano: *Nunca subestime o poder de uma mulher com sangue italiano.*

# Capítulo Dezesseis

*“Mentiras exigem comprometimento.”*

*Veronica Roth*

## ETHAN

**28 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Domingo, 20 de agosto***

— Você me mataria também? — Ivy sussurrou.

— Não é a pergunta mais sábia neste momento. — Ela não percebia como era imprudente, considerando que eu estava praticamente farto com as mulheres. Irlandesa, italiana, a esta altura eu não me importava. Elas estavam todas me deixando louco. Por que as pessoas realmente procuravam amantes? Uma mulher era frustrante o suficiente, quanto mais outra pela qual eu não me importava absolutamente nada.

Suspirando, eu tentei prestar atenção nela. Eu esperava que ela pirasse de novo, mas em vez disso ela ficou deitada ali, olhando para mim com aqueles grandes olhos azuis dela, toda fraca e patética. Isso me fez imaginar o que Calliope diria ou faria se a visse.

— Se você não precisasse de mim para, seja qual for o plano que você está preparando, você teria se casado com Klarissa. Você quer desesperadamente vencer, então você prefere se ater ao seu plano e ter que matá-la... depois, e eu? O que acontece quando eu não for útil ao seu plano? O que acontece se você precisar de alguma outra mulher para a sua estratégia? Eu acabarei morrendo? — eu quase caí da cadeira.

Ela estava certa. Cem por cento certa. Ela podia sentir isso? O machado pairando sobre o seu pescoço pronto para levar a cabeça dela depois? Calliope gostava de facas; deste modo poderia muito bem ser como ela a mataria.

— Eu ouvi o seu tio Neal... ele matou a esposa dele, então...

Eu a cortei explicando a história do meu tio Neal e sua ex-esposa. Mas ainda assim, ela olhou para mim como se não acreditasse em mim. Ela estava assustada. Seu medo, sua falta de determinação e confiança me aborrecia. Ainda pior, ela deixava mais difícil para mim ignorar Calliope. Eu não pude deixar de compará-las e de todas as formas, ela era insuficiente. Ivy era mais esperta do que nós havíamos lhe dado crédito, e era por isso que ela podia sentir a verdade, mas ela ainda queria ter esperança por algo diferente. Eu nunca teria essa conversa com a Calliope. Ela nunca duvidaria dela mesma ao meu lado. Na mente de Calliope, nós estarmos juntos era mais do que divinamente ordenado. Mesmo se eu acordasse amanhã e dissesse que não a queria, ela tentaria me espancar até a morte e depois me acorrentaria até eu ver do jeito dela. Não havia espaço para dúvida ou conversas estúpidas como essa. Calliope era muito territorial, mas eu também era, e provavelmente faria tudo o que ela faria se os papéis fossem invertidos. Mesmo assim, não havia espaço para dúvida ou conversas estúpidas como essa.

— Tudo bem, mas...

— Nada de “mas”. — Meu Cristo, eu tenho que ficar de joelhos e elogiá-la? Ela não sabia o maldito dia que eu acabei de ter? Eu não tinha tempo ou energia para fazer essa merda. Suspirando, dei a ela o que ela queria. — Eu me casei com você. Escolhi você. Sabia que isso significava até o dia em que eu morresse. Eu disse a Klarissa no primeiro dia em que ela apareceu na minha frente que nunca ia me casar com ela. Que nunca a amaria. Ela se atreveu a esperar que de alguma forma eu visse a luz e me apaixonasse. Portanto, sou um homem de palavra. Sempre fui.

Eu nunca fui um homem de palavra. Eu era filho de duas fodidas famílias mafiosas; como diabos poderia ser um homem de palavra? Eu era um homem de ameaças, mas nunca de palavra.

— Um gangster com sofisticação e moral, — ela repetiu, e eu quase revirei os olhos. Ela tinha a habilidade de arruinar o pouco de humor que eu tinha colocado em nossa conversa.

— Se eu soubesse que você continuaria repetindo isso, eu teria tentado tornar isso mais atraente. — Bocejei, esperando que ela recebesse a mensagem e calasse a boca para que pudéssemos dormir.

Mas pistas de contexto não pareciam ser o forte dela.

Ela deu um risinho. — Qual é a sua palavra para mim?

Ela não estava falando sério. De q*uanta segurança ela precisava? Lembre-se para o que é isso, Ethan. Quanto mais cedo você passar por isso, mais cedo... mais cedo eu resolvo meu relacionamento.*

Levantando-me da cadeira, fui até o lado dela da cama. Ela olhou para mim e eu me abaixei e a levantei, deitando-me de costas com ela descansando em cima do meu peito. Mais uma vez, parecia que eu estava me prostituindo, mas eu tinha chegado longe demais agora para recuar sobre algo assim.

*Algo romântico... Algo romântico? O que porra era romântico para ela?* Eu dei uma olhada para baixo e vi o anel.

— Quando eu coloquei este anel no seu dedo, acredito que minhas palavras exatas foram: 'Eu amarro minha vida à sua, nos bons e maus momentos, na doença e na saúde. Ele é um símbolo do meu amor eterno, minha amizade perpétua e a promessa de todos os meus amanhãs. Uma recordação externa de nossa unidade interior. Eu renuncio a todas as outras, eu escolhi você, até que a morte nos separe. — Repetir os votos era o melhor que eu podia fazer agora.

Ela levantou a mão para nós dois olharmos. — Não conta se há uma mentira nisso.

— Que mentira? — *Vá dormir, droga*. O que eu faria por um dos venenos de Calliope agora.

— Quando você diz meu amor eterno e minha amizade perpétua... quando você se apaixonou por mim? E quando nos tornamos amigos?

*De todas as mulheres do mundo*. Suspirando, fechei meus olhos, farto de toda essa merda agora.

— Ivy, ninguém está tomando o seu lugar ao meu lado. — *Porque você nunca teve um lugar*. — Eu não estou abandonando você. — *Porque nunca te conquistei... você é um empréstimo da prisão.* — Então, pelo amor de Deus, cale a boca e me deixe dormir.

Eu fechei os olhos e fingi estar adormecido, sabendo que era o único jeito de fazê-la calar a boca por enquanto. Eu ia ter que descobrir um jeito de fazê-la se sentir como se estivesse no controle sem realmente dar controle a ela. Seus

instintos estavam dizendo a ela para não confiar em mim. Felizmente ela não os escutava, mas eu não queria repetir essas conversas novamente.

*Ela está olhando.* Eu podia sentir seu olhar em mim.

*Sexo? Talvez? O que mais fazia uma fêmea se sentir mais poderosa do que ter um amante se curvando perante ela. Querido Jesus Maria Cristo fodido... eu ia realmente fazer isso?*

Eu entendo por que Calliope se sentia tão impaciente. Nós estávamos tão perto do fim; nós tínhamos apenas que superar isso e ela, junto com minha filha, poderiam finalmente vir para casa.

Pensei nos rostos dela e de Gigi, imaginando as duas aqui. As lutas que Calliope e eu teríamos, e os planos que faríamos. Quanto mais pensava sobre isso, mais eu percebia que não estava mais chateado sobre a igreja. Eu já a tinha perdoado. Não, era além disso... isso agora parecia irrelevante se ela não estava aqui.

Eu me tornei meu pai. Assim como ele fez com a minha mãe, deixei de lado os pecados dela, porque eu preferia tê-la a insistir nisso.

*Eu não estou me desculpando para ela,* disse a mim mesmo. Pelo menos não verbalmente... mas eu poderia usar os acontecimentos atuais que ela criou.

Quando eu “acordasse”, eu prepararia Ivy e depois iriamos para Boston. Culpá-los pela bomba era um motivo bom o suficiente para fazer uma visita aos irmãos Finnegan. Isso e nosso “casamento”.

Um mês... eu só precisava de um mês, e isso estava terminado.

# ETHAN

**28 ANOS**

**Boston, Massachusetts**

***Quarta-feira, 23 de agosto***

— Oh meu Deus, o que é isso? — Ivy gemeu, dando uma mordida no bagel na frente dela, se esticando para pegar mais da gelatina enquanto eu enviava outra mensagem de texto para Calliope. Ela ainda não estava respondendo.

Já faz três fodidos dias!

Não importa quantas vezes eu ligasse, não importa quantos textos eu enviasse, ela não respondia.

— Tomate, aparentemente, — eu respondi a Ivy, apenas parcialmente a ouvindo. Ela era como um cachorro de estimação. Contanto que ela tivesse comida e eu lhe desse um tapinha na cabeça, ela ficava bem.

*Se todas as mulheres fossem tão fáceis,* pensei, enviando outra mensagem para Calliope... ainda sem resposta. Ou algo aconteceu com ela, o que eu duvidava, ou ela estava se mantendo fiel à sua palavra e estava de férias de mim.

Ivy não estava falando tão alegremente como antes.

— Dê-me um pouco, — eu exigi e ela alegremente me deu uma mordida da torrada. — Boa, mas ainda assim não vale o preço.

— Shh, — ela suspirou, colocando as mãos sobre a geleia. — Ela vai ouvir você.

Eu dei uma olhada para ela e era como se ela estivesse abanando o rabo implorando para eu acariciá-la e dar-lhe atenção. Era por isso que eu não gostava de filhotes. Tão carentes. Largando meu telefone na mesa de cabeceira, eu lhe dei essa atenção.

# ETHAN

**28 ANOS**

**Boston, Massachusetts**

***Quarta-feira, 30 de agosto***

*— Calliope, já se passaram dez dias. Pelo menos, deixe-me saber que você está viva e que Gigi está bem também.*

Eu estava prestes a colocar o telefone no meu bolso, mas eu recebi uma resposta instantânea desta vez, e como se estivesse carente, chequei-a imediatamente, apenas para receber duas palavras de volta.

*— Estamos vivas.*

De repente, eu estava puto de novo. Eu tinha quase certeza que preferia que ela não respondesse. Ao menos assim, eu podia mentir para mim mesmo e dizer que ela estava sendo teimosa e não estava lendo minhas mensagens. Mas agora eu tinha certeza que ela estava recebendo cada uma, então claramente, ela ainda estava me punindo.

*— Isso é um pouco imaturo, Calliope.*

Sem resposta.

Maldita vad... *acalme-se, Ethan. Foco*. Colocando o celular longe, eu me sintonizei de volta à conversa acontecendo ao redor da barbearia do Carofiglio novamente. Eu era capaz de me inserir facilmente, não era como se eles estivessem conversando sobre alguma coisa que precisasse de muito pensamento, de qualquer maneira. Eu sentia como se estivesse no piloto automático, meus pensamentos ainda em Calliope.

— Dê-me um nome.

Eu olhei do meu cabelo que estava sendo cortado. Ivy sentou-se séria na cadeira, esperando. *Dê-me um nome? Você ganha um maldito nome! Que porra você fez para ganhar alguma coisa?* Além de dormir, comer e esperar por mim para tocá-la, ela não fazia nada. Mas isso não parecia importar para ela; ela esperou mesmo assim, junto com toda a maldita loja.

Que porra de desgraça.

— Belladonna, — eu disse a ela.

— Ivy, a Beladona Callahan, — ela sussurrou para si mesma e então sorriu, acenando a cabeça alegremente.

A Belladonna Callahan? Ela pensou que isso era um elogio? A baga da beladona era usada historicamente na Itália para ampliar as pupilas das mulheres,

dando-lhes uma aparência impressionante. Era uma coisa de insegurança, as mulheres feias usavam para aumentar a capacidade de atração delas. Belladonna significava beleza falsa, beleza fabricada. Isso é o que ela era. Além disso, Belladonna tinha produtos químicos que podiam interferir no sistema nervoso do corpo. Ela não entendia nada disso. Ela não entendia que ela era venenosa para mim. Ela era uma beleza fabricada me bloqueando da verdadeira beleza. Bloqueando-me de fazer o que eu realmente queria fazer... ir para casa.

Alcançando meu telefone novamente, eu mandei uma mensagem, mais uma vez. Vamos ver até onde o tratamento silencioso dela iria.

*— Eu preciso que você mate a namorada de Wyatt.*

Nenhuma resposta... então, só o tempo diria.

# ETHAN

**28 ANOS**

**Boston, Massachusetts**

***Quinta-feira, 7 de setembro***

— Seu irmão está lá e ele parece uma merda, — Ivy disse enquanto eu tentava ir para a sala de estar.

— E?

Ela olhou para mim como se quisesse me chutar.

— E ele obviamente veio porque queria conversar...

— Eu duvido. — Eu dei a volta nela. Ele provavelmente estava aqui porque Calliope matou sua namorada.

Ivy entrou na minha frente, bloqueando meu caminho. — Se você não abrir a porta, eu juro, sem sexo, sem álcool, sem pipoca.

— Esse código é para alguma coisa? — Eu perguntei por que eu, com certeza, não dava a mínima. Eu não me importava sobre o sexo com ela; não só

eu tinha que me forçar, mas era chato e maçante. O álcool era a única coisa que me impedia de perder a cabeça e a pipoca me lembrava Calliope.

— Vá... — Ela parou quando Wyatt entrou segurando uma garrafa de uísque, meu maldito uísque, que o merdinha estava bebendo com uma mão e segurando o meu saco de pipoca na outra. Ignorando a nós dois, ele entrou na sala de estar, tirou sua bata de cirurgia e sentou sua pequena bunda egoísta confortavelmente no sofá. Pegando o controle remoto, ele mudou para, é claro, *O Poderoso Chefão*. Ele simplesmente assistiu ao filme, comendo e bebendo tranquilamente.

— Eu acho que ele está quebrado, — Ivy sussurrou para mim e eu fiz um esforço para não revirar os olhos.

— Ele está se escondendo, — eu corrigi, indo para a sala de estar, empurrando Wyatt do maldito sofá para o chão, para que eu pudesse me deitar. Eu não ia dizer uma maldita palavra, embora eu estivesse interessado em como diabos Calliope conseguiu, visto que ela não iria me responder.

Eu assistia o tiroteio de McCluskey e Sollozzo quando de repente a televisão desligou e nós viramos e olhamos para ela. Ela não sabia disso, mas você não desliga a porra da TV quando *O Poderoso Chefão* estava passando.

Ivy falou com Wyatt. — Wyatt, seu irmão e eu estávamos prestes a conversar sobre algo importante até sua bunda de Gollum[6] aparecer. Então, a menos que você tenha uma boa razão para estar aqui, eu vou pedir para você ir embora...

— Minha namorada morreu hoje, — disse ele sem expressão, olhando para ela. Eu me mantive sem emoção, ou então eu sorriria. — Algum lunático drogado a esfaqueou. Eu tentei ajudá-la. Ele cortou meu braço. Eu queria culpar o Ethan. Mas o que eu ia dizer? Por que você parou de fornecer drogas para a cidade? Soava sem sentido até para mim.

Um lunático drogado? Como ela fez isso? As chances de qualquer homem enlouquecido encontrar sua namorada eram quase nulas. Foi Calliope, eu tinha certeza disso. Ela nunca deixava de me impressionar. Ela realmente era uma assassina. Ninguém jamais pensaria que foi proposital.

Ivy olhou para mim e ela, de fato, parecia pesarosa. Ela realmente era incapaz de estar nesta família.

— Wyatt, eu sinto muito...

— Eu preciso de um lugar para ficar por algumas horas, — ele informou a ela. Eu poderia dizer que ele não dava a mínima para a mulher. Ele estava mais chateado com o filme. Ele estendeu a mão para o controle remoto.

— Por que não na sua própria casa? — Eu perguntei quando ela entregou o controle remoto de volta para ele.

— Porque as pessoas viriam para me checar. Isso é o que acontece quando as pessoas gostam de você, — o merdinha disse, enchendo sua boca de pipoca. — De qualquer forma, eu realmente não tenho energia para fingir estar triste na frente deles, graças aos turnos loucos que eu tenho puxado.

Essa não era a resposta que eu queria, e nem acreditava nela. Se ele não quisesse ver ninguém, ele teria trancado a maldita porta.

*Ele sente falta disso.* Seu orgulho simplesmente não iria permitir que ele admitisse. Ele se explicou para ela e era vergonhoso que ela não podia ver a verdade sozinha. Eram pessoas como ela que me frustravam; eu não entendia como elas não podiam ver o óbvio. Wyatt e Dona podiam, mas o problema era que eles estavam sempre a alguns passos atrás. Mas, eles são muito mais espertos do que aqueles como essa desgraça fingindo ser minha esposa. — E se temos que chorar, choramos pela família.

— E se temos que chorar, choramos pela família, — eu repeti. Nosso pai tinha perfurado isso em nossas mentes.

Ivy se aproximou para se deitar no meu peito e eu queria jogá-la fora.

— Quando você vai matar os irmãos Finnegan e sair da minha cidade? — Wyatt perguntou e isso foi divertido. Ele estava pronto. Ele queria voltar para casa. Parte de mim queria fazê-lo implorar, fazê-lo dizer isso com a própria boca. Mas eu não tinha esse tipo de tempo.

— Se é a sua cidade, por que diabos você está me pedindo para salvá-la? Por que você não os mata você mesmo? — perguntei a ele.

— O Juramento de Hipócrates, — ele respondeu e eu bati na parte de trás de sua cabeça. Por que diabos ele tem que ser tão difícil?

— O grande Ethan Callahan, um homem tão perigoso que pessoas morrem mesmo quando ele não faz nada, — resmungou Wyatt.

— Wyatt Callahan, um homem tão astuto que convenceu o mundo que ele é um anjo, — falei ríspido. Ele não era melhor do que nós... ele era exatamente o mesmo.

— Eu...

— Todos, menos seus irmãos, claro. Nós sabemos o que você fez em Chicago, — eu continuei e ele parou. — Eu tenho certeza que você fez aquilo por um bom motivo. Não muda o fato que você fez, muda agora? Que você é exatamente como o resto de nós... ambos, herói e vilão. — Uma criança de Liam e Melody.

Nós conversamos mais antes de ele sair, e Ivy foi procurar mais comida. Eu peguei meu telefone para mandar uma mensagem para ela.

*— Quando você terminar suas férias, eu me desculparei. E você a matará então.* — Eu mandei uma mensagem, embora eu não tivesse certeza pelo o que eu estava me desculpando. Isso realmente não importava.

*— Eu não estarei livre por mais duas semanas. Você vai precisar coordenar até lá.*

*— Trabalho?*

*— Nossa filha está em uma peça na igreja.* — ela respondeu, e eu segurei minha mão sobre a boca para esconder meu sorriso quando ela me enviou uma foto. Nossa filha vestida de anjo, halo e tudo.

*— Eu posso coordenar. Eu deixarei o caos crescer aqui. Envie-me um vídeo.*

*— Eu vou.*

*— Eu sinto sua falta.* — Eu esperei, mas ela não respondeu imediatamente, então eu continuei. *— Quanto mais tempo passo com mulheres que não são você, mais eu percebo que preciso de você.*

*— Bom.* — Ela mandou uma mensagem de volta. *— E eu também sinto sua falta... nós duas sentimos. Wyatt está pronto?*

Eu dei um grande sorriso. *— Não. Wyatt ainda está em negação. Eu vou ter que forçá-lo. O que significa que eu posso ficar machucado.*

*— Isso trará à tona seus pais.*

*— Você não está preocupada comigo ficando machucado?*

*— Eu te salvarei.* — Ela respondeu. Ela gostava desse papel, ser a minha heroína. *— Então, estamos pegando apenas Wyatt?*

*— Eu não tenho certeza se eles vão aparecer e agora não importa. Nós vamos voltar com ele. E você pode reivindicar sua aposta.*

*— Finalmente.*

— Eu não sei o que há de errado comigo. Eu tenho comido como uma maldita vaca. — Ivy disse quando ela voltou com uma tigela grande de macarrão, dois sanduíches e saco de batata frita, tudo em uma bandeja.

— Isso não é normal para você?

— Eu não estou repartindo, — ela acrescentou, enfiando um garfo cheio de macarrão em sua boca. Isso não ajudou minha opinião sobre ela. No entanto, provou que as drogas de Calliope já estavam causando um estrago nela. Ela nunca deixaria o que aconteceu com Klarissa acontecer novamente.

***Quarta-feira, 20 de setembro***

Eu não disse nada e não ousei desviar o olhar dela. Sair desta com vida dependia de ela permanecer focada. — Você vai ficar bem.

— Talvez você não entenda a situação aqui! — ele gritou, e eu ainda não olhei para o rosto dele.

BANG!

Eu me encolhi pela primeira vez desde que era criança, quando ele atirou no ombro dela. Ela mordeu o lábio inferior com força, engolindo seus gritos e sua dor. O sangue encharcou sua blusa. Ela não era forte o suficiente. Se ele a pressionasse, ela quebraria... e isso se agravaria. Eu precisava desse filho da puta vivo para que Wyatt pudesse matá-lo.

— Olhe para mim! — ele berrou, e eu olhei então, incapaz de parar minhas mãos de tremerem. Poderia ter parecido medo, ou mesmo raiva, mas era excitação.

— Deixe. Ela. Ir, — eu disse com os dentes cerrados, tentando não rir.

— Vá se foder! — eu gritei, observando quando a perna dela se dobrou e ela caiu para a frente, lamentos silenciosos, a única coisa saindo de sua boca. Ele a pegou e segurou-a com força contra ele.

Quando tudo isso acabasse, eu acredito que merecia um Oscar pelo meu desempenho do marido irado.

Antes que ele pudesse terminar sei lá que porra ele estava dizendo, Ivy levantou a mão, segurando um pedaço de algo que eu tinha quebrado, e o deslizou pelo rosto e sobre os olhos dele o mais rápido que pôde. — Eu tenho braços longos, filho da puta!

*Jesus Cristo filho da puta, Ivy! Não faça nada! Eu disse, não faça absolutamente nada! Maldição, por que isso era tão difícil? Eram apenas algumas balas!*

Tudo bem. Hora do plano B.

Eu me lancei da janela sobre o sofá, derrubando-o no chão, meu punho colidindo com o rosto dele.

— Seu pequeno... — Eu comecei a gritar, distraindo-o do movimento que fiz com o meu corpo, permitindo que ele atirasse em mim.

O plano era para eu ter tanta preocupação com Ivy que eu o deixaria ir. Eu ficaria preocupado em salvar a vida de Ivy, e Wyatt iria matá-lo mais tarde. É claro que eu não contei a Ivy que sua morte fazia parte do plano. Eu simplesmente disse que Elroy não a mataria, e ele não iria. Isso era para Calliope fazer, de forma semelhante à qual Ivy tinha feito com Klarissa. Calliope se divertiu com a ironia de tudo isso. E ela me chamou de dramático.

*Mais uma vez, eu apenas me deixei levar um tiro.*

Elroy e eu lutamos até...

*Bang!*

— Merda do caralho... — ele gritou, agarrando o ombro.

— Dói como uma cadela, não é? — Ivy disse, apontando a pistola para ele. Ele congelou, olhando para ela. — Você está certo. Eu sou um pouco insana. Você atirou em mim e no meu marido, Elroy. Você ameaçou me estuprar... EM NOSSA FODIDA CASA!

— Prima...

— CALE A BOCA!

— Fuja, — eu disse a ele. Ela tinha perdido a perspectiva. Ela estava enfurecida e, na verdade, o mataria se pudesse. Eu não precisava dela estragando tudo mais do que ela já tinha estragado.

— Ethan...

— Fuja. Vamos chamar isso de um empate. Desça a escada, para o porão, saia pela janela. Nenhum dos policiais vai te pegar. Isso é entre nós homens. Você realmente quer que ela te mate? Vai. E reze para nós não nos encontrarmos novamente.

— Ethan! — Ivy gritou.

— Ivy, não atire nele! — Eu falei rápido para ela. — Ele é meu para matar.

E eu já tinha escolhido como ele ia morrer. Ela havia esquecido tudo o que eu disse a ela. Maldita mulher inútil.

— Vigie para garantir que ele saia, — eu tive que dizer a ela por que ela não tinha bom senso. — Tranque a casa.

— Eu queria matá-lo. Eu poderia tê-lo matado.

*Eu não me importo com o que você quer, ou acha que você poderia ter feito. Você não tem inteligência para ambos.*

— Você só tinha uma bala. — *Sua idiota!*

Eu deslizei para o chão, olhando para o meu próprio sangue em minhas mãos. Hoje realmente não era o meu dia. Mas tudo bem; haveria dias muito melhores muito em breve.

*Estou perdendo muito sangue.*

Apertando os olhos, eu me concentrei nela. Eu precisava que ela se recompusesse e se acalmasse. — Bus... que... busque Wyatt... ninguém mais.

Claro, ela começou a entrar em pânico e divagar. Eu precisava do meu irmão e eu precisava de Calliope. E eles não podiam entrar até que ela abrisse a porta e saísse.

— Esposa, eu preciso que você primeiro fique calma, suba a escada, limpe

o melhor que puder...

— Ethan!

— OUÇA-ME! — Eu gritei, mais porque eu odiava o jeito que ela dizia meu nome, com medo, com dor. Provava que ela não confiava nos meus planos, minha visão, minha mente.

Eu quase não podia ouvir ou lembrar as palavras que eu estava dizendo para ela, mas finalmente a medrosa, chorona, mulher infantil desapareceu, e ela se levantou e saiu correndo.

— Sinto muito, — eu sussurrei, sabendo que ela não iria ouvir. Eu havia quebrado minha promessa. Eu a tinha manipulado novamente. Que vida triste ela tinha. Do começo ao fim ela foi apenas um peão. Fechei meus olhos, sentindo-me adormecer.

— Você está se desculpando com ela?

Meus olhos estalaram abertos de volta, para encontrar um par de olhos cinzas olhando de volta para mim. Ela estava com uma carranca no rosto.

— La mia anima.

# CALLIOPE

**26 ANOS**

**Boston, Massachusetts**

***Quarta-feira, 20 de setembro***

— La mia anima, — ele disse tão feliz e com um sorriso tão genuíno que eu não pude deixar de sorrir de volta. Como ele ainda conseguia ser tão bonito ao mesmo tempo que coberto de sangue, era um mistério para mim.

— Você deveria estar me pedindo desculpa, — eu disse a ele quando abri minha bolsa, retirando um frasco e uma seringa. Enchi a seringa, dando uma batidinha, o líquido vermelho saindo antes de eu empurrar a cabeça dele para o lado e injetar em seu pescoço.

— Perdoe-me, eu não estou no meu juízo perfeito agora, — ele sussurrou com um sorriso no rosto. Ele estendeu a mão tocando minha bochecha com a mão sangrenta. — Você é como um anjo.

— Você está morrendo ou drogado? — Eu não pude deixar de beijar seus lábios suavemente. — Seus pais estão lá fora. Eles estão disfarçados. Seu pai está interpretando um bombeiro e sua mãe uma médica.

Seus olhos se arregalaram e sua mandíbula torceu para o lado. Eu acenei a cabeça, sabendo o que ele ia dizer.

— Eu tirei fotos. Você está certo. Eu sei que você sabia que estava certo, mas agora não pode haver nunca, sequer a menor dúvida. Eles estão vivos. Então, o que você quer que eu faça?

— Deixe-os... ir... tudo está um pouco confuso agora, — ele disse suavemente, começando a adormecer.

— Eu entendo. — Uma reunião com ele sangrando no chão não era como ele queria encontrá-los. Eu peguei as mãos dele, beijando-as. — Tudo bem. Mas Ivy ferrou tudo.

— Mate-a, — ele exigiu, fechando os olhos.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ouvi a porta e me levantei, correndo para o armário.

— Ethan! — Ivy gritou quando caiu de joelhos ao lado dele à beira das lágrimas. Eu revirei os olhos com tanta força que achei que eles cairiam da minha cabeça.

— Ethan, olhe, eu o busquei. Eu busquei Wyatt. Ethan, abra seus olhos, vamos. Wyatt, ajude-o! — Ela continuou com sua choradeira.

Como Ethan aguentava a voz dela estava além de mim. Ele realmente a convenceu que a amava.

Eu olhei para Wyatt, que estava congelado de culpa. Felizmente, ele superou isso rapidamente. Inclinando-se ao lado dele, ele mencionou levar Ethan para um hospital e eu coloquei a mão na minha cabeça.

Wyatt, quando você vai ser quem ele precisa que você seja?

— Então trate dele! Salve-o! — Ivy gritou. Era o que ela fazia, gritava e

chorava. Era patético. — Você esqueceu quem você é? Quem ele é? Ele é um Callahan! Vocês dois são Callahans. Quão ruim vai parecer se ele sair assim, mal se aguentando? Ele sabia que você estaria lá fora. Ele me disse para te encontrar. Então, eu encontrei. Baleada… e… argh… — ela chorou. Eu reprimi um gemido.

*Bom discurso.*

— Ivy... — Wyatt parou quando ela descansou a cabeça no peito de Ethan... o peito dele sangrando. *Maldita idiota.*

Levou um segundo para perceber enquanto eu observava através da pequena fenda na porta. Ela estava debruçada de dor. — Baleada, sangrando, com dor e tendo um aborto espontâneo, eu te encontrei. Então, salve-o, por favor... por favor, Wyatt, por favor. Salve-o, por favor, — ela implorou, de volta a chorar.

Se isso não fosse sério, se não fosse pelo fato de que eu estava esperando por esses dois... débeis mentais... fazerem alguma coisa para salvar o homem que eu amava, eu teria rido. Aborto espontâneo? Ela pensou que estava grávida?

*Não, Ivy, essa dor que você está sentindo é o estágio inicial da sepsia. Você está morrendo. Eu estou usando o homem que você acha que ama para te matar.* O veneno que eu havia instruído Ethan a dar a ela mais o estresse, estava causando seu sangramento, entre outras coisas. Se ela tivesse ido para um hospital, ela saberia disso. Mas eu sabia, desde a primeira vez que a vi na cadeia, que ela não confiava ou gostava de hospitais, então por que não usar isso a meu favor?

Eu escutei e assisti, ignorando as batidas no meu peito. Ele ficaria bem. Ele tinha que ficar. Eu não tinha dado a ele permissão para morrer ainda.

— Por alguma razão, o sangue dele ficou mais espesso. É a única coisa o impedindo de sangrar. Ele estava tomando alguma coisa? — Wyatt perguntou a ela, e assenti como se ele pudesse me ouvir. Como eu disse, ele não tinha minha permissão para morrer.

# Capítulo Dezessete

*“Uma rainha - uma rainha que não se curvava a ninguém, uma rainha que havia enfrentado todos eles e triunfado.”*

*Sarah J. Maas*

## CALLIOPE

**26 ANOS**

**Boston, Massachusetts**

***Quarta-feira, 20 de setembro***

— Você não a matou, — ele declarou, seu aborrecimento e confusão claros em sua voz.

— Eu não matei. — eu olhei para cima do meu tablet quando ele entrou na cozinha. Seu sangue, agora vermelho escuro e começando a secar, ainda estava no chão. Ele ficou sem camisa com uma bandagem enrolada em volta do estômago, e ele mancava um pouco enquanto segurava seu machucado. Ficando em pé, eu fui até ele e ele não disse nada, colocando o braço sobre meu ombro. Eu tentei ajudá-lo a andar para frente, mas em vez disso, ele aproveitou a oportunidade para me abraçar. Eu permaneci parada por um segundo antes de abraçá-lo de volta com força, tentando evitar seu ferimento. Respirando fundo, eu o soltei.

— Por que você não a matou? — ele perguntou enquanto eu o ajudava na cadeira da mesa de jantar. — Eu estava esperando acordar com o corpo dela e, em vez disso, ela está convencida de que teve um aborto espontâneo, que eu não tenho dúvidas de que é impossível.

Alcançando minha bolsa preta, peguei um saquinho com comprimidos vermelhos e entreguei a ele. Ele nem perguntou o que eram ou mesmo pediu por água. Ele os jogou na boca e engoliu. Eu me sentei em frente a ele.

— Eu não a matei por causa de Wyatt.

Sua sobrancelha subiu, esperando que eu explicasse.

— Wyatt está frágil agora. Ele precisa estar focado. Se eu a matasse, ele estaria mais preocupado com você do que fazendo o que ele precisava fazer. Eu odeio admitir isso, mas Ivy ajudou a dar o empurrão que ele precisava. Ele se sente mal por ela. Isso funciona a nosso favor, — respondi, o que só o fez franzir o cenho.

— Que fique registrado que você é a única mantendo-a ao meu lado. — Ele estendeu a mão para mim do outro lado da mesa. Eu a peguei e ele segurou firme. — Se eu não te conhecesse, eu pensaria que você não quer ir para casa comigo.

— Ainda bem que você me conhece. — Eu pisquei, relaxando na horrível cadeira. — Eu quero ir. Gigi precisa ir. Mas não posso fazer nada. Eu sei o futuro que eu quero, então eu tenho que...

— Seguir o melhor plano em sua mente para chegar lá ou você não pode descansar, — ele terminou por mim, balançando a cabeça, porque ele entendeu.

— Exatamente.

— Eu entendo, mas não vou esperar mais uma semana. Você e nossa filha estarão ao meu lado até o final do mês. Sem mais desculpas, sem mais atrasos. Eu estou farto disso, — ele disse severamente, seus olhos verdes nunca vacilando dos meus. Eu tinha certeza que a exaustão que eu vi neles não era apenas por causa da bala, e provavelmente imitava a exaustão em meus olhos.

— Sim, chefe. — Sussurrei, apertando sua mão.

Ele exalou, fechando os olhos por um momento antes de sorrir. — O que você me deu?

— É muito bom, não é? — Ele sorriu e assentiu. Ele parecia... fofo. Chapado e fofo. — Chame isso de um beijo de vida.

— Podemos empacotá-lo e vendê-lo? — Seu lado empresarial criou sua cabeça astuta. Callahans... eles realmente queriam ser donos do mundo. Era insano, e foi o que me atraiu para a família deles em primeiro lugar, essa fome por mais.

— Nós falaremos sobre minha taxa mais tarde. Há tanta coisa que eu quero mudar e acrescentar aos negócios da família.

Ele abriu os olhos e olhou para mim. — Você está escondendo de mim?

— Absolutamente. Você já está recebendo crédito suficiente pelas minhas ideias. De que outra forma eu farei uma entrada triunfal na sua família?

Ele riu. — Sua entrada triunfal? Haverá uma coroação?

— Você não é um rei? — Eu desafiei, olhando-o novamente. — Rei Ethan do reino sangrento de Chicago. A esposa de um rei é uma rainha, então você pode apostar que eu terei uma coroação. Eu espero muito, as pessoas de joelhos, o respeito, o medo… tudo. Ah, e diamantes.

— Um rei sábio nunca diz não à sua rainha. — Ele pegou minha mão e beijou as costas dela. — Estou ansioso por isso.

Como eu. — Vamos esperar que não haja mais malditas surpresas entrando no nosso caminho.

— Calliope. Fim do mês. — Ele me lembrou, e eu sabia que ele não se importava com o que acontecia. Tinha que ser feito.

**Quinta-feira 21 de setembro**

**Chicago, Illinois**

— Uma fodida coisa após outra, — ele vociferou pelo telefone enquanto eu limpava dentro do cano da minha arma. — Depois de anos, eu finalmente consegui quem eu precisava de volta em casa sob o mesmo maldito teto, e de repente esse Gabriel aparece da porra de lugar nenhum por Donatella.

— Ele não apareceu de lugar nenhum, tenho certeza que seus pais o enviaram.

— Eu não dou a mínima, porra. Eu não estou dando Donatella a ele.

Minha sobrancelha subiu e eu sabia que ele não podia ver, mas não pude evitar. — O que faz você pensar que Donatella é sua para dar?

— Ela é minha irmã...

— Exatamente. Sua irmã, não seu relógio. Ela é uma mulher de vinte e seis anos; ela tem a mesma idade que eu. Você pediu permissão para alguém antes de me levar?

— Isso é diferente...

— Isso é sexista.

— Nem comece...

— Tarde demais. Estou começando, — eu falei quando comecei a limpar as balas. — Ela é sua irmã, você a ama e quer protegê-la, mas duvido que você a ame ou queira protegê-la mais do que o seu pai. Pense em Gigi. Você não quer que ela esteja com alguém que você aprova e confia?

— Não. — Eu parei a minha limpeza para realmente olhar para o meu telefone. — Gigi não está envelhecendo além dos doze, então por que ela precisaria estar com alguém?

Eu ri. — Se você puder fazer isso, eu lavarei seus pés com o meu cabelo.

— Nós nem sequer sabemos se são meus pais que o enviaram, — ele suspirou, obviamente mentindo para si mesmo.

— Sua avó não estaria apoiando-o se não fosse. — Eu ia forçar a verdade goela abaixo nele.

— Nós nem sabemos quem ele é ainda, — ele pressionou, ainda lutando.

— Não, você não sabe quem ele é. — Eu olhei de relance para o banco de dados no meu computador antes de pegar a faca para limpar os sulcos da bala.

— Seja lá quem ele for, ele não é bom o suficiente...

— Príncipe Gabriel Honoré Déllacqua III, Príncipe Herdeiro de Mônaco, o Marquês de Baux... isso é o melhor possível que se consegue para ela. E para ser perfeitamente honesta, ele seria a minha segunda escolha se você acabar me rejeitando.

Isso era uma mentira. E o silêncio dele me fez desejar poder ver seu rosto. Eu podia sentir sua irritação e raiva através do telefone.

— Eu vou matá-los.

— Dona e seu príncipe encantado?

— Não, as duas pessoas que não podem evitar de brincar de Deus.

— Você dificilmente pode culpar seus pais por garantir a segurança da filha deles...

— Do lado de quem você está?

Suspirei. Ele realmente estava chateado com isso. — Do seu, como sempre. É por isso que eu estou feliz que a ambição da sua irmã foi o que fez o quase golpe dela parecer tão convincente. Ela precisa da sua própria coroa, seu próprio lugar de poder ou, do contrário, sua vida será muito difícil, porque eu com certeza absoluta, não tolerarei as besteiras dela como você. Nem ela me toleraria sendo melhor que ela. Você quer que eu me importe com sua família? Eu vou tentar. O único jeito que é remotamente possível, o único jeito de eu não a matar, é se eu puder tratá-la como uma igual. O único jeito que ela pode ser minha igual é se ela não estiver em Chicago. Quem sabe, se ela se tornar a princesa suprema, talvez possamos ser amigas. A menos que você queira me ver destruí-la em uma guerra que ela não seria capaz de evitar começar, se ela permanecer aqui. Eu já tenho uma bala com um nome, deveria fazer outra?

— Donatella é mais forte...

— Do que a maioria das mulheres, mas eu não sou a maioria das mulheres e você sabe disso. Não tente se esquivar dos comentários tentando me deixar chateada com sua irmã. Eu sei do que ela é capaz... e ainda é brincadeira de criança para mim. Espero que o poder e a responsabilidade reais a façam crescer um pouco.

— Você tem certeza que vocês duas são da mesma idade?

— Deixe-a ir, baby. Pelo bem dela, pelo seu e pelo meu.

Silêncio.

Então, eu fiquei em silêncio e voltei para a minha limpeza.

— Minha ganância... eu não sei quando ela se tornou tão ruim. — Ele riu para si mesmo. — Eu quero tudo, Calliope. Não é apenas uma piada. Eu quero ser o rei do maldito mundo. Eu quero coisas que se contradizem. Esta ganância, esta sede por mais, por poder...

— Nós somos livres para sermos gananciosos, Ethan, contanto que não fiquemos cegos por essa ganância. — Eu me inclinei para trás na minha cadeira. Quem não queria ser todo poderoso? — Eu sei… porque eu sou exatamente igual a você. E é por isso que eu estou feliz que ela esteja indo. A última coisa que eu quero fazer é machucar as pessoas de quem você gosta, mas minha ganância... Eu a tenho segurado por anos. Eu tenho engolido meu orgulho, tenho

permitido você satisfazer suas vontades, tenho dedicado minha vida à sua ganância, e fiz isso porque um dia eu exigiria metade de tudo. Esse dia está aqui e eu não vou deixar sua irmã, ou qualquer outra pessoa aliás, entrar no meu caminho. Desempenhe o papel de irmão mais velho, ameace-o um pouco, talvez até dar uma surra nele enquanto ele ainda está fingindo não ser um príncipe, faça o que você tem que fazer. E então, diga adeus. Você me deu um prazo e eu planejo cumpri-lo.

— Como quiser, — ele disse e desligou.

Tirando o fone de ouvido da orelha e colocando-o na mesa, eu passei o polegar pelas 3 letras gravadas na bala de prata. IVY.

**Segunda-feira, 29 de setembro**

**Chicago, Illinois**

Havia uma dor que percorria todo o meu corpo. Eu não me machuquei. Ela não me fazia sentir doente. Era estranho. Eu nunca tinha sentido nada como isso antes. Mas eu não conseguia parar a dor. Eu tive que me concentrar ainda mais do que o normal porque minhas mãos estavam tremendo. Eu podia sentir meu coração, ele estava ficando selvagem dentro do meu peito, e tudo estava tão claro. Eu sentia como se estivesse em uma daquelas cenas nos filmes onde tudo desacelerava, como se eu tivesse, de alguma forma, saído da realidade e estava indo além dela. Eu podia ver tudo: cada pássaro, cada farfalhar das folhas, cada mecha de seu cabelo loiro enquanto ela girava, alegremente falando para Wyatt na pista.

— Agora. — A voz dele foi como um raio para a minha alma e sem hesitação eu disparei. A cabeça dela sacudiu para trás e seu corpo caiu no chão como uma marionete sem suas cordas. Foi rápido e foi lindo. Foi tão bom que precisava de música de ópera italiana ao fundo.

— É a sua vez, chefe. — eu disse, e através da mira, eu o vi fazer sua melhor performance até agora. Em outra vida, ele poderia ter sido um ator mundialmente famoso.

Examinando, eu observei quando o homem que eu tinha contratado para matá-la escapou do telhado a algumas centenas de metros à minha frente. A bala que eu usei era leve e se estilhaçava após o impacto. Ninguém seria capaz de

adivinhar a verdadeira trajetória dela. Qualquer um que olhasse pensaria que foi ele.

*Eu o matarei mais tarde.*

Eu me levantei do chão da minha suíte no hotel. Fechando a porta da varanda, eu caminhei até a mesa ao lado do sofá e peguei a garrafa de vinho, me servindo uma taça e me sentando.

Eu olhei para a minha mão novamente, vendo-a tremer. Eu a apertei fechada antes de beber. Tentei relaxar, mas não consegui evitar. Aquela dor voltou e desta vez veio com lágrimas, mas eu não estava triste. Na verdade, antes que eu percebesse, eu estava rindo. Eu ri e ri até meu lado doer, e tive que colocar minha mão no meu peito.

Foi só depois que minhas emoções passaram que eu percebi... eu estava feliz. Eu estava feliz e excitada e, finalmente, finalmente porra, capaz de dizer, eu venci.

Dezenove anos, quase cinco dos quais foram envoltos em sigilo enquanto eu o observava com duas mulheres fracas e insípidas, e uma filha subsequente... eu finalmente era a Sra. Callahan.

Chicago era minha.

O nome Callahan era meu.

Ethan era meu agora para o mundo ver.

Eu venci.

— Veni, vidi, vici. — (Vim, vi, venci)

Eu apenas ri. Finalmente.

*Finalmente, porra!*

**Terça-feira, 30 de setembro**

**Chicago, Illinois**

Quando eu entrei, ele estava vestido informalmente todo de branco, acendendo uma vela no centro da sala. Havia dezenas de pequenas velas.

— Você chegou cedo.

Eu dei uma olhada em volta, para as rosas cor de rosa, vermelhas e brancas por toda a sala. As velas na forma de um coração no chão de mármore com rosas vermelhas dentro dele, havia até um caminho que levava a ele, mas era feito de pétalas de rosas brancas. Havia vinho, champanhe e sobremesas na mesa de jantar, arrumada para dois, ao lado da grande sala. No teto havia luzes e, se pendurando dele inteiro havia cartões postais. Eu estendi a mão para tocar um e percebi que nada estava nele, a não ser uma data. Todos eles estavam assim… eu conhecia as datas. Elas eram as datas e lugares que nós havíamos nos encontrado ao longo dos anos.

— Aparentemente, é costume colocar fotos de nós, mas nós...

— Nunca tiramos fotos, — eu terminei a frase dele, olhando para o próximo cartão postal. — Você registrou cada vez que nos encontramos?

— Sim, bem, alguém raramente ligava, então eu tive que me impedir de enlouquecer de alguma forma, — ele murmurou, pacientemente esperando em seu coração enquanto eu olhava para todo o resto, exceto para ele.

— Tudo isso é muito romântico, — eu sussurrei, olhando por cima do ombro para ele. — Você vai me cantar uma música também?

— Se você quiser. — Seus olhos examinaram o vestido apertado que eu usava. — Parece que, apesar dos meus melhores esforços, você sabia que isso estava chegando.

— Eu sinceramente não sabia. — Eu peguei uma das rosas. — Eu só tive vontade de parecer bonita e, talvez eu quisesse te seduzir um pouquinho esta noite.

— Você conseguiu. — Sua voz estava um pouco acima do sussurro enquanto eu cheirava a rosa.

— Você não tem que fazer tudo isso, — eu disse a ele quando pisei no caminho de pétala de rosa.

— Sim, eu tinha. Eu já escutei você dizer ”sua família” ou “vocês Callahans” por tempo suficiente. Esta é a sua família, você é Callahan, agora venha aqui para que eu possa dar o seu prêmio, — ele exigiu.

Eu fiz cara feia, mas se tornou inútil pelo sorriso no meu rosto. Meus

saltos borboleta clicaram suavemente sobre as rosas enquanto eu caminhava em sua direção. — Eu estou apenas ouvindo porque estou esperando que você fique de joelhos.

— Joelho, — ele corrigiu, retirando uma caixa de veludo escuro. — Eu não estou me curvando, estou fazendo o pedido.

— Mesma coisa, não é? — eu brinquei, e ele balançou a cabeça, abaixando-se em um joelho. Antes que ele pudesse abrir a caixa, eu o avisei: — É melhor ser um belo de um anel...

Ele abriu a caixa e sorriu sabendo que era de fato um belo de um anel. Tinha bem mais de 30 quilates. O diamante era vermelho brilhante e na forma de uma lágrima, com pequenos diamantes brancos o rodeando. Era montado no ouro e era de longe o anel mais bonito que já tinha visto.

— Minha mãe roubou este diamante de Alexei Rozhkov quando ela tinha apenas dezoito anos. Os diamantes vermelhos são os mais raros do mundo, um desse tamanho é ainda mais raro. Ninguém nunca acreditou em Rozhkov quando ele disse que o tinha. Ele ficava petrificado para mostrá-lo a alguém. Ele valia 14 milhões naquela época, e esse valor dobrou até agora. É o maior diamante vermelho da história. Minha mãe o mostrou para mim um ano antes de fingir sua morte e eu perguntei por que ela nunca o usou. Ela disse que no começo era porque todo mundo estava procurando por ele, e ele chamava atenção indesejada. Depois, quando as pessoas esqueceram sobre ele, ela nunca usou porque amava o anel que meu pai lhe deu. E depois, finalmente, ela decidiu que ia deixar para sua filha.

— No entanto, você o está dando para mim. — Não era uma pergunta, porque agora que eu o vi, era meu.

— Ela simplesmente disse filha. Isso inclui a nora também, não é? Ela deu à sua filha um maldito país. O mínimo que ela poderia fazer pelo amor da vida de seu filho é permitir que eu lhe dê este anel. — Ele levantou o anel da caixa e pegou minha mão. — Calliope Seraphina Orsini, você irá me permitir… colocar este maldito anel no seu dedo para que eu possa me levantar dos meus malditos joelhos? Eu fui baleado recentemente...

Eu puxei minha mão de volta, cruzando os braços — Tente de novo.

Ele riu e sorrindo para mim, ele assentiu. — Calliope Seraphina Orsini, faz

quase vinte anos, mas sim, eu aceito sua proposta. Eu me casarei com você.

Ele puxou minha mão de volta para ele e deslizou o anel, eu olhei feio para ele, pronta para... argh. Droga! Ele estava certo; fui eu quem fez a proposta, bem, exigi nos casarmos primeiro, quando crianças.

— Mataria você ser um pouco mais romântico? — Eu murmurei quando ele saiu do chão.

Ele balançou a cabeça e apontou ao redor da sala. — Isso pareceu fácil de montar? Eu estou todo fora de romance no momento.

— É mesmo? Desculpe-me se eu não te beijar então...

Ele me puxou para ele, envolvendo os braços em volta da minha cintura e colocando as mãos na minha bunda. — Isso eu não posso desculpar, Sra. Calliope Callahan.

Eu coloquei o meu, agora mais pesado dedo do anel, nos lábios dele. — Eu não preciso de uma música, mas eu preciso ouvir algo tão romântico que este vestido não possa, em sã consciência, permanecer aqui.

Ele abriu a boca para falar.

— Eu quero ouvir a verdade, não apenas frases, e quero ouvir em italiano.

— Sim, sua majestade, — ele disse em italiano, descansando sua testa na minha. — Mas saiba que eu nunca, nem uma vez, não lhe contei a verdade. Principalmente porque eu nunca quis mentir para você, e em segundo lugar porque você saberia que seria uma mentira para começar. Você está me pedindo por palavras românticas, não sei se eu as tenho ou se elas são diferentes do que já falei para você. Mas eu vou dizer de novo. Calliope, não há outra pessoa, viva ou morta, que já me entendeu, me frustrou, me assustou, me excitou e me fez tão feliz quanto você. Cada momento que você não estava comigo eu senti sua falta. Senti sua falta até o ponto que era menos doloroso fingir que você não existia, apenas para forçar você a sair dos meus pensamentos, do que pensar em você. Eu odiei e me arrependi a cada momento que te traí. O pensamento de você com mais alguém era o suficiente para me deixar louco, e ainda assim você pacientemente aguardou enquanto eu... enquanto eu trabalhava. Nenhuma outra mulher poderia fazer isso, nem mesmo minha mãe. Você é tão forte; às vezes, isso me aterroriza porque eu não tenho certeza se estou sendo enganado por você, se você realmente me ama também. Eu me apaixonei tão profundamente e

tão forte, e eu nem me importo. Você poderia cortar meu coração e eu ainda a chamaria de *la mia anima*, porque eu sei que você é minha alma gêmea...

Eu o beijei. Como eu poderia não beijá-lo? Como eu poderia não pular nele? Pegando-me, ele me carregou para a cama. Eu o ouvi chutar acidentalmente uma das velas, mas ele não se importou. Ele me deixou na cama, já puxando meu vestido.

— Case-se comigo, — ele finalmente disse enquanto beijava meu pescoço, sua mão já no meu peito nu.

— Sim, — eu gemi quando ele me segurou mais apertado.

— Me ame, — ele exigiu.

— Sempre.

— Fique comigo. — Ele beijou o meu peito.

— Para sempre. — Eu segurei em seu cabelo. Ele conseguiu tirar o resto do meu vestido e me ver nua. Já que por baixo, sim, eu não usava nada debaixo do meu vestido. Ele imediatamente espalhou minhas coxas.

— Bem-vinda em casa, Sra. Callahan.

# ETHAN

**28 ANOS**

**Terça-feira, 30 de setembro**

**Chicago, Illinois**

Ela assinou seu nome na certidão de casamento antes que eu assinasse. Eu dei uma olhada para ela mais uma vez antes de colocá-la no envelope e selá-lo, entregando-o de volta para ela. Sua sobrancelha levantou levemente e um pequeno sorriso cruzou seus lábios.

— Eu confio em você para registrá-lo, — disse ela.

— Eu não, — eu disse a ela. — Eu vou estragar o nosso disfarce e registrar isso já. Você faz isso quando achar que é o momento certo — falei antes de me deitar em seu peito, meu ouvido bem ao lado de seu seio, e escutei a batida constante de seu coração. Às vezes, talvez quando ela estava pensando em alguma coisa, soava como se milhares de beija-flores estivessem em seu peito. Outras vezes, era como se não houvesse quase nenhuma batida sequer. Entretanto, do lado de fora, ela permanecia a mesma: calma, equilibrada, gentilmente passando as mãos pelo meu cabelo. Nós não fizemos nada, a não ser nos deitarmos ali.

O mundo estava caótico do lado de fora. Este era o meu único descanso. Minha fortaleza da solidão, só que melhor porque eu podia estar sozinho e junto ao mesmo tempo. Se ao menos…

— Vamos tirar férias. — Ela falou suavemente pela primeira vez em quase uma hora.

— Para onde? — Eu perguntei, sem me mexer.

— Aqui.

Eu olhei ao redor do quarto... bem melhor, no entanto, que os bunkers, tudo isso eu tinha acrescentado dentro das paredes da casa. Enquanto outros membros da minha família tinham lugares em outras partes da cidade, onde eles iam para escapar do nosso drama familiar, eu construí o meu bem por dentro, mais uma prova de que algo não estava certo comigo.

— E Gigi?

— Estará aqui depois que seus pais ficarem juntos. — Finalmente, eu levantei minha cabeça, descansando meu queixo em sua pele, e ela olhou para mim, sua mão afastando as mechas de cabelo do meu rosto. — Eu não sou terapeuta, mas acho que você e eu deveríamos ver o que acontece quando não estamos sendo afastados um do outro, quando somos forçados a acordar um com o outro, dia após dia, antes de trazermos nossa filha para cá. Afinal, nós dois não mudamos ao longo dos anos?

— Todas as minhas mudanças são por causa de você e dela. Porém, eu não me importo. — Na verdade, eu dei boas-vindas a isso. Sentando-me, eu passei a mão pelo meu cabelo. Pensando rapidamente em como isso daria certo. — Eu terei que deixar Wyatt no comando. Fingir que estou tão perturbado sobre Ivy e

ir embora?

— Ele ainda acha que você está drogado no seu quarto? — Ela sentou-se atrás de mim e me envolveu em seus braços.

— Como você sabia que ele ia tentar me sedar? — Eu virei a cabeça ligeiramente para ela.

Ela beijou meu ombro e riu. — Seu irmão entra em pânico quando ele vê você ou a irmã com dor. Ele só quer que isso pare.

— Ele é muito mole para isso, — eu murmurei, balançando a cabeça, agora duvidando se eu poderia deixá-lo com isso.

— Talvez, mas ele é mais esperto do que nós lhe demos crédito. — Ela sussurrou em meu ouvido e isso me fez tremer. Eu me inclinei de costas contra ela enquanto ela me mostrava seu telefone. Eu não tinha certeza do que ela estava me mostrando até que eu vi as chamas.

— Ele a cremou, — ela comentou, sua sobrancelha levantada enquanto eu assistia o vídeo. — Por que ele faria isso? Eu esperaria que ele quisesse dar a ela um grande funeral.

*Simples*. — Ele ainda é uma criança de certa forma. Ele quer que a dor vá embora. Ele acha que queimando o corpo dela e se livrando de todas as evidências dela vai fazer doer menos. Mas não dói de jeito nenhum. — Eu me virei e beijei seu pescoço.

— Ele não sabe disso, — ela respondeu, afastando-se de mim. — Seja qual for a razão, os instintos dele são bons. Ele é esperto; ele está pensando sobre o que é melhor para a família, o que é melhor para você, e isso é para parecer como se você não se importasse com Ivy. Que você a estava usando.

— Eu não me importava com Ivy. Eu a estava usando. Todos eles perceberam isso, mas não conseguiram ligar os pontos. — Eu sorri. — Um animal trabalha por instinto. Nós usamos a razão.

— Pode um peixe instintivamente agir como um leão? — ela questionou antes de me soltar e sair da cama. — Você deve se apressar de volta, antes que ele vá ver como você está, dê a ele uma de suas performances dignas do Oscar e eu te verei de volta aqui.

— É sexo ou amor?

— O quê? — Ela caminhou nua em direção ao banheiro.

— É o sexo ou é o amor que faz os maridos escravos das exigências de suas esposas? — Eu perguntei com um pequeno sorriso no rosto. Ela apenas revirou os olhos, sem me responder enquanto entrava no banheiro.

Eu fechei meus olhos, tentando ver como eu ia fazer esta jogada. Como Wyatt seria se eu não estivesse lá. Ele não tinha estado em casa nem por um mês ainda.

*Pode um peixe instintivamente agir como um leão?* A pergunta da Calli veio à mente. A resposta era não. Um peixe não pode instintivamente agir como um leão. Apenas um leão poderia ser um leão. Wyatt, apesar de tudo, era um Callahan. O que significava que independentemente de ele não perceber tudo como eu percebia, ele faria o que um Callahan tinha que fazer. Defender os nossos.

*Vamos ver o que você pode fazer, irmãozinho.*

# Dias

# De

# Hoje

# Capítulo Dezoito

*“O caos é um amigo meu.”*

*Bob Dylan*

## ETHAN

**28 ANOS**

**Chicago, Illinois**

***Segunda-feira 3 de novembro***

Eu posso não ter puxado o gatilho eu mesmo, mas eu sabia e planejei a morte de Ivy desde o dia em que seu nome veio à minha mente. Então, por que diabos era esse velho tolo na minha frente e não Calliope?

*O que ela está tramando?* Quanto o seu avô sabia? Isso não fazia parte do nosso plano para ela ou para o retorno de Gigi. Essa foi a razão pela qual fiquei chocado ao encontrar a Gigi aqui já. Calliope não tinha falado para mim de nenhuma mudança de plano, o que significava que algo aconteceu para fazê-la mudar os planos. Eu duvidava que ela tivesse contado a verdade ao seu avô, também. Então, ela o estava usando também... mas para que fim? Por que ele estava levando a culpa pela morte de Ivy em vez do cartel Rocha como nós planejamos?

— Alguém já lhe disse que você se parece com seu avô? — ele perguntou enquanto colocava o copo na frente dele.

— Orlando? — Eu me inclinei para trás na minha cadeira na cabeceira da mesa. — Não, ninguém nunca disse isso para mim. No entanto, muitas vezes me disseram que pareço com meu pai.

Ele riu e olhou em volta do salão de jantar balançando a cabeça. — É a cara dos irlandeses levarem todo o crédito.

— Aparentemente o casamento dos meus pais não acabou essa perpétua disputa de sangue entre irlandeses e italianos, — respondi, colocando meu café

na mesa. Observando-o cuidadosamente, perguntei:

— Eu me pergunto como eles se sentiriam se soubessem que todo o trabalho duro e sacrifício deles não significaram nada.

O canto da boca dele se levantou e ele apontou o dedo para mim. — Bem aí, isso é sua mãe.

— Desculpe?

— Seu comportamento, essa conversa, esse olhar em seu rosto... isso é sua mãe. A calma na tempestade. Os irlandeses não pensam assim. Eles são brutos, bons em brigar, foder e beber, mas o verdadeiro gênio, isso é raro. Seu avô Sedric foi um dos raros...

— E meu pai? Ele não chegou ao raro nível de gênio? — Ele estava insultando a metade de mim e elogiando a outra, então eu não me sentia nem de um jeito, nem de outro. Eu já conheci homens velhos como ele, tanto nos irlandeses quanto nos italianos, se agarrando aos estereótipos do passado do outro enquanto se edificavam.

— Seu pai teve a sua mãe, mas antes dela, ele era como o resto deles. Se sua mãe quisesse, ela poderia ter assumido o controle de tudo isso. Ela tinha a genialidade, o presságio, o tipo de força para conquistar. Ainda hoje, algumas pessoas não percebem isso. Ela fazia isso parecer fácil; ela foi a primeira Don feminina da máfia italiana. Você é um homem: forte, inteligente, bonito, rico e perigoso. A posição caiu em seu colo e isso não é para ignorar o fato de que seu trabalho, seu dever é incrivelmente difícil. É apenas para dizer que o fato de você ter durado tanto tempo por conta própria é crédito seu, mas nada disso nunca chegará aos calcanhares da sua mãe.

*Porra, isso vai ser um maldito discurso longo.*

— Você soa como se estivesse apaixonado por ela. — O que significava que ele não sabia que ela ainda estava lá fora, ou então ele não ousaria falar assim, especialmente sabendo que meu pai não iria deixar passar.

— Eu estava, — ele admitiu e recostou-se na cadeira. — Mas não romanticamente. Eu a amava como se ela fosse minha filha. Orlando e eu crescemos juntos. Tudo que ele precisava, eu fazia sem questionar, porque assim é como estava destinado a ser e, contudo, quando se tratava de sua filha, Melody, eu recusava nove de dez coisas que ele me dizia para fazer.

— Estou surpreso que você ainda esteja vivo para falar sobre isso. — Eu o teria matado; eu não me importaria se nós tivéssemos crescido juntos ou não. Tobias tem sido prova suficiente disso.

— Ele não me matou porque queria que eu visse o quanto estava errado sobre ela. No começo, eu pensava que ela era apenas uma criança, uma menina, deixava-a em paz. Ele a fazia acordar e a jogava na piscina, ele fazia homens sequestrá-la e ela tinha que escapar sozinha, ele pressionou, não, a torturou... a quebrou até que ela ficou tão forte que ela mal era sequer humana mais. Nada a afetava e ela tirou o poder bem das mãos dele. Todos que duvidaram dela foram eliminados impiedosamente. Seus rivais, ela sabia quando e como eles viriam, e antes que eles conseguissem sequer fazer um movimento, eles estavam mortos. Seu avô estava certo e eu estava errado. Ele fez um Don que não podia ser questionado e não podia ser detido... e então, ele se arrependeu disso e a casou com algum babaca irlandês... ele a arruinou, — ele bufou de raiva, balançando a cabeça.

— Você acredita que minha mãe se tornou fraca? Incapaz de liderar porque se casou com meu pai? — Por alguma razão, esse comentário me incomodou mais. Como ele ousa insultá-la? Não havia nada fraco sobre a minha mãe.

— Sim. — Ele assentiu. — Não foi culpa dela. Ela foi criada para não amar e não confiar em ninguém, a não ser nela mesma, e então de repente, ela tinha uma família... e nesta vida, nossa maior fraqueza sempre será nossa família. Sua mãe era ótima. Mas ela poderia ter sido maior se não fosse pelo seu avô. Os irlandeses nem existiriam. Só nós. Os italianos. Eu sei, conexões complexas… eu machuquei sua avó e ela perdeu seu filho não nascido. Eu sou semelhante com o diabo aos olhos dela. Assim como seu avô Sedric, é o diabo aos meus. Ele levou minha mãe, meu irmão e dois dos meus filhos. Isso era o que eu estava pensando quando fui atrás dela, quando eu a tirei da estrada. Minha família era a única coisa que eu via, e é pela graça de Deus que ela está viva. Orlando ordenou que nós os assustássemos, os espancássemos, mas eu ia matá-la. Eu ia deixar o mesmo buraco em seu pescoço que o marido dela deixou nos meus filhos, mas eu fui impedido. E eu nunca tive a chance novamente, porque Orlando e Sedric começaram sua pequena trégua. Eu nunca tive minha vingança...

— Você afirma que matou *minha esposa*. Desculpe se eu não toco violino para você, — eu o lembrei, vendo que ele não ia pausar o que estava fazendo.

— De nada, — disse ele orgulhosamente.

— Nossas famílias retornaram, Fiorello, e agora estamos conectados através de uma criança... minha filha. Então, eu aconselho você a começar a falar com juízo...

— Sua esposa ou sua filha?

— Desculpe?

Ele me olhou sem medo e disse:

— Se você tivesse que escolher uma, qual você escolheria? Sua esposa morta ou sua filha?

— Eu não tenho que responder essa pergunta.

— Não, porque eu fiz uma pergunta que não precisa mais ser respondida, — afirmou ele e novamente eu senti o desejo de estourar sua cabeça fodida, — Ivy O'Davoren. Eu fiquei decepcionado quando ouvi falar dela pela primeira vez, e não por causa de Giovanna; não seria correto culpar você por uma filha que você nem sabia que tinha. Na verdade, eu disse a minha neta que você não esperaria por ela, que acabaria encontrando alguém algum dia. Mas Ivy O'Davoren? Essa mulher teria destruído você.

*Eu sei. É por isso que ela está morta. O que eu quero saber é por que diabos você está aqui e não a minha verdadeira esposa? É por isso que eu não me sento e falo com idosos, eles nunca chegam ao maldito ponto.*

— Eu notei que você disse que meu avô matou sua mãe, irmão e dois de seus filhos, mas não uma esposa. Você parece ter problemas com o casamento. — Eu mudei de assunto. Calliope e eu não chegamos tão longe apenas para revelar nossos segredos agora.

— Eu sou feliz no casamento e tem sido assim por um longo tempo. Na verdade, de vez em quando eu vou visitá-la ainda. O nome dela é Siena e ela sofre de Alzheimer há algum tempo. Mas o melhor de tudo é que temos sido tão próximos há tanto tempo que não há uma parte de sua memória em que eu não esteja. — Ele sorriu e eu coloquei minha xícara para baixo e olhei para ele.

— Esta longa história para chegar ao que eu preciso saber, — eu reclamei, esfregando o lado da minha cabeça.

— Como você sabe o que você precisa saber? Tudo o que eu estou dizendo a você está conectado. Todas as escolhas que fizemos, todas as coisas que fizemos ou não, têm nos trazido para essa mesa agora. Eu matei sua esposa e detestei o casamento de sua mãe no começo, não porque eu odeio casamento, eu simplesmente odeio casamentos desequilibrados. Ivy O'Davoren era fraca. Você sabia disso, eu sabia disso, todo mundo sabia disso. Ela era um passarinho no ombro do abutre. Sua mãe era um abutre e seu pai era como uma águia. Mas qual foi a graça salvadora dele? Ele cresceu... e mudou. Ele se tornou um abutre por causa dela. Quando ela morreu, ele se manteve forte. Não como o bruto irlandês que ele era antes, mas como sua mãe teria desejado. Toda vez que alguém se aproximava dele, eu via como ele se comportava, como se Melody estivesse lá ao seu lado, e ele se manteve firme e lhe ensinou a não ser como ele, mas como ela.

*Calliope, eu vou amarrar você à nossa cama por pelo menos dois dias, por me fazer ouvir as divagações desse velho.*

— Tenho certeza que eles dois ficariam muito felizes em saber que conquistaram sua aprovação. Você parece esquecer que você não é igual a eles. Você era o criado. O que lhe dá o direito de julgar meu pai, porra?

— Ninguém precisa me dar o direito de julgar. Eu simplesmente julgo. Como todo mundo, quer julguem na sua cara ou nas suas costas. Os italianos não acreditavam em seu pai, mas ao lado de sua mãe eles o viram mudar e o aceitaram mesmo quando ela se foi. Por quê? Porque eles o julgaram digno disso. Ele se tornou digno. Ivy? Você a pegou da porra da prisão, vestiu-a e mostrou-a na frente de todos e ela não conquistou ninguém. Ivy não se fez, você a fez. Você arrastou aquela pobre garota para fora de sua cela e a colocou na posição mais perigosa do mundo, ao seu lado, de alguma forma esperando que ela, que não conseguiu nem salvar a ela mesma quando era inocente, conseguisse governar ao seu lado? Eu posso ter puxado o gatilho, mas *você a* matou.

*Mais uma vez, eu sei, porra! Eu não tenho tempo para ouvi-lo repetir essa merda.*

— Onde está a mãe da Giovanna? — eu perguntei, farto com essa conversa. — E por que ela não está com Giovanna?

Ele enfiou a mão no paletó, retirando um telefone, fazendo eu querer me

chutar por não perguntar antes de seu grande longo discurso. Ele apertou um número e depois colocou o telefone no viva-voz, colocando-o na mesa de jantar entre nós dois. Ele tocou uma vez antes da ligação atender.

— Cal...

— Você sabe o que eu estive pensando nas últimas cinco horas, vovô? — Ela falou em italiano e eu lutei contra um sorriso quando ouvi a irritação em sua voz. — Eu fiquei me perguntando o que deveria fazer quando eu vir você. Meu instinto me diz que eu não deveria fazer um grande discurso, eu não deveria ficar chateada, eu deveria me aproximar e colocá-lo para dormir como um cachorro e seguir em frente. Mas então eu tenho essa raiva, vovô, e essa raiva me diz para não deixar você se safar tão facilmente e torturá-lo um pouco antes de acabar com você. O que você acha que eu deveria fazer?

*Que porra esse filho da puta fez?*

Ele deu um grande sorriso para o telefone, com uma estranha mistura de orgulho e preocupação. — Eu posso ser parcial, Calliope, mas eu prefiro viver.

— Então por que você jogaria com sua vida assim batendo de frente comigo? Você, de todas as pessoas, deveria ser mais esperto do que isso. — Muito embora sua voz não estivesse fria ou mesmo severa, foi perfeitamente prazeroso, eu sabia, com absoluta certeza, que ela era assassina. Estendendo a mão do meu lado, agarrei minha arma.

Ele suspirou. — Calli, por que não falamos quando você...

— Você sequestrou a minha filha, vovô. Eu não tenho nada para conversar com você.

*Ele fez o quê?* Eu estava pronto para colocar uma bala em seu crânio, mas ele continuou falando.

— Sequestrou é uma acusação severa! Nós fomos em uma pequena viagem...

— Você levou minha filha para fora do país sem me dizer. Eu sou a mãe dela, sua guardiã. Isso é sequestro. Estou decepcionada porque você me prometeu que nunca me desapontaria, lembra?

*Ele realmente a sequestrou?* Eu não conseguia dizer pelo tom dela.

— Eu prometi que nunca a trairia, a menos que as circunstâncias tornassem impossível não trair, — explicou ele.

— Diga. Quais circunstâncias o levaram a fazer isso? Eu sou toda ouvidos.

*Eu também sou.*

— Eu tenho Alzheimer, — respondeu ele. Ela ficou em silêncio e eu também. — Parece que eu estarei me juntando à sua avó naquela cadeira de balanço em breve.

— Ethan. — Ela disse meu nome e eu olhei para o telefone, percebendo que era isso. Ele realmente sequestrou minha filha. — Tenho certeza que você está ouvindo, então me ouça com muita clareza. Eu estarei em Chicago em seis horas.

— Calli...

— Sua doença, vovô, — seu tom era suave e calmo — não é uma boa desculpa para isso. E isso significa que eu não posso mais confiar em você com minha filha.

— Estou ansioso para vê-la, *Calli*. — eu desliguei o telefone na cara dela e meu olhar mudou para o homem que eu estava muito tentado a matar, mas eu o deixaria até que Calliope e eu pudéssemos falar sobre isso claramente.

— Você deveria conseguir mais homens, — ele murmurou, tirando um frasco do bolso do casaco e tomando um longo gole. — Porque os dois lá fora não durarão meio segundo.

— Devo chamar a guarda nacional? — eu perguntei sem emoção, mesmo sabendo que ele estava mais do que certo.

— Você pode? — ele perguntou sério. — Se fosse sua mãe e você fosse levado quando criança, quantos homens você acha que seria necessário para pará-la?

— Haverá sempre apenas uma Melody Nicci Giovanni-Callahan, — Há apenas uma Calliope Callahan, e ambas não deveriam se cruzar.

— Eu vejo que seu orgulho não deixará você aceitar isso, então eu vou te contar. Eu estive morrendo de vontade de contar a alguém… Calliope é parte do *i Libitinarii*.

Eu podia dizer pelo jeito que ele sorriu para mim, do orgulho de sua voz que, como ficou claro, o velho tolo realmente amava o som de sua própria voz e parecia querer soltar todos os segredos dela. O que ele não sabia era que, apesar de sua estupidez, ele tinha sido uma grande ajuda para Calli e eu... bem, pelo menos para mim. Ambas estariam agora aqui muito mais cedo do que havíamos planejado. Eu aceitaria, não importa como aconteceu.

Agora era hora da minha família conhecer a única mulher neste planeta louca o suficiente para me fazer amá-la.

# WYATT

— Você está fodendo comigo, — eu sussurrei, mas ele não disse nada. Em vez disso, ele abriu a caixa preta e pegou o conhaque preferido do meu pai - Camus Cuvee - do pano de seda de dentro e eu soube então. — Você não está fodendo comigo. A mãe da sua filha faz parte dos *antigos* assassinos da inteligência secreta da Itália, *i Libitinarii*, criado por Mussolini. O mesmo *i Libitinarii, que* o governo italiano tem jurado em cada bíblia, igreja, Papa e santo que nunca realmente existiu?

Ele se serviu de um copo cheio sem gelo e se sentou atrás de sua mesa. Ele chutou os pés em cima da mesa e tomou um gole. Eu dei uma olhada para os meus tios que estavam sentados em silêncio nos sofás. Em frente a eles estavam nossos primos. Darcy simplesmente balançou a cabeça para mim e a boca de Sedric caiu aberta. Então eu continuei.

— E ela está a caminho porque seu avô senil sequestrou a filha dela para trazer para você, porque ele quer que você assuma a responsabilidade por suas fodidas ações, apesar do fato de que essa mulher, aparentemente, não é uma fã sua.

— Eu acho que é mais sobre ele se tornando parte desta família novamente. Ele era um grande fã, aparentemente, — Ethan respondeu, bebendo novamente.

Que porra é essa? Como diabos isso era a vida real?

— O que acontece se ela pedir pela filha dela e não quiser ficar? — Darcy perguntou, e Ethan fez uma pausa, olhando por cima de seu copo. Eu me preparei para me abaixar.

O aperto de Ethan no vidro endureceu. — Por que você me faria uma pergunta tão estúpida? Minha filha está ficando aonde ela pertence. Que é aqui. Isso é tudo.

— Ethan, além do fato de que essa mulher mata pessoas para viver e ela está vindo para cá sob a crença de que alguém roubou sua filha, nós não sabemos nada sobre ela, — eu afirmei, tentando ver se talvez eu entendi errado ou talvez ele sabia algo que ele ainda não estava compartilhando.

— Ela mata pessoas. Nós matamos pessoas. Nós já temos algo comum.

— Nós vendemos drogas. Isso é diferente de assassinato, — eu o lembrei, não tenho certeza do que diabos estava passando pela sua mente. Era como se ele estivesse em seu próprio mundinho. Que não estava fora do personagem para ele, mas eu nunca tinha visto esse olhar em seus olhos antes. Era como se uma tempestade estivesse se formando.

Ele riu e finalmente se concentrou em mim; — Por que você soa assustado? Nem parece você, irmão. Você não quer saber quem vence esse confronto? Máfia versus Assassino. É como um filme.

*Talvez ele estivesse tendo um colapso mental? Foi demais para um dia e ele não conseguia processar tudo?*

— Só para você saber, nos filmes quando começa a chover lá fora e um assassino está a caminho para a sua casa, isso geralmente significa que você não está indo para o próximo filme. — Sedric disse a ele.

— E sem jogar a carta racial, — falou Darcy, e todos nós sabíamos para onde ele estava indo. — Mas eu sou o único cara negro aqui.

— Eu sou asiático, — Sedric lembrou a ele.

— Você é meio-asiático.

— Você é meio-negro! — Sedric atirou de volta.

— Eu sou meio-italiano, — Ethan disse a eles, fazendo os dois olharem para ele. Eles ficaram chocados que ele se envolveu e não perdeu o ritmo.

— Você é branco, — os dois disseram.

— Eu sei, — Ethan bebeu um pouco mais. — Eu apenas pensei que estávamos compartilhando fatos óbvios uns com os outros.

— Todos vocês terminaram? — eu perguntei a eles, realmente sentindo como se tivesse perdido a maldita cabeça. O comportamento dele, mesmo antes disso, quando ele me pegou no hospital... era desligado. Aquilo adicionado a tudo isso... e nossos pais. Eu me perguntei se eu realmente morri e isso era apenas o começo do inferno?

*Foda-se! Tudo bem!*

Estendendo a mão, peguei a garrafa de conhaque e bebi direto dela, estremecendo antes de falar de novo. — Dez milhões na máfia.

Ethan levantou a sobrancelha para mim. — Você sempre fez apostas seguras.

— Então você tem um plano.

— Recebê-la de braços abertos? — O fato de eu não saber se ele estava sendo honesto ou não, era a razão pela qual eu frequentemente perdia a calma em volta dele. Ele me dava dor de cabeça. Esta família... — Por que nem uma única coisa não pode ser simples com você?

— Diz o homem apaixonado por sua prima. — Ele disse com um sorriso sarcástico, mas endureceu quando ouviu tio Declan expirar profundamente atrás de nós.

Filho da puta fez isso de propósito.

— Eu tenho uma pergunta, — tio Neal explodiu, chutando os pés em cima na mesa e eu nunca fui tão grato a ele.

— O quê? — eu perguntei.

— Não, não para você. — Ele apontou para Darcy. — Não é apenas nos filmes de terror que o cara negro morre primeiro?

— Tio Neal! — Eu gritei. Puta merda por pensar que ele ia perguntar algo sério. Ethan apenas revirou os olhos.

— O quê? Eu quero saber. Se não for, então quem seria o primeiro a ir?

— É uma pergunta capciosa, — respondeu tio Declan, apertando a ponte do nariz e exalando bruscamente. — Nove a cada dez vezes não há asiáticos no filme, então o cara negro morre primeiro. Uma a cada dez vezes há um asiático, mas ele se mistura com os brancos, então o cara negro ainda morre primeiro.

— Mamãe te disse isso, não foi? — perguntou Darcy.

— Essa piada já durou tempo demais, — eu disse a eles. Ethan apenas ficou lá sentado, feliz como um gato bêbado. — Todos nós perdemos a porra dos nossos juízos.

# Capítulo Dezenove

*“E as mulheres dançavam e cantavam em coro:*

*— Saul matou mil, mas Davi matou dez mil.”*

*1 Samuel 18: 7*

## SEDRIC

— Isso é um pouco demais, — murmurei, principalmente para mim mesmo. Tinha levado quase duas horas para que nossa casa se tornasse uma fortaleza armada. Isso me lembrou do Exército de Terracota, também conhecido como os oito mil soldados esculpidos que Qin Shi Huang, o primeiro imperador da China, tinha em sua tumba. Exceto que aqui não eram oito mil soldados, eram cem homens com armas, que podia muito bem ter os oito mil guerreiros antigos. Eles se alinharam nos corredores e encheram o pátio nos fundos e na frente. Nenhum deles parecia entender por que eles foram chamados, mas eles permaneceram altos, orgulhosos e ansiosos para provar a si mesmos de qualquer maneira.

O que tornava tudo isso ainda mais ridículo. O que Ethan estava pensando?

— Mais dois minutos até ela chegar aqui. — Darcy checou seu relógio enquanto se aproximava ao meu lado no topo da escada.

— Você acha, — eu murmurei.

— O quê?

Eu olhei para ele, ainda desorientado. — Você não acha que isso é insano? Ethan chamou cem homens para enfrentar uma mulher sobre quem ele não sabe nada além do que um velho mafioso italiano com demência, contou a ele que ela é uma assassina. E se ele estivesse falando de raiva? E se ela não tem planos de lutar e só quer a filha de volta? Ele prejudicou a causa dele colocando tanta pressão assim sobre ela. Talvez ela tenha medo da família e não se mostrou antes. Talvez eu a esteja subestimando e ela é, Lara Croft encontra o Exterminador . Opção um: ela magicamente descobre como matar todos nós e pegar sua filha, e Ethan perde. Duvido. Então, opção dois: ela morre e Ethan

mata a mãe de sua filha. Fazendo ele perder a terceira tacada em um maldito ano, e mentalmente ferrando sua filha... então ele perde. Mais uma vez, isso é insano. E não é como Ethan faz as coisas.

— Você está certo. — Ele acenou a cabeça, inclinando-se sobre o corrimão e observando os homens abaixo de nós. — Mas como sempre você está sendo lógico na hora errada.

— O que diabos isso significa?

— Se isso parece louco para todos nós, você não acha que isso parece louco para ele também? Ethan está tentando provar alguma coisa, você o ouviu lá dentro, ele disse que ela fez ele parecer um tolo. Então agora ele está tentando mostrar a ela quem é o chefe. Tudo isso é um show. Ele não está disposto a matá-la... ainda. — Ele checou seu relógio novamente. — No entanto, você tem que dar crédito a ela, é preciso muito para irritar Ethan assim.

— Sim, apenas uma criança ilegítima, ah... ai! — Eu gritei, esfregando a parte de trás da minha cabeça. — O quê?

Ele olhou para mim como se quisesse me bater de novo. — Você realmente acha que chamar a filha dele de ilegítima é algo que ele não vai se importar?

— Isso é o que as crianças fora do casamento são chamadas, Darcy...

— Sim, em 1930.

— Ou na máfia! — Eu disparei de volta. — Mas seja o que for, não vou dizer isso. Eu mal posso esperar por este maldito dia estar terminado, para que possamos começar a trabalhar… trabalho verdadeiro. Nós só ficamos na segurança bancando os homens de preto por aqui. Não é como se ela apenas fosse entrar pela porta da frente...

*DING*

*DONG*

*DING*

*DONG*

Eu não queria me virar em direção a porta, então apenas olhei para frente em seu rosto marrom. — Ela não acabou de usar a campainha da frente.

Darcy bufou, lutando contra uma risada, e os homens na porta olharam

para nós. Ele acenou a cabeça para eles enquanto eu sussurrava:

— Eu realmente espero que ela tenha uma frase de efeito e não uma arma.

Parecia que o ar estava eletrificado. O pelo preto nos meus braços brancos subiu quando a porta da frente rangeu aberta. O som denso de chuva batendo no concreto tornou-se mais alto quando a porta se abriu mais e o ar frio entrou no hall de entrada. Eu não podia vê-la sob o grande guarda-chuva preto, nem podia ouvir o que o guarda dizia a ela. No entanto, ele deu um passo para trás e ela entrou, fechando o guarda-chuva. A primeira coisa que notei foi o cabelo castanho chocolate ondulado com reflexos, que paravam no ombro dela. Ela ficou lá sorrindo educadamente para o guarda enquanto tirava seu longo sobretudo, revelando um suéter preto de gola alta justo com pantalona preta de cetim e saltos vermelhos. Não é exatamente equipamento de combate.

Ela disse algo para o guarda, fazendo-o olhar para nós. Eu olhei de relance para Darcy cujos olhos castanhos se estreitaram para ela e eu sabia o que ele estava pensando.

Ela era bonita.

Não apenas bonita, mas quase angelical… inocente. Grandes olhos cinzas, brilhantes lábios rosados e um rosto oval com duas pequenas marcas de beleza: uma sob o olho direito e a outra ao lado do lábio. Lá se vai a ideia de Ethan ficar bêbado e transar com alguma garçonete feia. Nós sabíamos que não era possível, mas ainda assim... irritante pra caralho. Mesmo quando ele não estava tentando, o homem dormia com as malditas modelos da Victoria's Secret.

— Oi. — Ela acenou levemente a mão, tentando chamar nossa atenção. — Meu nome é Calliope Seraphina Orsini, eu sou a mãe de Giovanna. Liguei mais cedo para dizer que eu a estaria pegando nesta hora.

Linda.

Fala mansa.

Um sorriso gentil.

Tudo acerca dela retratava a imagem de uma pessoa boa, um tipo de pessoa do canal Hallmark. Mas essa foi a coisa que me colocou no limite. Pessoas boas não encontram nossa família. Pessoas boas não dormem conosco, e pessoas boas não carregam e ficam com uma criança de mafiosos,

escondem-na e depois exigem que a criança volte muito gentilmente quando ela for levada.

— Bem-vinda à Mansão Callahan, Calliope, — falei, inclinando-me sobre o corrimão. — Nosso primo nos informou que você estaria chegando e que você já deveria estar ciente que Giovanna não está indo a lugar nenhum... afinal de contas, ela é uma Callahan e como eu disse, esta é a Mansão Callahan.

— Ethan está aqui para nós podermos conversar como adultos sobre isso? — ela perguntou, ainda educadamente olhando entre nós.

— Se você queria falar como adultos, por que você não deu a ele uma chance quatro anos atrás? Parece estranho que você esteja esperando uma cortesia que não ofereceu a ele — questionou Darcy.

— Eu entendo. — Ela franziu a testa e exalou. Ela olhou em volta do hall antes de dar alguns passos para a frente, e os guardas que se moveram em sua direção caíram de joelhos. Eles levantaram suas armas, mas antes que eles pudessem sequer dizer qualquer coisa, um por um, todos eles caíram como dominós.

— Que... — Antes que eu pudesse pronunciar as palavras, eu tossi. Várias vezes até as minhas pernas enfraquecerem. Procurando Darcy, eu o vi de joelhos, ofegante por ar. Casualmente ela subiu as escadas, seus saltos clicando no mármore enquanto ela se aproximava de nós, enquanto minha visão se turvava.

— Não se preocupe, o veneno é apenas temporário, — disse ela enquanto apertava o botão do elevador.

*Como?*

Eu queria perguntar, mas minha voz não estava mais funcionando. Quando ela abriu as portas, ela entrou e girou nos calcanhares. — Qual andar?

Mas eu não consegui responder.

— Ah, bem, eu vou descobrir então. E obrigada pelas boas-vindas, Sedric, Darcy, — ela disse e começou a cantarolar para si mesma. Quando as portas se fecharam, ela soltou algo de seu guarda-chuva. Era o maldito guarda-chuva. Porra!

# NARI

Quando as portas dos elevadores se abriram, ela tinha ido. Sua bolsa, seu casaco, guarda-chuva, até mesmo seus saltos vermelhos de couro Gucci com zangões cravejados estavam lá, mas ela não.

— Olhe para cima, — eu ordenei ao guarda enquanto ele se movia para o elevador, segurando a máscara sobre sua boca e nariz. Ele verificou o teto. Eu esperava que ela caísse, mas ele apenas balançou a cabeça.

— Ela não está aqui...

— A trava está aberta? Talvez ela tenha pulado?

Ele estendeu a mão para a trava, e novamente eu esperava vê-la cair, mas ela não estava lá.

*O que no inferno* - eu congelei com o tapinha no meu ombro. Não era possível. Eu a assistia na transmissão da câmera. Eu a vi entrar no elevador e foram três segundos de viagem...

— Só porque você não se vira não significa que eu ainda não esteja atrás de você, Nari. — Sua voz enviou calafrios pela minha espinha.

Girando, levantei minha perna e pouco antes de ela se conectar com seu rosto, uma agulha foi mergulhada em minha panturrilha. Eu gritei com a dor ardente quando ela disparou para cima na minha perna. Ela puxou a agulha e eu não consegui movê-la. A minha perna inteira ficou dura como se estivesse envolta em cimento. Ela fechou a distância entre nós, e com sua unha perfeitamente feita, ela puxou a máscara da minha boca.

Com um sorriso no rosto, ela disse:

— Quando você está prestes a chutar com a perna direita, você puxa o braço esquerdo para trás. Você deveria treinar mais para que algo assim não aconteça com você novamente.

Essa cadela. — Eu... vou... te matar…

— Você não tem esse tipo de poder. Mas eu nunca quero desencorajar ninguém de seus sonhos, então continue nisso. Quem sabe, daqui a quarenta

anos você pode me fazer quebrar uma unha. Boa sorte.

Com o toque mais suave, ela foi capaz de me empurrar de bunda para baixo. Ela andou em volta de mim e eu tentei me mexer, mas não consegui. Eu queria arrancar seus olhos. Ela era pior do que Dona.

Eu observei quando ela caminhou de volta para mim novamente, desta vez colocando seus saltos de volta. Ela tinha pego tudo o que ela tinha deixado no elevador.

Como?

# HELEN

Atordoada, eu abri a porta do meu quarto apenas para ver os guardas do lado de fora da minha porta, agora todos deitados no corredor. No meio de tudo estava uma mulher em pé olhando para baixo no seu telefone. Ela olhou para mim, sua sobrancelha levantada.

— Este não é o quarto do Wyatt? — ela perguntou, confusa.

— Quem é você? — Eu retruquei. Os homens no chão estavam ainda respirando. Se ela queria realmente matá-los, tenho certeza que ela já teria feito isso.

— Calliope Seraphina Orsini, a mãe de Giovanna. Você não parece bem. — Havia preocupação em sua voz e ela me examinou.

Eu olhei de volta para ela e assenti. — Estou gripada. Eu estive adormecida a maior parte do dia, então eu não tenho sido atualizada sobre o que diabos está acontecendo neste momento. No entanto, parece que não estamos indo muito bem.

Ela riu e inclinou a cabeça para mim como se eu fosse uma criança adorável. Ou a irmãzinha dela. — De jeito nenhum. Mas em defesa da sua família, eu sou muito difícil de parar, e parece que seu primo não está realmente nisso para vencer; ele só gosta de me fazer jogar este joguinho dele.

— Isso soa como o homem com quem você teve uma criança. Então, por

falar nisso, boa sorte, vou voltar a dormir agora. — Eu acenei a cabeça para ela.

— Boa noite, — ela disse quando eu fechei a porta. Eu não me mexi, em vez disso escutei contra a madeira da porta por seus passos quando a ouvi...

Toc.

Toc.

— Não, Helen, eu não me mexi porque eu sei que você vai querer enfiar a cabeça de volta para fora. E isso vai me fazer pensar que você está tramando alguma coisa, e eu realmente não quero ter que te derrubar também. Parece que você já teve alguns dias difíceis.

— A preocupação em sua voz é verdadeira? — perguntei.

— Não. Eu acabei de te conhecer, por que eu estaria preocupada? — ela respondeu honestamente. — No entanto, isso não torna o que eu disse menos verdadeiro.

Ela estava certa, e se ela tinha chegado tão longe na mansão, significava que, ou Ethan a estava deixando vir ou ela realmente era mesmo muito difícil de parar... talvez um pouco dos dois. Minha mão ainda doía. Minha cabeça estava em chamas e o mundo estava girando, então eu tranquei a porta e ruidosamente deixei ela saber que eu não estava saindo.

As chances de alguém que não fosse a família andar pelos corredores desta casa contra nossos desejos e viver para contar a história, eram quase nulas. Um inimigo andando pela nossa casa era uma sentença de morte. Mesmo quando tínhamos festas, as pessoas nunca iam onde nós não permitíamos. Para ela andar por essa casa do jeito que ela andou... significava que ela não tinha medo. Mas essa era sua natureza ou apenas confiança nessa situação?

— Argh, minha cabeça, — eu resmunguei, rastejando para a cama de Wyatt. Assim que meu rosto atingiu o travesseiro eu congelei.

O único jeito que ela saberia que este era o quarto de Wyatt, sem nunca ter estado aqui, é se ela tivesse as plantas. Mas havia apenas um conjunto de planta e ele foi desenhado pelo próprio Ethan.

Que diabos?

BUZZ.

BUZZ.

— Alô? — Eu disse no meu celular.

— Você está bem? Não abra a porta. — Wyatt falou rapidamente.

— Estou bem, mas por quê?

— Calliope, a mãe da Giovanna está do lado de fora do meu quarto. Ela acabou de derrubar os guardas aí.

— Eu sei. O que você quer dizer com acabou? Ela saiu há alguns segundos atrás.

— O quê? Estou vendo as câmeras agora, a porta acabou de abrir...

— Wyatt, isso já aconteceu. Algo deve estar errado com a câmera... merda. — Eu murmurei, sentando-me de volta, relembrando como a vi com seu telefone. — Ela invadiu minha rede e atrasou o tempo na transmissão. — Wyatt! Ela está pelo menos trinta segundos à frente de todos vocês. O que está acontecendo? Ela é um hacker?

— Tente assassina.

Eu puxei o telefone do meu ouvido para apenas olhar para ele. Colocando-o de volta eu disse:

— Desculpe, você vai ter que repetir isso mais uma vez. Eu acho que meu cérebro estava reiniciando.

— A.S.S.A.S.S.I.N.A, assassina, — ele soletrou e repetiu para mim. — Ethan está deixando uma mulher louca andar pela nossa casa, colocando nossos guardas para dormir. Por quê? Eu não sei, porra!

Eu tentei pensar. Novamente, se isso fosse uma coisa tão importante, Ethan não se importaria se eu estivesse meio morta, eu estaria consertando as malditas câmeras.

— Wyatt... você acha que eles estão flertando um com o outro?

— Em que universo alguma coisa que eu disse parece com flertar? — ele respondeu, perplexo.

Eu não consegui responder porque isso soava estranho.

— Além disso, ele nem se lembra dela.

E essa foi a coisa mais estranha que eu ouvi o dia todo. — Ethan não se lembra dela? Você tem certeza? Ele disse isso?

— Você o viu, ele ficou completamente chocado...

— Sim, sobre ter uma filha... mas não com a mãe da filha. Wyatt, Ethan nunca esquece nada. Ele não sabia que tinha um filho, mas ele provavelmente sabia com quem ele dormiu. Na pequena chance de que ele realmente não se lembrasse, tudo o que ele tinha que fazer era descobrir por volta de quando sua filha foi concebida, e ele podia encontrar a garantia relativa para aquela época. Ethan nunca está satisfeito em não saber algo. Ele vai cavar até encontrar. Então, ou ele sabe, ou descobriu, e é por isso que ele está deixando-a simplesmente vagar pela casa.

Houve silêncio do outro lado da linha até que finalmente ele exalou. — Estou ficando muito cansado de tentar descobrir como a porra da mente do Ethan funciona. Para cima é para baixo. Direita é esquerda, e a lua é o sol com ele!

— Onde você está?

— Com o seu Caim. O Rei Ethan me colocou atrás de uma mesa.

— Bem, eu estou na sua cama sempre que você ficar cansado da minha mesa.

— Helen. — Eu tremi de horror com a nova voz na linha. — Ele não está sozinho aqui.

— Ah... oi pai. — Eu me encolhi, colocando a mão sobre o meu rosto. — Você está trabalhando no Caim com ele? Desculpe, não quero interromper. Falo com você depois, tchau!

Desligando rapidamente eu joguei o telefone longe, enterrando meu rosto no travesseiro dele. Eu deveria ter ido para o corredor. Dê-me dez assassinos ao invés de experimentar isso de novo.

Porra.

# Capítulo Vinte

*“É uma fraude para ocultar a fraude.”*

*Desconhecido*

*Sem título*

## ETHAN

Olhando para as chamas da lareira, eu ouvi seus saltos clicarem sobre as pedras enquanto ela descia a escada de pedra até chegar no final. Ela não deu mais um passo. Ela parecia tão bonita como sempre, e apesar de não sorrir, eu podia ver a sugestão de diversão em seus olhos. Afinal, ela tinha acabado de limpar o chão com os meus chamados guardas e minha família.

— Nós temos três minutos antes de, ou sua mãe, seu tio ou Helen consertar o que eu fiz para o sistema de segurança. — Ela levantou o telefone para me mostrar seu cronômetro.

Eu atravessei o porão, segurando a parte de trás do seu pescoço e puxando-a para perto de mim. Meus lábios estavam nos dela e suas mãos foram para o meu cabelo. Ela abriu a boca para mim quando eu senti sua língua na minha boca, eu não pude deixar de pressioná-la contra a escada. A sensação de seus seios contra mim, o jeito que sua bunda se encaixava na minha mão quando eu abaixei a mão para apertar, só me excitou ainda mais.

— Agora temos dois minutos, — ela sussurrou, afastando-se de mim e colocando a mão nos meus lábios.

Eu beijei seus dedos antes de comentar:

— Você mudou o plano.

— Meu avô mudou o plano. Eu sabia que ele estava escorregando. Mas não tão depressa. Eu calculei mal. — Ela franziu a testa, irritada consigo mesma, o que significava que eu não tinha que dizer mais nada sobre o assunto.

— O resto do plano? Ainda estamos fingindo que não nos conhecemos?

Ela sorriu e beijou meus lábios suavemente. — Continuamos como planejado. Nós sabemos que todo mundo está observando, vamos dar o show que eles querem.

— Brincar com a minha família é divertido para você?

— Não finja que sou a única. A única razão pela qual alguém se torna um mestre das marionetes é porque ele adora ver os bonecos dançarem em suas cordas. — Ela inclinou a cabeça para me observar. — Nós conversaremos sobre todo o resto no seu… *nosso* quarto. Minhas roupas já estão fora da mala, certo?

—Já dando ordens? — Eu perguntei, apertando sua bunda mais forte. — Quão dramática nós estamos deixando esta reunião?

— Digna de ópera, — ela respondeu, me empurrando e ajustando suas roupas. Eu fiz o mesmo, e ela acenou a mão, dizendo-me para voltar para a lareira. — Além disso, sua prima Helen estava praticamente nua esperando por seu irmão no quarto dele.

— Por que diabos você me diria isso? — Eu perguntei, estremecendo.

Ela apenas deu um grande sorriso e apontou para a minha ereção chegando ao fim. — Para se livrar disso.

Revirando os olhos, ajeitei meu terno enquanto ela fazia uma contagem regressiva para ela... nossa piadinha cruel com a minha família. Todos acreditavam que eu não tinha senso de humor. Acontece que eu tinha, exatamente às custas deles.

— Três, dois, um, — ela disse, e eu apenas olhei mais uma vez, tentado a balançar a cabeça.

Ela ficou bem na minha frente.

— Olá, Ethan. Eu estou no último nível, é onde enfrento o chefe agora? — ela perguntou friamente. E ela disse que eu merecia um Oscar.

— Isso depende, — eu disse, olhando em seus familiares olhos cinzas. Depois de quatro anos, nada mudara nela, a não ser o comprimento do seu cabelo. — Eu sou o chefe final? Ou é você? Este é o meu jogo ou é o seu, Cordelia, quero dizer, Calliope?

Ela foi até o sofá, colocando a bolsa e a jaqueta na mesinha lateral antes de

inspecionar as garrafas de vinho que estavam empilhadas contra a parede de pedra. Ela verificou as datas antes de escolher uma. — Um Chateau Lafite de 1782 é um dos melhores vinhos tintos do mundo. Ele vale um quarto de milhão de dólares. Algumas pessoas dizem que ele te acalma. Vamos descobrir…

— Calliope...

— Seu filho da mãe ingrato! — ela gritou, atirando-a em mim. A garrafa quebrou contra a lareira atrás de mim. E ela não tinha terminado. Ela pegou garrafa após garrafa, atirando-as em mim. — Quem diabos você está questionando agora?

*Como diabos eu estava tão apaixonado por essa maldita mulher louca.*

*Maldição!*

# CALLIOPE

— Eles estavam certos; eu me sinto muito melhor. — Eu bebi da garrafa e me sentei em cima da mesa. Olhando por cima do meu ombro, eu observei Ethan pressionar o sangue em sua testa com um guardanapo. — Você se sente melhor?

Ele parou, virando a cabeça para mim, seu olho verde aborrecido direto em mim. Eu queria beijá-lo tanto. Ele parecia chateado, no entanto.

— Agora que você está calma...

— Agora que eu estou calma? — Eu girei no tampo da mesa para olhar para ele. — Eu estava calma no telefone. Eu estava calma quando cheguei aqui. Você foi o filho da puta que tinha guardas esperando por mim, *armados*. Por quê? Por que eu não estava bem com o fato de que minha filha foi tirada de mim sem permissão? Em vez de me abordar de uma maneira calma e lógica, você decidiu lutar contra mim. Na verdade, eu não posso nem chamar isso de luta. O que é pior, porque o fato de que foi tão fácil chegar até você parece que eu estava sendo ridicularizada!

— Eu tinha guardas te encontrando porque eu não te conheço! Nem confio em você. Desde o momento que nos encontramos há cinco anos atrás você

estava mentindo na minha maldita cara!

— Eu menti para você? — Eu disse, chocada.

— Você realmente vai...

— Você é a pessoa mais insuportável que já tive a infelicidade de conhecer. Você é tão absolutamente teimoso que você pensa que é o sol, o céu, as estrelas e a maldita lua! Eu nunca menti para você...

— Você disse que seu nome era Cordelia Muñoz!

— Eu nunca disse isso! Você disse! Você nunca perguntou meu nome, Ethan. Por quê? Porque você pensou que eu era uma mulher colombiana sexy e pobre que simplesmente se apaixonaria por sua grande besteira. Você nunca se incomodou em pedir qualquer informação sobre mim. Você encontrou alguém para me seguir enquanto eu estava trabalhando disfarçada como Cordelia Muñoz. Você compilou todas essas informações juntas, nunca me fazendo uma única maldita pergunta relacionada a quem eu era, porque você é cabeçudo! Agora você quer me chamar de mentirosa, *Vaffanculo*[7]! — eu praguejei antes de cuspir o ar em sua direção.

Seu punho cerrou e suas narinas se dilataram. — Você sabia quem eu era e que nossa família tinha história e, no entanto, não disse nada...

— Por que diabos eu teria que dizer alguma coisa? Eu estava trabalhando. Eu deveria colocar em risco todo o trabalho que eu vinha fazendo há um ano por você? Por quê? Você me contou sobre o seu trabalho? Não. Eu perguntei? Não, eu não precisava das respostas. Você queria saber quem eu era, mas você não perguntou, e você recebeu informações falsas. Isso foi sua culpa! Então, por que eu tenho culpa? Não... sei un figlio de puttana[8]! — Virando para longe dele eu bebi novamente, sabendo muito bem que ele ia me acorrentar e me foder até eu não conseguir andar por essa merda.

— Se você realmente acreditou que não fez nada de errado, por que você me afastou da minha filha? — A pergunta era provavelmente para os seus pais assistindo ou para qualquer um dos atenciosos membros da família também assistindo.

— Calliope!

— Você pode elevar sua voz o quanto quiser. Isso não vai me fazer

responder para você... — fechei os olhos quando ele deu um puxão no meu braço me forçando de volta. Sua mão na minha pele... o quão apertado ele me segurou... isso me fez querer não só revidar, mas igualmente acorrentá-lo também. Seus olhos olharam com raiva para mim, mas eu vi a luxúria neles.

— Você tem três segundos para soltar meu braço antes de eu ficar chateada, — eu avisei, e ele apertou mais.

— Você não parece entender, — eu disse sério, colocando as minhas mãos nos bolsos. — Eu não sou Cordelia Muñoz, uma pobre garçonete zé-ninguém de Bogotá, Colômbia. Eu sou Calliope Seraphina Orsini de Lazio, Itália. Antes que o clã Callahan existisse, antes mesmo que a família Giovanni existisse, minha família existia… como nobres. Três papas: Celestino III, Nicolau III e Bento XIII vieram da minha família. Ninguém me toca sem minha permissão. Nem mesmo você.

Limpando os cacos de vidro dos ombros dele, ele me prendeu com seu olhar, sua mandíbula travada. — Se você se importa tanto com a família, se você tem a família em tão alta consideração, por que diabos você me negaria a minha? Você ainda não respondeu isso. Tudo bem. Eu nunca me incomodei em realmente conhecer você. Você tinha suas razões para não me dizer quem você realmente era. Tudo bem com tudo isso. Eu assumirei a responsabilidade por isso. Mas qual foi a razão que você escolheu para me negar a minha filha?

— Eu não sou dona de casa nem sou um enfeite. Eu sou uma arma. Então, eu disse não para você... e o futuro que você ofereceria, plenamente consciente que você provavelmente nunca veria sua filha até que ela ficasse mais velha. Eu me senti mal com isso? Claro. Mas não por você, por minha garotinha, então eu garanti que ela soubesse quem você era. Eu contei a ela histórias sobre sua família. Eu até garanti que ela se lembrasse do seu rosto, nome, telefone e endereço. Não é suficiente?

Os olhos dele nunca deixaram os meus. Ele olhou fixamente, e eu podia dizer que ele estava comovido. Mas ele não queria falar primeiro. Em vez disso, pegou minha bolsa e casaco.

— Calliope.

— Guarde sua besteira para alguma outra cadela irlandesa presidiária burra. Mencionar ou não mencionar isso não importa, nem muda nada. Eu não vim por você. Eu vim pela minha filha e talvez pelo meu avô. Eu ainda não

decidi se vou matá-lo já. Então me aponte na direção correta para que eu possa ir para casa.

— Eu não vou deixar você ir.

— Eu não estou perguntando.

Ele estendeu a mão atrás das costas e em um segundo, nós dois tínhamos armas puxadas um para o outro.

— Você viu o que aconteceu quando você entrou nesta casa. Se você acha que eu vou deixar você ir embora, deixar minha filha ir embora, você perdeu seu maldito juízo. Eu lutarei contra você com tudo que tenho. Eu vou arrastar seu nome pela lama e expor você de todas as formas humanamente possíveis. Eu tenho certeza que o mundo vai adorar saber sobre o *i libitinarii*. — Ele me ameaçou friamente, colocando a mão no bolso. — Um assassino exposto é tão bom quanto morto, não é?

— Assim como eu tenho certeza que o mundo adoraria conhecer as grandes conexões Callahan... e sua influência direta com a máfia. Uma máfia exposta é tão boa quanto uma morta, não é? Teste-me, filho da puta. Eu vou afundar seu navio de guerra também.

— Portanto, nós estamos em um impasse então? — Ele abaixou a arma, um pequeno sorriso nos lábios.

— Eu acho... Ah! — Eu assobiei e percebi de relance a agulha no meu ombro. Estendendo a mão, eu a retirei com as mãos trêmulas. Eu daria qualquer coisa para explodir sua cabeça neste momento, mas eu não consegui evitar de cair de costas no caminho de pedra. Eu escorreguei para o chão. — Você vai se arrepender disso.

Ele veio, curvando-se na minha frente. — Você está chateada comigo e eu com você. Mas isso não muda o fato de que nossa filha precisa de nós dois. O que você acha que ela vai perguntar se você tentar levá-la embora? Quando você adormecer, pergunte a si mesma, a felicidade de quem é mais importante? Sua ou dela?

— Vaffanculo, — eu sussurrei antes de fechar os olhos.

*E, corta!*

# ETHAN

Ela realmente amava o drama.

Vaffanculo? Suas palavras finais?

Embora, eu não podia negar que era divertido agir com ela, ser ridículo com ela. Era o único alívio da loucura em nossas vidas.

*Ela parecia tão inocente assim.* Eu a levei de volta para o meu quarto. Seu corpo parecia perfeito contra mim. Era como recuperar os espólios de guerra. Embora ambos soubéssemos que ela estava ficando, ela também estava me desafiando para ver até que ponto eu iria para fazê-la ficar.

— Está terminado agora.

— Ainda não. — Suas pálpebras se abriram e antes que eu pudesse sequer piscar, senti a queimação se espalhar pelo meu braço. Olhando para baixo, eu vi a fina agulha longa presa entre os dedos dela saindo da minha mão. Ela se sentou na cama, virando-se para se levantar. Eu tentei me mover, mas não consegui.

— Ainda há mais um Callahan que eu tenho que vencer.

— Você... porra... tinha que me furar?

— Você atirou em mim. — Ela encolheu os ombros e me empurrou na cama, beijando meus lábios. — Até que ponto seu irmão está indo por você desta vez?

— Nós não temos que ir tão longe, — eu murmurei, sentindo minhas palavras ficarem arrastadas um pouco.

— O único modo de criar uma boa cobertura é cobrir todas as suas bases, — ela sussurrou, me beijando novamente. — Eu estou aqui. Nós estamos aqui. Mas ninguém pode saber como chegamos aqui. Todos eles têm que acreditar nessa mentira.

— Tudo bem. — Eu franzi a testa quando a observei ir até o lado da cama de Giovanna. Ela acariciou o cabelo dela suavemente, antes de olhar para mim, um pequeno sorriso em seus lábios.

— Mamma, — sussurrou Giovanna, esfregando os olhos. — Você voltou.

— Sim, cuore mio. — Ela pegou-a e beijou sua bochecha, caminhando de volta para a cama. Quando ela chegou ao meu lado, ela se inclinou um pouco. — Nós temos de ir agora. Diga adeus ao papá.

— Ciao papà. Ti amo. (Tchau papai. Te amo.) — Giovanna sussurrou, inclinando-se e beijando minha bochecha antes de enterrar seu rosto no da sua mãe. Eu senti aquela culpa novamente. Calliope e eu éramos também pessoas cruéis, pessoas perversas, usando nossa filha assim, colocando-a nessa posição. Mas estava quase no fim. E depois nós íamos recompensá-la por isso.

O que nós fazíamos agora era ter certeza de que eu nunca teria que deixá-la como meus pais fizeram comigo. Era difícil. Mas isso precisava ser feito.

Eu acenei a cabeça mais uma vez, e Calliope a levou do quarto.

O mundo ia temer Calliope e eu. Ninguém ou nada ia entrar em nosso caminho... nem mesmo nossos próprios sentimentos.

# CALLIOPE

Eu dei apenas alguns passos pelo corredor quando um outro adversário fez sua aparição. Segurando firme em sua muleta, ele olhou para Gigi e depois para mim.

— Você acha que tem chance, Wyatt? — Eu perguntei a ele, já farta com essas pessoas hoje.

Ele sorriu. — Eu nunca saberei até que eu tente. É o mínimo que eu posso fazer para meu irmão.

— Muito bem então, — eu disse, alcançando atrás nas minhas costas quando ele estendeu as mãos, e eu olhei para ele cuidadosamente.

— Como meu corpo ainda está se curando, eu vou tentar uma abordagem diferente, — disse ele acenando a cabeça como se eu fosse um animal selvagem que ele estava tentando acalmar.

— E que é?

— Pedir gentilmente, — disse ele com um sorriso. — Meu irmão tem passado por muita coisa. E claro, eu não sei pelo que você tem passado, vou assumir que foi um inferno. Mas ainda assim, eu ainda estou pedindo... por favor, não faça isso com ele. Uma após outra, tudo está pegando fogo em volta dele, e o que é pior é que não é culpa dele, mas ele se culpará por isso mesmo assim. É o que ele faz. Ele assume a responsabilidade por tudo o tempo todo... e... e ele não quer nos decepcionar. Não faça isso... por ela... não o deixe decepcionar sua filha. Por favor, fique. Eu não vou te parar se você tentar ir embora, mas eu prefiro que você fique.

*Ohh, um discurso tão doce.* Andando para a frente, eu não parei até ficar bem ao lado dele. — Obrigada por não me parar.

Eu só dei três passos quando o ouvi se virar. Voltei-me para ele e ele suspirou, segurando um interruptor nas mãos.

— Eu menti.

— Eu sabia que você mentia. — Eu apontei para sua coxa ruim e seus olhos olharam para baixo na agulha agora saindo dela.

Mudando Gigi em meus braços, eu andei mais rápido quando ele caiu, virando à esquerda primeiro e indo até as escadas. Eu a coloquei de pé e deixei cair minhas coisas no chão. Inclinando-me, retirei minhas luvas do casaco, colocando-as eu abri o zíper de um dos bolsos do meu casaco e tirei um frasco fino.

— Mamma...

— Fique atrás, *cuore mio,* nós iremos em um segundo... — Eu disse em italiano, tentando trabalhar, mas eu parei quando ouvi uma fungada. Eu olhei para cima e seu lábio inferior estava tremendo, e lágrimas estavam se acumulando em seus olhos.

— *Cuore mio* …

— Papai… me... odeia. É por isso que eu... eu tenho que ir... Mas eu não quero, mamma. — Ela tentou lutar contra suas lágrimas, mas elas vieram e ela se apressou para enxugar os olhos. — Sinto muito, mamma... guerreiros... não choram.

Esse foi o fechamento das cortinas deste pequeno show nosso. Eu coloquei o frasco de volta no bolso e tirei minhas luvas. Ajoelhando-me, eu a puxei para os meus braços, abraçando-a com força.

— Você não tem nada para se desculpar, cuore mio, — eu sussurrei, afastando o cabelo para trás. — Seu papai quer muito você com ele.

— Então por que eu tenho que ir? — ela perguntou, fungando novamente.

Eu limpei suas lágrimas com o meu polegar. — Porque mamãe faz escolhas complicadas. Mas eu vou ser melhor para você, eu prometo.

— Então eu posso ficar? — A esperança em seus olhos era demais para eu lidar. Assentindo, eu a puxei de volta para os meus braços, envolvendo-os em volta dela com força. Quando olhei para cima, meu avô estava de pé no final do corredor com um pequeno sorriso no rosto. Olhando com raiva para ele, revirei os olhos antes de afirmar para a minha filha. — Você vai ficar, cuore mio. Esta é a Mansão Callahan e você é uma Callahan.

Esta era a desculpa que precisávamos.

Eles agora tinham uma história do porquê eu fui embora.

E agora do porquê eu fiquei.

Era uma mentira, mas isso explicaria por que Ethan e eu íamos magicamente resolver tudo.

Usar nossa filha como nossa cobertura era uma coisa horrível para se fazer emocionalmente para uma garotinha, mas nós precisávamos fazer isso.

— Eu te amo tanto, cuore mio. — eu beijei sua bochecha.

*Obrigada por ajudar mamãe e papai hoje.*

# Capítulo Vinte e Um

*“O vício é como uma fúria para a mente maligna*

*e se transforma em deleite para a punição.”*

*Ben Jonson*

# LIAM

Ela se levantou da cadeira e olhou pela janela como se pudesse vê-lo de longe. Como se ele visse sua raiva silenciosa e se corrigisse como ele fazia quando era criança. Levantando-me, eu me aproximei e fiquei ao lado dela, olhando para a cidade à nossa frente, exibindo-se sob a lua.

— Está tudo bem, mas não é Chicago, — sussurrei.

— E as pessoas legais demais, — ela acrescentou, com os braços cruzados sob os seios.

Com isso eu dei uma risadinha. — Eles são canadenses. Ser legal é a marca registrada deles.

Ela revirou seus olhos castanhos antes de olhar de relance para mim, sua expressão suavizando um pouco. Cada vez que eu notava isso, eu queria me aplaudir por, de alguma forma, sobreviver a ela. Eu levantei a mão e a coloquei em sua bochecha. — Não se preocupe, ninguém nunca acreditará que você tem idade suficiente para ser uma avó.

Seus olhos arregalaram-se e ela livrou-se de mim, virando de costas e entrando em nossa suíte novamente. Ela olhou feio para a tela da televisão e balançou a cabeça. — Eu conheço meu filho, Liam, de jeito nenhum no inferno ele cometeria este tipo de erro.

— Por quê? — Eu me inclinei contra a parede.

— Como assim, por quê? É o Ethan!

— E daí? — Eu pressionei, e ela apertou o controle remoto, inclinando a cabeça para o lado, visualmente irritada com a minha resposta. — É o Ethan, seu

filho, nosso filho, um ser humano, o qual, como você pode se lembrar, tem cometido uma série de erros, um dos quais quase deixou o nosso outro filho morto.

— Você está colocando a culpa disso nele...

— A quem mais eu deveria estar culpando? — eu falei rispidamente, empurrando-me da parede. — Ele deixou seu irmão, ele deixou a família!

— Wyatt também...

— Wyatt não é o *Ceann na Conairte*!

— Ele perdeu sua esposa!

— Outro fodido erro estúpido! — eu gritei de volta. — A filha de Shay "O Tolo" O'Davoren? Que por acaso também era uma tola incompetente. Isto deve ser da família deles e ainda assim ele escolheu aquela mulher! É como se não tivéssemos ensinado nada a ele! Tanto ele como Wyatt. Nós deveríamos ter deixado tudo para Dona, em vez de jogá-la para o patético principezinho!

— Ah, sério? Você vai matar seus filhos para que isso aconteça? Porque eu duvido que Ethan a teria deixado viver...

— Ethan é fraco! Se alguém teria deixado alguém viver, teria sido Dona!

— Você ouve a si mesmo? Nós estamos falando sobre a vida dos nossos filhos!

— Você ouve a si mesma? A toda-poderosa Bloody Melody usando seu coração para tomar decisões...

BANG!

— PORRA MEL! — Eu berrei, agarrando a ponta da minha orelha, que agora estava sangrando. O controle remoto foi embora de suas mãos, e em seu lugar sua arma fodida. O nariz dela se dilatou como um dragão pronto para incendiar a aldeia. Ela segurou a arma para cima. — Quantas vezes eu tenho que te dizer para usar suas malditas palavras, mulher!

— Eu estava usando minhas palavras, mas parecia que não estávamos chegando a lugar nenhum

— Mais como se você não conseguisse defender a porra da sua posição. — Peguei um dos guardanapos, bem como gelo do balde de vinho na maldita mesa

para colocar na minha orelha. — Eu estou muito velho, e eu tenho estado casado por muito tempo para estar me esquivando de suas balas do caralho. Atire em mim de novo...

— Eu ainda tenho a arma em minhas mãos, Liam.

— E? — Eu rebati, olhando para ela. — Isso deveria ser uma ameaça? O que você vai fazer, atirar em mim de novo? Vá em frente, amor, você só continua trazendo mais trabalho para si mesma enquanto eu me recupero.

Seus olhos se estreitaram e ela exalou sem dizer nada, e colocou a arma na mesinha lateral.

— Isso tomou proporções maiores...

— Você acha? — Eu rebati de novo antes de me deitar no sofá. Ela se aproximou, sentando-se na beira do sofá e pegou o guardanapo em mim, segurando-o ela mesma.

— É um ferimento superficial, seu velho covarde.

— É um ferimento e desnecessário, especialmente vendo como você sabe que eu sou velho, você deve ser mais delicada, ahh... — cerrei os dentes quando ela pressionou com força na minha orelha.

Eu bati na sua bunda e ela riu. — Desculpe amor, isso não foi delicado o suficiente?

— Não, de jeito nenhum, mas vou deixar passar, já que você, pelo menos, não está mais feroz. — eu sorri quando os olhos dela encontraram os meus. Ela lentamente relaxou e eu continuei. — Eu sei que você os ama. Eu os amo também, eu quero protegê-los também, vou protegê-los, mas não podemos negar o fato de que Ethan não está correspondendo ao que esperávamos dele... e isso pode não ser tudo culpa dele. Talvez nós não o treinamos bem o suficiente. Talvez tenhamos ido embora cedo demais. Talvez ele apenas tenha fingido ser forte na nossa frente...

— Não. — Ela disparou rapidamente, voltando-se para a tela, deixando cair o gelo e o guardanapo no meu peito. *Obrigado, amor*. Ela chegou mais perto, levando o controle remoto com ela e rebobinando. Ela assistiu a ele e esta nova mulher lutarem na adega. Ela parou e voltou várias vezes.

— Você vai me dizer para o que é o não? — Eu perguntei, pegando o

guardanapo e sentando-me reto. Ela se virou para mim e sorriu, verdadeiramente sorriu. Eu estava um pouco preocupado, mas não pude deixar de sorrir de volta. — O quê?

— E se ele não esteve fingindo ser forte, mas esteve fingindo ser fraco? — Ela disse seriamente, e eu não tinha certeza qual expressão ela estava fazendo, mas ela parecia saber o que eu achava disso.

— Ethan? Fingindo ser fraco? Mel, amor, a única coisa que posso dizer sobre Ethan é que, mais do que tudo, ele ama força e poder...

— Então, por que Ivy? — ela perguntou, mãos estendidas.

— Ele a conheceu quando criança...

— Ele conheceu essa também, essa Calliope. Eles se conheceram quando crianças também.

Eu fiz uma careta tentando lembrar. — Quando?

— Festa de aniversário do sétimo ano de Wyatt e Dona. Lembra a garota a quem eu perguntei o que deveríamos fazer para a próxima festa? — Ela olhou para mim.

Eu lembrei e assenti. — Ah, certo. Você disse naquela época que ela era apenas uma garota boba...

— Ela era. — Ela foi de volta para a mulher de cabelo castanho na tela. — Ela me disse que ia se casar com a nossa família e se tornar a Sra. Callahan.

— Ela disse?

Ela assentiu lentamente. — Eu achei que ela era boba porque quase todas as crianças e as coisas que elas queriam eram um pouco tolas. No entanto, eu me lembro dela porque ela tinha aquele olhar em seus olhos. Era um de pura determinação. Alguns dias depois do aniversário deles, ela foi para o internato na Itália.

*Ela ficou de olho nela?*

— Você raramente se importa com os filhos de outras pessoas...

— Eu nunca me importo com os filhos de outras pessoas, — disse ela rapidamente e fez uma careta como se não pudesse acreditar que eu ousaria pensar que seu círculo de amor poderia ser maior do que a nossa família.

Eu me recostei nas almofadas e esfreguei minha têmpora. — Ok, amor, explique. Faça-me entender como tudo isso se relaciona. Como ela querendo ser a Sra. Callahan equipara-se a Ethan fingindo ser fraco? Como eu disse, Ethan ama força e poder...

— Como ele não amaria uma mulher que constrói sua própria força e poder para tê-lo? — ela perguntou.

— O oposto de Ivy. — Ela suspirou e atirou em mim um olhar. — O quê? Calliope, com a rapidez com que ela limpou o chão com nossa lamentável família, ela é forte. Nós podemos ver isso. Mas não podemos esquecer o histórico dele quando se tratava das mulheres antes dela. Primeiro Klarissa, depois Ivy, ambas o completo oposto dela...

— Você não dormiu com mulheres que você sabia que nunca se casaria? Elas eram o oposto do que você queria...

Ela realmente sabia como desenterrar o passado. Tudo bem. — Não, eu dormi com qualquer rosto bonito, com um corpo bonito, porque eu estava preocupado que eu estaria me casando com uma vaca italiana...

Ela se moveu para a arma, mas eu corri em direção a ela, colocando minha mão em cima. Ela olhou feio para mim e eu mostrei um sorriso para ela. — Só tentando ajudar, amor.

— Você está? — ela retrucou, puxando a mão. — Apenas cale a boca e me escute, eu preciso descobrir isso...

— A resposta mais simples... — Ela mostrou os dentes para mim e eu levantei minhas mãos e me sentei, mas não antes de levar a arma comigo.

— Klarissa Moretti, ela veio de uma família italiana, mas seu pai estava tentando apelar para as outras famílias italianas há anos...

— Deveria tê-lo matado anos atrás... — murmurei para mim mesmo e ela novamente me encarou. — Certo, desculpe...

— Não, você está certo. — Ela apontou para mim.

*Dizer o que agora?* — Desculpe, você pode repetir isso? — Eu ri.

Ela me ignorou, andando lentamente de um lado para o outro na frente da televisão. — Se fosse eu, se fôssemos nós, e Moretti que fizesse alguma das

merdas que ele tem feito nos últimos anos, nós teríamos tido seus membros nas ruas. Mas Ethan não. Em vez disso, ele namorou a filha dele. Por quê?

Eu abri minha boca para falar, mas não disse nada. Lavando minhas mãos no balde de gelo, peguei o prato de uvas, relaxando e observando-a pensar.

— Ethan saberia que namorar sua filha daria a Moretti mais influência, mas ele fez isso mesmo assim. Ele nunca foi sério sobre se casar com ela ou ele teria feito isso. No entanto, matá-la imediatamente provocaria Moretti, então por que não os matar e poupar-se do estresse? Ela não teria assim tanta informação; seu pai a teria mantido no escuro propositalmente apenas no caso de Ethan a estar usando por informação. Então, novamente, não havia nenhum sentido... — Ela olhou para mim enquanto eu deslizava a uva entre os meus lábios. — A menos que ele não quisesse que as pessoas o culpassem pela morte dos Morettis... no início. Mas se Ivy fez isso, ainda é o mesmo...

— Bem, — eu cuspi a semente na bandeja antes de adicionar, — ele usou e jogou fora Klarissa, envergonhando-a. Então, depois dessa vergonha, ele a mata. Seu pai está enfurecido. Tenho certeza que seu velho coração italiano quebrou por sua garotinha… ha… desculpe. Você pensaria que como pai de uma filha eu sentiria por ele, mas tenho certeza de que ficou mais fácil para Donatella descobrir como ele estava nos traindo com Tobias.

Eu parei, minhas sobrancelhas se juntaram quando olhei para ela e ela me deu o mesmo olhar.

*O filho da puta... porra, eu não posso dizer isso... a puta é também a minha esposa. Porra, como eu amaldiçoo esse garoto?*

— Ele fez isso por Donatella. — Ela terminou meu pensamento.

Eu assenti, jogando as uvas de volta na mesa. — Ethan podia cometer erros? Sim. Mas Ethan sendo mais lento do que Dona nos negócios? De jeito nenhum no inferno. Se Donatella conseguiu descobrir que Tobias estava nos traindo com Moretti...

— Ethan já sabia.

— E a única razão pela qual ele não acabou com os dois é por causa do...

— Seu amor por sua irmãzinha. — Ela riu sarcasticamente. — Ele deixou Moretti se fortalecer, usou sua filha, permitindo que ele relaxasse e achasse que

ia colocar as mãos em nossa família. Quando Klarissa é assassinada...

— Ele perde a cabeça e quer vingança. Sua traição se torna clara para todo mundo, e o mesmo acontece com Tobias.

— E justo quando tudo isso acontece, ele está fora da cidade e deixa sua irmãzinha para cuidar disso... e de Tobias, então ele não tem que ser aquele que matou o amor dela... — Sua voz desapareceu quando eu dei a ela um olhar. Eu não queria ouvir essa merda. Ela sorriu, sabendo disso também.

— Ele deixou Moretti ficar maior para expor Tobias, para que Donatella fizesse isso sozinha, — ela disse para mim. — E nós sabíamos que uma das razões pelas quais ele escolheu Ivy, foi para que ele pudesse usá-la para trazer Wyatt para casa.

— Uma amante para desmontar cada irmão?

— Ah, você não tem problema em chamá-las de amantes quando é para o seu filho?

— Você quer ter essa briga? Porque eu vou ter, e isso pode levar o resto da nossa noite.

Divertida consigo mesma, ela veio para sentar-se comigo, pegando seu tablet e digitando.

— Bem? — eu perguntei.

— Quais são as chances de ele perder sua esposa tão cedo depois que ele a usou para trazer seu irmão de volta para casa? — ela questionou.

— Remotas.

— E quais são as chances de que a pobre esposa nunca teve um casamento na igreja na frente de todos, ou nem sequer adicionada ao nosso registro da família?

— Mais remotas, — eu respondi quando ela apontou para a televisão para me mostrar o registro da nossa família. Nós dois estávamos registrados como mortos, e Ethan ainda estava registrado como solteiro.

— Eles não foram legalmente casados. — Eu não sabia como me sentir sobre isso. Eu apenas olhei para ela. — E ninguém checou?

— Por que eles checariam? Eles estavam todos na cerimônia falsa. Eles o

viram assinar um documento qualquer bem ali. Por que eles pensariam que ele não o registrou? — ela perguntou, o canto de sua boca se contraindo.

— Você está feliz com isso...

— Eu deveria estar chateada?

— Quais são as chances de uma bomba explodir em nossa igreja, que dá a eles uma razão para não se casarem lá, e um disfarce para este casamento falso? — Eu vociferei, e foi só então que ela percebeu. — Nosso filho quase queimou minha maldita mãe viva! Assim como o resto da nossa família.

— Eles viveram, não viveram? — Ela deu de ombros e tentou segurar uma risada.

— Há um limite, Melody. — Eu resmunguei, levantando-me.

# MELODY

Ele estava em chamas.

Ele estava em conflito.

Eu não o culpava. De um lado estava seu primogênito, do outro lado estava sua mãe. Liam amava Evelyn, machucá-la era como morrer, e ainda assim, ele nunca machucaria Ethan. Se ele machucasse, eu o mataria. Não sem grande dor e arrependimento, mas eu o mataria mesmo assim.

Peguei as uvas e observei enquanto ele se erguia como pedra, com o punho cerrado. Finalmente, enquanto eu estava no meio da mastigação, ele se virou para mim e perguntou:

— Qual é o sentido disso?

— Os irmãos dele...

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Ethan… nós não podemos acreditar que ele passaria por tantas coisas pelos seus irmãos e depois machucaria sua avó. Ethan ama minha mãe, ele a ama no mínimo o mesmo tanto que ele ama seus irmãos, mas eu sei que é mais. Ela é a única pessoa que ele escuta e conversa

também. Ele não deixaria cair uma igreja em sua cabeça por ninguém.

Ele estava certo. Eu odiava admitir isso, e eu nunca em toda a minha vida diria isso em voz alta, mas Evelyn era em muitos aspectos uma avó e uma figura materna para ele.

— OK. O que é mais precioso para ele do que seus irmãos e sua avó...

— Você. — Ele disse sem pensar sobre isso.

Eu congelei.

Seus olhos verdes estavam nos meus enquanto ele pensava sobre o que ele acabou de dizer. Ele estalou a cabeça para o lado. — A coisa mais preciosa para Ethan era você.

— Era? — Minha sobrancelha se levantou com isso.

— A criança dele pode ter vencido você, — ele franziu a testa, embora seu comentário foi feito para ser bem-humorado. — Depois da sua *morte*, Ethan se fechou. Ele estava frio e severo, e eu pensei que ele estava fazendo isso para fazer cara de forte. Mas, e se Ethan soubesse que você estava viva?

— Bem, depois de irmos até Wyatt no hospital, ele sabe agora. Mas antes disso, como? Nós temos sidos cuidadosos, além de cuidadosos. Como ele poderia saber?

Ele balançou sua cabeça. — Mas, e se o seu argumento anterior estiver certo, e se ele estava fingindo ser fraco, permitindo seus inimigos crescerem, pegando o caminho mais difícil, e se tudo isso tem sido apenas um plano para que ele pudesse te atrair para fora?

Eu engoli a uva na minha boca tentando ignorar o aperto que eu sentia no meu peito. — Se esse era o seu plano, ele falhou duas vezes agora. Uma vez em Boston, quando ele foi ferido, e em Chicago, quando vimos Wyatt...

— Ambas as vezes ele estava distraído. Na primeira, ele estava quase morrendo, depois ele pensou que seu irmão tinha ido, — ele me lembrou, e eu ainda não conseguia me convencer disso.

— Tudo bem. Vamos dizer que Ethan fez tudo isso para levar seus irmãos de volta para casa, e para *nos* levar, eu não tenho certeza porque você está fingindo como se ele fosse só ligado a mim, ele sempre quis seguir o seus

passos... no entanto, vamos dizer que ele fez tudo isso para nos pegar. O que vem a seguir? E como essa Calliope entra no jogo?

Mais uma vez, ele deu de ombros. — Talvez a resposta mais simples seja que ele cometeu um erro, em vez de vários erros, ou talvez ela o tenha emboscado como parte do plano dela para se tornar a Sra. Callahan?

— Isso não soa como o nosso filho, — eu disse, levantando-me e ficando na frente da tela ao lado dele. — Mas eu não consigo dar sentido a ela ou ver como ela se encaixa ainda. Tudo o que sei é que eu não confio na família Orsini.

Ele se virou para mim, franzindo a testa — Eles eram leais à sua família...

— Eles eram leais à família Giovanni. Meu nome é Melody Callahan. O nome do meu filho é Callahan, e você, melhor do que ninguém, deveria saber o quanto eles odeiam a família Callahan. Seu pai assassinou brutalmente os filhos de Fiorello, dois deles, e a família Giovanni, a família à qual eles eram leais, ignorou a raiva deles e se casou com os seus inimigos. A família Giovanni os traiu. Por que eles seriam leais?

— Então, ela o está usando? — Ele questionou seriamente agora, e eu conhecia este olhar em seus olhos. Nós estivemos lá muitas vezes.

— Talvez, ou eles dois estão usando um ao outro. — Eu olho entre os dois na tela.

— Eles têm uma filha juntos, — Sua voz era áspera. — Você acha que Ethan a usaria nesse nível e depois mataria a mãe de sua filha? Deixá-la sem a mãe dela?

— Ele aprendeu de nós, não foi? — Eu não o deixei quando ele era jovem? Talvez a história não seja linear, mas circular. Estamos condenados a repeti-la.

— Há um limite, Melody. Se tudo isso é verdade, se ele está usando alguma coisa, até mesmo a família para conseguir o que ele quer, então...

— Ele está implacável e chateado, e ninguém está seguro.

Nem mesmo nós.

E talvez foi por isso que, lá no fundo, eu sempre soube que tinha que focar mais em Donatella e Wyatt, porque eu sabia que tinha que protegê-los. Por isso eu garanti que Donatella tivesse seu próprio lugar para crescer e comandar. Por

isso eu garanti que Wyatt soubesse que ele tinha o meu amor e queria que ele se concentrasse mais em se divertir, zelando por seu irmão, depois efetivamente governando... foi tudo porque lá no fundo, eu sabia que dos sete pecados capitais, dos sete pecados mortais, Ethan incorporou seis deles: orgulho, ganância, luxúria, inveja, gula, ira. Eles giravam em torno de Ethan como uma roda e foram a razão pela qual ele avançou. Essa roda não pode ser parada, a menos que alguma coisa, de uma igual ou maior força a pare. Se Donatella ou Wyatt tivessem tentado, eles teriam sido esmagados debaixo dele.

Então agora, sua roda estava com ira e sua fúria estava dirigida a mim... a nós, por deixá-lo, e em vez de ficar feliz por nós estarmos vivos, ele queria nos punir por viver.

— E se dermos o que ele quer e ir vê-lo? — Liam perguntou, e eu tive a sensação que ele estava pensando exatamente o que eu estava pensando.

— Isso só o deixaria ainda mais furioso, e ele nos mataria com raiva. — Se ele tinha passado por todo esse trabalho para nos ver, ele queria isso nos termos dele.

— Então, o que nós fazemos? — Ele cruzou os braços e me estudou.

— Nós o evitamos. Espero que ter uma filha fará com que ele nos deixe ir.

— E se ele cruzar mais a linha ainda? Se ele puser em perigo a família... Wyatt? — ele perguntou severamente, respirando pelo nariz.

— Ele já não tem feito isso? — Nós entendemos Boston, mas o que mais Ethan fez? Nós não tínhamos certeza.

— Nós estivemos gastando tanto tempo e esforço tentando protegê-los dos monstros lá fora que ignoramos aquele que cresceu atrás de nós, — ele meditou. — Como podemos lutar essa batalha?

— Nós não podemos, — eu sussurrei, tirando o meu top quando me dirigi para o quarto principal.

— Nós não lutamos?

— Nós confiamos em nosso filho e vemos o que acontece.

— Em outras palavras, os caçadores se tornaram a caça e devem evitar serem capturados?

— Exatamente...

— Isso eu não posso fazer. — eu parei e me virei para encará-lo enquanto ele estava no meio da sala de estar. Sua mandíbula estava travada enquanto ele olhava nos meus olhos. — Viver na clandestinidade com você, eu posso fazer. Eu tenho feito isso. Eu faço isso porque eu amo você e pensei, onde quer que você vá, eu também vou.

— Você pensou?

— Eu também agora percebo que me juntei a você na clandestinidade porque eu amo meus filhos e minha família. Eu sempre lutarei para protegê-los.

— Quando nosso filho deixou de ser sua família? — tentei manter minha voz calma e fria.

— Nunca. Ele será sempre meu filho e minha família. Se você me pedir para me sentar em silêncio e não fazer nada enquanto ele compromete tudo o que construímos, pelo o que meu pai morreu, pelo o que minha mãe tem sofrido, simplesmente para nos dizer que éramos pais ruins, você está enganada, amor. Se ele encostar a mão em mais alguém na família novamente, minha mãe, Wyatt, minha neta, meu irmão, Declan...

— Você vai o quê? — Eu falei rispidamente. — Toque em Ethan, e eu juro por Deus, Liam, você vai sofrer.

— Se você me fizer sofrer ou não, eu sofrerei de qualquer forma. Você não é a única que o ama. Mas ele não está acima de todos os outros reunidos. — Ele pegou sua jaqueta e caminhou em direção à porta.

— Onde você está indo?

— Rezar para que estejamos errados, e estarmos dando a ele muito crédito. — Ele bateu a porta atrás dele.

Esse era o perigo de abdicar do trono. Uma vez um rei sempre um rei; uma vez o *Ceann na Conairte* sempre o *Ceann na Conairte*, quer a coroa estivesse em sua cabeça ou não.

*Isso ia ser complicado.*

Eu olhei de volta para a imagem da Calliope na tela. Ela estava rindo e sorrindo, ela parecia inocente... muito inocente. Mas eu sabia, sem sombra de

dúvida, que ela era tudo menos isso. Mulheres como ela... mulheres como nós... sabiam como jogar com as pessoas à nossa volta um pouco bem demais.

# Capítulo Vinte e Dois

*“Conhecer sua própria escuridão*

*é o melhor método para lidar com as escuridões*

*de outras pessoas.”*

*Carl Gustav Jung*

## CALLIOPE

**13 ANOS**

— Você está cansada? — ele perguntou para mim, enquanto eu tentava escalar para fora do buraco. Toda vez eu agarrava a corda e puxava meu corpo para cima, minhas pernas... eu acho que elas estavam quebradas. Eu acho que eles quebraram quando eu fui jogada aqui embaixo.

— Eu não posso ouvi-la, Calliope. — Ao som desta voz eu tremi e segurei mais apertado, muito mais apertado, puxando-me mais para cima. Eu podia ver o círculo de luz acima de mim, onde o céu estava, onde minha liberdade estava. Eu estava quase lá e depois eu podia dormir.

— Ahh... — Eu gritei quando dessa vez a água gelada, não a água escaldante que eles derramaram antes, caiu sobre mim e, com o choque dela, eu me soltei. Eu caí de volta na terra e os ratos se espalharam quando meu corpo aterrissou com o baque.

— Quanto tempo vai levar para você passar neste teste, Calliope? — A voz dele chamou de cima, do lugar onde havia luz.

— Dói. — Eu sussurrei. Minha garganta estava tão seca. Eu queria água. Apenas um pouquinho de água. — Por favor.

— Ainda implorando? Estou desapontado com você, Calliope. — A voz dela soou acima de mim também e eles empurraram a tampa acima e eu vi o céu azul desaparecer pouco a pouco, até que não havia céu. Nem luz. Apenas escuridão.

— Afastem-se. — eu agitei meus braços para me certificar que os ratos não se aproximassem... não de novo. Se eu ficasse parada, se eu não me movesse, eles morderiam novamente. Em pânico, eu rolei de lado, mas minhas pernas não se viraram comigo. Estendendo a mão até a minha coxa, eu a puxei, gritando quando fiz.

Eu não posso ficar parada. Eu não posso ficar aqui.

De barriga, eu rastejei apenas um pouquinho, estendendo as mãos cegamente, tentando sentir a corda.

— Vamos lá. Vamos lá, onde você está? — Eu estava tentando não fracassar, mas eu fracassei. Eu estava tão cansada e com raiva, apesar de que eu não tinha certeza com quem ficar brava.

— Eu não vou ficar aqui, — eu disse, me puxando para cima. A corda cavou e queimou minhas mãos e eu tinha certeza que elas estavam sangrando enquanto eu me puxava para cima. Eu não tinha nenhuma sensibilidade abaixo da minha barriga e isso tornava tudo mais pesado. Mas ainda assim, eu não parei, não até não haver corda restante. Eu levantei a mão e quase escorreguei de volta para baixo. Eu não tinha forças para segurar apenas com uma mão. Mas eu tinha que abrir a tampa.

Eu queria chutá-la. O pensamento para descobrir como diabos eu faria isso era engraçado. Quem eu era, Lara Croft? Eu não conseguia me virar assim.

*Eles vão me checar, eu vou apenas esperar. Não.* Eu não queria esperar... eu não podia esperar. Agarrando a corda com mais força eu me puxei para cima e usei a única outra parte do meu corpo que funcionava... minha cabeça. Eu empurrei minha cabeça para cima no fundo da tampa, movendo-a pouco a pouco várias vezes, até eu ver uma pequena fenda de luz laranja. Senti um líquido quente escorrer pela minha cabeça, mas eu não parei. Eu continuei até a fenda se alargar e eu teria continuado até que eu conseguisse me libertar, mas a cobertura se levantou. Tudo ficou laranja e rosa por um segundo antes que eu pudesse ver os seus rostos.

Minha avó... meu avô. Eles ficaram em pé.

Minha avó sorriu largamente, seu rosto enrugado se encheu de alegria quando os dois estenderam suas mãos para eu pegar.

— Eu sabia que você não nos desapontaria. Vamos lá, nós vamos ajudá-la,

— meu avô disse, um pequeno sorriso em seu desalinhado rosto severo.

Eu olhei entre os dois antes de balançar a cabeça e agarrar a borda do poço. A pedra estava lisa e escorregadia sob as pontas dos meus dedos, mas eu não me deixaria cair agora. E eu não sabia se realmente já tinha passado. Se eu pegasse as mãos deles, eles podiam me deixar cair de volta. Eu precisava sair sozinha.

— Bom, — minha avó disse quando eu caí na grama ao lado do poço com um baque. Ela se ajoelhou ao meu lado e eu pude sentir seu longo cabelo loiro prateado no meu rosto enquanto ela derramava água na minha cabeça, eu desejava mesmo que ela tivesse derramado na minha boca. — Você não pode confiar em ninguém, Calliope, nem mesmo em nós. Nós vamos pressioná-la tão forte quanto nós pudermos. Eu não vou parar, me odeie se você precisar, mas você será forte o suficiente. Você tem que ser, sabe por quê?

Eu acenei a cabeça estendendo a mão e pegando a água dela. — Eu tenho que proteger nossa família.

— Não. — Meu avô se ajoelhou ao meu lado, me parando antes que eu pudesse beber, e seus olhos olharam diretamente para os meus. — Para que você possa vingar nossa família. Você será nossa arma e, juntos, nós destruiremos a família Callahan pelo o que eles têm feito conosco.

— E então minha mãe e meu pai não vão me odiar? — Eu perguntei a ele para ter certeza.

Minha avó beijou o lado da minha cabeça. — Então você será amada por milhões, Calliope. Você proporcionará esperança e justiça. Você será nossa maior heroína. Beba. Nós temos muito trabalho a fazer, para garantir que você seja forte o suficiente.

Eu acenei a cabeça, bebendo a água.

— Eles nunca verão você chegando, — meu avô murmurou para si mesmo antes de eu adormecer.

# CALLIOPE

## AGORA

Quando meus olhos se abriram, a primeira coisa que eu vi foram dedos, pequenos dedos minúsculos. Mexendo a minha cabeça, a mão dela caiu para o lado do meu rosto. Gigi dormiu nos travesseiros bem entre... entre Ethan e eu. O braço dele estava sobre ela e sua mão estava na minha cintura. Gigi dormia como se fosse rainha da cama inteira. Os braços dela estendidos, as pernas também. Lentamente eu me afastei em direção à beira da cama. Levantando-me da cama, eu fui ao banheiro, levando meu telefone comigo.

Fechando a porta silenciosamente atrás de mim, fui até o espelho, ligando a água antes de discar. Ela atendeu no primeiro toque, mas não falou.

Eu olhei de relance para o meu reflexo, meu cabelo castanho uma confusão de ondas, observando a frieza em meus próprios olhos cinzas.

— Eu estou dentro, — eu sussurrei suavemente.

— Quanto tempo levará para você conquistar o resto deles?

— Com Ethan ao meu lado... logo.

— Você está apaixonada por ele.

Não era uma pergunta. Não era falso também. Eu não respondi.

— Bom. — Ela continuou assim mesmo. — Isso os fará acreditar mais em você. Mas não se esqueça quem é a sua verdadeira família. Não me desaponte, Calliope.

Ela desligou do nada e eu joguei o telefone no balcão, olhando para o meu reflexo. Tantas pessoas tinham tentado e falharam em destruir os Callahans. Minha avó sabia que o único modo para vencer era usar a única arma que os Callahans sempre se rendiam. Amor.

Conquiste o coração de Ethan Callahan.

Depois destrua tudo. Esse era o plano deles. Esta família havia destruído a nossa. Eles mataram meus tios. Foi um dos homens de Melody que abusou da minha mãe. A razão pela qual minha vida foi infernal, foi por causa dos Callahans. Eu olhei para o diamante vermelho no meu dedo. Eu era oficialmente um deles. Tudo deveria ser um fingimento dentro de um fingimento, mas eu o

amava.

Eu me lembrei-me do choro de Gigi. Ela estava realmente animada por estar aqui com o pai. Eu tive uma criança muito cedo porque minha avó pensou que seria para o meu benefício, e agora isso tornava as coisas... complicadas. Enxaguando meu rosto, ouvi a porta se abrir atrás de mim. Quando olhei no espelho, vi seus olhos verdes olhando fixamente. Ele não usava camisa. Seu abdômen perfeitamente esculpido estava em total exibição, ele usava apenas a cueca boxer preta que eu tinha tirado quando eu tinha retornado para os quartos dele.

— Você parece mal, — eu disse a ele, limpando o rosto com uma toalha.

— Você me deixou mal.

Eu sorri com isso, assentindo enquanto me virava para encará-lo. — Eu deixei. Mas eu devo ter ficado mole com você e lhe dei uma dose menor.

— Ou eu poderia ser muito mais forte do que você esperava, — acrescentou ele e deu mais um passo para dentro, prendendo-me contra a pia.

— Eu acho que já tenho uma avaliação completa da sua força. — Eu sorri. Ele sempre me fazia sorrir mesmo quando eu não queria.

— É mesmo? — Ele me levantou e me colocou na pia.

— É mesmo, — eu sussurrei, beijando-o. Ele pegou um punhado do meu cabelo e inclinou a minha cabeça para o lado, beijando onde meu ombro encontrava meu pescoço e envolvendo meu peito através da minha regata. Eu podia me sentir derretendo para ele.

— Você confia em mim, Ethan? — Perguntei a ele gentilmente.

Ele beijou minha orelha antes de responder suavemente, — É um pouco tarde demais para perguntar, não é?

Eu não respondi, e ele se separou, de pé entre as minhas pernas. Ele envolveu meu rosto em suas mãos, seus olhos perfurando dentro dos meus.

— Você confia em mim, Calliope?

Eu não respondi também porque eu me lembrei mais uma vez quão parecidos nós dois realmente éramos. Porque eu o amava. Eu não tinha que dizer ou perguntar certas coisas. Colocando minhas mãos em seu rosto, eu trouxe sua

cabeça para baixo um pouquinho, para que eu pudesse colocar minha testa na dele.

— Vai ficar muito sangrento daqui em diante. — sussurrei para ele.

Suas mãos pousaram na minha cintura e o canto de seus lábios se transformou em um pequeno sorriso; — Claro que vai... esse é o único caminho pelo qual os reinos são feitos.

E assim eu sorri também. — E se eu precisar do seu sangue para esse reino?

Ele procurou meus olhos antes de falar. — Então pegue-o, sem hesitação.

— E se você precisar do meu?

— Eu farei o mesmo.

— Sem hesitação?

— Sem hesitação. — Ele repetiu e beijou minha bochecha. Isso me lembrou de como Judas fez com Jesus. Ele beijou até seus lábios encontrarem minha orelha novamente. — Eu sei quem você é Calliope, eu sei quão escura, distorcida e quebrada sua alma é, eu sei quem a deixou assim. Você e eu estamos além do ponto de confiança.

Eu não consegui deixar de me inclinar para ele, envolver meus braços em volta do seu pescoço. — Beije-me.

Ele beijou, sua mão agarrando minha bunda com força.

Todo o inferno ia se libertar mais tarde, mas agora eu só queria esquecer tudo e senti-lo dentro de mim.

CONTINUA EM VICIOUS MINDS

PARTE 2

# Notas

[←1]

Arroz com frango, carne de porco, batatas de vários tipos, vegetais e temperos.

[←2]

Um doce de massa folhada e um tipo de bolinho de chuva do tamanho de uma bolinha de gude.

[←3]

Moeda inglesa antiga.

[←4]

Filme no qual Angelina Jolie interpreta uma agente da CIA.

[←5]

Um tipo de granada que quando acionada não explode em estilhaços, em vez disso, gerando um clarão que causa cegueira momentânea por 5 segundos.

[←6]

Personagem do filme O Senhor dos Anéis. Um hobbit que fala a famosa fala “Meu precioso”, se referindo ao anel.

[←7]

Vá se foder!

[←8]

Seu filho da puta!